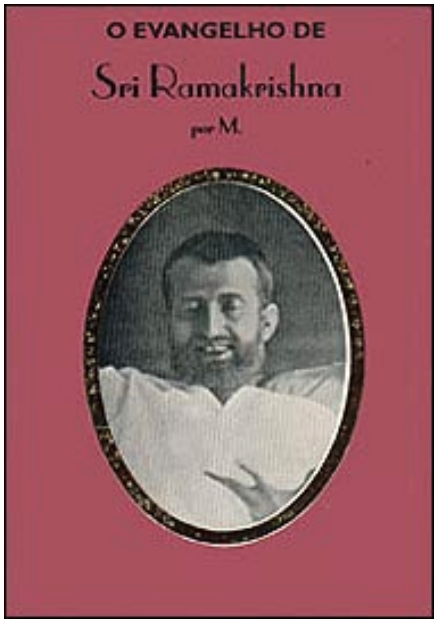

O Evangelho de Sri Ramakrishna

Por
M. (Mahendranath Gupta)
(Um discípulo direto de Sri Ramakrishna)

Prefácio

O The Gospel of Sri Ramakrishna é a tradução para o inglês do Sri Sri Ramakrishna Kathamrita, as conversas de Sri Ramakrishna com seus discípulos, devotos e visitantes, registradas por Mahendranath Gupta, que escreveu o livro sob o pseudônimo de "M". As conversas em bengali compreendem cinco volumes, o primeiro dos quais foi publicado em 1897 e o último, um pouco depois da morte de M., em 1932. O Sri Ramakrishna Math de Madras publicou em dois volumes, uma tradução para o inglês de capítulos selecionados da monumental obra em bengali. Consultei todos enquanto preparava minha tradução.

M., um dos discípulos íntimos de Sri Ramakrishna, esteve presente em todas as conversas registradas no corpo principal do livro e anotou-as em seu diário. Essas anotações possuem, portanto, o valor semelhante a um texto taquigráfico. No Apêndice A encontram-se diversas conversas que ocorreram durante a ausência de M., mas ele as recebeu de primeira mão das pessoas que delas participaram. As conversas trarão à mente do leitor, um quadro íntimo da vida rica em acontecimentos do Mestre, de março de 1882 a 24 de abril de 1886, apenas alguns meses antes de seu falecimento. Neste período esteve em contato principalmente com bengalis de educação inglesa e dentre eles, escolheu os discípulos que iriam propagar sua mensagem e com eles dividiu suas ricas experiências espirituais.

Fiz uma tradução literal, omitindo somente algumas páginas sem interesse para os leitores de língua inglesa. Muitas vezes a beleza literária foi sacrificada em favor da tradução literal. Nenhuma tradução pode fazer completamente justiça ao original e esta dificuldade muito é sentida no presente trabalho, cujo conteúdo tem uma natureza mística profunda e descreve as experiências interiores de um grande vidente. A linguagem humana é um veículo inadequado para expressar a percepção além dos sentidos. Sri Ramakrishna foi quase um iletrado. Jamais revestiu seus pensamentos numa linguagem formal. Suas palavras procuravam transmitir sua realização direta da Verdade. Sua linguagem não passava de um dialeto de aldeões. Aí reside seu encanto. A fim de explicar aos seus ouvintes uma filosofia complicada, como Cristo antes dele, costumava recorrer a parábolas simples e ilustrações tiradas de sua observação da vida diária em sua volta.

O leitor encontrará mencionadas nesta obra, muitas visões e experiências que saem da ciência física e até da psicologia. Com o desenvolvimento do conhecimento moderno, a linha divisória entre o natural e o sobrenatural está em constante mudança. As verdadeiras experiências místicas não são atualmente menos suspeitas do que há meio século atrás. As palavras de Sri Ramakrishna já exerceram uma influência tremenda em sua terra natal. Sábios da Europa encontraram em suas palavras o som da verdade universal, mas estas palavras não eram o produto de cogitação intelectual; tinham raiz na experiência diária. Por conseguinte, para os estudantes de religião, psicologia e ciência física, as experiências do Mestre possuem um valor imenso para a compreensão dos fenômenos religiosos em geral. Sri Ramakrishna foi sem dúvida, o Hindu dos Hindus, mas suas experiências transcenderam os limites dos dogmas e credos do hinduísmo. Os místicos de outras religiões que não sejam o hinduísmo, encontrarão nelas, a corroboração das experiências de seus próprios profetas e videntes. Isto é muito importante hoje em dia, para o ressurgimento de valores religiosos. O leitor céptico poderá deixar de lado as experiências sobrenaturais; entretanto encontrará no livro, material suficiente para levá-lo a um estudo sério e resolver muitos de seus problemas espirituais.

Há repetições dos ensinamentos e parábolas no livro. Mantive-as de propósito. Possuem seu encanto e utilidade, repetidas como se estivessem em diferentes contextos. A repetição é inevitável numa obra desta natureza. Em primeiro lugar, aspirantes diversos vêm a um Mestre para questões de natureza semelhante; por conseguinte, as respostas terão um padrão mais ou menos idêntico. Além disso, os Mestres religiosos de todos os tempos e regiões vêm tentando, por meio da repetição, martelar as verdades no solo árido da recalcitrante mente humana. Finalmente, a repetição não parece tediosa quando as idéias repetidas são queridas para o coração do homem.

Achei necessário escrever uma introdução bastante extensa para o livro. Nela dei a biografia do Mestre, descrições das pessoas que estiveram em contato com ele, explicações curtas dos diversos sistemas do pensamento religioso ligados à vida de Sri Ramakrishna e outros assuntos relevantes que espero, tornarão o leitor mais capacitado para compreender e apreciar o conteúdo incomum deste livro. É particularmente importante que o leitor ocidental, não familiarizado com o pensamento hindu, lesse primeiramente a introdução, a fim de que possa aproveitar em toda plenitude essas conversas. Muitas palavras e nomes indianos foram mantidos no texto, por falta de equivalentes ingleses adequados. Seu significado é dado ou no Glossário ou nas notas ao pé das páginas. O Glossário também dá explicações de numerosas expressões não familiares aos leitores ocidentais.

Na Introdução tirei bastante material da Vida de Sri Ramakrishna publicada pelo Advaita Ashrama, Mayavati, Índia. Também consultei o excelente artigo sobre Sri Ramakrishna de Swami Nirvedananda, no volume II da Herança Cultural da Índia.

O livro contém muitas canções entoadas pelo Mestre ou pelos devotos. Elas dão uma feição importante da tradição espiritual de Bengala e foram em sua maioria, escritas por homens com experiência mística. Agradeço ao Sr. John Moffitt Jr. que deu a esses cânticos a forma aqui reproduzida.

Na preparação deste manuscrito recebi ajuda incansável de vários amigos. A Sta. Margaret Woodrow Wilson e Sr. Joseph Campbell trabalharam bastante na edição de minha tradução. Sta. Elizabeth Davidson datilografou mais de uma vez todo o manuscrito e prestou valiosa ajuda em muitos aspectos. O Sr. Aldous Huxley deixou-me uma dívida de gratidão por ter escrito a Apresentação. Agradeço sinceramente a todos.

No firmamento espiritual, Sri Ramakrishna é um crescente ímpar. Ao longo dos cem anos desde seu nascimento e cinqüenta de sua morte, sua mensagem espalhou-se por terra e mar. Romain Rolland descreveu-o como aquele que preenche as aspirações de trezentos milhões de hindus nos últimos dois mil anos. Mahatma Gandhi escreveu: “Sua vida nos permite ver Deus face a face. ... Ramakrishna foi a encarnação viva da divindade.” Vem sendo reconhecido como um companheiro de Krishna, Buda e Cristo.

A vida e os ensinamentos de Sri Ramakrishna dão nova orientação ao pensamento dos desnacionalizados hindus para os ideais espirituais de seus ancestrais. Na última parte do século XIX desempenhou o papel venerável de Salvador da Religião Eterna dos Hindus. Seus ensinamentos tiveram um importante papel na liberalização do pensamento dos pundits ortodoxos e ermitões. Mesmo agora são a força silenciosa que está moldando o destino espiritual da Índia. Seu grande discípulo, Swami Vivekananda, foi o primeiro missionário hindu a pregar a mensagem da cultura indiana para as mentes esclarecidas da Europa e da América. A conseqüência completa da obra de Swami Vivekananda ainda está no recôndito do futuro.

Possa essa tradução do primeiro livro deste gênero na história religiosa do mundo, ser o registro das palavras diretas de um profeta e ajudar a afligida humanidade a se aproximar de Verdade Eterna da vida e a remover discórdias e lutas entre as diferentes crenças! Possa ele permitir aos que buscam a Verdade, apreender as leis sutis do campo sobrenatural e estender diante da visão limitada do homem o alicerce espiritual do universo, a unidade da existência e a divindade da alma!

Nikhilananda

New York
Aniversário de Sri Ramakrishna
Fevereiro de 1942

Introdução

Swami Nikhilananda

SRI RAMAKRISHNA, o homem-Deus da Índia moderna, nasceu em Kamarpukur. Este vilarejo, no Distrito de Hooghly, conservou ao longo do século passado, a simplicidade das áreas rurais de Bengala. Situado longe da estrada-de-ferro, manteve-se intocado pelo encanto da cidade. Possuía campos de arroz, palmeiras altas, banianos reais, alguns lagos e dois crematórios. Ao sul do vilarejo, um rio corria lentamente. Um pomar de mangas, doado por um grande proprietário da vizinhança para uso público, era freqüentado pelos meninos em seus folguedos. Uma estrada atravessava-o até o grande templo de Jagannath em Puri e os aldeões, em sua maioria fazendeiros e artesãos, ajudavam muitos homens santos e peregrinos que por ali passavam. A monotonia da vida rural era quebrada pelos alegres festivais, observância dos dias sagrados, cantos religiosos e outros prazeres inocentes.

A respeito de seus pais, Sri Ramakrishna uma vez disse: "Minha mãe foi a personificação da retidão e doçura. Não conhecia muito a respeito do mundo; inocente na arte do fingimento, dizia o que lhe passava pela cabeça. As pessoas amavam-na por seu coração aberto. Meu pai, um Brahmin ortodoxo, jamais aceitou presentes dos shudras. Passava a maior parte de seu tempo em adoração e meditação, repetindo o nome de Deus e cantando Suas glórias. Sempre que em suas práticas diárias invocava a deusa Gayatri, seu peito inchava e lágrimas escorriam das faces. Gastava as horas livres fazendo grinaldas para a Divindade Familiar, Raghuvir."

Khudiram Chattopadhyaya e Chandra Devi, pais de Sri Ramakrishna, casaram-se em 1799. Naquela época Khudiram estava vivendo na vila ancestral de Dereypore, não longe de Kamarpukur. Seu primeiro filho, Ramkumar, nasceu em 1805, e sua primeira filha, Katyayani, em 1810. Em 1814, o proprietário da terra mandou que Khudiram prestasse falso testemunho no tribunal contra um vizinho. Ao recusar-se fazê-lo, o senhor moveu uma ação contra ele e tirou-lhe a propriedade ancestral. Assim desprovido chegou, a convite de outro proprietário, à pacata vila de Kamarpukur, onde lhe foi dada uma casa e mais ou menos um acre de terra fértil. As colheitas da pequena propriedade bastavam para atender às necessidades da família. Ali viveu na simplicidade, dignidade e contentamento.

Dez anos depois de sua chegada a Kamarpukur, Khudiram fez uma peregrinação a pé até Rameswar, na extremidade sul da Índia. Dois anos depois nasceu seu segundo filho, a quem chamou Rameswar. Novamente em 1835, com a idade de sessenta anos, fez outra peregrinação, desta vez, a Gaya. Ali, desde tempos bem antigos, os indianos vêm dos quatro cantos da Índia, a fim de cumprir suas obrigações com seus ancestrais, oferecendo-lhes comida e bebida nos sagrados pés de Vishnu. Nesse lugar sagrado, Khudiram teve um sonho, em que Vishnu prometeu-lhe nascer como seu filho. Chandra Devi, também, defronte ao templo de Shiva em Kamarpukur, teve uma visão em que lhe foi mostrado o nascimento da criança divina. Quando regressou, o marido encontrou-a grávida.

Foi no dia 18 de fevereiro de 1836 que a criança, mais tarde conhecida como Ramakrishna, nas-ceu. Em memória ao sonho de Gaya, foi-lhe dado o nome de Gadadhar, o "Condutor da Clava", um epíteto de Vishnu. Três anos depois nasceu uma irmãzinha.

Infância

Gadadhar cresceu um menino saudável e irrequieto, apreciador de brincadeiras e traquinices. Era inteligente e precoce, dotado de uma memória prodigiosa. No colo de seu pai aprendeu de cor o nome de todos seus ancestrais e os hinos dos deuses e deusas e na escola do vilarejo, a ler e escrever. Sua maior alegria, contudo, era ouvir histórias da mitologia hindu e dos épicos que depois repetia de cor, para grande alegria dos aldeões. Divertia-se pintando: havia aprendido a arte de esculpir imagens dos deuses e deusas com os oleiros, mas sua grande aversão era a matemática.

Com a idade de seis anos Gadadhar teve seu primeiro êxtase espiritual. Um dia em junho ou julho, quando estava andando por um estreito caminho nas plantações de arroz, comendo arroz empapado que levava numa cesta, olhou para o céu e viu uma linda e escura nuvem de tempestade. Enquanto ela se espalhava, envolvendo rapidamente todo o céu, surgiu uma revoada de grous brancos como a neve. A beleza do contraste encantou o menino. Caiu no chão, inconsciente, e o arroz espalhou-se por todos os lados. Alguns aldeões encontraram e levaram-no para casa, em seus braços. Gadadhar disse mais tarde que enquanto estivera naquele estado, experimentara uma alegria indescritível.

Gadadhar tinha sete anos quando seu pai morreu. Esse acontecimento marcou-lhe profundamente. Pela primeira vez o menino compreendeu que tudo nesse mundo é transitório. Sem ser visto pelos outros, começou a fugir para o pomar de mangas ou para um dos crematórios, onde passava horas absorto em seus pensamentos. Tornou-se também, mais prestativo com a mãe, no desempenho das tarefas domésticas. Começou a ler e ouvir mais as histórias religiosas relatadas nos Puranas. Passou a se interessar pelos monges errantes e peregrinos piedosos que paravam em Kamarpukur a caminho de Puri. Esses santos, guardiões da herança espiritual da Índia e testemunhas vivas do ideal de renúncia do mundo e do amor absorvente de Deus, entretinham o menino com suas histórias dos épicos hindus, dos santos e profetas e também, suas próprias aventuras. Ele, de sua parte, buscava água e comida e servia-os de diversas maneiras. Ao mesmo tempo, observava-os na meditação e no seu culto.

Com a idade de nove anos, Gadadhar foi investido com o cordão sagrado. Essa cerimônia conferiu-lhe os privilégios de sua estirpe brahmin, incluindo o culto da Divindade Familiar, Raghuvir, e lhe impôs as muitas disciplinas estritas de uma vida de brahmin. Durante a cerimônia de investidura chocou seus familiares ao aceitar a comida feita por sua ama, uma Shudra. Seu pai jamais teria sonhado em fazer tal coisa, mas de brincadeira, Gadadhar uma vez havia prometido a essa senhora, que comeria sua comida e agora estava cumprindo a palavra empenhada. Ela possuía piedade, sinceridade religiosa e isso era mais importante para o menino, do que as convenções sociais.

Agora foi permitido a Gadadhar fazer o culto de Raghuvir. Começou assim, seu primeiro treino na meditação. Doou tanto o coração e a alma a esse culto, que a imagem de pedra logo lhe pareceu como sendo o Senhor do Universo vivo. Sua tendência a se perder em contemplação foi notada pela primeira vez nessa época. Atrás de sua despreocupação infantil, notava-se o aprofundamento de sua natureza espiritual.

Por esta época, na noite do Shivaratri, consagrada ao culto de Shiva, foi organizada uma apresentação dramática. O ator principal, que deveria fazer o papel de Shiva, adoeceu subitamente e con-venceram Gadadhar a ficar em seu lugar. Enquanto os amigos o estavam vestindo para o papel de Shiva, espalhando cinzas em todo o corpo, desfazendo as mechas de cabelo, colocando um tridente em sua mão e um rosário de contas de rudraksha no pescoço - o menino parecia estar fora de sua consciência. Aproximou-se do palco com passos lentos e medidos, amparado por seus amigos. Parecia a imagem viva de Shiva. A platéia aplaudiu ruidosamente aquilo que parecia ser seu dom de artista, mas logo descobriu-se que ele estava realmente perdido na meditação. O rosto estava radiante e lágrimas escorriam pelas faces. Estava fora do mundo exterior. O efeito dessa cena na platéia foi tremendo. As pessoas sentiam-se abençoadas como se fosse a visão do Próprio Shiva. A apresentação teve de ser interrompida e o menino permaneceu naquele estado até a manhã seguinte.

O próprio Gadadhar organizou então, uma companhia dramática com seus jovens amigos. O palco foi montado no pomar de mangas. Os enredos foram selecionados das histórias do Ramayana e do Mahabharata. Gadadhar conhecia de cor quase todos os papéis, tendo-os ouvido de atores profissionais. Seu tema favorito foi o episódio de Vrindavan da vida de Krishna descrevendo as maravilhosas histórias de amor de Krishna, das leiteiras e dos pastores. Gadadhar assumia os papéis tanto de Radha como o de Krishna e muitas vezes perdia-se no papel que representava. Sua graça feminina natural dava mais força ao efeito dramático. O pomar de mangas ressoava com o kirtan alto dos meninos. Perdido na música e na diversão, Gadadhar tornou-se indiferente à rotina da escola.

Em 1849 Ramkumar, o filho mais velho, foi a Calcutá a fim de melhorar a situação financeira da família. Gadadhar estava no limiar da juventude. Havia se tornado o predileto das mulheres da vila. Adoravam ouvi-lo falar, cantar ou recitar trechos dos livros sagrados. Divertiam-se com seu jeito de imitar vozes. O instinto natural delas reconhecia a pureza inata e inocência desse menino de pele clara, cabelo ondulado, olhos brilhantes, rosto sorridente e graciosidade inesgotável. As mulheres mais velhas e piedosas consideravam-no como Gopala, o Menino Krishna, e as mais jovens viam-no como o jovem Krishna de Vrindavan. Ele próprio idealizava tanto o amor das gopis por Krishna, que às vezes desejava nascer de novo como mulher, se pudesse fazê-lo, a fim de amar Sri Krishna com todo seu coração e alma.

Ida a Calcutá

Com a idade de dezesseis anos Gadadhar foi chamado por seu irmão mais velho, Ramkumar, para Calcutá a fim de ajudá-lo no seu trabalho de sacerdote. Ramkumar havia aberto uma academia de sânscrito para complementar sua renda e era sua intenção, fazer com que gradualmente a cabeça de seu irmão se voltasse para os estudos. Gadadhar aplicou-se de corpo alma a essa nova obrigação como sacerdote de algumas famílias de Calcutá. Seu culto era muito diferente daquele dos sacerdotes profissionais. Passava horas enfeitando as imagens e cantando hinos e canções devocionais; executava com amor os outros deveres de seu trabalho. As pessoas ficavam, impressionadas com seu fervor, mas ele continuava dando pouca atenção aos seus estudos.

A princípio Ramkumar não se opôs ao temperamento de seu irmão. Queria que Gadadhar se familiarizasse com as condições de vida da cidade, mas um dia decidiu adverti-lo sobre sua indiferença ao mundo. Afinal de contas, num futuro próximo, Gadadhar deveria, como chefe de família, ganhar a vida por meio dos deveres brâmanes e isso requeria um conhecimento profundo da lei hindu, astrologia e assuntos correlatos.

Gentilmente repreendeu Gadadhar e pediu-lhe que prestasse atenção aos seus estudos, mas o rapaz respondeu-lhe com espírito: “Irmão, o que vou fazer com uma simples educação para ganhar pão? É melhor que eu consiga sabedoria que iluminará meu coração e me dará felicidade para sempre.”

Educação para ganhar o pão

O anseio interior da alma indiana encontrou expressão nessas palavras apaixonadas do jovem Gadadhar. O que seus olhos não sofisticados viram em torno de si em Calcutá, naquela época a metrópole da Índia e o centro da moderna cultura e conhecimento? Ganância e luxúria dominavam as mais altas camadas da sociedade e as práticas religiosas esporádicas eram apenas exteriores, que a alma há muito tempo havia abandonado. Gadadhar jamais havia visto algo semelhante em Kamarpukur, entre os aldeões simples e piedosos. Os sadhus e monges errantes a quem havia servido em sua meninice, haviam-lhe revelado uma Índia totalmente diferente. Ele havia ficado impressionado com a devoção e pureza, o autocontrole e a renúncia deles. Havia aprendido com eles e com sua própria intuição, que o ideal de vida como tinha sido ensinado pelos sábios na Índia, era a realização de Deus.

Quando Ramkumar repreendeu Gadadhar por negligenciar uma “educação para ganhar pão”, a voz interna do menino recordou-lhe que o legado de seus ancestrais – o legado de Rama, Krishna, Buda, Shankara, Ramanuja, Chaitanya – não era segurança no mundo, mas o Conhecimento de Deus. Esses sábios eram os verdadeiros representantes da sociedade hindu. Cada um deles estava sentado, por assim dizer, na crista da onda que se seguiu a cada depressão sucessiva no curso tumultuado da vida nacional indiana. Tudo demonstrava que a corrente de vida da Índia é a espiritualidade. Essa verdade foi revelada a Gadadhar por aquela visão interior que esquadrinhava o passado e o futuro numa só varredura, não afetada pelas barreiras de tempo e espaço. Mas ele não conhecia a mudança profunda que havia ocorrido no seu país nos últimos cem anos.

A sociedade indiana do século XVIII havia passado por um período de decadência. Foi o crepúsculo do domínio muçulmano. Havia anarquia e confusão em todas as esferas. Práticas supersticiosas dominavam a vida religiosa. Ritos e rituais passavam por espiritualidade. Sacerdotes gananciosos tornaram-se guardiões do céu. A verdadeira filosofia foi suplantada pelas opiniões dogmáticas. Os pundits deliciavam-se com polêmicas vãs.

Em 1757 os comerciantes ingleses lançaram os fundamentos do domínio inglês na Índia. Gradualmente o Governo foi sistematizado e a falta de leis suprimida. Os indianos estavam muito impressionados com o poder militar e a sagacidade política dos novos governantes. Atrás dos comerciantes vieram os educadores ingleses, os reformadores sociais e os missionários cristãos – todos sustentando uma cultura completamente alienada à mente indiana. Em diferentes partes do país foram construídas instituições educacionais e igrejas cristãs. Foi oferecido aos jovens indianos o inebriante vinho da cultura ocidental do último século XVIII e recém XIX, que beberam em largos tragos.

O primeiro efeito dessa corrente nos indianos educados, foi apagar de sua memória, as crenças há muito consagradas e as tradições da sociedade indiana. Chegaram a crer que não havia qualquer Verdade transcendental. O mundo dos sentidos é tudo o que existe. Deus e a religião eram ilusões da mente inculta. O verdadeiro conhecimento só poderia vir da análise da natureza. Então ateísmo e agnosticismo tornaram-se moda. Os jovens da Índia, que estudaram em escolas inglesas, deleitavam-se maldosamente em quebrar abertamente os costumes e tradições de sua sociedade. Demoliriam o sistema de castas e removeriam as leis discriminatórias a respeito de comida. A reforma social, a expansão da educação secular, o casamento de viúvas, abolição do casamento entre crianças – consideravam tais pontos, a panacéia para a condição degenerada da sociedade indiana.

Os missionários cristãos deram o toque final no processo de transformação. Ridicularizaram como relíquias de uma época bárbara, as imagens e rituais da religião hindu. Tentaram persuadir a Índia que os ensinamentos de seus santos e profetas eram a causa de sua queda, que seus Vedas, Puranas e outras escrituras estavam cheias de superstição. O cristianismo, sustentavam, havia dado à raça branca, posição e poder nesse mundo e certeza de felicidade no próximo; por conseguinte, o cristianismo era a melhor de todas as religiões. Muitos jovens indianos inteligentes converteram-se. O homem da rua ficou confuso. A maioria das pessoas tornou-se materialista. Todas as pessoas que moravam perto de Calcutá ou outras muito ligadas à cultura ocidental, mesmo aquelas fiéis às tradições ortodoxas da sociedade indiana, ficaram contagiadas pelas novas incertezas e crenças.

A alma da Índia, contudo, tinha que renascer através de um despertar espiritual. Ouvimos o primeiro grito para tal renascimento na primeira réplica do jovem Gadadhar: “Irmão, o que farei com uma simples educação para ganhar o pão?”

Ramkumar mal podia compreender a importância da resposta de seu jovem irmão. Descreveu com cores brilhantes a vida feliz e fácil dos letrados na sociedade de Calcutá. Gadadhar, entretanto, sentiu intuitivamente que os eruditos, usando suas próprias ilustrações, eram como abutres, voando alto com as asas de seu intelecto sem inspiração, com os olhos fixos no esconderijo da ganância e luxúria. Por isso manteve-se firme e Ramkumar teve de ceder.

Templo de Kali em Dakshineswar

Naquela época morava em Calcutá uma rica viúva chamada Rani Rasmani, pertencente à casta dos shudras, muito conhecida em muitos lugares não só por sua habilidade nos negócios, coragem e inteligência, mas também, pela magnanimidade de seu coração, piedade e devoção a Deus. Era assistida no gerenciamento de sua grande fortuna pelo genro, Mathur Babu.

Em 1847 Rani comprou vinte acres em Dakshineswar, um vilarejo a mais ou menos quatro milhas ao norte de Calcutá, onde construiu diversos templos. Seu Ishta ou Ideal Escolhido, era a Mãe Divina Kali.

O templo principal erguia-se diretamente na margem leste do Ganges. As partes norte e leste do terreno contém um pomar, jardins e dois pequenos reservatórios. A parte sul é revestida de cerâmica e argamassa. O visitante que chega de barco, sobe os degraus do imponente ghat de banho que leva ao chandni, um terraço coberto, sendo que em cada lado, ergue-se uma fileira de seis templos de Shiva. A leste do terraço e dos templos de Shiva há um pátio largo, pavimentado e retangular, nos sentidos norte e sul. Dois templos erguem-se no centro desse pátio, sendo o mais largo deles, para o sul e com frente para o sul, dedicado a Kali e o menor, em frente ao Ganges, para Radhakanta, quer dizer, Krishna, o consorte de Radha. Nove cúpulas com torres elevam-se acima do templo de Kali e em frente, ergue-se o natmandir bem espaçoso ou vestíbulo de música, cujo terraço é sustentado por imponentes pilares. Nos cantos noroeste e sudeste do conjunto de templos há dois nahabats, ou torres de música, dos quais ouve-se música em horas diferentes do dia, especialmente na aurora, meio-dia e pôr do sol, quando o culto é feito nos templos. Três lados do pátio pavimentado – com exceção do lado oeste – são formados por cozinhas, dispensas, salas de jantar quartos para o pessoal da administração e convidados. O aposento na parte noroeste, depois do último templo de Shiva, possui um interesse especial para nós, porque ali, Sri Ramakrishna passou boa parte de sua vida. Na parte oeste desse quarto há um pórtico semicircular dando para o rio. Defronte do pórtico estende-se um caminho, no sentido norte-sul e além desse caminho, está um grande jardim e abaixo, o Ganges. O pomar, em direção norte dos edifícios contém o Panchavati, o baniano e a árvore bel que estão associados às práticas espirituais de Sri Ramakrishna. Fora e ao norte do conjunto de templos está o kuthi ou “bungallow”, utilizado pelos familiares da Rani Rasmani quando visitavam a templo. No norte do templo, separado por um muro alto, está um depósito de pólvora pertencente ao Governo inglês.

Shiva

Nos doze templos de Shiva estão instalados os emblemas do Grande Deus da Renúncia nos seus vários aspectos, adorado diariamente com ritos apropriados, Shiva requer poucos artigos para seu culto. Flores brancas e folhas de bel e um pouco de água do Ganges oferecidos com devoção são suficientes para satisfazer a Divindade benigna e conseguir a graça da liberação.

Radhakanta

O templo de Radhakanta, também conhecido como o templo de Vishnu, contém as imagens de Radha e Krishna, o símbolo da união com Deus através do amor extático. As duas imagens estão em cima de um pedestal direcionado para o oeste. O chão é de mármore. Do teto do pórtico dependuram-se candelabros cobertos por um pano vermelho para protegê-los da poeira. Biombos de lona protegem as imagens dos raios do sol que se põe. Junto à soleira do santuário interior há um pequeno recipiente de latão com água benta. Com muito respeito, alguns visitantes devotos bebem algumas gotas.

Kali

O templo principal é dedicado a Kali, a Mãe Divina, aqui cultuada como Bhavatarini, a Salvadora do Universo. O chão do templo é também de mármore. A imagem de basalto da Mãe, vestida com um deslumbrante brocado de ouro, ergue-se sobre uma imagem de mármore branco do corpo deitado de seu Consorte Divino, Shiva, o símbolo do Absoluto. Aos pés da Deusa há, entre outros ornamentos, pulseiras de ouro para os tornozelos. Seus braços estão enfeitados com jóias de ouro. Usa colares de ouro e pérolas, uma grinalda dourada de cabeças humanas e um cinto de braços humanos. Possui coroa de ouro, brincos de ouro e um anel de ouro com uma pérola no nariz. Tem quatro braços. A mão esquerda mais baixa segura uma cabeça humana quebrada e a mais alta, um sabre manchado de sangue. A mão direita distribui graças a Seus filhos; a outra, retira seu medo. A majestade de Sua postura dificilmente pode ser descrita. Combina o terror da destruição com a segurança da ternura maternal porque Ela é o Poder Cósmico, a totalidade do universo, a harmonia gloriosa dos pares de opostos. Ela lida com a morte uma vez que cria e preserva. Possui três olhos, o terceiro sendo o símbolo da Sabedoria Divina. Atemoriza os maus, mas concede amor aos devotos.

Todo o mundo simbólico está representado no templo – a Trindade da Mãe Natureza (Kali), o Absoluto (Shiva) e o Amor (Radhakanta), o arco ligando céu e terra. A terrível Deusa do Tantra, o Tocador de Flauta que encanta a alma, mencionado no Bhagavata e o Absoluto absorto em Si mesmo dos Vedas moram juntos, criando a maior síntese das religiões. Todos os aspectos da Realidade são representados ali, mas desse chefe de família divino, Kali é o centro, a Senhora absoluta. Ela é Prakriti, a Procriadora, a Natureza, a Destruidora, a Criadora. Não, Ela é qualquer coisa maior e mais profunda para aqueles que têm olhos para ver. Ela é a Mãe Universal, "minha Mãe" como Sri Ramakrishna costumava dizer, a Toda Poderosa, que Se revela a Seus filhos sob aspectos diferentes e Encarnações Divinas, o Deus Visível, que conduz o eleito até a Realidade Invisível; e se Lhe agradar, Ela retira o último traço de ego dos seres criados e funde-os na consciência do Absoluto, o Deus indiferenciado. Por Sua graça, "o ego finito se perde no ilimitável Ego – Atman – Brahman."

Rani Rasmani gastou uma fortuna na construção do templo e uma outra para a cerimônia de consagração, que teve lugar em 31 de maio de 1855.

Sri Ramakrishna – daqui por diante chamaremos Gadadhar por esse nome que nos é familiar - veio ao templo com seu irmão mais velho, Ramkumar, nomeado sacerdote do templo de Kali. Sri Ramakrishna a princípio não aprovou o trabalho de Ramkumar para a shudra Rasmani. O exemplo do pai ortodoxo ainda estava vivo em sua mente. Fez, também, objeção ao fato de se comer as oferendas cozidas do templo, uma vez que, de acordo com o costume ortodoxo hindu, essa comida só pode ser oferecida à Divindade na casa de um brahmin. Mas a santa atmosfera do templo, a solidão do bosque vizinho, o cuidado carinhoso de seu irmão, o respeito demonstrado pela Rani Rasmani e Mathur Babu por ele, a presença viva da Deusa Kali e acima de tudo, a proximidade do Ganges sagrado, ao qual Sri Ramakrishna sempre teve o mais elevado respeito, gradualmente desfizeram sua desaprovação e ele começou a se sentir em casa.

Dentro de pouco tempo, Sri Ramakrishna atraiu a atenção de Mathur Babu que, impressionado com o fervor religioso do jovem, desejava que ele participasse do culto do templo de Kali. Sri Ramakrishna, contudo, adorava a liberdade e era indiferente a qualquer carreira mundana. A profissão de sacerdote num templo construído por uma mulher rica não dizia nada à sua mente. Além do mais, hesitava assumir a responsabilidade dos enfeites e jóias do templo. Mathur teve que esperar por uma ocasião mais propícia.

Por essa época chegou a Dakshineswar um jovem de dezesseis anos, destinado a desempenhar um papel importante na vida de Sri Ramakrishna. Hriday, seu sobrinho distante , era natural de Sihar, um vilarejo não longe de Kamarpukur e que tinha sido seu amigo de infância. Inteligente, excepcionalmente enérgico e dotado de grande presença de espírito, agia como veremos mais tarde, como uma sombra em torno de seu tio e estava sempre pronto a ajudá-lo, mesmo com sacrifício de seu bem-estar pessoal. Estava destinado a ser uma testemunha muda de muitas das experiências espirituais de Sri Ramakrishna e que tomou conta de seu corpo nos dias tempestuosos de sua prática espiritual. Hriday veio a Dakshineswar à procura de trabalho e Sri Ramakrishna ficou feliz ao vê-lo.

Incapaz de resistir à persuasão de Mathur Babu, Sri Ramakrishna por fim entrou para o serviço do templo, sob a condição de que Hriday o assistisse. Sua primeira obrigação foi vestir e enfeitar a imagem de Kali.

Um dia um dos sacerdotes do templo de Radhakanta deixou cair acidentalmente a imagem de Krishna no chão, quebrando uma das pernas. Os pundits aconselharam a Rani a instalar uma nova estátua, visto que a adoração de uma imagem com a perna quebrada era contra as prescrições das escrituras. A Rani, entretanto, gostava muito dessa estátua e pediu a opinião de Sri Ramakrishna. Em estado abstraído, ele disse: "Essa solução é ridícula. Se um genro da Rani quebrar a perna ela iria se desfazer dele e pôr um outro em seu lugar? Ela não providenciaria tratamento para ele? Por que não faz o mesmo nesse caso? Que a imagem seja consertada e adorada como antes." Foi uma solução simples e direta, aceita pela Rani. O próprio Sri Ramakrishna consertou-a. O sacerdote foi dispensado por seu descuido e a pedido sincero de Mathur Babu, Sri Ramakrishna aceitou o cargo de sacerdote no templo de Radhakanta.

Sri Ramakrishna Sacerdote

Nascido de uma família ortodoxa, Sri Ramakrishna conhecia as formalidades do culto, seus ritos e os rituais. Os inúmeros deuses e deusas da religião hindu constituem os aspectos humanos do indescritível e incompreensível Espírito, concebido pela mente humana finita. Eles compreendem e apreciam o amor humano e a emoção, ajudam os homens a realizarem seus seculares ideais espirituais e por fim, tornam os homens capazes de atingir liberação das misérias da vida fenomenal. A Fonte da luz, inteligência, sabedoria e força é somente o Uno de onde provém a satisfação do desejo. Contudo, enquanto o homem estiver ligado pelas limitações humanas, só poderá adorar Deus através de formas humanas. Por conseguinte, o hinduísmo manda que o devoto considere Deus como o pai ideal, a mãe ideal, o marido ideal, o filho ideal ou o amigo ideal. Mas o nome finalmente conduz ao Sem nome, a forma ao Sem forma, a palavra ao Silêncio, a emoção à serena realização da Paz na Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos. Os deuses gradualmente fundem-se num só Deus, mas até que essa realização seja alcançada, o devoto não pode dissociar os fatores humanos de seu culto. Portanto, a Divindade é banhada, vestida e enfeitada com ornamentos. É alimentada e posta para dormir. É propiciada com hinos, canções e orações. Há ritos apropriados ligados a essas funções. Por exemplo, a fim de assegurar para si mesmo pureza externa, o sacerdote banha-se na água santificada e coloca roupa apropriada. Purifica a mente e os órgãos dos sentidos através de meditações próprias. Dá força ao local de culto contra as forças do mal desenhando em volta círculos de fogo e água. Desperta os diferentes centros espirituais do corpo e invoca o Espírito Supremo no seu coração. Então transfere o Espírito Supremo para a imagem diante dele e adora a imagem, deixando de considerá-la argila ou pedra, mas a encarnação do Espírito, palpitante de Vida e Consciência. Depois do culto o Espírito Supremo é chamado da imagem para Seu verdadeiro santuário, o coração do sacerdote. O verdadeiro devoto conhece o absurdo de adorar a Realidade Transcendental com objetos materiais – vestindo Aquele que permeia todo o universo e o além, colocando num pedestal Aquele que não pode ser limitado pelo espaço, alimentando Aquele que é desencarnado e incorpóreo, cantando diante d'Ele cuja glória a música das esferas tenta em vão proclamar. Mas através desses ritos o devoto aspira ir em última instância, além dos ritos, formas e nomes, palavras e oração e realizar Deus como Consciência que Tudo penetra.

Os sacerdotes hindus estão amplamente familiarizados com os ritos do culto, mas somente alguns são conscientes de seu significado subjacente. Movimentam as mãos e os membros mecanicamente, obedecendo ao pé da letra as escrituras e repetem os mantras sagrados como papagaios. Mas desde o começo, o significado interior desses ritos foi revelado a Sri Ramakrishna. Assim que se sentava diante da imagem, uma estranha transformação operava-se em sua mente. Enquanto dava andamento às cerimônias prescritas, na verdade encontrava-se circundado por uma muralha de fogo protegendo-o e o lugar do culto, contra as vibrações não espirituais, ou sentia a subida mística da Kundalini através dos diferentes centros do corpo. O brilho do seu corpo, sua profunda absorção, a intensa atmosfera do templo impressionavam àqueles que o viam adorar a Divindade.

Ramkumar desejava que Sri Ramakrishna aprendesse os rituais intrincados do culto de Kali. A fim de se tornar sacerdote de Kali, a pessoa tem que passar por uma iniciação especial, dada por um guru qualificado e para Sri Ramakrishna foi encontrado um brahmin competente. Logo que o brahmin pronunciou a palavra sagrada em seus ouvidos, Sri Ramakrishna, tomado de emoção, emitiu um grito e mergulhou em concentração profunda.

Mathur implorou a Sri Ramakrishna para tomar conta do culto do templo de Kali. O jovem sacerdote alegou incompetência e ignorância no que se refere às escrituras. Mathur insistiu que devoção e sinceridade eram mais do que suficientes para compensar qualquer falta de conhecimento formal e fazer a Mãe Divina manifestar-Se através da imagem. Por fim Sri Ramakrishna teve de ceder ao pedido de Mathur. Tornou-se sacerdote de Kali.

Em 1856 Ramkumar deu seu último suspiro. Sri Ramakrishna já havia presenciado mais de uma morte na família. Veio a compreender quão transitória é a vida na terra. Quanto mais convencido estava da transitoriedade das coisas do mundo, mais ansioso ficava para realizar Deus, a Fonte da Imortalidade.

Primeira Visão de Kali

Realmente logo descobriu que estranha Deusa havia escolhido para servir. Gradualmente tornou-se enredado pela teia de Sua presença que tudo permeia. Para o ignorante, Ela é, sem dúvida, a imagem de destruição; mas ele encontrou n'Ela a mãe benigna e generosa. Seu pescoço está envolvido por uma grinalda de cabeças e Sua cintura por um cinturão de braços humanos e duas de Suas mãos seguram armas mortais; Seu olhar lança uma faísca de fogo, mas estranhamente, Ramakrishna sentiu em Seu alento, o toque suave de amor terno e viu n'Ela a Semente da Imortalidade. Ela está de pé no peito de Seu Consorte, Shiva; é porque Ela é Shakti, o Poder inseparável do Absoluto. É cercada por chacais e outras criaturas terríveis, freqüentadoras dos crematórios. Mas a Realidade Suprema não está acima de santidade e iniqüidade? Parece cambalear sob a magia do vinho. Mas quem teria criado este mundo louco a não ser sob a influência da embriaguez divina? Ela é o símbolo mais alto de todas as forças da natureza, a síntese de suas contradições, o Divino Supremo na forma de mulher. Agora Ela tornou-Se para Sri Ramakrishna a única Realidade e o mundo tornou-se uma sombra sem substância. Em Sua adoração ele despejou toda sua alma. Para ele, Ela tornou-Se o portal transparente para o santuário da Realidade Inefável.

O culto no templo intensificou a ânsia de Sri Ramakrishna de ter a visão viva da Mãe do Universo. Começou a gastar em meditação, o tempo não empregado no serviço do templo e por isso, escolheu um lugar extremamente solitário. Ao norte dos templos havia uma floresta densa, cheia de arbustos e plantas espinhosas. Utilizada anteriormente como cemitério, era evitada pelas pessoas mesmo durante o dia, com medo dos espíritos. Ali Sri Ramakrishna começou a passar a noite toda em meditação, voltando só de manhã com os olhos inchados como se tivesse chorado muito. Enquanto meditava, tirava as roupas e o cordão de brahmin. Explicando esta estranha conduta, uma vez disse a Hriday: "Você não sabe que quando uma pessoa pensa em Deus, deve se libertar de todos os laços? Desde o nosso nascimento temos oito grilhões: ódio, vergonha, linhagem, orgulho de boa conduta, medo, dissimulação, casta e tribulações. O cordão sagrado lembra-me de que sou um brahmin e portanto, superior a todos. Ao chamar a Mãe, uma pessoa tem que pôr de lado todas essas idéias." Hriday pensou que seu tio ficara louco.

Como o amor por Deus aprofundou-se, começou a se esquecer ou a deixar de lado as formalidades do culto. Sentado diante da estátua, passava horas entoando canções devocionais de grandes devotos da Mãe, como Kamalakanta e Ramprasad. Essas canções rapsódicas, descrevendo a visão direta de Deus, apenas intensificaram o anseio de Sri Ramakrishna. Ele sentiu a angústia de uma criança separada da mãe. Às vezes, em agonia, esfregava o rosto contra chão e chorava tão amargamente que as pessoas, pensando que ele havia perdido sua mãe terrena, simpatizavam com seu sofrimento. Às vezes, nos momentos de ceticismo, chorava: "És Tu real, Mãe, ou tudo isso é ficção – mera poesia sem qualquer realidade? Se Tu existes, por que não Te vejo? É a religião uma mera fantasia e Tu és apenas uma ficção da imaginação do homem?" Às vezes sentava-se no tapete de meditação durante duas horas como um objeto inerte. Começou a se comportar de maneira anormal, na maioria das vezes inconsciente do mundo. Quase desistiu de comer e o sono também o abandonou.

Não teve, porém, de esperar muito tempo. Assim descreveu sua primeira visão da Mãe: "Senti como se meu coração tivesse sido torcido como uma toalha úmida. Fui tomado de um grande desassossego e medo de que não seria de meu destino realizá-La nessa vida. Não podia suportar mais a separação d'Ela. A vida pareceu-me sem valor para ser vivida. Subitamente meu olhar caiu na espada que estava no templo da Mãe. Estava determinado a pôr um fim em minha vida. Quando pulei como um louco e apanhei-a, subitamente a Mãe abençoada revelou-Se. Os edifícios, com suas diversas partes, o templo e tudo o mais desapareceu de minha vista, não deixando qualquer traço e em seu lugar, vi um Oceano de Consciência sem limite, infinito, brilhante. Até onde os olhos podiam ver, as grandes vagas brilhantes empurravam-me de todos os lados com um barulho terrível, para me engolir! Estava arquejando. Fui tomado pela investida e perdi a consciência. O que estava acontecendo no mundo exterior, eu não sabia; mas dentro de mim havia uma corrente firme de forte felicidade, completamente nova e senti a presença da Mãe Divina." Em seus lábios ao voltar à consciência do mundo, estava a palavra "Mãe".

Estado de Intoxicação Divina

Entretanto isso fora apenas o prenúncio da intensa experiência que estava para vir. O primeiro vislumbre da Mãe Divina tornou-o ainda mais ansioso por Sua visão ininterrupta. Queria vê-La durante a meditação e com os olhos abertos, mas a Mãe começou a brincar um jogo intrigante de esconde-esconde com ele, intensificando tanto sua alegria como seu sofrimento. Chorando amargamente nos momentos de separação d'Ela, entrava em transe e então encontrava-A em pé diante dele, sorrindo, falando, consolando, fazendo-o recuperar a alegria e instruindo-o. Durante este período de prática espiritual teve muitas experiências fora do comum. Quando sentava-se para meditar, ouvia estranhos estalos nas juntas das pernas, como se alguém as tivesse fechando, uma após a outra para mantê-lo imóvel e no fim de sua meditação ouvia novamente os mesmos sons, desta vez soltando-as para deixá-lo livre para que ele se movimentasse. Via faíscas como se um bando de pirilampos voassem defronte de seus olhos, ou um mar de neblina profunda em torno dele com ondas luminosas de prata derretida. Novamente, de um mar de neblina translúcida, via a Mãe levantando-Se, primeiro os pés, depois a cintura, o corpo, o rosto, a cabeça e finalmente, Ela toda; sentindo Sua respiração e ouvindo Sua voz. Ao fazer o culto no templo, às vezes tornava-se exaltado, outras vezes ficava imóvel como pedra, ou quase desmaiava de emoção excessiva. Muitas de suas atitudes, contrárias à toda tradição, pareciam sacrílegas às pessoas. Apanhava uma flor e tocava-a na sua própria cabeça, corpo e pés e então oferecia-a à Deusa. Ou, como um bêbado, cambaleava até o trono da Mãe, tocava Seu queixo, mostrando desta maneira sua afeição por Ela e falava, ria e dançava. Ou pegava uma porção de comida do prato e punha em Sua boca, implorando-lhe que comesse e não ficava satisfeito até que se convencesse de que Ela realmente havia comido. Depois de ter ido dormir à noite, do seu quarto, ouvia-A subir ao andar de cima do templo com passos leves como os de uma menina feliz com Suas pulseiras de tornozelo tilintando. Depois A descobria de pé, com os cabelos esvoaçantes. Sua forma negra mostrando sua silhueta contra o céu da noite, olhando para o Ganges ou para as luzes distantes de Calcutá.

Naturalmente os funcionários do templo tomaram-no por louco. Aqueles que o queriam bem levaram-no a médicos competentes; mas nenhum remédio pôde curar sua doença. Por diversas vezes ele mesmo duvidara de sua sanidade, pois vinha navegando num mar sem qualquer guia terreno para orientá-lo. Seu único porto seguro era a Própria Mãe Divina. Orava a Ela: "Não sei o que são essas coisas. Sou ignorante no conhecimento de mantras e das escrituras. Ensina-me, Mãe, como realizar-Te. Quem mais pode ajudar-me? Não és Tu meu único refúgio e guia?" E a presença protetora da Mãe jamais lhe falhou em sua tristeza ou dúvida. Mesmo aqueles que criticavam sua conduta, estavam bastante impressionados com sua pureza, inocência, veracidade, integridade e santidade. Em sua presença sentiam uma influência elevada.

Diz-se que samadhi ou transe apenas abre o portal do campo espiritual. Sri Ramakrishna sentiu um imenso desejo de desfrutar Deus de diversas maneiras. Para sua meditação construiu um lugar na parte norte, onde havia um bosque. Com a ajuda de Hriday plantou cinco árvores sagradas. O lugar, conhecido como Panchavati, tornou-se o cenário de muitas de suas visões.

Como o seu estado espiritual aprofundava-se, sentia-se cada vez mais um filho da Divina Mãe. Aprendeu a submeter-se à Sua vontade e a se deixar dirigir por Ela.

"Ó Mãe", orava continuamente, "Refugiei-me em Ti. Ensina-me o que fazer e o que dizer. Teu desejo é o que prevalece em todos os lugares e é para o bem de Teus filhos. Une minha vontade à Tua e faz-me Teu instrumento."

Suas visões tornaram-se mais profundas e mais íntimas. Não mais necessitava de meditar para ver a Mãe Divina. Mesmo enquanto mantinha consciência do mundo exterior, via-A tão palpável como os templos, as árvores, o rio e as pessoas ao seu redor.

Numa ocasião Mathur Babu sorrateiramente entrou no templo para observar sua adoração. Ficou profundamente comovido com a devoção e a sinceridade do jovem sacerdote. Compreendeu que Sri Ramakrishna havia transformado a imagem de pedra na Deusa viva.

Um dia Sri Ramakrishna alimentou o gato com a comida que ia ser oferecida a Kali. Tal coisa foi demais para o administrador do templo, que se considerava responsável pelo modo correto com que o culto era conduzido. Relatou a Mathur Babu o comportamento insano de Sri Ramakrishna.

Sri Ramakrishna descreveu o incidente: “A Mãe Divina revelou-me no templo de Kali que Ela havia Se tornado tudo. Mostrou-me que tudo estava tomado pela Consciência. A imagem era a Consciência, o altar era a Consciência, os vasos de água eram Consciência, a soleira da porta era Consciência, o chão de mármore era Consciência – tudo era Consciência. Vi que tudo no aposento estava embebido, por assim dizer, em Felicidade– a Felicidade de Deus. Vi um homem mau defronte ao Templo de Kali, mas nele vi também, o poder da Mãe Divina vibrando. É por isso que alimentei um gato com a comida que ia ser oferecida à Mãe Divina. Percebi claramente que tudo isso era a Mãe Divina – mesmo o gato. O administrador do templo escreveu para Mathur Babu, dizendo que eu estava alimentando o gato com a oferenda destinada para a Mãe Divina. Mathur Babu, contudo, teve uma visão interna de meu estado mental. Escreveu de volta para o administrador: ‘Deixe-o fazer o que quiser. Não deve lhe dizer nada’.”

Uma das doenças que afligiu Sri Ramakrishna por essa época, foi uma sensação de queimadura em seu corpo e ele curou-se graças à uma estranha visão. Durante o culto do templo, seguindo as prescrições das escrituras, imaginou a presença do “pecador” dentro de si mesmo e a destruição desse “pecador”. Um dia estava meditando no Panchavati quando viu sair de si mesmo um homem de olhos vermelhos, de pele negra, cambaleando como um bêbado. Logo saiu dele uma outra pessoa, de rosto sereno, vestindo a roupa ocre de um sannyasin e levando em sua mão um tridente. A segunda pessoa atacou a primeira e matou-a com o tridente. Daí em diante Sri Ramakrishna ficou livre de sua dor.

Por esta época começou a adorar Deus assumindo a atitude de um servo em relação a seu amo. Imitou o estado de Hanuman, o macaco chefe do Ramayana, o servo ideal de Rama e modelo tradicional para esta forma de devoção que destrói o ego. Quando meditava em Hanuman seus movimentos e modo de viver começaram a se parecer com os de um macaco. Seus olhos tornaram-se inquietos. Vivia de frutos e raízes. Com a roupa amarrada em torno da cintura, uma parte dela caindo em forma de cauda, pulava de um lugar para outro em vez de andar. Depois de um certo tempo foi abençoado com a visão de Sita, a divina consorte de Rama, que entrou em seu corpo, desaparecendo dali com as palavras: “Eu lhe concedo meu sorriso”.

Mathur tinha fé na sinceridade do fervor espiritual de Sri Ramakrishna, mas agora havia come-çado a duvidar de sua sanidade mental. Ele o havia visto pular como um macaco. Um dia quando a Rani Rasmani estava ouvindo Sri Ramakrishna cantar no templo, o jovem sacerdote abruptamente virou-se e esbofeteou-a. Aparentemente ouvindo a canção, na realidade estava pensando no caso judicial em que estava empenhada. Ela aceitou o castigo como tivesse sido a Própria Mãe Divina que o havia imposto, mas Mathur estava desolado. Pediu a Sri Ramakrishna para manter seus sentimentos sob controle e obedecer às convenções da sociedade. O Próprio Deus, argumentou, segue leis. Deus, por exemplo, jamais permitiu que flores de duas cores diferentes nascessem no mesmo pé. No dia seguinte Sri Ramakrishna presenteou Mathur Babu com duas flores de hibisco que haviam crescido no mesmo galho, uma vermelha e outra branca.

Mathur e a Rani Rasmani começaram a atribuir o desajuste mental de Sri Ramakrishna pelo menos em parte, à sua observância de uma rígida continência. pensando que uma vida natural relaxaria a tensão de seus nervos, engendraram um plano com duas mulheres de má fama, mas logo que as mulheres entraram em seu quarto, Sri Ramakrishna viu nelas a manifestação da Mãe do Universo e entrou em samadhi, pronunciando o Seu nome.

Haladhari

Em 1858 chegou a Dakshineswar um primo de Sri Ramakrishna, de nome Haladhari, que deveria ficar ali durante oito anos. Devido ao estado especial de espírito de Sri Ramakrishna, Mathur nomeou-o, sacerdote do templo de Kali. Possuía um caráter controvertido, sendo versado nas palavras das escrituras, mas não muito consciente de seu conteúdo. Gostava de participar de pesadas discussões teológicas e devido à sua própria erudição, começou a avaliar a de Sri Ramakrishna. Sendo um brahmin ortodoxo, desaprovava completamente as ações não ortodoxas de seu primo, mas não deixava de ficar impressionado pela pureza de vida, amor extático e ânsia de realização de Sri Ramakrishna.

Um dia Haladhari aborreceu Sri Ramakrishna com a afirmação de que Deus é incompreensível para a mente humana. Sri Ramakrishna descreveu o grande momento de dúvida, quando cogitou se suas visões o haviam de fato iludido: “Soluçando orei à Mãe, ‘Tens Tu coragem de me enganar dessa maneira porque sou um idiota?’ Lágrimas escorriam de meus olhos. Pouco depois vi uma quantidade de neblina saindo do chão e enchendo o espaço diante de mim. No meio apareceu um rosto com barba, calmo, altamente expressivo e louro. Fixando o olhar em mim, disse solenemente, ‘Permaneça em bhavamukha, no limiar da consciência relativa’. Repetiu três vezes e então, gentilmente desapareceu na neblina, que se dissolveu. Essa visão tranqüilizou-me.”

Um relatório deturpado sobre a doença debilitante de Sri Ramakrishna, indiferença com a vida mundana e vários atos anormais chegaram até Kamarpukur e encheram de angústia o coração de sua pobre mãe. Depois de repetidos pedidos dela, voltou para sua vila a fim de mudar de ares. Seus amigos de infância, contudo, não o interessavam mais. Uma febre divina o consumia. Passava uma grande parte do dia e da noite num dos campos de cremação, em meditação. O lugar lembrava-lhe a transitoriedade do corpo humano, das esperanças humanas e suas realizações. Isso também lhe lembrava Kali, a Deusa da destruição.

Casamento e o que se seguiu

Em alguns meses, porém, sua saúde apresentou melhora e ele recuperou até um certo ponto, o humor e a alegria. Sua feliz mãe ficou encorajada, pensando que seria uma boa época para arranjar-lhe um casamento. O rapaz tinha então, vinte e três anos. Uma esposa o traria de volta à terra. Ficou maravilhada quando seu filho recebeu bem sua sugestão. Talvez ele visse aí o dedo de Deus.

Saradamani, uma menininha de cinco anos, morava no vilarejo vizinho de Jayrambati. Mesmo com essa idade orava a Deus, para que Ele tornasse seu caráter imaculado como uma flor branca. Olhando para a lua cheia, dizia: 'Ó Deus, há lugares sombrios mesmo na lua, mas faça com que meu caráter seja sem mancha.' Foi ela a escolhida para ser a noiva de Sri Ramakrishna.

A cerimônia de casamento foi devidamente realizada. Tal casamento precoce na Índia, tem a natureza de um contrato, sendo consumado somente quando a menina atinge a puberdade. Nesse caso, porém, o casamento manteve-se sempre sem ser consumado. Sri Ramakrishna ficou em Kamarpukur mais ou menos um ano e meio e então, retornou a Dakshineswar.

Mal havia atravessado a soleira do templo de Kali quando encontrou-se de novo no mesmo redemoinho. A loucura reapareceu dez vezes mais intensa. A mesma meditação e oração, os mesmos estados extáticos, a mesma sensação de queimadura, o mesmo choro, a mesma falta de sono, a mesma indiferença com o corpo e o mundo exterior, o mesmo delírio divino. Submeteu-se a novas disciplinas para erradicar a ganância e a luxúria, os dois grandes impedimentos para o progresso espiritual. Com uma rupia em uma das mãos e um torrão de terra na mão, refletiu sobre o valor comparativo dessas duas para a realização de Deus e achando que ambas eram igualmente sem valor, jogou-as com igual diferença no Ganges. Olhava as mulheres como manifestações da Mãe Divina. Jamais nem mesmo em sonhos sentiu o impulso do sexo. Para erradicar da mente a idéia da superioridade de casta, limpou a casa de um pária com o cabelo longo e desalinhado. Ao sentar-se para meditar, os pássaros pousavam em sua cabeça e bicavam o cabelo à procura de grãos de comida. Cobras rastejavam em seu corpo e nenhum dos dois tomava conhecimento um do outro. O sono também o deixou. Dia e noite visões passavam na sua frente. Viu o sannyasin que matara anteriormente, o "pecado", saindo de novo do seu corpo, ameaçando-o com o tridente e ordenando-lhe que se concentrasse em Deus. Ou o mesmo sannyasin visitava lugares distantes, seguindo um caminho luminoso e trazendo-lhe notícias sobre o que estava acontecendo lá. Sri Ramakrishna costumava dizer, mais tarde, que no caso de um aspirante adiantado, a própria mente torna-se o guru, vivendo e movendo-se como um ser encarnado.

Rani Rasmani, a fundadora do templo, morreu em 1861. Depois de sua morte, seu genro Mathur tornou-se o único administrador da propriedade. Ele colocou-se e os seus recursos à disposição de Sri Ramakrishna e começou a cuidar de seu conforto físico. Sri Ramakrishna mais tarde referiu-se a ele como um dos seus cinco "provedores de necessidades", escolhidos pela Mãe Divina. Sempre que um desejo aparecia em sua mente, Mathur o satisfazia sem hesitação.

A Brahmani

Por essa época chegou a Dakshineswar, uma brahmin ortodoxa que veio a desempenhar um importante papel no desabrochar espiritual de Sri Ramakrishna. Nascida em Bengala Oriental, era adepta dos métodos tântrico e vaishnava de adoração. Passava um pouco dos cinqüenta anos, era bela e estava vestida com a roupa ocre de uma monja. Seus únicos bens eram alguns livros e duas peças de roupa.

Sri Ramakrishna recebeu a visitante com grande respeito, descreveu-lhe suas experiências e visões e contou-lhe que as pessoas as consideravam sintomas de loucura. Ela ouviu-o com muita atenção e disse-lhe: "Meu filho, todas as pessoas neste mundo são loucas. Algumas são loucas por dinheiro, outras pelo conforto, algumas por nome e fama; e você, por Deus". Ela assegurou-lhe que ele estava passando pela experiência espiritual quase desconhecida, descrita nas escrituras como mahabhava, o êxtase mais exaltado do amor divino. Contou-lhe que esta exaltação extrema foi descrita como se manifestando por dezenove sintomas físicos, incluindo lágrimas, tremor no corpo, arrepio, perspiração e uma sensação de queimadura. As escrituras bhakti, declarou ela, haviam relatado somente dois exemplos dessa experiência, a de Sri Radha e a de Sri Chaitanya.

Logo um relacionamento terno estabeleceu-se entre Sri Ramakrishna e a Brahmani, ela olhando-o como o Menino Krishna, e ele, como sua mãe. Dia após dia ela observava seus êxtases durante o kirtan e a meditação, seu samadhi, sua ânsia louca e reconheceu nele o poder de transmitir espiritualidade para os outros. Chegou à conclusão de que tais coisas não eram possíveis para um devoto comum, nem mesmo para uma alma altamente desenvolvida. Somente uma Encarnação de Deus seria capaz de tais manifestações espirituais. Proclamou abertamente que Sri Ramakrishna, como Sri Chaitanya, era uma Encarnação Divina..

Quando Sri Ramakrishna contou a Mathur o que a Brahmani dissera a seu respeito, Mathur balançou a cabeça em dúvida, pois relutava aceitá-lo como uma Encarnação de Deus, um Avatar comparável a Rama, Krishna, Buda e Chaitanya, embora admitisse a extraordinária espiritualidade de Sri Ramakrishna. Por isso a Brahmani pediu a Mathur para marcar uma conferência de eruditos que discutiriam o assunto com ela. Ele concordou e o encontro foi marcado. Teria lugar no natmandir, defronte ao templo de Kali.

Dois famosos pundits da época foram convidados: Vaishnanavcharan, o chefe da sociedade vaishnava e Gauri. O primeiro a chegar foi Vaishnavcharan, com um grupo de eruditos e devotos. A Brahmani, como uma mãe orgulhosa, expôs seu ponto de vista diante dele e defendeu-o fazendo citações das escrituras. Enquanto os pundits discutiam a profunda questão teológica, Sri Ramakrishna, perfeitamente indiferente a tudo o que se passava a seu redor, sentou-se no meio deles como uma cri-ança, absorto em seus próprios pensamentos, às vezes sorrindo, às vezes mastigando um pouco de especiarias de um saquinho, ou então, dizendo a Vaishnavcharan, tocando-o de leve: "Veja, às vezes me sinto assim, também". Por fim, Vaishnavcharan levantou-se e declarou-se completamente de acordo com o ponto de vista da Brahmani. Declarou que Sri Ramakrishna havia indubitavelmente experimentado mahabhava e que isso era um sinal certo de uma manifestação rara de Deus no homem. As pessoas que haviam se aglomerado ali, sobretudo os funcionários do templo, estavam abismados. Sri Ramakrishna disse a Mathur como um menino, "Imagine, ele também diz isso. Fico contente em saber que afinal, não se trata de uma doença".

Quando dias mais tarde chegou o pundit Gauri, foi feita uma nova reunião e ele concordou com o ponto de vista da Brahmani e Vaishnavcharan. Ao comentário de Sri Ramakrishna que Vaishnavcharan o tinha declarado um Avatar, Gauri respondeu: "Foi tudo o que ele disse a seu respeito? Então disse pouco. Estou totalmente convencido de que você é aquela Mina de Poder Espiritual, da qual somente uma pequena fração desce à terra de tempos em tempos, na forma de uma Encarnação."

"Ah!', disse Sri Ramakrishna com um sorriso, "o senhor foi além de Vaishnavcharan nesse assunto. O que o senhor encontrou em mim que o faz pensar assim?"

Gauri respondeu: "Sinto em meu coração e tenho as escrituras do meu lado. Estou pronto a provar isso a qualquer um que me desafiar."

"Bem", disse Sri Ramakrishna, "é o senhor quem me diz isso, mas acredite-me, não sei nada a esse respeito."

Assim o sacerdote insano foi, pelo veredicto de grandes eruditos da época, declarado uma Encarnação Divina. Suas visões não eram o resultado do desarranjo de seu cérebro; possuíam precedentes na história espiritual. E como o conhecimento desse fato afetou o próprio Sri Ramakrishna? Permaneceu como a simples criança da Mãe que havia sido desde o primeiro dia de vida. Anos mais tarde, quando dois dos seus discípulos chefes de família abertamente referiram-se a ele como uma Encarnação de Deus e isso lhe foi contado, disse com um toque de sarcasmo: "Pensam que eles vão acrescentar alguma coisa à minha glória por causa disso? Um eles é ator no palco e o outro, médico. O que conhecem a respeito de Encarnações? Ora, há anos, pundits como Gauri e Vaishnavcharan declararam-me um Avatar, mas isto não ocasionou qualquer mudança em minha mente."

Sri Ramakrishna foi um estudante a vida toda. Muitas vezes costumava citar um provérbio a seus discípulos: "Amigos, quanto mais vivo, mais aprendo." Quando a agitação criada pela declaração da Brahmani terminou, ele se propôs a praticar as disciplinas espirituais de acordo com os métodos tradicionais postulados pelas escrituras Tantras e Vaishnava. Até aquele momento havia seguido seu ideal espiritual, segundo as inclinações de sua própria mente e coração. Agora aceitava a Brahmani como guru e pôs os pés nas estradas tradicionais.

Tantra

De acordo com o tantrismo, a Realidade Suprema é Chit ou Consciência, que é idêntica a Sat ou Ser, e Ananda ou Bem-aventurança. Essa Realidade Suprema, Satchidananda, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos é idêntica à Realidade pregada nos Vedas e o homem é idêntico a essa Realidade, mas sob influência de maya ou ilusão, esqueceu-se da verdadeira natureza. Toma como real um mundo meramente aparente de sujeito e objeto e esse erro é causa de escravidão e sofrimentos. A meta da disciplina espiritual é redescobrir sua identidade com a Realidade divina.

Para se alcançar essa meta, a Vedanta prescreve um método negativo austero de discriminação e renúncia, que pode ser seguido somente por alguns indivíduos dotados de aguda inteligência e força de vontade inabalável, mas os Tantras levam em consideração a fraqueza natural dos seres humanos, seus apetites inferiores e seu amor pelo concreto. Combina filosofia com rituais, meditação com cerimônias, renúncia com prazer. O propósito subjacente é treinar gradualmente o aspirante a meditar em sua identidade com a Realidade Suprema.

A média dos homens deseja desfrutar os objetos materiais. Os Tantras permitem que eles os desfrutem, mas ao mesmo tempo, descubra neles a presença de Deus. Ritos místicos são prescritos pelos quais, lentamente, os objetos dos sentidos são espiritualizados e a atração dos sentidos transforma-se em amor a Deus. Assim os "grilhões" de um homem transformam-se em "libertadores". O próprio veneno que mata, transforma-se em elixir da vida. A renúncia exterior não é necessária. Assim o objetivo dos Tantras é sublimar bhoga ou gozo em yoga, ou união com a Consciência, porque, de acordo com essa filosofia, o mundo com todas as suas manifestações, nada mais é do que o jogo de Shiva e Shakti, o Absoluto e Seu Poder inescrutável.

As disciplinas dos Tantras são graduadas a fim de atender a aspirantes de todos os níveis. São prescritos exercícios para as pessoas com características "animal", "heróica" e "divina". Alguns dos ritos requerem a presença de membros do sexo oposto. Aqui o aspirante aprende a considerar a mulher como a Encarnação da Deusa Kali, a Mãe do universo. A verdadeira base dos Tantras é a Maternidade de Deus e a glorificação da mulher. Cada parte do corpo da mulher deve ser olhada como a Divindade Encarnada. A ajuda de um guru qualificado é absolutamente necessária. Um devoto desprevenido pode perder o pé no chão e cair num buraco de depravação.

Segundo os Tantras, Shakti é a força criativa do universo. Shiva, o Absoluto, é mais ou menos o princípio passivo. Além disso, Shakti é tão inseparável de Shiva como o poder de queimar o é do próprio fogo. Shakti, o Poder Criativo, contém em Seu ventre o universo e por conseguinte, é a Mãe Divina. Todas as mulheres são Seus símbolos. Kali é uma de Suas diversas formas. A meditação em Kali, o Poder criativo, é a disciplina central dos Tantras. Enquanto medita, o aspirante em primeiro lugar olha-se uno com o Absoluto e então, pensa que dessa Consciência Impessoal emergem duas entidades, a saber, seu próprio eu e a forma viva da Deusa. Então projeta a Deusa na imagem tangível defronte dele e adora-a como a Mãe Divina.

Sri Ramakrishna propôs-se praticar as disciplinas dos Tantras e sob o comando da Própria Mãe Divina, aceitou a Brahmani como guru. Executou cerimônias profundas e delicadas no Panchavati e sob a árvore bel, na extremidade norte do conjunto e templos. Praticou todas as disciplinas dos sessenta e quatro livros principais dos Tantras e não levou mais do que três dias para alcançar o resultado prometido em qualquer um deles. Depois de fazer alguns ritos preliminares era tomado por um estranho fervor divino e entrava em samadhi onde a mente permanecia em estado de exaltação. O mal deixou de existir para ele. A palavra "carnal" perdeu seu significado. O mundo inteiro e tudo nele contido, parecia-lhe a lila, o esporte de Shiva e Shakti. Via em todos os lugares manifestar-se o poder e a beleza da Mãe; o mundo todo, animado e inanimado, parecia-lhe permeado de Chit, Consciência e por Ananda, felicidade.

Numa visão a Causa Suprema do universo apareceu-lhe como um triângulo luminoso amplo, dando nascimento a cada momento, a um número infinito de mundos. Ouviu o Anahata Sabda, o grande som Om, do qual os inúmeros sons do universo são somente ecos. Obteve os oito poderes sobrenaturais da yoga que torna o homem quase onipotente, mas rejeitou-os como sem qualquer valor para o Espírito. Teve a visão da divina Maya, o inescrutável Poder de Deus, pelo qual o universo é criado e sustentado e no qual é finalmente, absorvido. Nessa visão viu uma mulher de extraordinária beleza, a ponto de ser mãe, saindo do Ganges e aproximando-se lentamente do Panchavati. Em seguida deu à luz a uma criança e começou a amamentá-la com ternura. Um instante depois assumiu um aspecto terrível, pegando a criança com suas presas horríveis e esmagando-a. Engolindo-a, entrou novamente nas águas do Ganges.

A experiência mais notável neste período foi, porém, o despertar da Shakti Kundalini, o "Poder da Serpente". Na verdade ele viu o Poder, primeiramente adormecido no final de sua coluna espinal, despertando e subindo pelo canal místico do Sushumna, através de seus seis centros ou lótus até o Sahasrara, o lótus de mil pétalas, no topo da cabeça. Além disso viu que, à medida que a Kundalini subia, os diferentes lótus floresciam. Esse fenômeno foi acompanhado de visões e transes. Mais tarde descreveu a seus discípulos e devotos, os vários movimentos da Kundalini: de peixe, de pássaro, de macaco etc. O despertar da Kundalini é o começo da consciência espiritual e sua união com Shiva no Sahasrara, terminando em samadhi, é a consumação das disciplinas tântricas.

Por esta época foi-lhe revelado que, breve, muitos devotos procurariam sua orientação.

Disciplinas Vaishnavas

Depois de terminar a sadhana tântrica, Sri Ramakrishna seguiu a Brahmani nas disciplinas dos Vaishnavismo. Os vaishnavas são adoradores de Vishnu, "O que tudo permeia", o Deus Supremo, que é também conhecido como Hari e Narayana. Das diversas Encarnações de Vishnu, as duas que têm um número maior de seguidores são Rama e Krishna.

Vaishnavismo é exclusivamente a religião de bhakti. Bhakti é o intenso amor a Deus, apego exclusivo a Ele: possui a natureza de bem-aventurança e concede a seu amante, imortalidade e liberação. Deus, segundo o Vaishnavismo, não pode ser realizado pela lógica e pela razão e sem bhakti, todas as penas, austeridades e ritos são fúteis. O homem não pode realizar Deus somente pelo esforço próprio. Para a visão de Deus, Sua graça é absolutamente necessária e essa graça é sentida somente pelo coração puro. A mente deve ser purificada pela bhakti. A mente pura então, permanece para sempre imersa no êxtase da visão de Deus. É o cultivo desse amor divino a principal preocupação da religião vaishnava.

Há três espécies de devoção formal: tamásica, rajásica e sattvica. Se uma pessoa, enquanto estiver mostrando devoção a Deus, é atuada por malevolência, arrogância, ciúme ou raiva, sua devoção é tamásica, uma vez que está sob influência de tamas, qualidade da inércia. Se adorar Deus por desejo de fama ou riqueza, ou por qualquer outra ambição mundana, sua devoção é rajásica, visto que é influenciada por rajas, a qualidade da atividade. Se uma pessoa, porém, ama a Deus sem qualquer pensamento de ganho material, se cumpre as obrigações só para agradar a Deus e mantém para com todas as criaturas a atitude de amizade então, sua devoção é chamada sattvica, porque está sob a influência de sattva, a qualidade da harmonia. A devoção mais elevada, contudo, transcende os três gunas ou qualidades, sendo uma espontânea, ininterrupta inclinação da mente em direção a Deus, a Alma Interior de todos os seres e aflora, no coração do verdadeiro devoto, logo que ele ouve o nome de Deus ou menção de Seus atributos. Um devoto que possui esse amor não aceitaria a felicidade do céu mesmo se ela lhe fosse oferecida. Seu único desejo é amar Deus sob todas as condições – no prazer e na dor, na vida e na morte, na honra e na desonra, na prosperidade e na adversidade.

Há dois estágios de bhakti. O primeiro é conhecido como vaidhi-bhakti ou amor de Deus qualificado pelas prescrições das escrituras. Para os devotos desse estágio, são prescritos cultos regulares e metódicos, hinos, orações, repetições de nome de Deus e canto de Suas glórias. A bhakti inferior ao longo do tempo amadurece em para-bhakti ou devoção suprema, conhecida, também, como prema, a mais intensa forma de amor divino. O Amor Divino é um fim em si mesmo. Existe potencialmente em todos os corações, mas no caso de pessoas apegadas, é mal dirigido para os objetos do mundo.

A fim de desenvolver o amor do devoto por Deus, o Vaishnavismo humaniza Deus. Deus deve ser olhado como Pai do devoto, seu Mestre, Amigo, Filho, Marido ou Amante, cada um desses relacionamentos, que se sucedem, representam uma intensificação do amor. Essas bhavas ou atitudes em relação a Deus são conhecidas como santa, dasya, sakhya, vatsalya e madhur. Os rishis dos Vedas, Hanuman, os pastores de Vrindavan, a mãe de Rama, Kausalya e Radhika, a bem-amada de Krishna, foram respectivamente os exemplos mais perfeitos dessas formas. Na escala ascendente, as glórias de Deus são gradualmente esquecidas e o devoto realiza cada vez mais a intimidade da comunhão divina. Finalmente olha-se como a amante do seu Bem-Amado e nenhuma barreira artificial permanece para separá-lo do seu Ideal. Nenhuma obrigação social ou moral pode ligar à terra seu espírito elevado. Experimenta união perfeita com Deus. Ao contrário do vedantista, que luta para transcender todas as variedades do relacionamento sujeito-objeto, um devoto do caminho vaishnava quer reter tanto sua própria individualidade como a personalidade de Deus. Para ele, Deus não é um Intangível Absoluto, mas o Purushottama, a Pessoa Suprema.

Ao praticar a disciplina da madhur bhava, o devoto masculino muitas vezes olha-se como uma mulher, a fim de desenvolver a mais intensa forma de amor por Sri Krishna, o único Purusha ou homem do universo. Assumir a atitude do sexo oposto tem um significado psicológico profundo. Sabe-se por experiência comum, que uma idéia pode ser cultivada a um grau tão intenso, que qualquer idéia que lhe é estranha será expulsa da mente. Essa peculiaridade da mente pode ser utilizada para a subjugação dos desejos inferiores e desenvolvimento da natureza espiritual. Agora, a idéia de que é a base de todos os desejos e paixões num homem é a convicção de sua associação indissolúvel com um corpo masculino. Se puder convencer-se completamente de que é mulher, poderá livrar-se dos desejos peculiares ao corpo masculino. Assim também, a idéia de que é mulher pode por sua vez, fazê-lo virar-se para uma outra também forte, a saber, que não é nem homem nem mulher mas o Espírito Impessoal. Só o Espírito Impessoal pode desfrutar da comunhão com Deus. Daí a mais alta realização do vaishnava leva próximo à experiência transcendental do vedantista.

Uma bela expressão do culto vaishnava de Deus através do amor pode ser encontrada no episódio de Vrindavan do Bhagavata. As gopis, ou pastoras de Vrindavan, olhavam Krishna de seis anos como seu Bem-Amado. Não procuravam qualquer ganho pessoal ou felicidade desse amor. Entregaram a Krishna seus corpos, mentes e almas. De todas as Gopis, Radhika ou Radha, devido ao seu intenso amor por Ele, foi a mais próxima de Krishna. Ela manifestou mahabhava e uniu-se ao seu Bem-Amado. Essa união representa, numa linguagem sensual, uma experiência além dos sentidos.

Sri Chaitanya, também conhecido como Gauranga, Gora ou Nimai, nasceu em Bengala em 1485 e foi considerado uma Encarnação de Deus. É um grande profeta da religião vaishnava. Chaitanya declarou que cantar o nome de Deus é a disciplina espiritual mais eficaz para o Kaliyuga.

Sri Ramakrishna, como o macaco Hanuman, já havia adorado Deus como seu Senhor. Devido à sua devoção a Kali, cultivou Deus como Mãe. Agora ia praticar os outros relacionamentos prescritos pelas escrituras vaishnavas.

Ramlala

Mais ou menos no ano de 1864, chegou a Dakshineswar, um monge errante vaishnava, Jatadhari, cujo Ideal Divino era Rama. Sempre levava consigo uma pequena imagem de metal da Divindade que ele chamava pelo nome carinhoso de Ramlala, o Menino Rama. A essa pequena imagem dedicava uma afeição terna semelhante àquela que Kausalya tinha pelo seu divino Filho, Rama. Como resultado de prática espiritual de toda uma vida, ele realmente havia encontrado na imagem de metal a presença de seu Ideal. Ramlala já não era para ele uma imagem de metal, mas o Deus vivo. Dedicava-se a acariciar Rama, alimentar Rama, brincar com Rama, levar Rama para passear e dar banho em Rama. Julgava que a imagem respondia a seu amor.

Sri Ramakrishna, muito impressionado com sua devoção, pediu a Jatadhari para passar alguns dias em Dakshineswar. Logo Ramlala também tornou-se o companheiro favorito de Sri Ramakrishna. Mais tarde descreveu para seus devotos, como a pequena imagem dançava graciosamente diante dele, pulava nas suas costas, insistia para que ele o tomasse em seus braços, corria pelos campos no sol, apanhava flores nos arbustos e pregava peças como um menino travesso. Um relacionamento muito terno despontou entre ele e Ramlala, por quem sentia um amor de mãe.

Um dia Jatadhari pediu que Sri Ramakrishna ficasse com a imagem e disse-lhe adeus com os olhos cheios de lágrimas. Declarou que Ramlala havia atendido à sua prece mais íntima e que agora, não necessitava mais de culto formal. Uns dias mais tarde, Sri Ramakrishna foi abençoado, através de Ramlala, com a visão de Ramachandra, quando realizou que o Rama do Ramayana, o filho de Dasaratha, permeia todo o universo, como Espírito e Consciência; que Ele é seu Criador, Preservador e Destruidor; que, sob um outro aspecto, Ele é o Brahman transcendental sem forma, atributo ou nome.

Enquanto adorava Ramlala como o Menino Divino, o coração de Sri Ramakrishna tornou-se cheio de ternura maternal e começou a se olhar como uma mulher. A fala e gestos mudaram. Começou a se mover livremente com as mulheres da família de Mathur, que agora, olhavam-no como uma pessoa de seu sexo. Nessa época, adorou a Mãe Divina como Sua companheira e serva.

Em Comunhão com O Divino Bem-Amado

Sri Ramakrishna agora dedicou-se a escalar as mais inacessíveis e vertiginosas alturas do culto dualístico, isto é, a completa união com Sri Krishna como Bem-Amado. Considerava-se uma gopi de Vrindavan, louca de amor por seu divino Amado. A seu pedido, Mathur providenciou roupa de mulher e jóias. Nessa busca de amor, esquecia-se de comer e beber. Dia e noite chorava amargamente. A ânsia transformou-se num louco arrebatamento, porque o divino Krishna começou a fazer com ele os velhos truques com os quais brincava com as gopis. Amolava e caçoava, de vez em quando revelando-Se, mas sempre mantendo-Se à distância. A angústia de Sri Ramakrishna trouxe de volta os antigos sinto-mas físicos: a sensação de queimadura, sangue saindo dos poros, afrouxamento das juntas e parada das funções fisiológicas.

As escrituras vaishnavas aconselham uma pessoa a propiciar Radha para obter a graça de realizar Krishna. Assim a torturada alma agora dirigiu sua oração para ela. Em pouco tempo desfrutou a abençoada visão. Viu e sentiu a figura de Radha desaparecendo dentro do próprio corpo.

Mais tarde, disse: "É impossível descrever a beleza celestial e suavidade de Radha. Sua própria aparência mostrou que ela tinha se esquecido completamente no seu apego apaixonado por Krishna. Sua pele era amarelo claro."

Agora uno com Radha, manifestou seu grande amor extático, o mahabhava, que encontra nela a mais plena expressão. Mais tarde Sri Ramakrishna disse: "A manifestação numa pessoa dos dezenove tipos diferentes de emoção por Deus é chamado, nos livros bhakti, mahabhava. Uma pessoa comum leva uma vida inteira para expressar somente um único deles, mas nesse corpo (referindo-se ao seu) houve uma completa manifestação de todos os dezenove."

O amor de Radha é precursor da visão resplandecente de Sri Krishna e Sri Ramakrishna logo experimentou aquela visão. A forma encantadora de Krishna apareceu-lhe e fundiu-se em sua pessoa. Tornou-se Krishna: esqueceu-se totalmente de sua própria individualidade e do mundo; via Krishna em si mesmo e no universo. Assim atingiu a realização total da adoração do Deus Pessoal. Bebeu da Fonte da Bem-aventurança Imortal. A agonia de seu coração desapareceu para sempre. Realizou Amrita, Imortalidade, além da sombra da morte.

Um dia, ouvindo recitar o Bhagavata na varanda do templo de Radhakanta, sentiu-se em estado divino e viu a forma encantadora de Krishna. Viu os luminosos raios saindo dos Pés de Lótus de Krishna sob a forma de uma corda grossa que primeiro tocou o Bhagavata e em seguida, seu peito, unindo todos os três – Deus, a escritura e o devoto. "Depois dessa visão", costumava dizer, "Cheguei a compreender que Bhagavan, Bhakta e Bhagavata – Deus, Devoto e Escritura – são na realidade um e o mesmo."

Vedanta

A Brahmani era a instrutora entusiasta e observadora atônita de Sri Ramakrishna, em seu progresso espiritual. Tornara-se orgulhosa das realizações do seu discípulo sem par. O próprio aluno não tinha permissão de descansar; seu destino o empurrava para frente. Sua Mãe Divina não lhe permitiu descanso até que ele tivesse deixado para trás o campo da dualidade com suas visões, experiências e sonhos extáticos. Mas para a nova subida, os antigos guias não eram suficientes. A Brahmani, de quem havia dependido durante três anos, viu seu filho escapar-lhe, para seguir o comando de um mestre de força masculina, de aparência rígida, físico curtido e de voz viril. O novo guru era um monge errante, o robusto Totapuri, a quem Sri Ramakrishna aprendeu a se dirigir afetuosamente como Nangta, o "Desnudo", devido à sua total re-núncia de todos os objetos da terra e apegos, incluindo mesmo uma peça de roupa.

Tota Puri era adepto de uma filosofia nova para Sri Ramakrishna, a filosofia Vedanta não-dualista, cujas conclusões Totapuri experimentara em sua própria vida. Esse antigo sistema hindu de-signa a Realidade Suprema de Brahman, também descrita como Satchidananda, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos. Brahman é a única Existência Real. N'Ela não há tempo, nem espaço, nem causalidade, nem multiplicidade, mas devido à maya, Seu poder inescrutável, tempo, espaço e causalidade são criados e o Uno parece dividir-se em muitos. O Eterno Espírito aparece como uma multiplicidade de indivíduos com forma e sujeito às condições de tempo. O Imortal torna-se vítima de nascimento e morte. O Imutável sofre mudança. A Pura Alma sem pecado, hipnotizada por Sua própria maya, experimenta as alegrias do céu e dores do inferno, mas essas experiências, baseadas na dualidade da relação sujeito-obje-to, são irreais. Mesmo a visão de um Deus Pessoal é, em termos finais, uma experiência tão ilusória, quanto a de qualquer outro objeto. O homem atinge sua liberação, por conseguinte, rasgando o véu de maya e redescobrindo sua total identidade com Brahman. Conhecendo-se como uno com o Espírito Universal, realiza a Paz inefável. Só então vai além da ficção do nascimento e morte; aí, então, torna-se imortal. Essa é a meta suprema de todas as religiões – despertar a alma, hipnotizada por sua própria ignorância.

O caminho da disciplina vedantista é o caminho da negação, "neti" no qual, por estrênua determinação, tudo o que é irreal é ao mesmo tempo, negado e renunciado. É o caminho da Jnana, o método direto de realizar o Absoluto. Depois de negar tudo o que é relativo, incluindo a discriminação do próprio ego, o aspirante funde-se com o Uno sem Segundo, na Bem-aventurança do nirvikalpa samadhi, onde o sujeito e o objeto são igualmente dissolvidos. A alma vai além do domínio do pensamento. O domínio da dualidade é transcendido. Maya é deixada para trás com todas as suas mudanças e modificações. O Homem Real coloca-se acima das ilusões de criação, preservação e destruição. Uma avalanche de Bem-aventurança indescritível varre todas as idéias relativas de dor e prazer, bem e mal. Brilha então no coração, a glória do Brahman Eterno. Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos. Conhecedor, conhecimento e conhecido dissolvem-se no Oceano de uma Consciência eterna; amor, amante e bem-amado fundem-se no ilimitado Mar de Felicidade suprema; nascimento, crescimento e morte desaparecem na Existência infinita. Todas as dúvidas e receios são dominados; as oscilações da mente param; a força das ações passadas exaurem-se. Quebrando a viga mestra do tabernáculo onde a alma construiu sua morada durante incontáveis anos, acalmando o corpo, silenciando a mente, destruindo o ego, a doce alegria de Brahman emerge nesse estado além dos sentidos. O espaço desaparece no nada, o tempo é tragado na eternidade e causação torna-se um sonho do passado. Ah! Quem pode descrever o que a alma sente em comunhão com o Ser?

Mesmo quando um homem desce dessa altura vertiginosa, está desprovido das idéias de "eu" e "meu"; olha para o corpo como mera sombra, um envoltório exterior que abriga a alma. Não habita no passado, não pensa no futuro e olha com indiferença o presente. Observa tudo no mundo com olhos de igualdade; já não mais é tocado pela variedade infinita de fenômenos; não mais reage ao prazer e à dor. Permanece inalterado se seu corpo é adorado pelos bons ou atormentado pelos maus, porque compreende que é somente Brahman o único que Se manifesta através de tudo. O impacto de tal experiência devasta o corpo e a mente. A Consciência torna-se ofuscada, por assim dizer, pelo excesso de Luz. Nos livros de Vedanta está escrito que, depois da experiência do Nirvikalpa samadhi o corpo cai como uma folha seca. Somente aqueles que nasceram com uma missão especial para o mundo, podem voltar dessa altura para os vales da vida normal. Vivem e movem-se no mundo para o bem da humanidade. Estão investidos por um poder espiritual supremo. Uma glória divina brilha através deles.

Totapuri

Totapuri chegou ao templo de Dakshineswar no final de 1864. Nascido talvez no Punjab, dirigia um mosteiro naquela província da Índia e dizia-se líder de setecentos sannyasins. Treinado desde a juventude nas disciplinas da Vedanta Advaita, considerava o mundo uma ilusão. Os deuses e deusas do culto dualista eram para ele meras fantasias de mentes iludidas. Orações, cerimônias, ritos e rituais nada tinham a ver com a verdadeira religião e a isso ele era totalmente indiferente. Com grande esforço e inquebrantável força de vontade, havia se liberado do apego aos objetos dos sentidos do mundo relativo. Durante quarenta anos havia praticado austeras disciplinas às margens do Narmada sagrado e finalmente, realizou sua identidade com o Absoluto. Daí em diante vagou pelo mundo como uma alma sem grilhões, um leão livre da jaula. Vestido com uma tanga, passava os dias ao relento, quer sob tempestade ou sol, alimentando o corpo com magra porção de esmolas. Estivera visitando o estuário do Ganges. Em sua viagem de volta pelo rio sagrado, guiado pela Inescrutável Vontade Divina, parou em Dakshineswar.

Totapuri, vendo de relance que Sri Ramakrishna estava preparado para ser um estudante de Vedanta, convidou-o para ser iniciado nos seus mistérios. Com a autorização da Mãe Divina, Sri Ramakrishna concordou com o pedido, mas Totapuri explicou que somente um sannyasin poderia receber os ensinamentos da Vedanta. Sri Ramakrishna concordou em renunciar ao mundo, mas com a condição de que a cerimônia de sua iniciação na ordem monástica fosse realizada em segredo, para não melindrar os sentimentos de sua velha mãe, que vivia com ele em Dakshineswar.

No dia marcado, bem cedo pela manhã, uma fogueira foi acesa no Panchavati. Totapuri e Sri Ramakrishna sentaram-se diante dela. A chama iluminava seus rostos. “Ramakrishna era um pequeno homem moreno com uma barba curta e lindos olhos, profundos olhos negros, cheios de luz, obliquamente colocados e levemente velados, jamais totalmente abertos, mas que viam semicerrados à distância, tanto externa como internamente. A boca estava aberta com os dentes brancos com um sorriso encantador, ao mesmo tempo carinhoso e brincalhão. De estatura mediana, franzino ao ponto de ser emaciado e extremamente delicado. Seu temperamento era muito sensível, uma vez que era suscetível a todos os ventos de alegria e tristeza, tantos morais quanto físicos. Era realmente o reflexo vivo de tudo o que acontecia dian-te do espelho de seus olhos, um espelho de duas faces, virado tanto para dentro como para fora . Diante dele, o outro erguia-se como uma rocha. Era muito alto e robusto, um forte e resistente carvalho. Sua constituição e mente eram de ferro. Era o forte líder dos homens.

Na chama flamejante em sua frente, Sri Ramakrishna executou os rituais para destruir o apego aos parentes, amigos, corpo, mente, órgãos dos sentidos, ego e o mundo. A chama crepitante absorvia tudo, tornando o iniciado livre e puro. O cordão sagrado e o tufo de cabelo foram atirados ao fogo, completando sua separação de casta, sexo e sociedade. Por último queimou naquele fogo, com tudo o que é sagrado, como testemunha, o desejo de gozo neste e no outro mundo, Pronunciou os mantras sagrados confirmando segurança e intrepidez a todos os seres, que eram, apenas manifestações do seu próprio Ser. Uma vez terminados os ritos, o discípulo recebeu do guru a tanga e a roupa ocre, emblemas de sua nova vida.

O mestre e o discípulo retiraram-se para o aposento de meditação, próximo dali. Totapuri começou a transmitir a Sri Ramakrishna, as grandes verdades da Vedanta. “Brahman”, disse, “é a única Realidade, sempre puro, sempre iluminado, sempre livre, além dos limites de tempo, espaço e causação. Embora aparentemente separado por nomes e formas, pelo poder inescrutável de maya, a feiticeira que torna o impossível, possível, Brahman é realmente Uno e indivisível. Quando um aspirante se funde na beatitude do samadhi, não percebe tempo e espaço, ou nome e forma, os filhos de maya. Tudo o que estiver dentro do domínio de maya é irreal. Renuncie a eles. Destrua a prisão de nome e forma e saia fora dela com a força de um leão. Mergulhe fundo à procura do Ser e realiza-O pelo samadhi. Verá o mundo de nome e forma esvanecer-se no vazio e o insignificante ego dissolver-se na Consciência de Brahman. Realizará sua identidade com Brahman, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos.” Citando os Upanishads, Totapuri disse: “É vazio o conhecimento pelo qual uma pessoa vê, ouve ou conhece uma outra pessoa. O que é superficial é sem valor, jamais pode trazer felicidade verdadeira, mas o Conhecimento pelo qual uma pessoa não vê a outra, não ouve a outra ou não conhece a outra, que está além da dualidade, é grande e por meio desse Conhecimento, uma pessoa atinge Bem-aventurança Infinita. Como pode a mente e os sentidos apreender Aquele que brilha no coração de todos como o Sujeito Eterno?”

Totapuri pediu ao discípulo para retirar a mente de todos os objetos do mundo relativo, incluindo deuses e deusas e concentrar-se no Absoluto. A tarefa, contudo, não era fácil, mesmo para Sri Ramakrishna. Achou impossível levar a mente além de Kali, a Mãe Divina do Universo. "Depois da iniciação", Sri Ramakrishna disse certa vez, descrevendo o acontecimento: "Nangta começou a me ensinar as diversas conclusões da Vedanta Advaita e pediu-me para retirar completamente a mente de todos os obje-tos e mergulhar no Atman. Apesar de todos os esforços, não pude de jeito algum cruzar o campo de nome e forma e trazer a mente ao estado incondicionado. Não tive dificuldade de retirar a mente de todos os objetos do mundo, mas a radiante e bastante familiar figura da Mãe Bem-aventurada, a Encarnação da essência da Pura Consciência, aparecia diante de mim como uma realidade viva. Seu sorriso sedutor impedia-me de atravessar o Grande Além. Repetidas vezes tentei, mas Ela interpunha-se em meu caminho toda vez. Desesperado, disse a Nangta: 'Não há esperança. Não posso elevar minha mente ao estado incondicional e ficar frente a frente com o Atman.' Ele ficou exaltado e asperamente disse: 'O que? Você não pode fazer isso? Mas tem que fazê-lo.' Olhou em volta. Encontrando um pedaço de vidro, pegou-o e espetou-o entre minhas sobrancelhas. 'Concentre a mente neste ponto!' trovejou. Com uma determinação férrea, sentei de novo para meditar. Assim que a forma graciosa da Mãe Divina apareceu diante de mim, usei a discriminação com uma espada e com ela, A parti em dois. A última barreira caiu. Meu espírito imediatamente elevou-se além do plano relativo e perdi-me em samadhi." Sri Ramakrishna permaneceu completamente absorvido em samadhi durante três dias. "Será verdade?" Totapuri gritou atônito. "Será possível que ele tenha conseguido num único dia o que levei quarenta anos de prática estrênua para alcançar? Grande Deus! Foi simplesmente um milagre!" Com a ajuda de Totapuri, a mente de Sri Ramakrishna finalmente desceu ao plano relativo.

Totapuri, um monge do tipo mais ortodoxo, jamais ficava num lugar por mais de três dias. Permaneceu, porém, onze meses em Dakshineswar. Também ele tinha algo a aprender.

Totapuri não fazia idéia das lutas do homem comum nas malhas da paixão e do desejo. Tendo mantido durante toda sua vida a pureza de uma criança, ria com a idéia de um homem ser derrotado pelos sentidos. Estava convencido de que o mundo era maya e que bastava somente tomar conheci-mento disso, para que ele desaparecesse para sempre. Nascido não dualista, não acreditava no Deus Pessoal. Não tinha fé no aspecto terrível de Kali, muito menos no Seu aspecto benigno. Música e o cantar do santo nome de Deus eram, para ele, apenas um amontoado de tolices. Ridicularizava o gasto de emoção durante o culto do Deus Pessoal.

Kali e Maya

Sri Ramakrishna, por outro lado, embora completamente consciente, como o seu guru, que o mundo é uma aparência ilusória, em vez de menosprezar maya, como um monista ortodoxo, reconhecia sua força na vida relativa. Era todo amor e reverência por maya, percebendo nela uma expressão majestosa e misteriosa da Divindade. Para ele maya em si mesma era Deus, uma vez que tudo era Deus. Era uma das faces de Brahman. O que havia realizado nas alturas do plano transcendental, tam-bém encontrou aqui embaixo, em todos os lugares em sua volta, sob a misteriosa roupagem de nomes e formas. Essa roupagem era um envoltório perfeitamente transparente, através do qual reconhecia a glória da Imanência Divina. Maya, o poderoso tecelão dessa vestimenta, não é outro senão Kali, a Mãe Divina. Ela é a Energia Divina Primordial, Shakti e não pode ser separada do Supremo Brahman, como o poder de queimar não pode ser separado do fogo. Ela projeta o mundo e ao mesmo tempo o retira. Ela o tece como a aranha tece a teia. Ela é a Mãe do Universo, idêntica a Brahman da Vedanta e do Atman da Yoga. Como um eterno Legislador, Ela faz e desfaz as leis; é devido à Sua vontade imperiosa que o Karma produz seu fruto. En-reda os homens com ilusão e novamente os alivia da escravidão com um olhar de Seus olhos benignos. Ela é a suprema Senhora do espetáculo cósmico e todos os objetos, animados e inanimados dançam à Sua vontade. Mesmo aqueles que realizam o Absoluto no Nirvikalpa samadhi estão sob a Sua jurisdição, enquanto ainda viverem no plano relativo.

Assim, depois do Nirvikalpa samadhi, Sri Ramakrishna realizou maya num aspecto totalmente novo. O aspecto escravizador de Kali desapareceu de sua visão. Ela não mais obscureceu seu entendimento. O mundo tornou-se a gloriosa Manifestação da Mãe Divina. Maya tornou-se Brahman. O Pró-prio Transcendental surgiu do Imanente. Sri Ramakrishna descobriu que maya opera no mundo relativo de duas maneiras, que ele denominou "avidyamaya" e "vidyamaya". Avidyamaya representa as forças negras da criação: desejos sensuais, paixões más, ganância, luxúria, crueldade etc. Sustenta o mundo nos planos inferiores. É responsável pela roda de nascimento e morte do homem. Deve ser combatida e conquistada, mas vidyamaya é a força mais elevada da criação: as virtudes espirituais, as qualidades de iluminação, bondade, pureza, amor, devoção. Vidyamaya eleva o homem aos planos mais elevados de consciência. Com a ajuda de vidyamaya o devoto se livra de avidyamaya: torna-se então, mayatita, livre de maya. Os dois aspectos de maya são as duas forças da criação, os dois poderes de Kali; Ela está além de ambos. Ela é como o sol, trazendo a existência e brilhando através e atrás das nuvens de formas e cores diferen-tes, conjurando formas maravilhosas no céu azul do outono.

A Mãe Divina pediu a Sri Ramakrishna para não se perder no Absoluto sem forma, mas para permanecer em bhavamukha, o limiar da consciência relativa, a linha divisória entre o Absoluto e o Relativo. Ele tinha que ficar no "sexto centro" do Tantra de onde podia ver não só a glória do sétimo mas também, as divinas manifestações da Kundalini nos centros inferiores. Gentilmente oscilava para frente e para trás, atravessando a linha divisória. Devoção extática à Mãe Divina alternava-se com a serena absorção no Oceano de Unidade Absoluta. Assim encurtou a distância entre os aspectos Pessoal e Impessoal, o imanente e o transcendente da Realidade. Essa é uma experiência única em toda a história espiritual já relatada no mundo.

A Lição de Totapuri

Com Sri Ramakrishna, Totapuri aprendeu o significado de Kali, o Grande Fato do mundo relativo e de maya, Seu indescritível Poder.

Um dia, quando guru e discípulo estavam ocupados numa animada discussão sobre vedanta, um empregado do templo chegou e apanhou um pedaço de carvão do fogo sagrado que tinha sido aceso pelo grande asceta. Queria acender o seu fumo. Totapuri ficou furioso a ponto de quase bater no homem. Sri Ramakrishna caiu na gargalhada. "Que vergonha!", gritou. "Você está explicando a realidade de Brahman e o caráter ilusório do mundo e, contudo, esqueceu-se de si mesmo e quase bateu num homem, num acesso de raiva. O poder de maya é realmente inescrutável!" Totapuri ficou embaraçado.

Por esta época Totapuri repentinamente sofreu um severo ataque de disenteria. Devido a essa doença, viu-se impossibilitado de meditar. Uma noite a dor tornou-se insuportável. Não mais podia concentrar-se em Brahman. O corpo interpunha-se no caminho. Sentiu-se frustrado por esse estado de dependência. Alma livre, não se preocupava de forma alguma com o corpo. Então decidiu afogar-se no Ganges. Por conseguinte, dirigiu-se para o rio. Mas, ah! Ele caminha até a outra margem. Não há água suficiente no Ganges? Em pé, estupefato, na outra margem, olhou para trás. As árvores, os templos, as casas mostravam-se como silhuetas contra o céu. Subitamente, num instante deslumbrante, vê em todos os lados, a presença da Mãe Divina. Ela está em tudo. Ela é tudo. Ela está na água; Ela está na terra, Ela é o corpo; Ela é a mente; Ela é a dor; Ela é o conforto; Ela é o Conhecimento; Ela é a ignorância; Ela é a vida; Ela é a morte; Ela é tudo o que uma pessoa vê, ouve ou imagina. Ela muda "sim" em "não", e "não" em "sim". Sem Sua graça nenhum ser encarnado pode ir além do Seu domínio. O homem não tem livre arbítrio. Não é nem livre para morrer, entretanto, além do corpo e da mente Ela reside no seu aspecto Transcendental Absoluto. Ela é o Brahman que Totapuri vinha adorando durante toda a vida.

Totapuri voltou para Dakshineswar e gastou as últimas horas da madrugada meditando na Mãe Divina. De manhã foi ao templo de Kali com Sri Ramakrishna e prosternou-se ante a imagem da Mãe. Compreendeu agora porque havia passado onze meses em Dakshineswar. Despedindo-se do discípulo, seguiu seu caminho, iluminado.

Mais tarde Sri Ramakrishna descreveu a importância das lições de Totapuri. "Quando penso no Ser Supremo como inativo – nem criando, nem preservando, nem destruindo – chamou-O Brahman ou Purusha, o Deus Impessoal. Quando penso n'Ele como ativo – criando, preservando e destruindo – chamou-O Shakti ou Maya ou Prakriti, o Deus Pessoal. A distinção entre eles, contudo, não significa diferença. O pessoal e o Impessoal são a mesma coisa, como o leite e sua brancura, o diamante e seu brilho, a cobra e seu movimento sinuoso. É impossível conceber um sem o outro. A Mãe Divina e Brahman são um."

Depois da partida de Totapuri, Sri Ramakrishna permaneceu durante seis meses num estado de identidade absoluta com Brahman. “Durante seis meses seguidos”, disse ele, “permaneci naquele estado do qual homens comuns não podem jamais voltar; geralmente o corpo cai, depois de três semanas como uma folha seca. Não era consciente do dia e da noite. As moscas entravam em minha boca e narinas, como ocorre com um cadáver, mas eu não as sentia. Meu cabelo ficou emaranhado com a poeira.”
Seu corpo não teria sobrevivido se não fosse a atenção dedicada de um monge que estava em Dakshineswar naquela época e que por qualquer motivo compreendeu que para o bem da humanidade, o corpo de Sri Ramakrishna deveria ser preservado. Tentou por diversas maneiras, mesmo usando a violência física, trazer de volta a alma fugitiva para a prisão do corpo e nos fugazes momentos de lucidez, punha um pouco de comida na boca de Sri Ramakrishna. Por fim Sri Ramakrishna recebeu ordem da Mãe Divina para permanecer no limite da consciência relativa. Em seguida foi acometido por um sério ataque de disenteria. Dia e noite a dor torturou-o e a mente gradualmente desceu ao plano físico.

Companhia dos Santos e Devotos

Daquele momento em diante Sri Ramakrishna começou a procurar a companhia dos devotos e homens santos. Havia atravessado a tormenta e exaustão das disciplinas e visões. Agora realizara calma interna dando a impressão aos outros de que era um homem normal, mas ele não podia suportar a companhia de pessoas do mundo ou escutar suas conversas. Felizmente a atmosfera santificada de Dakshineswar e a generosidade de Mathur atraíam monges e santos de todas as partes do país. Sadhus de todas as denominações - monistas e dualistas – vaishnavas, vedantistas, shaktas e adoradores de Rama – acorriam para lá em número crescente. Ascetas e visionários vinham pedir conselho a Sri Ramakrishna. Os vaishnavas haviam vindo durante sua sadhana vaishnava e os tântricos enquanto praticava as disciplinas dos Tantras. Os vedantistas começaram a chegar depois da partida de Totapuri. No quarto de Sri Ramakrishna, que estava então de cama com disenteria, os vedantistas empenhavam-se em discussões sobre as escrituras e esquecendo o próprio sofrimento físico, resolvia suas dúvidas, referindo-se diretamente às suas próprias experiências. Muitos de seus visitantes eram pessoas espiritualizadas autênticas, pilares invisíveis do hinduísmo e suas vidas espirituais foram aceleradas numa grande medida pelo sábio de Dakshineswar. Sri Ramakrishna, por sua vez, aprendeu com eles as histórias concernentes às maneiras e conduta dos homens santos, que ele posteriormente contava a seus devotos e discípulos. A seu pedido Mathur dava-lhe grandes quantidades de alimentos, roupas etc., que eram assim, distribuídos entre os monges errantes.
Sri Ramakrishna não havia lido, contudo, era dotado de um conhecimento enciclopédico a res-peito das religiões e filosofias. Havia adquirido tal conhecimento com inúmeros homens santos e eru-ditos, com quem estivera em contato. Possuía um poder único de assimilação; através da meditação havia feito desse conhecimento uma parte do seu ser. Uma vez sendo interpelado por um discípulo sobre a origem de seu aparente e inesgotável conhecimento, respondeu: “Eu não li, mas ouvi os eru-ditos. Fiz uma grinalda de seus conhecimentos e colocando-a em torno do meu pescoço ofereci-a aos pés da Mãe.”
Sri Ramakrishna costumava dizer que, quando a flor desabrocha as abelhas vêm apanhar o mel por sua própria iniciativa. Agora muitas almas começaram a vir a Dakshineswar para satisfazerem sua fome espiritual. Ele, o devoto e aspirante, tornara-se o Mestre. Gauri, o grande erudito que tinha sido um dos primeiros a proclamar Sri Ramakrishna uma Encarnação de Deus, visitou o Mestre em 1870 e com as bênçãos do Mestre, renunciou ao mundo. Narayan Shastri, um outro grande pundit, que havia dominado os seis sistemas da filosofia hindu e a quem foi oferecido um posto lucrativo pelo Maharaja de Jaipur, ao ver o Mestre, reconheceu-o como aquele que havia realizado em vida os ideais que ele mesmo só havia encontrado em livros. Sri Ramakrishna iniciou Narayan Shastri, a seu pedido sincero, na vida de sannyas. Pundit Padmalochan, o pundit da corte do Maharaja de Burdwan, muito conhecido por sua erudição tanto na Vedanta como no sistema Nyaya de filosofia, aceitou o Mestre como uma Encarnação de Deus. Krishnakishore, um erudito vedantista, tornou-se devoto do Mestre. Chegou então, Viswanath Upadhyaya, que seria seu devoto favorito. Sri Ramakrishna sempre se dirigiu a ele como “Capitão”. Era um alto funcionário do rei do Nepal e havia recebido o título de Coronel em reconhecimento ao seu mérito. Um estudioso do Gita, do Bhagavata e da filosofia Vedanta, diariamente fazia o culto de sua Divindade Escolhida com muita devoção. “Li os Vedas e as outras escrituras”, disse ele. “Também tive a oportunidade de conhecer muitos monges bons e devotos em diferentes lugares, mas é na presença de Sri Ramakrishna que meus anseios espirituais concretizam-se. Para mim ele parece ser a personificação das verdades das escrituras.”

O Conhecimento de Brahman no nirvikalpa samadhi havia convencido Sri Ramakrishna de que os deuses das diferentes religiões são apenas muitas das interpretações do Absoluto e que a Realidade Suprema jamais pode ser expressa pela língua humana. Compreendeu que todas as religiões conduzem os devotos por diferentes caminhos para uma e mesma meta. Agora tornou-se ansioso para conhecer algumas religiões estrangeiras, porque para ele, entendimento significava uma experiência verdadeira.

Islamismo

No fim de 1866 começou a praticar as disciplinas do islamismo. Sob a direção do seu guru muçulmano, dedicou-se à sua nova sadhana. Vestiu-se como um muçulmano e repetia o nome de Alá. Suas orações correspondiam às devoções islâmicas, esqueceu-se dos deuses e deusas hindus – mesmo de Kali – e desistiu de visitar os templos. Passou a morar nos arredores do templo. Depois de três dias viu uma figura radiante, talvez Maomé, que se aproximou gentilmente dele e finalmente perdeu-se em Sri Ramakrishna. Assim realizou o Deus muçulmano. Em seguida, entrou em comunhão com Brahman. O poderoso rio do islamismo também levou-o de volta para o Oceano do Absoluto.

Cristianismo

Oito anos depois, num domingo de 1874, Sri Ramakrishna foi tomado por um irresistível desejo de aprender a verdade da religião cristã. Começou a ouvir os ensinamentos da Bíblia por Sambhu Charan Mallick, um senhor de Calcutá e devoto do Mestre. Sri Ramakrishna ficou fascinado com a vida e ensinamentos de Jesus. Um dia estava sentado na sala de visitas da chácara de Jadu Mallick em Dakshineswar, quando seus olhos bateram numa pintura da Madonna e o Menino. Olhando fixamente para ela, gradualmente foi sendo tomado por uma emoção divina. As pessoas da pintura ganharam vida e os raios de luz que saíam delas entraram em sua alma. O efeito dessa experiência foi mais forte do que a visão de Maomé. Com angústia, gritou: 'Ó Mãe! O que Tu estás fazendo comigo?" E, atravessando as barreiras de credo e religião, entrou num novo campo de êxtase. Cristo possuiu sua alma. Durante três dias não pôs os pés no templo de Kali. No quarto dia à tarde, enquanto andava no Panchavati viu caminhando em sua direção, uma pessoa com lindos olhos grandes, rosto sereno e pele clara. Quando os dois se olharam, uma voz saiu do fundo da alma de Sri Ramakrishna: "Contempla o Cristo que derramou o sangue do Seu coração para a redenção do homem, que suportou um mar de angústia por amor aos homens. É Ele, o Yogi Mestre, que está em eterna união com Deus. É Jesus, o Encarnado Amor." O Filho do Homem abraçou o Filho da Divina Mãe e fundiu-se nele. Sri Ramakrishna realizou sua identidade com Cristo, como já tinha realizado sua identidade com Kali, Rama, Hanuman, Radha, Krishna, Brahman e Maomé. O Mestre entrou em samadhi e comungou com Brahman com atributos. Assim experimentou a verdade de que o Cristianismo, também, é um caminho que conduz à Consciência de Deus. Até o último momento de sua vida, acreditou que Cristo era uma Encarnação de Deus. Cristo para ele não era, contudo, a única Encarnação; houve outras – Buda, por exemplo, e Krishna.

Atitudes em relação a Diferentes Religiões

Sri Ramakrishna aceitava a divindade de Buda e costumava assinalar a semelhança dos seus ensi-namentos com aqueles dos Upanishads. Mostrava, também, grande respeito pelos Tirthankaras, que fundaram o Jainismo e pelos dez Gurus do Sikhismo, mas não se referia a eles como Encarnações divinas. Ouviu-se que ele teria dito que os Gurus do Sikhismo haviam sido encarnações do rei Janaka da Índia antiga. Tinha em seu quarto em Dakshineswar, uma pequena estátua do Tirthankara Mahavira e um quadro de Cristo, diante dos quais queimava incenso de manhã e à noite.

Sem ser formalmente iniciado em suas doutrinas, Sri Ramakrishna realizou assim, os ideais de outras religiões, além do hinduísmo. Ele não necessitava seguir qualquer doutrina. Todas as barreiras eram removidas pelo seu amor arrebatador a Deus. Tornou-se, então, um Mestre das várias religiões do mundo, "Pratiquei", disse ele, "Todas as religiões – hinduísmo, islamismo, cristianismo – e segui, também, os caminhos das diferentes seitas hindus. Constatei que se trata do mesmo Deus para quem todos dirigem seus passos, embora seguindo caminhos diferentes. Devem tentar todos os credos e trilhar todos os diferentes caminhos uma vez. Para qualquer lugar que olho vejo homens brigando em nome da religião – hindus, maometanos, brahmos, vaishnavas e assim por diante. Mas eles jamais pensam que Aquele que é chamado Krishna é, também, chamado Shiva e leva o nome de Energia Primordial, Jesus, Alá também – o mesmo Rama com mil nomes. Um lago tem mil ghats. Num os hindus apanham água em seus potes e chamam-na "jal"; num outro, os muçulmanos apanham água em bolsas de couro e chamam-na "pani"; num terceiro os cristãos chamam-na "water". Podemos imaginar que não se trata de "jal", mas apenas "pani" ou "water"? Que ridículo! A substância é Una sob diferentes nomes e todos procuram a mesma substância; apenas clima, temperamento e nome criam diferenças. Deixe cada um seguir seu próprio caminho. Se ele sincera e ardentemente deseja conhecer Deus, paz para ele! Certamente O realizará."

Em 1867 Sri Ramakrishna voltou para Kamarpukur para se recuperar das conseqüências das auste-ridades. A paz do campo, os amigos simples e ingênuos de sua meninice e o ar puro fizeram-lhe muito bem. Os aldeões ficaram felizes em terem de volta seu brincalhão, franco, esperto, bondoso e veraz Ga-dadhar, embora não lhes tivesse escapado a grande mudança que lhe ocorrera nesses anos em Calcutá. Sua esposa, Sarada Devi, agora com quatorze anos, logo chegou a Kamarpukur. Seu desenvolvimento espiritual era muito além de sua idade e ela foi capaz de compreender de imediato, o estado de espírito do seu marido. Ficou ansiosa para aprender com ele a respeito de Deus e morar com ele como sua ajudante. O Mestre recebeu-a com alegria tanto como sua discípula, como sua companheira espiritual. referindo-se às suas experiências nesses poucos dias, ela uma vez disse: "Costumava sentir sempre como se um pote cheio de felicidade tivesse sido colocado no meu coração. A alegria foi indescritível."

Peregrinação

No dia 27 de janeiro de 1868, Mathur Babu com uma comitiva de cento e vinte e cinco pessoas saiu em peregrinação até os sagrados lugares do norte da Índia. Em Vadyanath no Behar, quando o Mestre viu os habitantes de um vilarejo reduzidos pela pobreza e inanição, a meros esqueletos, pediu a seu rico protetor para alimentá-los e dar-lhes uma peça de roupa, Mathur objetou a fazer tal gasto extra. O Mestre declarou amargamente que não iria a Benares, mas que viveria entre os pobres e dividiria com eles suas misérias. Chegou a deixar Mathur e sentou-se com os aldeões. Então Mathur teve que ceder. Em outra ocasião, dois anos depois, Sri Ramakrishna mostrou um sentimento semelhante pelos pobres e necessitados. Acompanhou Mathur numa visita a uma das propriedades deste último, por ocasião da coleta de impostos. Durante dois anos as colheitas haviam sido ruins e os arrendatários estavam num estado de extrema pobreza. O Mestre desejava que Mathur perdoasse os impostos, ajudasse-os e ainda desse ao povo faminto, uma festa suntuosa. Quando Mathur reclamou, o Mestre disse: "Você é apenas o administrador da Mãe Divina. Eles são arrendatários da Mãe. Você deve gastar o dinheiro da Mãe. Estão sofrendo, como pode se recusar a ajudá-los? Você deve ajudá-los." Novamente Mathur teve de ceder. A simpatia de Sri Ra-makrishna pelos pobres nascia do fato dele ver Deus em todas as criaturas. Seu sentimento não era igual ao do humanista ou filantropo. Para ele o serviço do homem era o mesmo que adoração a Deus.

A comitiva chegou a Benares de barco, pelo Ganges. Quando os olhos de Sri Ramakrishna caíram nessa cidade de Shiva, onde estão acumulados há séculos, a devoção e piedade de adoradores sem conta, viu que ela era feita de ouro, como as escrituras declaram. Ficou visivelmente emocionado. Durante sua estada na cidade, tratava qualquer grão de terra com o maior respeito. No ghat de Manikarnika, o grande crematório da cidade, realmente viu Shiva com o corpo coberto de cinzas, o cabelo dourado emaranhado, aproximando-se serenamente de cada pira funerária e soprando nos ouvidos dos cadáveres o mantra de liberação; depois a Mãe Divina removendo dos mortos seus grilhões. Assim compreendeu o significado da assertiva espiritual de que qualquer um que morra em Benares, salva-se pela graça de Shiva. Visitou Trailanga Swami, o célebre monge, quem ele mais tarde declarou ser um autêntico paramahamsa, verdadeira imagem de Shiva.

Sri Ramakrishna visitou Allahabad, na confluência do Ganges e Jamuna e em seguida, Vrindavan e Mathura, cidade enfeitiçada pelas lendas, canções e dramas a respeito de Krishna e das gopis. Ali teve numerosas visões e o coração transbordou de emoção divina. Chamou e disse: "Ó Krishna! Tudo aqui está como nos velhos tempos. Só Tu estás ausente." Visitou a grande santa, Gangamayi, considerada pelos devotos vaishnavas, a encarnação de uma companheira íntima de Radha. Tinha ses-senta anos e freqüentemente entrava em transe. Referia-se a Sri Ramakrishna como uma encarnação de Radha. Com muita dificuldade conseguiu-se persuadi-lo a deixá-la.
Na viagem de volta, Mathur queria visitar Gaya, mas Sri Ramakrishna recusou-se ir. Lembrou-se da visão de seu pai antes do seu nascimento e sentiu que no templo de Vishnu ficaria para sempre absorvido em Deus. Mathur, satisfazendo o desejo do Mestre, voltou com a comitiva para Calcutá.
O Mestre trouxe de Vrindavan um punhado de terra. Parte dela espalhou no Panchavati; o resto enterrou numa pequena cabana onde praticava meditação. "Agora este lugar", disse, "é tão sagrado quanto Vrindavan."
Em 1870 o Mestre foi em peregrinação a Nadia, cidade natal de Sri Chaitanya. Assim que o barco aproximou-se da margem de areia perto de Nadia, Sri Ramakrishna teve a visão dos "dois irmãos", Sri Chaitanya e seu companheiro, Nityanananda, "brilhantes como ouro derretido", e com auréolas, correndo para saudá-lo com as mãos levantadas. "Aí vêm eles! Aí vêm eles!" gritou. Entrando em seu corpo, caiu em transe profundo.

RELACIONAMENTO COM SUA ESPOSA

Em 1872 Sarada Devi fez sua primeira visita ao marido em Dakshineswar. Quatro anos antes ela o tinha visto em Kamarpukur e provado o gosto da felicidade de sua companhia divina. Desde então tornou-se ainda mais gentil, terna, introspectiva, séria e altruísta. Havia ouvido muitos boatos sobre a insanidade de seu marido. As pessoas apiedavam-se dela nessa infelicidade. Quanto mais pensava, mais sentia que seu dever era estar com ele, dando-lhe na medida do possível, seu serviço de esposa dedicada. Estava agora com dezoito anos. Acompanhada do pai, chegou a Dakshineswar, depois de percorrer a pé uma distância de oitenta milhas. Havia tido um ataque de febre durante o caminho. Quando chegou ao templo, o Mestre disse tristemente: "Ah! Você chegou tarde demais. Meu Mathur já não está aqui para cuidar de você." Mathur havia morrido no ano anterior.
O Mestre incumbiu-se da tarefa de instruir sua jovem esposa e isso incluía tudo, desde os serviços de casa até o Conhecimento de Brahman. Ensinou-a a enfeitar um lampião, como se comportar diante das pessoas de acordo com seus diferentes temperamentos e como se conduzir diante dos visitantes. Instruiu-a nos mistérios da vida espiritual – oração, meditação, japa, contemplação profunda e samadhi. A primeira lição que Sarada Devi recebeu foi: "Deus é o Bem-Amado de todos, assim como a lua é a cara a qualquer criança. Todas as pessoas têm o mesmo direito de orar a Ele. Por Sua graça Ele Se revela a todos que O chamam. Você também O verá se apenas orar por Ele."
Totapuri sabendo do seu casamento, comentou uma vez: "O que importa? Somente aquele que está firmemente estabelecido no Conhecimento de Brahman pode manter seu espírito de discriminação e renúncia, mesmo vivendo com sua esposa. Só atingiu a iluminação suprema aquele que pode olhar um homem ou uma mulher como iguais a Brahman. Um homem com a idéia de sexo na cabeça pode ser um bom aspirante, mas ainda está longe da meta." Sri Ramakrishna e sua esposa viviam juntos em Dakshineswar, mas suas mentes pairavam sempre acima do plano do mundo. Alguns meses depois da chegada de Sarada Devi, Sri Ramakrishna arranjou num dia auspicioso, um culto especial para Kali, a Mãe Divina. Em vez da imagem da Divindade, colocou em seu lugar, uma imagem viva, a própria Sarada Devi. O adorador e a adorada entraram em samadhi profundo e no plano transcendental, suas almas uniram-se. Depois de várias horas, Sri Ramakrishna desceu ao plano relativo, cantou um hino à Grande Deusa e entregou aos pés da própria imagem viva, ele próprio, seu rosário e o fruto da sadhana de toda a vida. Tal cerimônia é conhecida nos Tantras como Shorashi Puja, a "Adoração da Mulher". Sri Ramakrishna compreendeu o significado da grande declaração dos Upanishads: "Ó Senhor, Tu és a mulher, Tu és o homem; Tu és o menino, Tu és a menina; Tu és o velho, trôpego em suas muletas. Tu permeias o universo nas suas múltiplas formas."

Ao casar-se, Sri Ramakrishna mostrou o grande valor do casamento na evolução espiritual do homem e ao tomar votos monásticos, demonstrou a necessidade imperativa do autocontrole, pureza e continência, na realização de Deus. Com seu relacionamento único com a esposa, provou que marido e mulher podem viver juntos como companheiros espirituais. Assim, sua vida é a sínteses das duas ma-nei-ras de vida: como chefe de família e como monge.

O "Ego" do Mestre

No Nirvikalpa samadhi Sri Ramakrishna havia realizado que somente Brahman é real e o mundo ilusório. Ao manter a mente durante seis meses no plano de Brahman não-dual, havia atingido o estado de vijnani, o conhecedor da Verdade, num sentido muito especial e rico, aquele que vê Brahman não apenas em si e no Absoluto transcendental, mas em tudo no mundo. Nesse estado de vijnani, às vezes alheio à consciência do corpo, ele se olhava como uno com Brahman; às vezes, consciente do mundo dual, olhava-se como um devoto de Deus, servo ou filho. A fim de tornar o Mestre capaz de trabalhar para o bem-estar da humanidade, a Mãe Divina manteve nele um traço de ego, que descreveu - segundo seu estado – como o "ego do conhecimento"' o "ego da devoção", o "ego de um filho", ou o "ego de um servo". Em qualquer um desses casos, esse ego do Mestre, consumido pelo fogo do Conhecimento de Brahman, era apenas aparente, como uma corda queimada. Muitas vezes referia-se a esse ego como o "ego maduro" em contraste com o ego de uma alma apegada, que descrevia como ego "não maduro" ou "verde". O ego de uma alma apegada identifica-se com o corpo, parentes, posses e o mundo, mas o "ego maduro", iluminado pelo Conhecimento Divino, reconhece que o corpo, parentes, posses e o mundo são irreais e estabelece uma relação de amor somente com Deus. Através do seu "ego maduro", Sri Ramakrishna lidava com o mundo e com a esposa. Um dia, enquanto massageava seus pés, Sarada Devi perguntou ao Mestre: "O que você pensa de mim?" Logo veio a resposta: "A Mãe que é adorada no templo é a que deu nascimento ao meu corpo e que está agora morando no nahabat e é Ela que também está massageando meus pés nesse momento. Na verdade, sempre considerei você a personificação da Bem-aventurada Mãe Kali."

Sarada Devi na companhia do marido, teve raras experiências espirituais. Dizia: "Não tenho palavras para descrever minha maravilhosa exaltação de espírito quando o observava nos seus diferentes estados. Sob divina emoção, ele às vezes falava de assuntos incompreensíveis, às vezes ria, às vezes chorava e às vezes tornava-se imóvel em samadhi. Isso continuava pela noite adentro. Havia uma tal extraordinária presença divina nele que, de vez em quando tremia de medo e admiração, pensando como a noite passaria. Meses passaram-se assim. Um dia descobriu que eu tinha que ficar acordada a noite inteira porque, durante meu sono, ele talvez entrasse em samadhi – isso poderia acontecer a qualquer momento e assim, pediu-me para dormir no nahabat."

Resumo das experiências espirituais do mestre

Chegava agora o fim da sadhana de Sri Ramakrishna, o período de sua disciplina espiritual. Como conseqüência de suas experiências além dos sentidos, chegou a certas conclusões concernentes a si mesmo e à espiritualidade em geral. Suas conclusões sobre si mesmo podem ser resumidas assim:

Primeiro, era uma Encarnação de Deus, uma pessoa especialmente comissionada, cujas experiências espirituais eram para o bem da humanidade. Enquanto uma pessoa comum leva uma vida inteira para realizar um ou dois aspectos de Deus, ele em poucos anos, realizou-O em todos Seus aspectos.

Segundo, sempre soube que tinha sido uma alma livre, que as diversas disciplinas pelas quais havia passado, realmente não eram necessárias para sua própria liberação, mas somente para o benefício dos outros. As palavras liberação e escravidão não eram aplicáveis a ele. Enquanto houver seres que se consi-derem apegados, Deus tem que vir à terra como uma Encarnação, para libertá-los dessa escravidão, como um magistrado tem que visitar um lugar de seu distrito em que haja problemas.

Terceiro, suas previsões sobre a época de sua morte concretizaram-se completamente.

Sobre espiritualidade em geral, foram as seguintes suas conclusões:

Primeiro, estava firmemente convencido de que todas as religiões são verdadeiras, de que todo sistema de doutrina representa um caminho para Deus. Seguira todos os principais caminhos e todos levaram-no ao mesmo objetivo. Foi o primeiro profeta religioso registrado pela história, a pregar a harmonia das religiões.

Segundo, percebeu que os três grandes sistemas de pensamento conhecidos como Dualismo, Não-dualismo Qualificado e Absoluto Não-dualismo – Dvaita, Vishishtadvaita e Advaita – representam os três estágios do progresso do homem em direção à Realidade Suprema. Não se contradiziam, mas se complementavam e ajustavam-se aos diferentes temperamentos. Para o homem comum, com grande apego aos sentidos, a forma dualista de religião, prescrevendo uma certa quantidade de apoio material, como música e outros símbolos, é útil. Um homem que já realizou Deus transcende a idéia dos deveres mundanos, mas o mortal comum executa seus deveres, lutando para ser desapegado e entregar os resultados a Deus. A mente pode compreender e descrever a o pensamento e a experiência até o Vishishtadvaita, mas não além. A Advaita, a última palavra em experiência espiritual, é qualquer coisa a ser sentida em samadhi, porque transcende a mente e a fala. Do ponto de vista mais elevado, o Absoluto e Sua manifestação são igualmente reais - o Nome do Senhor, Sua Morada e o Próprio Deus são da mesma Essência espiritual. Tudo é Espírito, a diferença está somente na forma.

Terceiro, Sri Ramakrishna realizou o desejo da Mãe Divina de que através dele, Ela fundaria uma nova Ordem, formada por aqueles que manteriam de pé as doutrinas ilustradas em sua vida.

Quarto, sua vida espiritual dizia-lhe que aqueles estavam em sua última encarnação nesse plano mortal de existência e aqueles que haviam chamado sinceramente pelo Senhor uma vez apenas durante sus vidas, deveriam vir a ele.

Nessa época Sri Ramakrishna sofreu várias perdas de pessoas que lhe eram caras. A primeira foi a morte de um sobrinho, chamado Akshay. Depois da morte do jovem, Sri Ramakrishna disse: "Akshay morreu diante de meus olhos, mas isso não me afetou em nada. Fiquei assistindo e observei como um homem morre. Era como uma espada sendo tirada da bainha. Diverti-me com a cena, ria, cantava e dançava. Retiraram o corpo e cremaram-no. No dia seguinte fui ali (apontando para a varanda sudeste de seu quarto), senti uma dor aguda pela perda de Akshay, como se alguém estivesse torcendo meu coração como uma toalha úmida. Fiquei admirado com isso e pensei que a Mãe estives-se me dando uma lição. Eu não estava preocupado nem mesmo com o próprio corpo – muito menos com a do meu parente, mas se tal era a minha dor com a perda de um sobrinho, como não seria a dos chefes de família com a perda de seus próximos e queridos entes!" Em 1871 Mathur morreu e cinco anos mais tarde, Sambhu Mallick – que depois da morte de Mathur havia assumido as despesas do Mestre. Em 1873 morreu seu irmão mais velho, Rameswar e em 1876, sua amada mãe. Essas perdas tiveram um impacto no terno coração humano de Sri Ramakrishna, embora tivesse realizado a imortalidade da alma e a ilusão do nascimento e morte.

Em março de 1875, mais ou menos um ano antes da morte da mãe, o Mestre conheceu Keshab Chandra Sen. O encontro foi um acontecimento importante tanto para Sri Ramakrishna como para Keshab. Naquele momento, pela primeira vez, o Mestre entrou em contato com um digno representante da Índia moderna.

Brahmo Samaj

Keshab foi o líder do Brahmo Samaj, um dos dois grandes movimentos que, na última metade do século XIX, desempenhou um importante papel no renascimento da Índia. O fundador do movimento Brahmo foi o grande Raja Rammohan Roy (1774-1833). Embora tenha nascido numa família brahmin ortodoxa, Rammohan Roy demonstrava uma grande simpatia pelo islamismo e pelo cristianismo. Foi ao Tibé à procura dos mistérios budistas. Extraiu do cristianismo o sistema ético, mas rejeitou a divindade de Cristo, da mesma maneira que havia negado as Encarnações Hindus. O islamismo influenciou-o bastante na formulação de suas doutrinas monoteístas, mas ele sempre voltava para os Vedas a fim de obter inspiração espiritual. O Brahmo Samaj, que havia fundado em 1828, era dedicado ao "culto e adoração do Eterno, Insondável, Ser Imutável, que é o Autor e Preservador do Universo." Era aberto a todos sem distinção de cor, casta, nação ou religião.

O verdadeiro organizador do Samaj foi Devendranath Tagore (1817-1905), pai do poeta Rabindranath. Sua beleza física e espiritual, seu porte aristocrático, agudo intelecto e sensibilidade poética tornaram-no o líder mais notável dos intelectuais bengalis. Esses dirigiam-se a ele com o epíteto respeitoso de Maharshi, o "Grande Vidente". O Maharshi era um grande erudito sânscrito e, ao contrário de Raja Rammohan Roy, tirava inspiração inteiramente dos Upanishads. Foi um inimigo implacável do culto à imagem e também, lutou para deter a infiltração das idéias cristãs no Samaj. Deu ao movimento sua fé e ritual. Sob sua influência, o Brahmo Samaj professou Um Ser Supremo Auto-existente, que havia criado o universo do nada, o Deus da Verdade, Sabedoria Infinita, Bondade e Poder, o Eterno e Onipotente, o Uno sem Segundo. Os homens devem amá-Lo e fazer Sua vontade, acreditar n'Ele e adorá-Lo e assim, merecer a salvação no mundo vindouro.

Sem dúvida alguma, o líder mais capaz do movimento Brahmo foi Keshab Chandra Sen (1838-1884). Ao contrário de Raja Rammohan Roy e Devendranath Tagore, Keshab nasceu numa família bengali de classe média e tinha sido educado numa escola inglesa. Não conhecia sânscrito e logo afastou-se da religião hindu popular. Já em tenra idade havia ficado fascinado por Cristo e afirmava ter experimentado a graça especial de João Batista, Cristo e São Paulo. Quando lutou para introduzir Cristo no Brahmo Samaj, a ruptura tornou-se inevitável com Devendranath. Em 1868 Keshab rompeu com o chefe mais antigo e fundou o Brahmo Samaj da Índia, sendo que Devendranath manteve-se à frente da organização inicial, agora chamada Adi Samaj. Keshab possuía uma natureza complexa. Quando passava por uma grande crise moral, ficava a maior parte do tempo na solidão e sentia ouvir a voz de Deus. Quando um novo culto devocional era introduzido no Brahmo Samaj, passava horas cantando o kirtan com seus membros. Visitou a Inglaterra em 1870 e impressionou o povo inglês com sua voz musical, seu inglês simples e seu fervor espiritual. Foi recebido pela rainha Victoria. Voltando à Índia, fundou centros do Brahmo Samaj em várias partes do país. Como professor de religiões comparativas de uma universidade européia, começou a descobrir, por ocasião de seu primeiro contato com Sri Ramakrishna, a harmonia das religiões. Começou a olhar com simpatia os deuses e deusas hindus, explicando-os de uma maneira liberal. Além disso acreditava que havia sido chamado por Deus para dar ao mundo uma lei recentemente revelada por Ele, a Nova Revelação, o Navavidhan.

Em 1878 houve uma cisão no Samaj de Keshab. Alguns membros influentes acusaram-no de infringir os princípios do Brahmo Samaj, ao casar sua filha com um homem rico, antes dela atingir a idade própria para tal, aprovada pelo Samaj. Esse grupo desligou-se e estabeleceu o Sadharan Brahmo Samaj, ficando Keshab como chefe remanescente do Navavidhan. Keshab agora começou a ser atraído cada vez mais para o ideal de Cristo, apesar de, sob a influência de Sri Ramakrishna, sua devoção à Mãe Divina tivesse se aprofundado. Sua oscilação mental entre Cristo e a Mãe Divina do hinduísmo não encontrava uma posição de equilíbrio. Em Bengala e outros lugares da Índia, o movimento Brahmo assumiu a forma de cristianismo unitarista, escarnecendo dos rituais hindus e pregando a cruzada contra o culto das imagens. Sob a influência da cultura ocidental, declarava a supremacia da razão, advogava os ideais da Revolução Francesa, abolia o sistema de castas entre seus membros, lutava pela emancipação das mulheres, agitada pela abolição do casamento precoce, permitia o casamento das viúvas e encorajava os vários movimentos educacionais e de reforma social. O efeito imediato do movimento Brahmo em Bengala foi o confronto com as atividades proselitistas dos missionários cristãos. Também levantou a cultura indiana aos olhos dos seus senhores ingleses, mas tratava-se de um fermento religioso intelectual e eclético, nascido da necessidade do momento. Ao contrário do hinduísmo, não havia surgido das profundas experiências interiores de sábios e profetas. Sua influência estava confiada a praticamente poucos homens e mulheres intelectuais do país e a vasta massa dos indianos ficou de fora. Monotonamente tocava apenas uma nota só da rica escala musical da Religião Eterna dos indianos.

Arya Samaj

Um outro movimento que teve importante papel na renovação religiosa da Índia, foi o Arya Samaj. O Brahmo Samaj, movimento essencialmente de compromisso com a cultura européia, admitiu tacitamente a superioridade do ocidente, mas o fundador era um combativo sannyasin hindu que havia aceitado o desafio do islamismo e cristianismo e havia decidido combater todas as influências estrangeiras na Índia. Swami Dayananda (1824-1883) lançou esse movimento em Bombaim em 1875 e logo sua influência fez-se sentir em toda a Índia ocidental. O Swami foi um grande erudito dos Vedas, que ele explicava, eram monoteístas. Era contra o culto das imagens e restabeleceu os ritos sacrificais védicos antigos. De acordo com ele, os Vedas eram a última autoridade em matéria de religião e ele aceitava cada palavra como sendo literalmente verdadeira. O Arya Samaj tornou-se um baluarte contra a usurpação do islamismo e cristianismo e seu sabor ortodoxo tocou muitas mentes indianas. Liderou também muitos movimentos de reforma social. O sistema de castas tornou-se um alvo de seu ataque. As mulheres foram liberadas de muitas de suas limitações sociais. A educação recebeu um grande impulso. Iniciou uma campanha contra o casamento entre crianças, defendendo um novo matrimônio para as viúvas. Sua maior influência foi no Punjab, campo de batalha das culturas hindu e islâmica. Uma nova atitude combativa foi introduzida na adormecida sociedade indiana. Ao contrário do Brahmo Samaj, a influência do Arya Samaj não se limitou aos intelectuais. Era uma força que se disseminava entre as massas. Era um movimento dogmático, intolerante com aqueles que discordassem de seus pontos de vista e dava ênfase apenas a um caminho, o caminho do Arya Samaj, para a realização da Verdade. Sri Ramakrishna encontrou Swami Dayananda quando este último visitou Bengala.

Keshab Chandra Sen

Keshab Chandra Sen e Sri Ramakrishna encontraram-se pela primeira vez na chácara de Jayagopal em Belgharia, umas poucas milhas de Dakshineswar, onde o grande líder Brahmo estava hospedado com alguns discípulos. Em muitos pontos ambos eram pólos opostos, embora uma atração irresistível interna os havia feito amigos íntimos. O Mestre havia realizado Deus como Espírito Puro e Consciência, mas também acreditava nas diversas formas de Deus. Keshab, por sua vez, considerava o culto à imagem, idolatria e dava explicações alegóricas das divindades hindus. Keshab era um orador e escritor de livros e artigos de revistas; Sri Ramakrishna tinha aversão a conferências e com dificuldade sabia escrever o nome. A fama de Keshab havia se espalhado por toda a parte, chegando mesmo às distantes praias da Inglaterra; o Mestre ainda levava uma vida reclusa no vilarejo de Dakshineswar. Keshab dava ênfase às reformas sociais para que fosse conseguida a regeneração da Índia; para Sri Ramakrishna a realização de Deus era a única meta da vida. Keshab considerava-se um discípulo de Cristo, mas aceitava com reservas, os sacramentos cristãos e a Trindade; Sri Ramakrishna era um simples filho de Kali, a Mãe Divina, embora ele também, de uma forma diferente, aceitasse a divindade de Cristo. Keshab era um chefe de família e interessava-se pelo bem-estar de seus filhos, enquanto que Sri Ramakrishna era um Paramahamsa, completamente indiferente à vida do mundo. Contudo, uma vez que o relacionamento havia amadurecido em amizade, Sri Ramakrishna e Keshab nutriam um pelo outro um sentimento cordial e de respeito. Anos mais tarde, com a notícia da morte de Keshab, o Mestre sentiu como se o corpo estivesse paralisado. Os conceitos de Keshab sobre a harmonia das religiões e o caráter maternal de Deus aprofundaram-se e enriqueceram-se com seu contato com Sri Ramakrishna.

Sri Ramakrishna, vestido com um ‘dhoti’ de franja vermelha, com cada ponta atirada displicentemente por cima do ombro esquerdo, chegou à chácara de Jayagopal acompanhado de Hriday. Ninguém notou a presença do modesto visitante. Por fim, o Mestre disse a Keshab: “Disseram-me que o senhor viu Deus; por isso vim ouvi-lo falar sobre Ele.” Seguiu-se um diálogo maravilhoso. O Mestre entoou uma emocionante canção sobre Kali e por fim, entrou em samadhi. Quando Hriday murmurou o sagrado “Om” em seu ouvido, gradualmente voltou à consciência do mundo, o rosto ainda irradiando um brilho divino. Keshab e seus seguidores estavam extasiados. O contraste entre Sri Ramakrishna e os devotos Brahmos era muito interessante. Ali sentou-se aquele homem pequeno, magro e extremamente delicado. Os olhos possuíam luz interior. Um bom humor brilhava em seus olhos e um sorriso permanecia no canto da boca. Falava bengali popular com uma leve e deliciosa gagueira e suas palavras faziam as pessoas ficarem maravilhadas pela riqueza da experiência espiritual, seu conteúdo inesgotável de comparações e metáforas, seu poder de observação, seu humor brilhante e sutil, sua universalidade maravilhosa, seu fluxo incessante de sabedoria. À sua volta estavam os homens sofisticados de Bengala, os melhores produtos da educação ocidental, com Keshab, o ídolo da jovem Bengala, como seu chefe.

A sinceridade de Keshab foi suficiente para Sri Ramakrishna. Daí por diante os dois passaram a se ver freqüentemente, tanto em Daksineswar como no templo Brahmo Samaj. Sempre que o Mestre encontrava-se no templo por ocasião do serviço divino, Keshab chamava-o para falar à congregação. Keshab, por sua vez, visitava o santo, oferecendo-lhe flores e frutas.

Outros Chefes Brahmos

Gradualmente os outros dirigentes Brahmos começaram a sentir a influência de Sri Ramakrishna. Eram, porém, admiradores críticos do Mestre. Desaprovavam particularmente sua renúncia ascética e a condenação de "mulher e ouro" . Julgavam-no de acordo com seus próprios ideais de vida como chefes de família. Alguns não compreendiam seu samadhi e descreviam-no como uma doença nervosa. Contudo não podiam resistir à sua personalidade magnética.

Entre os chefes Brahmos que conheciam intimamente o Mestre, estavam Pratap Chandra Mazumdar, Vijaykrishna Goswami, Trailokyanath Sannyal e Shivanath Shastri.

Um dia Shivanath ficou bastante impressionado com a absoluta simplicidade do Mestre e sua aversão ao elogio. Estava sentado com Sri Ramakrishna no quarto desse último, quando chegaram vários homens ricos de Calcutá. O Mestre deixou o aposento por alguns minutos. Nesse ínterim Hriday, seu sobrinho, começou a descrever seu samadhi aos visitantes. As últimas palavras foram ouvidas pelo Mestre ao entrar no quarto. Disse a Hriday: "Que pessoas de espírito mesquinho você deve ser, para me enaltecer dessa maneira, perante esses homens ricos! Você deve ter visto seu vestuário caro e suas correntes e relógios de ouro e o objetivo deles é tirar quanto dinheiro puder. O que me importa o que eles pensam a meu respeito? (Virando para os senhores). Não, meus amigos, o que ele lhe disse a meu respeito não é verdade. Não foi o amor de Deus que me fez ficar absorvido n'Ele e indiferente ao mundo exterior. Positivamente fiquei louco durante um certo tempo. Os sadhus que freqüentavam esse templo haviam-me mandado praticar muitas coisas. Tentei segui-los e a conseqüência foi que minhas austeridades levaram-me à insanidade." Essa é uma citação de um dos livros de Shivanath. Ele levou as palavras do Mestre ao pé da letra, sem atinar sua importância verdadeira.

Shivanath criticava veementemente o Mestre pela sua atitude fora do comum em relação à esposa. Escreveu: "Ramakrishna estava praticamente separado da esposa que morava em seu vilarejo natal. Um dia em que eu estava comentando com alguns amigos a respeito da virtual viuvez de sua esposa, ele me chamou para um canto e murmurou no meu ouvido: 'Por que você se queixa? Não é mais possível; está tudo morto e desaparecido.' Outro dia como eu estivesse investindo contra essa parte do seu ensinamento e também, dizendo que nosso programa de trabalho no Brahmo Samaj inclui mulheres, que a nossa é uma religião social e doméstica e que desejamos dar educação e liberdade social para as mulheres, o santo ficou muito exaltado, como era seu jeito quando qualquer coisa contra sua convicção estabelecida era discutida – um traço que gostamos muito nele – exclamou: 'Vá, seu tolo, e enterre-se no buraco que suas mulheres cavarão para você.' Então olhou para mim e disse: 'O que um jardineiro faz com um brotinho? Não põe uma cerca para protegê-lo das cabras e do gado? E quando a plantinha tiver crescido e se transformado numa árvore e não mais puder ser pisoteada pelo gado, não retira a cerca e deixa-a crescer livremente?' Respondi: 'Sim, esse é o costume dos jardineiros.' Então observou: 'Faça o mesmo com sua vida espiritual: torne-se forte, completamente adulto e então poderá procurá-las.' A que respondi: 'Não concordo com o senhor, dizendo que o trabalho das mulheres é como o do gado, destrutivo; são nossas associadas e ajudantes nas lutas espirituais e progresso social' – um ponto de vista com o qual ele não podia concordar e demonstrou sua reprovação, sacudindo a cabeça. Referindo-se à hora avançada, jocosamente comentou: 'É hora do senhor ir embora; tome cuidado, não se atrase, caso contrário, 'sua mulher não permitirá sua entrada no quarto.' Isso provocou uma risada calorosa."

Pratap Chandra Mazumdar, braço direito de Keshab e pregador perfeito do Brahmo na Europa e América, criticava amargamente Sri Ramakrishna pelo uso de uma linguagem inculta e também, pela atitude em relação à esposa. Não podia, porém, escapar da magia da personalidade do Mestre. Num artigo a respeito de Sri Ramakrishna, Pratap escreveu no Theistic Quarterly Review: "O que há de comum entre nós? Eu, um homem à maneira européia, civilizado, autocentrado, um tanto céptico, um pretenso racionalizador educado, um discriminador, e ele, um devoto hindu, pobre, iletrado, impolido, meio idólatra, sem amigos? Por que haveria eu de me sentar longas horas para ouvi-lo, eu que ouvi Disraeli e Fawcett, Stanley e Max Müller e todo um vasto conjunto de eruditos e divinos? ... Não sou eu somente, mas dúzias de pessoas como eu, que fazem a mesma coisa. ... Ele adora Shiva, adora Kali, adora Rama, adora Krishna e é um confirmado defensor das doutrinas vedantistas. ... É um idólatra, contudo, um fiel e maior meditante nas perfeição do Uno Sem Forma, Absoluto, Divindade Infinita.... Sua religião é o êxtase, seu culto significa visão interior transcendental, sua natureza inteira queima dia e noite com um fogo permanente e febre de uma estranha fé e sentimento... Enquanto ele estiver conosco com alegria, sentaremos aos seus pés a fim de aprender os preceitos sublimes de pureza, não mundanismo, espiritualidade e inebriação no amor de Deus... Ele, pela bhakti infantil, pelas suas fortes concepções da Maternidade, ajudou-nos a descobrir isto (Deus como nossa Mãe), de forma fascinante... Ao nos associarmos com ele, aprendemos a compreender melhor os atributos divinos disseminados entre trezentos e trinta milhões de divindades da Índia mitológica, os deuses dos Puranas."

Os dirigentes Brahmos receberam muita inspiração pelo seu contato com Sri Ramakrishna. Isto alargou seus pontos de vista religiosos e inflamou nos seus corações o anelo pela realização de Deus; fê-los compreender e apreciar os rituais e os símbolos da religião hindu, convencendo-os da manifestação de Deus em diversas formas e aprofundou seus pensamentos sobre a harmonia das religiões. O Mestre, também, estava impressionado com a sinceridade de muitos devotos Brahmos. Falou-lhes sobre suas próprias realizações e explicou-lhes a essência de seus ensinamentos, tais como a necessidade de renúncia, sinceridade em seguir seu próprio curso de disciplina, fé em Deus, execução dos deveres pessoais sem pensar nos resultados e discriminação entre o Real e o irreal.

O contato com bengalis educados e progressistas abriram os olhos de Sri Ramakrishna para um novo campo de pensamento. Nascido e criado num simples vilarejo, sem educação formal e recebendo ensinamentos de santos ortodoxos da Índia, sobre a vida religiosa, não tinha tido oportunidade de estudar a influência do modernismo no pensamento e na vida dos hindus. Não havia podido estimar com precisão o impacto da educação ocidental na cultura indiana. Era o Hindu dos hindus, sendo a renúncia para ele, o único meio para a realização de Deus na vida. Dos Brahmos aprendeu que a nova geração da Índia havia firmado um compromisso entre Deus e o mundo. Os jovens educados sentiam mais a influência dos filósofos ocidentais do que seus próprios profetas. Sri Ramakrishna, porém, não desanimou, porque via nisso, também, a mão de Deus. Embora tivesse exposto aos Brahmos todas suas idéias a respeito de Deus e das disciplinas religiosas austeras, contudo, fazia-os aceitar de seus ensinamentos, apenas o que convinha aos seus gostos e temperamentos.

O anelo do Mestre para ter seus próprios Devotos

O contato com os Brahmos aumentou o desejo de Sri Ramakrishna de encontrar aspirantes capazes de seguir seus ensinamentos na forma mais pura. "Não havia limite", declarou ele certa vez, "para o anelo que eu sentia naquela época. Durante o dia, de uma certa maneira, conseguia controlá-lo. A conversa das pessoas de mentalidade mundana me irritava e esperava com ansiedade, o dia em que meus próprios amados companheiros chegariam. Esperava encontrar consolo, conversando com eles e contando-lhes minhas próprias realizações. Qualquer pequeno incidente fazia-me lembrar deles e pensamentos sobre eles tomavam-me totalmente. Já estava mesmo planejado o que diria a um ou daria a outro etc. Ao terminar o dia, não podia mais controlar meus sentimentos. O pensamento de que mais um dia havia se passado e eles não haviam chegado, oprimia-me. Quando, durante o serviço da tarde, os templos soavam com o tocar dos sinos e conchas, eu subia ao terraço do kuthi no jardim, contorcendo-me de angústia no coração e gritava com o máximo e minha voz: 'Venham, meus filhos! Ó, onde estão vocês? Não suporto viver sem vocês.' Jamais uma mãe ansiou tão intensamente para ver o filho, nem um amigo pelos seus companheiros, nem um amante por sua amada, como eu por eles. Ó, foi indescritível! Um pouco depois desse período de ânsia, os devotos começaram a chegar.

Em 1879 alguns artigos esporádicos sobre Sri Ramakrishna escritos pelos Brahmos, em revista Brahmo, começaram a atrair os futuros discípulos entre os intelectuais bengalis da classe média e continuaram a chegar até 1884. Outros, entretanto, vieram, sentindo o poder sutil de sua atração. Era uma multidão sempre mutável de pessoas de todas as classes e credos: Hindus e Brahmos, vaishnavas e shaktas, letrados com diploma universitário e os incultos, velhos e jovens, maharajas e mendigos, jornalistas e artistas, pundits e devotos, filósofos e pessoas de mentalidade mundana, jnanis e yogis, homens de ação e homens de fé, mulheres virtuosas e prostitutas, empregados em escritório e desocupados, filantropos e buscadores, dramaturgos e bêbados, construtores e demolidores. Deu-lhes tudo, sem distinção, tirando do seu ilimitado estoque de realização. Ninguém saía de mãos vazias. Ensinava-lhes a sabedoria elevada da Vedanta e o amor abrasador dos Puranas. Das vinte e quatro horas, falava sem descanso ou pausa, vinte. Dava a todos sua simpatia e iluminação e tocava-os com aquele estranho poder da alma que não podia senão derreter até os mais empedernidos. E as pessoas o compreendiam de acordo com seu poder de entendimento.

Método de Ensino do Mestre

Ele, contudo, permaneceu como sempre, um instrumento dedicado nas mãos de Deus, o filho da Divina Mãe, totalmente intocado pela idéia de ser um mestre. Costumava dizer que três idéias – a de que era um guru, um pai e um mestre – espetavam sua pele como se fosse espinhos. Foi um instrutor extraordinário. Atingia os corações de seus discípulos mais por sua influência sutil do que por ações ou palavras. Jamais proclamou-se o fundador de uma religião ou organizador de uma seita. Foi, porém, um dínamo religioso. Foi o contestador de todas as religiões e credos. Era um jardineiro experiente, que prepara o solo e remove as ervas daninhas, sabendo que as plantas vão crescer devido ao poder inerente das sementes, dando a cada uma, flores e frutos apropriados. Jamais impôs suas idéias a ninguém. Compreendia as limitações das pessoas e trabalhava em cima do princípio segundo o qual, o que é bom para um pode ser mau para o outro. Possuía o poder incomum de conhecer as mentes dos devotos, mesmo suas almas mais recônditas à primeira vista. Aceitava os discípulos tendo pleno conhecimento de suas tendências passadas e possibilidades futuras. A vida de uma pessoa maldosa não o assustava, nem os melindres religiosos faziam com que alguém subisse em sua estima. Via em tudo o dedo infalível da Mãe Divina. Até a luz que desvia, era para ele a luz que vinha de Deus.
Para aqueles que se tornaram seus discípulos íntimos, o Mestre era um amigo, companheiro e parceiro de folguedos. Até mesmo as durezas das disciplinas religiosas ficavam leves ante sua presença. Os devotos ficavam tão inebriados de pura alegria na sua companhia, que não tinham tempo para perguntar se ele era uma Encarnação, uma alma perfeita ou um yogi. Sua simples presença era um ensinamento; as palavras eram supérfluas. Nos últimos anos os discípulos perceberam que enquanto estavam com ele, olhavam-no como um camarada, mas em seguida tremiam em pensar em suas frivolidades na presença de uma pessoa tão grande. Tinham a prova convincente de que o Mestre podia, por um simples desejo, acender em seus corações, o amor de Deus e conceder-lhe Sua visão.
Através de suas brincadeiras e pilhérias, sua alegria e frivolidade, sempre mantinha diante deles o ideal luminoso da consciência de Deus e do caminho da renúncia. Prescrevia subidas íngremes ou suaves de acordo com a capacidade do escalador. Não permitia qualquer concessão aos princípios básicos da pureza. Um aspirante tinha que conservar o corpo, mente, sentidos e alma sem mácula; tinha que ter um amor sincero por Deus e um sempre crescente espírito de anelo por Deus. Todo restante seria feito pela Mãe.
Havia dois tipos de discípulos: os chefes de família e os jovens, sendo que alguns deles vieram a ser mais tarde, monges. Havia também, um grupo pequeno de devotas.

Devotos Chefes de Família

Para os chefes de família, Sri Ramakrishna não prescrevia o árduo caminho da renúncia total. Queria que cumprissem suas obrigações para com suas famílias. Sua renúncia tinha que ser mental. A vida espiritual não podia ser obtida fugindo-se das responsabilidades. Um casal deveria viver como irmãos depois do nascimento de um ou dois filhos, dedicando todo o seu tempo a conversas espirituais e contemplação. Encorajava os chefes de família, dizendo-lhes que suas vidas eram de uma certa maneira mais fácil do que a de um monge, pois, era vantajoso combater o inimigo de dentro de uma fortaleza do que em campo aberto. Insistia, entretanto, em sua retirada para a solidão de vez em quando, para fortalecer a devoção e fé em Deus, através da prece, japa e meditação. Prescrevia-lhe a companhia de sadhus. Pedia-lhes para fazerem seus deveres mundanos utilizando uma das mãos, enquanto segurava Deus com a outra e orassem a Deus, de tal forma que ao final, pudessem segurá-Lo com ambas as mãos. Desencorajava tanto nos chefes de família como nos jovens solteiros, qualquer tibieza em suas lutas espirituais. Não lhes pedia que seguissem indiscriminadamente o ideal de não-resistência, o que em termos finais, transforma um incauto num covarde.

Futuros Monges

Para os jovens destinados a serem monges, contudo, sugeria que trilhassem o áspero caminho da renúncia tanto externa como interna. Deviam fazer voto de continência absoluta e abster-se todo pensamento de ganância e luxúria. Pela prática da continência, os aspirantes desenvolvem um nervo sutil através do qual compreendem os mistérios mais profundos de Deus. Para eles autocontrole é final, imperativo e absoluto. Os sannyasins são instrutores de homens e suas vidas deviam estar completamente livres de mácula. Não devem nem mesmo olhar para uma figura que possa despertar suas paixões ocultas. O Mestre selecionou seus futuros monges entre jovens não tocados por "mulher e ouro" e moldáveis a ponto de se adaptarem ao modelo espiritual. Quando os ensinava o caminho da renúncia e discriminação não permitia que os chefes de família ficassem por perto.

Ram e Manomohan

Os dois primeiros chefes de família que chegaram a Dakshineswar foram Ramchandra Dutta e Manomohan Mitra. Praticante de medicina e química, Ram era céptico a respeito de Deus e religião e jamais havia experimentado paz de espírito. Desejava uma prova tangível da existência de Deus. O Mestre disse-lhe: "Deus realmente existe. Você não vê as estrelas durante o dia, mas isso não significa que elas não existam. Há manteiga no leite, mas pode alguém vê-la simplesmente olhando para o leite? A fim de obtê-la, uma pessoa deve bater o leite num lugar quieto e frio. Você não pode realizar Deus por um simples desejo; deve passar por algumas disciplinas mentais." Gradualmente o Mestre despertou a espiritualidade de Ram e este tornou-se um dos seus principais discípulos leigos. Foi Ram quem apresentou Narendranath a Sri Ramakrishna. Narendra era parente de Ram.

Manomohan no início teve de enfrentar uma considerável oposição de sua esposa e outros parentes, que se ressentiam de suas visitas a Dakshineswar, mas por fim o amor desinteressado do Mestre triunfou sobre a afeição mundana. Foi Manomohan quem trouxe Rakhal para o Mestre.

Surendra

Suresh Mitra, um amado discípulo a quem o Mestre dirigia-se como Surendra, recebeu uma educação inglesa e exercia um importante cargo numa firma inglesa. Como muitos outros jovens educados do seu tempo, orgulhava-se de seu ateísmo e levava a vida de um boêmio. Era chegado à bebida. Tinha uma idéia exagerada sobre o livre arbítrio do homem. Vítima de uma depressão nervosa foi levado a Sri Ramakrishna por Ramchandra Dutta. Ao ouvir o Mestre pedindo a um discípulo que praticasse a virtude de entregar-se a Deus, ficou impressionado. Embora tivesse tentado dali para frente agir dessa manaira, foi incapaz de largar suas antigas associações e bebida. Um dia o Mestre disse em sua presença: "Bem, quando uma pessoa vai a um lugar indesejável, por que ela não leva a Mãe Divina consigo?" E para o próprio Surendra, Sri Ramakrishna disse: "Por que você não bebe vinho como vinho consagrado? Ofereça-o à Kali e depois, tome-o como prasad, como vinho consagrado, mas veja que não fique embriagado; não deve cambalear, nem os pensamentos devem vagar. No princípio sentirá uma agitação comum, mas logo experimentará exaltação espiritual." Gradualmente sua vida inteira modificou-se. O Mestre designou-o como um daqueles comissionados pela Mãe Divina, para bancar a maior parte de suas despesas. A bolsa de Surendra estava sempre aberta para o conforto do Mestre.

Kedar

Kedarnath Chatterji era dotado de temperamento espiritual e havia tentado vários caminhos religiosos, alguns não muito recomendáveis. Ao encontrar o Mestre em Dakshineswar, compreendeu o verdadeiro significado da religião. Dizia-se que o Mestre, cansado de dar instrução aos devotos que vinham a ele em grande número para orientação, havia uma vez orado à Deusa Kali: "Mãe, estou cansado de falar às pessoas. Por favor, dê poder a Kedar, Girish, Ram, Vijay e Mahendra para que eles dêem a elas a instrução preliminar, de forma que um pouco de ensinamento meu seja suficiente." Ele estava, contudo, atento ao apego que Kedar há muito tempo sentia pelas coisas do mundo e muitas vezes o havia prevenido contra isso.

Harish

Harish, um jovem rico, renunciou à sua família e refugiou-se no Mestre, que o amava por sua sinceridade, vontade firme e natureza calma. Passava o tempo em oração e meditação, fazendo-se surdo aos rogos e ameaças de seus parentes. Referindo-se à sua paz de espírito imperturbável, o Mestre dizia: "Homens verdadeiros estão mortos para o mundo, embora vivos. Olhe para Harish. Ele é um exemplo." Quando o Mestre lhe pediu para que fosse um pouco mais delicado com sua esposa, Harish disse-lhe: "O senhor deve me desculpar nesse ponto. Esse não é o lugar para mostrar gentileza. Se eu for simpático com ela, há a possibilidade de me esquecer do ideal e ser enredado pelo mundo."

Bhavanath

Bhavanath Chatterji visitou o Mestre quando ainda era adolescente. Seus pais e parentes consideravam Sri Ramakrishna insano e fizeram o possível para impedir que ele se tornasse íntimo do Mestre. O rapaz, porém, era muito obstinado e muitas vezes passou as noites em Dakshineswar. Era fortemente ligado a Narendra e o Mestre incentivava essa amizade. A sua simples visão muitas vezes ocasionava emoção espiritual em Sri Ramakrishna.

Balaram Bose

Balaram Bose vinha de uma rica família vaishnava. Desde a juventude mostrou um temperamento religioso profundo e dedicava o tempo à meditação, oração e estudo das escrituras. Tinha ficado muito impressionado com o Mestre desde o seu primeiro encontro. Perguntou a Sri Ramakrishna se Deus realmente existia e se o homem poderia realizá-Lo. O Mestre disse: "Deus revela-Se ao devoto que O considera como o seu mais íntimo e querido. Pelo fato de que você não tenha recebido resposta à sua oração uma vez, não deve concluir que Ele não existe. Ore a Deus, pense n'Ele como sendo mais importante do que seu próprio eu. Ele é muito apegado a Seus devotos, aproxima-Se de uma pessoa antes mesmo que ela O procure. Não há ninguém mais íntimo e querido do que Deus." Balaram jamais havia ouvido falar de Deus com palavras tão cheias de força; cada uma delas parecia-lhe verdadeira. Sob a influência do Mestre, passou por cima das convenções do ritual vaishnava e tornou-se um dos mais queridos discípulos O Mestre dormia em sua casa, sempre que passava a noite em Calcutá.

Mahendra ou M.

Mahendranath Gupta, mais conhecido como "M.", chegou a Dakshineswar, em março de 1882. Pertencia ao Brahmo Samaj e era diretor do High School de Vidyasagarr em Syambazar, em Calcutá. À primeira vista o Mestre reconheceu nele um dos seus discípulos "marcados". Mahendra relatou em seu diário, as conversas de Sri Ramakrishna com os devotos. Essas são as primeiras palavras diretamente registradas, na história espiritual do mundo, de um homem reconhecido como pertencente à classe de um Buda e Cristo. O presente volume é uma tradução desse diário. Mahendra foi um instrumento, através de seus contatos pessoais, na disseminação da mensagem do Mestre entre muitas almas jovens e aspirantes.

Nag Mahashay

Durgacharan Nag, também conhecido como Nag Mahashay, foi o chefe de família ideal entre os discípulos leigos de Sri Ramakrishna. Foi a personificação do ideal de vida do Mestre, não tocado pelo mundanismo. Apesar de ter intenso desejo de se tornar um sannyasin, Sri Ramakrishna pediu-lhe para viver no mundo com espírito de monge e o discípulo de fato levou em frente tal prescrição. Nasceu de uma família pobre e mesmo em sua meninice muitas vezes sacrificou tudo para diminuir os sofrimentos dos necessitados. Casou-se com tenra idade e, depois da morte da esposa, casou-se pela segunda vez, obedecendo ordem de seu pai. Mas um dia disse a ela: "O amor a nível físico não dura. É realmente abençoado aquele que pode dar seu amor a Deus com todo seu coração. Mesmo um pequeno apego ao corpo dura muitos nascimentos. Por conseguinte, não fique apegado a essa gaiola de ossos e carne. Refugie-se aos pés da Mãe e só pense n'Ela. Assim sua vida aqui e depois, será enobrecida." O Mestre referia-se a ele como uma "luz ardente". Acatava cada palavra de Sri Ramakrishna como uma verdade incontestável. Um dia ouviu o Mestre dizer que era difícil para médicos, advogados e corretores fazerem muito progresso na espiritualidade. Dos médicos dizia, "Se a mente agarra-se às pequenas gotas de remédios, como pode conceber o Infinito?" Isso foi o fim da carreira médica de Durgacharan que jogou sua caixa de remédios no Ganges. Sri Ramakrishna assegurou-lhe que não lhe faltaria comida simples e roupas. Ordenou-lhe que servisse os santos. Quando ele lhe perguntou onde encontraria santos de verdade, o Mestre respondeu-lhe que os próprios sadhus procurariam sua companhia. Nenhum sannyasin poderia ter vivido uma vida tão austera como Durgacharan.

Girish Ghosh

Girish Chandra Ghosh nasceu um rebelde contra Deus, um céptico, um boêmio, um bêbado. Foi o maior ator dramático bengali de seu tempo, o pai do moderno teatro bengali. Como outros jovens, absorveu todos os vícios do Ocidente. Havia entrado numa vida de dissipação e estava convencido de que a religião era apenas uma fraude. Justificava a filosofia materialista como aquela que permitia a uma pessoa pelo menos, gozar um pouco a vida. Uma série de reveses abalaram-no e ele ficou ansioso para solucionar o enigma da vida. Havia ouvido falar que na vida espiritual, a ajuda de um guru era imperativa e que o guru deveria ser olhado como o Próprio Deus. Girish, contudo, estava bastante impregnado da natureza humana para ver perfeição num homem. Seu primeiro encontro com Sri Ramakrishna não o impressionou. Voltou para casa com tivesse visto uma aberração num circo porque o Mestre, em estado semiconsciente, havia perguntado se era noite, apesar de todos os lampiões estarem acesos no quarto. Seus caminhos, porém, cruzaram-se muitas vezes e Girish não pôde evitar encontros posteriores. O Mestre assistiu a uma apresentação de Girish no Star Theatre. Dessa vez, também, Girish não achou nada de extraordinário nele. Um dia, porém, por acaso Girish viu o Mestre dançando e cantando com os devotos. Sentiu o contágio e quis juntar-se a eles, mas controlou-se com medo do ridículo. Outro dia Sri Ramakrishna já estava prestes a dar-lhe instrução espiritual, quando Girish dis-se: "Não quero ouvir instruções. Eu mesmo escrevi minhas instruções. De nada servem. Por favor, ajude-me de uma maneira mais palpável, se puder." Isso agradou ao Mestre que pediu a Girish para cultivar a fé.

À medida que o tempo passava, Girish começou a aprender que o guru é aquele que silenciosamente faz desabrochar a vida interior do discípulo. Tornou-se um devoto firme do Mestre. Muitas vezes enchia o Mestre de insultos, bebia em sua presença e tomava liberdades que chocavam os outros devotos, mas o Mestre sabia que no fundo do coração, Girish era terno, fiel e sincero. Não permitiu que Girish abandonasse o teatro e quando um devoto pediu-lhe para lhe falar para deixar de beber, severamente respondeu-lhe: "Isso não é da sua conta. Aquele que assumiu a responsabilidade dele, olhará por ele. Girish é um devoto do tipo heróico. Digo-lhe, a bebida não o afetará. O Mestre sabia que simples palavras não levam um homem a largar hábitos profundamente enraizados, mas que a influência silenciosa do amor operava milagres. Por conseguinte, jamais pediu-lhe para largar o álcool, o que teve como resultado, o fato de Girish por fim, abandonar esse hábito. Sri Ramakrishna fortalecera a resolução de Girish ao permitir que ele sentisse que era absolutamente livre.

Um dia Girish sentiu-se deprimido pelo fato de não se sentir capaz de se submeter a qualquer rotina de disciplina espiritual. Em estado exaltado, o Mestre disse-lhe: "Está bem, dê-me sua procuração. Daqui para frente assumo suas responsabilidades. Você não tem que fazer nada." Girish deu um suspiro de alívio. Sentia-se feliz em pensar que Sri Ramakrishna havia assumido suas responsabilidades espirituais. O pobre Girish, porém, não havia compreendido que ele também, de sua parte, tinha que desistir de sua liberdade e tornar-se uma marionete nas mãos de Sri Ramakrishna. O Mestre começou a discipliná-lo de acordo com sua nova atitude. Um dia Girish disse a respeito de um assunto banal, "Sim, farei isso", "Não, não", o Mestre corrigiu-o. "Você não deve falar dessa maneira egoísta. Deve dizer, "Se Deus quiser, farei isso". Girish compreendeu. Daí por diante esforçou-se para abandonar toda idéia de responsabilidade pessoal e entregar-se à Vontade Divina. Sua mente começou a morar constantemente em Sri Ramakrishna. Essa meditação inconsciente ao longo do tempo, purificou seu espírito turbulento.

Os devotos chefes de família geralmente visitavam Sri Ramakrishna nos domingos à tarde e nos feriados. Assim uma camaradagem fraternal gradualmente formou-se e o Mestre encorajava esse sentimento fraternal. De vez em quando aceitava um convite para ir à casa de um devoto, para o que outros devotos eram também convidados. Organizavam um kirtan e passavam horas dançando e entoando músicas devocionais. O Mestre entrava em transe ou abria o coração em narrações religiosas e contava suas próprias experiências espirituais. Muitas pessoas que não podiam ir a Dakshineswar participavam desses encontros e sentiam-se abençoados. Tal evento finalizava com uma festa suntuosa.

Era, contudo, na companhia de jovens devotos, almas puras ainda não maculadas pelo mundanismo, que Sri Ramakrishna experimentava a maior alegria. Entre os jovens que mais tarde abraçaram a vida familiar, encontravam-se Narayan. Paltu, o jovem Naren, Tejchandra e Purna. Visitavam, às vezes, o Mestre com forte oposição de suas famílias.

Purna

Purna era um rapazinho de treze anos que Sri Ramakrishna descrevia como um Isvarakoti, uma alma nascida com qualidades espirituais especiais. O Mestre dizia que Purna era o último do grupo de brilhantes devotos que uma vez vira em transe e que viriam a ele para receber iluminação espiritual. Purna disse a Sri Ramakrishna, em seu segundo encontro, "O senhor é o Próprio Deus encarnado em carne e sangue." Tais palavras vindas de um simples jovem, mostravam de que estofo ele era constituído.

Mahimacharan e Pratap Hazra

Mahimacharan e Pratap eram dois devotos que se sobressaíam por suas pretensões e manias. O Mestre, entretanto, mostrou-lhes seu amor infatigável e doçura., embora ele estivesse ciente de suas limitações. Mahimacharan Chakvararty havia encontrado o Mestre muito antes da chegada dos outros discípulos. Ele havia tido a intenção de levar uma vida espiritual, mas um forte desejo de conquistar nome e fama constituía sua fraqueza. Afirmava ter sido iniciado por Tota Puri e costumava dizer que seguia o caminho do conhecimento segundo as instruções de seu guru. Possuía uma grande biblioteca de livros em inglês e sânscrito. Embora fingisse ter lido todos, a maior parte das páginas não haviam sido cortadas. O Mestre conhecia todas as suas limitações, embora apreciasse ouvi-lo citar os Vedas e outras escrituras. Sempre mandou que Mahima meditasse no significado dos textos das escrituras e praticasse disciplina espiritual.

Pratap Hazra, um senhor de meia idade, era natural de um vilarejo perto de Kamarpukur. Não era completamente indiferente aos sentimentos religiosos. Num impulso de momento havia abandonado sua casa, mãe idosa, esposa e filhos para se refugiar no templo de Dakshineswar, aonde tinha a intenção de levar uma vida espiritual. Adorava discutir e o Mestre muitas vezes citava-o como um exemplo de argumentação estéril. Era extremamente crítico em relação aos outros e vangloriava-se de seu próprio adiantamento espiritual. Era malicioso e muitas vezes procurou perturbar as mentes dos jovens discípulos do Mestre, criticando-os por sua vida feliz e alegre e mandando que eles dedicassem seu tempo à meditação. O Mestre de modo provocante, comparava Hazra a Jatila e Kutila, as duas mulheres que sempre criavam aborrecimentos a Krishna em seu relacionamento com as gopis e dizia que Hazra vivia em Dakshineswar para "engrossar o caldo", acrescentando complicações.

Alguns Homens Importantes

Sri Ramakrishna também relacionou-se com muitas pessoas dotadas de erudição e riqueza que as faziam ser respeitadas em todos os lugares. Poucos anos antes, havia encontrado Devendranath Tagore, famoso em toda Bengala, por sua riqueza, erudição, caráter santo e posição social. O Mestre, contudo, achou-o decepcionante, porque embora Sri Ramakrishna estivesse esperando encontrar um santo com renúncia completa do mundo, Devendrananth combinava sua santidade com uma vida de prazer. Sri Ramakrishna conheceu o grande poeta Michael Madhusudan, que havia aderido ao cristianismo "por bem do seu estômago". A ele o Mestre não pôde dar instrução porque a Mãe Divina "prendeu sua língua". Além deles, conheceu Maharaja Jatindra Mohan Tagore, um aristocrata de Ben-gala; Kristodas Pal, editor, reformador social e patriota; Iswar Vidyasagar, notável filantropo e educador; Pundit Shashadhar, grande expoente da ortodoxia hindu; Aswini Kumar Dutta, mestre, moralista e líder do nacionalismo indiano e Bankim Chatterji, magistrado, novelista, ensaísta e um dos criadores da prosa bengali moderna. Sri Ramakrishna não era homem de se deslumbrar pela aparência externa, glória ou eloqüência. Um pundit sem discriminação era olhado por ele como uma simples palha. Buscava nos corações das pessoas, a luz de Deus e faltando isso, nada tinha a ver com eles.

Kristodas Pal

O europeizado Kristodas Pal não apreciava a ênfase dada por Sri Ramakrishna à renúncia e dizia: "Senhor, essa tendência à renúncia quase arruinou o país. É por esta razão que a Índia é hoje em dia uma nação subjugada. Fazer o bem às pessoas, trazer educação à porta do ignorante e sobretudo, melhorar as condições materiais do país – esse é o nosso dever agora. O grito de religião e renúncia iriam, ao contrário, enfraquecer-nos. O senhor deveria aconselhar os jovens de Bengala a lançarem-se somente em atos que elevem o espírito o país." Sri Ramakrishna lançou um olhar perscrutador e não encontrou luz divina dentro dele. "O senhor, homem de pouco entendimento!" disse Sri Ramakrishna asperamente. "Ousa desprezar com esses termos, renúncia e piedade, que nossas escrituras descrevem como as maiores de todas as virtudes. Depois de ter lido duas páginas em inglês, pensa que chegou a conhecer o mundo! Parece pensar que é onisciente. Bem, já viu esses pequenos caranguejos que nascem no Ganges assim que as chuvas começam? Nesse imenso universo você é ainda mais insignificante do que uma dessas pequenas criaturas. Como ousa falar de ajudar o mundo? O Senhor olhará por isso. Você não possui poder para fazer isso." Depois de uma pausa, o Mestre continuou: "Pode explicar-me como pode trabalhar pelos outros? Sei o que quer dizer por ajudá-los. Alimentar um certo número de pessoas, tratá-las quando estiverem doentes, construir estradas ou cavar um poço – não é tudo isso? Esses são atos bons, sem dúvida, mas como são insignificantes em comparação com a vastidão do universo! Qual a distância que um homem pode avançar nessa linha? Quantas pessoas você pode salvar da fome? A malária destruiu uma vila inteira; o que você pode fazer para cessar o seu assalto? Só Deus cuida do mundo. Que o homem primeiro O realize. Que o homem primeiro consiga a autoridade de Deus e seja dotado de Sua força somente então, pode ele pensar em fazer bem aos outros. Um homem deve primeiro ser destituído de todo egoísmo. Só assim a Bem-aventurada Mãe lhe pedirá para trabalhar pelo mundo." Sri Ramakrishna desacreditava na filantropia que pretendia ser considerada caridade. Prevenia às pessoas contra ela. Via na maioria dos atos filantrópicos apenas o egoísmo, vaidade, desejo de glória, um estéril passatempo para matar o tédio da vida ou uma tentativa de aliviar uma consciência culpada. Caridade verdadeira, ensinava, é o resultado do amor a Deus – serviço à humanidade, com espírito de adoração.

Discípulos Monásticos

Os discípulos que o Mestre treinou para a vida monástica foram os seguintes:
Narendranath Dutta (Swami Vivekananda)
Rakhal Chandra Ghosh (Swami Brahmananda)
Gopal Sur (Swami Advaitananda)
Baburam Ghosh (Swami Premananda)
Taraknath Ghoshal (Swami Shivananda)
Jogindranath Choudhury (Swami Jogananda)
Sashibhushan Chakravarty (Swami Ramakrish-nananda)
Saratchandra Chakravarty (Swami Saradananda)
Latu (Swami Adbhutananda)
Nitya Niranjan Sen (Swami Niranjanananda)
Kaliprasad Chandra (Swami Abhedananda)
Harinath Chattopadhyaya (Swami Turiyananda)

Sarada Prasanna (Swami Trigunatitananda)
Gangadhar Ghatak (Swami Akhandananda)
Subodh Ghosh (Swami Subodhananda)
Hariprasanna Chatterji (Swami Vijnanananda)

Latu

O primeiro desses jovens que chegou para o Mestre foi Latu. Nascido de pais desconhecidos em Belur, veio a Calcutá à procura de trabalho e foi empregado por Ramchandra Dutta como ajudante dos serviços domésticos. Tomando conhecimento da santidade de Sri Ramakrishna, visitou o Mestre em Dakshineswar e ficou profundamente tocado por sua cordialidade. Quando estava de saída, o Mestre pediu-lhe que aceitasse algum dinheiro para voltar para casa de barco ou de carruagem, mas Latu declarou que tinha uns trocados que fez tilintar em seu bolso. Sri Ramakrishna mais tarde pediu a Ram para permitir a Latu ficar com ele permanentemente. Sob a orientação de Sri Ramakrishna, Latu fez grande progresso na meditação e foi abençoado com êxtases, mas todos os esforços do Mestre para lhe dar uma educação rudimentar foram em vão. Latu era um amante do kirtan e outras canções devocionais, mas permaneceu iletrado toda sua vida.

Rakhal

Mesmo antes da chegada de Rakhal a Dakshineswar, o Mestre havia tido visões dele como seu filho espiritual e como companheiro de Krishna em Vrindavan. Rakhal nasceu numa família rica. Na infância apresentou maravilhosos traços espirituais e costumava brincar de adorar deuses e deusas. Na adolescência casou-se com uma irmã de Manomohan Mitra, de quem ouviu falar do Mestre, pela primeira vez. Seu pai fez objeção à sua associação com Sri Ramakrishna, mas depois ficou mais tranqüilo ao saber que muitas pessoas importantes visitavam Dakshineswar. O relacionamento entre o Mestre e seu amado discípulo era o de mãe e filho. Sri Ramakrishna permitia a Rakhal muitas liberdades negadas aos outros, mas não hesitava em castigar seu menino por suas ações erradas. Uma vez Rakhal sentiu um ciúme infantil porque achava que outros rapazes estavam recebendo afeição do Mestre, mas logo superou esse sentimento e compreendeu que seu guru era o Guru de todo o universo. O Mestre preocupou-se quando soube de seu casamento, mas ficou aliviado ao saber que a esposa era uma alma espiritualizada e que não seria entrave ao seu progresso.

Gopal Mais Velho

Gopal Sur de Sinthi veio para Dakshineswar já numa idade avançada e por isso foi chamado Gopal Mais Velho. Havia perdido a esposa e o Mestre consolou-o na sua tristeza. Logo renunciou ao mundo e dedicou-se integralmente à meditação e à oração. Alguns anos mais tarde Gopal doou ao Mestre as roupas ocres com as quais esse último iniciou muitos dos seus discípulos na vida monástica.

Narendra

A fim de espalhar sua mensagem pelos quatro cantos da terra, Sri Ramakrishna necessitava de um forte instrumento. Com o corpo delicado e pernas frágeis, não tinha condição de fazer viagens a grandes distâncias. Esse instrumento foi encontrado em Narendranath Dutta, seu querido Naren, mais tarde conhecido mundialmente como Swami Vivekananda. Mesmo antes de encontrá-lo, o Mestre o havia visto numa visão como um sábio, absorvido na meditação do Absoluto e que havia concordado, a pedido de Sri Ramakrishna em tomar um corpo humano para ajudá-lo em seu trabalho.

Narendranath nasceu em Calcutá no dia 12 de janeiro de 1863, de uma família aristocrática kayastha. Sua mãe vivia mergulhada nos épicos hindus e seu pai, um grande promotor da Alta Corte de Calcutá, era agnóstico a respeito de religião, um amigo dos pobres, um zombador das convenções sociais. Mesmo em sua meninice e juventude, Narendra possuía grande coragem física e presença de espírito, imaginação viva, profundo poder de pensamento, inteligência aguda, memória extraordinária, amor pela verdade, paixão pela pureza, espírito de independência e coração terno. Músico exímio, também possuía bons conhecimentos em física, astronomia, matemática, filosofia, história e literatura. Ao crescer tornou-se um rapaz muito bonito. Mesmo quando criança praticava meditação e apresentava um grande poder de concentração. Embora livre e apaixonado em palavra e ação, tomou o voto de austera castidade religiosa e jamais permitiu que o fogo da pureza fosse extinto pela mais tênue mácula do corpo ou da alma.

Como havia lido na universidade os filósofos ocidentais racionalistas do século XX, sua fé infantil em Deus e na religião ficou abalada. Não acreditava na religião por mera fé; desejava demonstração sobre a existência de Deus, mas logo sua natureza apaixonada, insatisfeita com uma mera abstração, necessitava de um apoio concreto para suas horas de tentação. Desejava um poder externo, um guru que, encarnando a perfeição, acalmaria a agitação de sua alma. Atraído pela personalidade magnética de Keshab, juntou-se ao Brahmo Samaj e tornou-se cantor no coro, mas no Samaj não encontrou o guru que podia dizer que havia visto Deus. Em estado de conflito mental e tortura d'alma, Narendra veio para Sri Ramakrishna em Dakshineswar. Tinha então dezoito anos de idade e estava no secundário há dois anos. Entrou no aposento de Sri Ramakrishna acompanhado de alguns amigos inconseqüentes. A pedido de Sri Ramakrishna cantou algumas canções, despejando nelas toda sua alma e o Mestre entrou em samadhi. Alguns minutos mais tarde, Sri Ramakrishna subitamente levantou-se, pegou Narendra pela mão e levou-o até a varanda com telas, de seu quarto, ao norte. Estavam sós. Dirigindo-se a Narendra de forma terna, como se fossem amigos há muito tempo, o Mestre disse-lhe: "Ah! Você chegou muito tarde. Por que foi tão indelicado comigo a fim de me fazer esperar todos esses dias? Meus ouvidos estão cansados de ouvir palavras fúteis dos homens do mundo. Ó, como venho ansiando despejar todo meu espírito no coração de alguém capaz de receber minha mensagem!" Assim falava, soluçando o tempo todo. Então, de pé defronte de Narendra, com as mãos postas, dirigiu-se ao jovem como Narayana, nascido na terra a fim de remover a miséria da humanidade. Segurando a mão de Narendra, pediu-lhe para voltar sozinho e brevemente. Narendra estava estarrecido, "O que é isso que vim ver?" disse para si mesmo. "Ele deve estar completamente louco. Qual a razão disso, eu que sou filho de Viswanath Dutta. Como ousa falar comigo dessa maneira?"

Quando voltaram para o aposento e Narendra ouviu o Mestre falando com os outros, ficou surpreendido em encontrar em suas palavras, uma lógica interior, uma sinceridade admirável e uma prova convincente de sua espiritualidade. Em resposta à pergunta de Narendra, "Senhor, já viu Deus?" O Mestre disse: "Sim, Vi-O e de forma mais tangível do que vejo você. Falei-Lhe de forma mais íntima do que aquela que estou falando com você." Continuando o Mestre disse: "Mas, meu filho, quem quer ver Deus? As pessoas choram jarros de lágrimas por dinheiro, esposa e filhos, mas se chorassem por Deus, somente por um dia, certamente O veria." Narendra estava extasiado. Não poderia duvidar dessas palavras. Era a primeira vez que ouvia um homem dizer que havia visto Deus. Mas ele não podia conciliar essas palavras do Mestre, com a cena que ocorrera na varanda apenas alguns minutos atrás. Concluiu que Sri Ramakrishna era um monomaníaco e voltou para casa ainda mais confuso.

Durante sua segunda visita, que ocorreu um mês mais tarde, subitamente, a um toque do Mestre, Narendra sentiu-se tomado e viu as paredes do quarto e tudo em volta rodando e desaparecendo. "O que o senhor está fazendo comigo?" gritou aterrorizado. "Tenho pai e mãe em casa." Vi seu próprio ego e todo o mundo quase que tragado pelo vazio sem nome. Com uma risada, o Mestre facilmente o fez voltar ao seu estado normal. Narendra pensou que estivesse sido hipnotizado, mas não pôde compreender como um monomaníaco poderia ter lançado encantamento na mente de uma pessoa forte como ele. Voltou para casa ainda mais confuso do que nunca e resolveu que dali para frente, ficaria em guarda contra aquele estranho homem.

Em sua terceira visita Narendra não se saiu melhor. Dessa vez, ao toque do Mestre, perdeu completamente a consciência. Enquanto ainda estava naquele estado, Sri Ramakrishna perguntou-lhe a respeito de seus antecedentes espirituais e origem, sua missão neste mundo e a duração de sua vida mortal. As respostas confirmaram o que o Mestre sabia e havia deduzido. Entre outras coisas veio a saber que Narendra era um sábio que havia atingido a perfeição e que, no dia em que conhecesse sua verdadeira natureza, abandonaria o corpo através da yoga, por um ato de vontade.

Uns poucos encontros a mais removeram completamente da mente de Narendra os últimos traços de que Sri Ramakrishna pudesse ser um monomaníaco ou um hipnotizador hábil. Sua integridade, pureza, renúncia e ausência de egoísmo eram inquestionáveis, mas Narendra não podia aceitar um homem, um mortal imperfeito, como seu guru. Como membro do Brahmo Samaj, não podia aceitar que um intermediário humano fosse necessário entre o homem e Deus. Além do mais, abertamente ria das visões de Sri Ramakrishna, considerando-as alucinações. No fundo do coração, porém, nutria um grande amor pelo Mestre.

Sri Ramakrishna estava grato à Mãe Divina por lhe ter enviado alguém que duvidava de suas realizações. Muitas vezes pedia a Narendra para testá-lo como os cambistas testam suas moedas. Ele ria da crítica mordaz de Narendra sobre suas experiências espirituais e samadhi. Quando as palavras sarcásticas de Narendra magoavam-no, a Própria Mãe Divina consolava-o, dizendo: "Por que você dá ouvidos a ele? Em poucos dias ele vai acreditar em cada uma das suas palavras." Mal podia agüentar as ausências de Narendra. Muitas vezes chorou amargamente para vê-lo. Às vezes Narendra achava que o amor do Mestre era constrangedor e um dia repreendeu-o asperamente, advertindo-o de que tal amor o levaria ao nível de seu objeto. O Mestre ficou amargurado e orou à Mãe Divina. Disse a Narendra: "Seu patife, não vou ouvi-lo nunca mais. A Mãe diz que o amo porque vejo Deus em você e que no dia em que eu não vir Deus em você, não poderei suportar sua presença."

O Mestre queria transmitir para Narendra os ensinamentos da filosofia da Vedanta não-dualista. Narendra, porém, devido à sua educação Brahmo, achava uma blasfêmia considerar um homem uno com seu Criador. Um dia no templo, rindo, disse a um amigo: "Que bobagem! Esse suco é Deus! Essa xícara é Deus! Tudo o que vejo é Deus! E nós, também, somos Deus! Nada pode ser mais absurdo." Sri Ramakrishna saiu do aposento e gentilmente tocou-o. Fascinado, imediatamente perce-beu que tudo no mundo era realmente Deus. Um novo universo abriu-se em sua volta. Voltando para casa num estado de torpor, aí também viu que a comida, o prato, o que comia, as pessoas em sua volta, era tudo Deus. Quando andava pela rua, viu que as carruagens, os cavalos, as pessoas, os edifícios eram todos Brahman. Mal pôde executar suas obrigações do dia. Seus pais, preocupados com ele, julgaram-no doente. Quando a intensidade da experiência diminuiu um pouco, viu o mundo como um sonho. Andando na praça pública, batia com a cabeça contra as grades de ferro a fim de constatar se eram reais. Levou vários dias até que recobrasse seu eu normal. Havia tido o vislumbre das grandes experiências ainda por ocorrerem e compreendeu que as palavras da Vedanta eram verdadeiras.

No começo de 1884 o pai de Narendra morreu subitamente de um ataque de coração, deixando a família na mais extrema miséria. Havia seis ou sete bocas para comer em casa. Credores batiam à porta. Parentes que antes aceitavam a bondade ilimitada de seu pai, agora tornaram-se inimigos, alguns deles mesmo entraram na justiça para tirar de Narendra a casa ancestral. Agora faminto e descalço, Narendra procurou um emprego, mas sem sucesso. Começou a duvidar se em algum lugar desse mundo havia uma tal coisa como simpatia desinteressada. Duas mulheres ricas fizeram-lhe propostas indecorosas, prometendo-lhe livrá-lo de sua desgraça, mas ele as rejeitou com desprezo.

Narendra começou a falar de sua dúvida sobre a verdadeira existência de Deus. Seus amigos pensaram que ele havia se tornado ateu e impiedosamente fizeram comentários aduzindo motivos escusos para sua descrença. Mesmo alguns discípulos do Mestre acreditaram em parte e Narendra disse-lhes diretamente que, somente um covarde acreditaria em Deus por medo do sofrimento ou do inferno. Ficou, porém, amargurado ao pensar que Sri Ramakrishna também pudesse acreditar em tais rumores falsos. Seu orgulho revoltou-se. Disse para si mesmo: "O que importa? Se o bom nome de um homem repousa em fundamentos tão fracos, não me importo." Mais tarde, porém, veio a saber com admiração, que o Mestre jamais perdera a fé nele. A um discípulo que se queixou da degradação de Narendra, Sri Ramakrishna respondeu: "Cale-se, seu tolo! A Mãe disse-me que jamais poderá ser assim. Não vou mais olhar para você, se continuar a falar dessa maneira."

Chegou a hora em que o infortúnio de Narendra atingiu seu clímax. Tinha passado o dia todo sem comida. Como estava voltando para casa ao anoitecer, mal podia levantar as pernas cansadas. Sentou-se defronte a uma casa, exausto, tão fraco que nem podia pensar. A mente começou a divagar. Subitamente o poder divino levantou o véu que envolvia sua alma. Havia encontrado a solução para o problema da coexistência da justiça divina e miséria, a presença do sofrimento da criação de uma Providência Bem-aventurada. Sentiu o corpo reanimado, a alma banhada em paz e dormiu serenamente.

Narendra então compreendeu que tinha uma missão espiritual a cumprir. Resolveu renunciar ao mundo, como seu avô havia feito e foi ter com Sri Ramakrishna para receber sua bênção. Mas mesmo antes de falar, o Mestre já sabia o que ele tinha em mente e chorou amargamente ao pensamento de separação. "Sei que você não pode levar uma vida mundana", disse ele, "mas por minha causa, viva no mundo enquanto eu viver."

Um dia, pouco tempo depois, Narendra pediu a Sri Ramakrishna que orasse à Mãe Divina para remover sua pobreza. Sri Ramakrishna mandou que ele pedisse pessoalmente à Ela, uma vez que Ela certamente o atenderia. Narendra entrou no santuário de Kali. Assim que ficou de pé diante da imagem, viu-A como uma Deusa viva, pronta para lhe conceder sabedoria e liberação. Incapaz de lhe pedir pequenas coisas mundanas, apenas orou por conhecimento e renúncia, amor e liberação. O Mestre censurou-o por ter deixado de pedir à Mãe Divina que removesse sua pobreza e enviou-o de volta ao templo, mas Narendra novamente na presença da Mãe esqueceu-se do motivo de sua ida. Pela terceira vez foi ao templo, a pedido do Mestre e por três vezes regressou, tendo esquecido na presença da Mãe, porque havia ido. Estava conjeturando a respeito, quando subitamente brilhou em sua mente que tudo era obra de Sri Ramakrishna; agora pediu ao próprio Mestre para remover sua pobreza e foi-lhe prometido que sua família não mais teria falta de comida e roupa simples. Essa foi uma experiência rica e marcante para Narendra, que lhe ensinou que Shakti, o Poder Divino, não pode ser ignorado no mundo e que no plano relativo a necessidade de se adorar um Deus Pessoal é imperativa. Sri Ramakrishna não se continha de alegria por essa conversão. No dia seguinte, quase se sentando no colo de Narendra, disse a um devoto, apontando primeiro para si mesmo e em seguida, para Narendra: "Vejo que sou este e também esse. De fato não sinto qualquer diferença. Uma vara flutuando no Ganges parece dividir a água, mas na realidade, a água é uma. Compreende? Bem, tudo é a Mãe, não é?" Anos mais tarde, Narendra diria: "Sri Ramakrishna foi a única pessoa que conheci que acreditou em mim integralmente, o tempo todo. Até minha mãe e meus irmãos não agiram assim. Foi sua crença inabalável e seu amor por mim que me fizeram ficar ligado a ele para sempre. Só ele sabia amar. As pessoas do mundo somente dão um espetáculo de amor com intuitos egoístas."

Tarak

Outros que estavam destinados a se tornarem discípulos monásticos, vieram para Dakshineswar. Taraknath Ghoshal havia sentido desde a meninice, o nobre desejo de realizar Deus. Keshab e o Brahmo Samaj atraíram-no, mas não satisfizeram seus anseios. Em 1882 encontrou pela primeira vez o Mestre na casa de Ramchandra e ficou impressionado ao ouvi-lo falar de samadhi, um assunto que sempre havia fascinado sua mente. Naquela tarde realmente viu uma manifestação do estado de consciência além dos sentidos do Mestre. Tarak tornou-se um visitante assíduo de Dakshineswar e recebeu a graça do Mestre com abundância. O jovem rapaz muitas vezes sentiu fervor extático durante a meditação. Também chorava profundamente enquanto meditava em Deus. Sri Ramakrishna disse-lhe: "Deus dá Sua graça àqueles que podem chorar por Ele. Lágrimas derramadas por Deus apagam os pecados das encarnações anteriores."

Baburam

Baburam Ghosh veio para Dakshineswar acompanhado por Rakhal, seu colega de colégio. O Mestre, como acontecia muitas vezes, examinou a fisionomia do rapaz e ficou satisfeito com sua espiritualidade latente. Com a idade de oito anos, Baburam pensou em levar uma vida de renúncia, na companhia de um monge, numa cabana isolada da curiosidade pública por um espesso muro de árvores. A simples visão do Panchavati despertou em seu coração aquele sonho de menino. Baburam era terno de corpo e alma. O Mestre costumava dizer que ele era puro até o fundo de seus ossos. Um dia Hazra, com seu costumeiro jeito maldoso, aconselhou Baburam e alguns outros jovens, a pedir a Sri Ramakrishna alguns poderes espirituais e não desperdiçar suas vidas em simples brincadeiras. O Mestre pressentindo a malícia, chamou Baburam à parte e disse-lhe: "O que você pode me pedir? Tudo o que possuo já não é seu? Sim, tudo o que adquiri em forma de realização é para o bem de todos vocês. Deixe de lado, portanto, a idéia de pedir, que afasta criando distância. Ao contrário, realize sua afinidade comigo e ganhe a chave de todos os tesouros."

Niranjan

Nitya Niranjan Ghosh foi um discípulo do tipo heróico. Chegou ao Mestre quando tinha dezoito anos. Era um médium de um grupo de espíritas. Durante sua primeira visita o Mestre disse-lhe: "Meu filho, se você pensar o tempo todo em fantasmass, você se tornará um fantasma e se você pensar em Deus, se tornará Deus. Agora, das duas atitudes, qual a que você prefere?" Niranjan cortou todas as suas relações com os espíritas. Durante sua segunda visita o Mestre abraçou-o e disse afetuosamente: "Niranjan, meu rapaz, os dias estão se esvaindo. Quando você vai realizar Deus? Sua vida terá sido em vão, se você não O realizar. Quando vai devotar a mente totalmente a Deus?" Niranjan estava surpreso com a grande ansiedade do Mestre pelo seu bem-estar espiritual. Era um jovem dotado de qualidades espirituais fora do comum. Sentia desdém pelos prazeres do mundo e era completamente puro como uma criança. Tinha, porém, um temperamento violento. Um dia quando ia a Dakshineswar de barco, alguns passageiros começaram a falar mal do Mestre. Como não ligassem para seu protesto, Niranjan começou a balançar o bote, ameaçando afundá-lo na correnteza. Isso fez calar os ofensores. Ao contar ao Mestre o incidente, este recriminou sua inabilidade em controlar a raiva.

Jogindra

Jogindranath, ao contrário, era gentil ao extremo. Um dia, sob circunstâncias semelhantes àquelas que provocaram a ira de Niranjan, controlou a raiva e ficou em paz, ao invés de ameaçar os ofensores de Sri Ramakrishna. O Mestre, tomando conhecimento de sua conduta, recriminou-o profundamente. Assim a falta de um foi considerada virtude para o outro. O guru estava tentando desenvolver no primeiro, tranqüilidade e no segundo, ânimo. O objetivo desse treino era construir através de um reconhecimento tático das necessidades de cada caso, o caráter do devoto.

Jogindranath vinha de uma família brahmin aristocrática de Dakshineswar. Seu pai e parentes compartilhavam da crença popular sobre a santidade de Sri Ramakrishna. Desde a mais tenra idade, o rapaz desenvolveu tendências religiosas, gastando duas ou três horas em meditação e seu encontro com Sri Ramakrishna aprofundou seu desejo de realizar Deus. Tinha um verdadeiro horror ao casamento, mas a pedido insistente da mãe, teve de ceder e então, pensou que seu futuro espiritual havia ficado comprometido. Por conseguinte, manteve-se afastado do Mestre.

Sri Ramakrishna utilizou um estratagema para trazer Jogindra de volta para ele. Assim que o discípulo entrou no quarto, o Mestre precipitou-se ao encontro do jovem. Segurando a mão do discípulo, disse: "O que tem que você se casou? Não sou eu também, casado? De que ter medo?" Mostrando seu peito: "Se esse (referindo-se a si próprio) está de acordo, então mesmo cem mil casamentos não podem lhe fazer mal. Se desejar levar uma vida de chefe de família, traga sua esposa um dia aqui e farei com que ela se torne uma verdadeira companheira no seu progresso espiritual. Mas se quiser levar uma vida monástica, então tirarei seu apego ao mundo." Jogin ficou emudecido com essas palavras. Recebeu nova força e seu espírito de renúncia foi restabelecido.

Sashi e Sarat

Sashi e Sarat eram dois primos que vinham de uma piedosa família de Calcutá. Desde tenra idade haviam se juntado ao Brahmo Samaj e tinham estado sob a influência de Keshab Sen. O Mestre lhes havia dito no primeiro encontro: "Se os tijolos e azulejos forem queimados depois que a marca de fábrica tiver sido estampada, a marca ficará ali para sempre. De maneira semelhante o homem deve estar marcado por Deus antes de entrar no mundo. Então ele não se apegará ao mundanismo." Como estivesse completamente consciente do curso de suas vidas, pediu-lhes para não se casarem. O Mestre perguntou a Sashi se ele acreditava em Deus com forma ou em Deus sem forma. Sashi respondeu que nem mesmo tinha certeza da existência de Deus; assim não poderia falar nem de uma coisa nem de outra. Essa resposta franca agradou muito ao Mestre.

A alma de Sarat ansiava pela realização completa de Deus. Quando o Mestre lhe perguntou se havia uma forma particular de Deus que ele desejasse ver, o rapaz disse que gostaria de ver Deus em todos os seres vivos do mundo, "Mas", o Mestre objetou, "essa é a última palavra em realização. Não pode tê-la logo no começo." Sarat ponderou calmamente, "Não ficarei satisfeito com nada inferior a este estado. Caminharei ao longo de todo o caminho até que atinja esse estado abençoado." Sri Ramakrishna ficou muito satisfeito.

Harinath

Harinath tinha levado a vida austera de um brahmachari desde a tenra juventude – banhando-se no Ganges todos os dias, cozinhando a própria comida, andando antes do sol nascer e recitando o Gita de cor antes de se levantar. Encontrou no Mestre a encarnação das verdades da Vedanta. Aspirando ser um seguidor do asceta Shankara, alimentava um grande ódio pelas mulheres. Um dia disse ao Mestre que não permitia que nem mesmo meninas pequenas se aproximassem dele. O Mestre o repreendeu e disse: "Você está falando como um tolo. Por que odeia as mulheres? Elas são as manifestações da Mãe Divina. Olhe-as como sua própria mãe e assim, jamais sentirá sua influência má. Quanto mais você as odiar, mais cairá nas suas armadilhas." Hari mais tarde disse que essas palavras mudaram radicalmente sua atitude em relação às mulheres.
O Mestre conhecia a paixão de Hari pela Vedanta, mas não queria que nenhum de seus discí-pulos se tornasse um asceta seco ou um mero traça de livro. Pediu a Hari para praticar a Vedanta na vida diária, renunciando ao irreal e seguindo o Real. "Mas não é fácil", disse Sri Ramakrishna, "reali-zar o caráter ilusório do mundo. Apenas o estudo não adianta muito. É necessária a graça de Deus. Mero esforço pessoal é fútil. Afinal de contas, o homem é uma pequena criatura, de poderes muito limitados, mas ele pode atingir o impossível se orar a Deus pedindo Sua graça. O Mestre então entoou uma canção em louvor à graça. Hari ficou muito comovido, com lágrimas nos olhos. Mais tarde Hari conseguiu atingir uma síntese maravilhosa dos ideais do Deus Pessoal e da Verdade Impessoal.

Gangadhar

Gangadhar, amigo de Harinath, também levou uma vida estrita de brahmacharya, alimentando-se de comida vegetariana, feita por suas próprias mãos e dedicando-se ao estudo das escrituras. Encontrou o Mestre em 1884 e logo tornou-se membro de seu círculo íntimo. O Mestre elogiava seus hábitos ascetas e atribuía-os a disciplinas espirituais em vidas passadas. Gangadhar tornou-se um companheiro íntimo de Narendra.

Hariprasanna

Hariprasanna, um estudante secundário, visitou o Mestre na companhia de seus amigos Sashi e Sarat. Sri Ramakrishna concedeu-lhe grande privilégio, iniciando-o na vida espiritual. Enquanto viveu, Hariprasanna lembrou-se e conservou o conselho drástico do Mestre: "Mesmo se uma mulher for pura como ouro e rolar no chão por amor a Deus, é sempre perigoso para um monge, olhar para ela."

Kali

Kaliprasad visitou o Mestre no final de 1883 dado à prática da meditação e do estudo das escrituras. Kali era particularmente interessado em yoga. Sentindo a necessidade de um guru na vida espiritual, veio ao Mestre e foi aceito como discípulo. O jovem possuía uma mentalidade racional e muitas vezes sentia-se céptico a respeito do Deus Pessoal. O Mestre lhe disse: "Suas dúvidas logo desaparecerão. Outros também passaram por esse estado mental. Olhe para Naren. Agora chora ao ouvir o nome de Radha e Krishna." Kali começou a ter visões de deuses e deusas. Logo elas desapareceram e, em meditação, começou a experimentar a vastidão infinita e outros atributos do Brahman Impessoal.

Subodh

Subodh visitou o Mestre em 1885. Já no primeiro encontro, Sri Ramakrishna disse-lhe: "Você será bem sucedido. A Mãe diz isso. Aqueles que Elas nos envia, certamente alcançarão a espiritualidade." No segundo encontro o Mestre escreveu algo na língua de Subodh, tocou seu corpo desde o umbigo até a garganta e disse: "Desperta, Mãe! Desperta!" Pediu ao rapaz para meditar. Imediatamente a espiritualidade latente de Subodh foi despertada. Sentiu uma corrente percorrendo a coluna espinal até o cérebro. A alegria encheu sua alma.

Sarada

Mais um jovem rapaz, de nome Sarada Prasanna, completa o pequeno grupo de discípulos do Mestre que mais tarde abraçaram a vida de monge errante. A exceção do velho Gopal, todos eram adolescentes ou um pouco mais. Vinham de famílias bengalis de classe média e a maioria era estudante da escola primária e secundária. Seus pais e familiares haviam planejado para eles carreiras brilhantes no mundo. Vieram a Sri Ramakrishna com os corpos puros, mentes vigorosas e almas não contaminadas. Todos haviam nascido com atributos espirituais fora do comum. Sri Ramakrishna aceitou-os à primeira vista, como seus filhos, parentes, amigos e companheiros. Seu toque mágico fê-los desabrochar e mais tarde cada um, conforme sua possibilidade, refletiu a vida do Mestre, tornando-os portadores de sua mensagem, por terra e mar.

Devotas

Com as devotas, Sri Ramakrishna estabeleceu um relacionamento muito terno. Ele próprio personificava os traços suaves de uma mulher; estava estabelecido no mais elevado plano da Verdade, onde não há o menor traço de sexo e sua pureza inata despertava apenas a emoção mais nobre, igualmente nos homens e nas mulheres. Suas devotas muitas vezes disseram: "Raramente olhávamos Sri Ramakrishna como pertencente ao sexo masculino. Nós o considerávamos como uma de nós. Jamais nos sentíamos constrangidas em sua presença. Era o nosso melhor confidente." Elas amavam-no como seu filho, seu amigo e seu mestre. Na disciplina espiritual aconselhava-as a renunciar à luxúria e à ganância e especialmente prevenia-as contra as artimanhas dos homens.

Gopal Ma

Nenhuma devota do Mestre igualou-se em riqueza de devoção e experiências espirituais à Aghoremani Devi, uma brahmin ortodoxa. Tendo ficado viúva em tenra idade, dedicou-se totalmente às atividades espirituais. Gopala, o Menino Krishna, era seu Ideal Escolhido, a quem adorava segundo a atitude vatsalya da religião vaishnava, olhando-O como seu próprio filho. Através d'Ele realizou o amor maternal, cozinhando para Ele, alimentando-O, banhando-O e colocando-O para dormir. Essa doce intimidade valeu-lhe o apelido de Gopala Ma ou Mãe de Gopala. Durante quarenta anos viveu às margens do Ganges, num cômodo pequeno e desnudo, tendo como companheiros somente uma velha cópia do Ramayana e um saquinho contendo seu rosário. Com a idade de sessenta anos, em 1884, visitou Sri Ramakrishna em Dakshineswar. Na segunda visita, assim que o Mestre a viu, disse: "Ó você veio! Dê-me alguma coisa para comer." Hesitando, deu-lhe alguns doces que havia comprado para ele no caminho. O Mestre comeu-os com satisfação e pediu-lhe que trouxesse "curries" simples ou doces preparados por ela mesma. Gopal Ma achou-o um monge estranho porque, ao invés de lhe falar de Deus, sempre lhe pedia comida. Não queria visitá-lo de novo, mas uma força irresistível trou-xe-a ao templo. Trouxe alguns "curries" que ela mesmo havia cozinhado.

Um ano mais tarde, bem cedo, às três horas, Gopal Ma estava prestes a terminar suas devoções diárias, quando viu, estarrecida, Sri Ramakrishna, sentado à sua esquerda, com a mão direita fechada, como a imagem de Gopala. Ficou maravilhada e segurou a mão, quando então a imagem desapareceu e em seu lugar, chegou o verdadeiro Gopala, seu Ideal Escolhido. Gritou de alegria. Gopala pediu-lhe manteiga. Ela desculpou-se por sua pobreza e deu-Lhe alguns doces secos de coco. Gopala sentou-se em seu colo, tirou seu rosário, pulou em seus ombros e andou por todo o quarto. Ao raiar o dia, apressou-se a ir a Dakshineswar, como uma louca. Naturalmente Gopala foi com ela, descansando Sua cabeça em seu ombro. Ela via claramente Seus rosados pés dependurados em seu peito. Entrou no aposento de Sri Ramakrishna. O Mestre havia entrado em samadhi. Como uma criança, sentou-se em seu colo e começou a alimentá-lo com manteiga, creme e outras guloseimas. Depois de um certo tempo, ele recobrou a consciência e voltou para a cama. A mente da Mãe de Gopala, contudo, ainda estava vagando em outro plano. Estava imersa em felicidade. Via Gopala entrando incessantemente no corpo do Mestre e novamente saindo dele. Ao voltar para sua cabana, ainda em estado de deslumbramento, Gopala acompanhou-a.

Ela passou dois meses em comunhão ininterrupta com Deus e o Menino Gopala jamais a abandonou nem por um momento. Então a intensidade de sua visão foi diminuindo; se assim não tivesse ocorrido, seu corpo não teria resistido. O Mestre falbou de forma muito elevada a respeito de sua condição exaltada e disse que tal visão de Deus era uma coisa rara para mortais comuns. O Mestre, que era brincalhão, confrontou o crítico Narendranath com aquela mulher de mentalidade simples. Duas pessoas não poderiam apresentar um contraste tão grande. O Mestre conhecia o desprezo arrogante de Narendra por todas as visões e pediu à velha senhora para contar a Narendra, suas experiências. Hesitante, contou-lhe sua história. De vez em quando interrompia sua conversa maternal para perguntar a Narendra: "Meu filho sou uma pobre mulher ignorante. Nada sei. Você é tão instruído. Agora, diga-me se essas visões de Gopala são verdadeiras." À medida que Narendra ouvia a história, ficava profundamente comovido. Disse: "Sim, Mãe, são verdadeiras." Por trás de seu cinismo, Narendra também possuía um coração cheio de ternura e amor.

A Marcha dos Acontecimentos

Em 1881 Hriday foi despedido do serviço do templo de Kali, devido a uma indiscrição e foi proibido de voltar ao templo. De uma certa maneira a mão da Mãe Divina foi vista mesmo nesse acontecimento. Tendo tomado conta de Sri Ramakrishna, durante seus tormentosos dias de disciplina espiritual, Hriday naturalmente passou a se considerar o único guardião de seu tio. Ninguém podia aproximar-se do Mestre, sem seu conhecimento. Ficava muito ciumento se Sri Ramakrishna prestasse atenção a qualquer outra pessoa. O afastamento de Hriday tornou possível aos verdadeiros devotos do Mestre, aproximarem-se livremente e viverem com ele no templo.

Nos fins de semana, os chefes de família aliviados de suas obrigações de trabalho, visitavam o Mestre. Os encontros nas tardes de domingo tinham o sabor de pequenos festivais. Eram freqüentemente oferecidos lanches. De vez em quando músicos profissionais entoavam cânticos devocionais. O Mestre e os devotos cantavam e dançavam. Sri Ramakrishna muitas vezes entrava em estado extático. A feliz lembrança desses domingos permanecia por longo tempo na memória dos devotos. Aqueles a quem o Mestre desejava dar instrução especial, mandava que o procurassem nas terças-feiras e sábados. Esses dias eram particularmente auspiciosos para o culto de Kali.

Os jovens discípulos destinados a serem monges eram convidados por Sri Ramakrishna nos fins de semana, quando então, os chefes de família não estavam presentes. O treinamento de chefes de família e dos futuros monges tinha que seguir linhas completamente diferentes. Uma vez que M. geralmente visitava o Mestre nos fins de semana, o Evangelho de Sri Ramakrishna não faz muita menção aos futuros discípulos monásticos. Finalmente houve um grupo de discípulos afortunados, chefes de família, assim como jovens, que tiveram o privilégio de passar as noites com o Mestre. Viam-no acordar cedo e andar de um lado para o outro no quarto, cantando com voz doce e conversando afetuosamente com a Mãe.

O Acidente com o Braço do Mestre

Um dia, em janeiro de 1884, o Mestre dirigia-se ao bosque de pinheiros, quando entrou em transe. Estava sozinho. Não havia ninguém para segurá-lo nem guiar seus passos. Caiu e deslocou um dos ossos de seu braço. Esse acidente teve uma influência importante em sua mente, cuja inclinação natural era pairar acima da consciência do corpo. A dor aguda do braço forçou sua mente a permanecer na consciência do corpo e do mundo exterior, mas mesmo nisso viu um propósito divino porque, com a mente obrigada a ficar no plano físico, compreendeu mais do que nunca que era um instrumento nas mãos da Mãe Divina, que tinha uma missão a cumprir através do corpo e da mente. Descobriu também, que no mundo fenomenal, Deus manifesta-Se de uma maneira inescrutável por meio de diversos seres humanos, tanto bons como maus. Assim referia-se a Deus sob o disfarce de mau, Deus sob o disfarce de piedoso, Deus sob o disfarce de hipócrita, Deus sob o disfarce de licencioso. Começou a sentir uma alegria especial observando o jogo divino no mundo relativo. Às vezes o relacionamento humano com Deus parecia-lhe mais atraente do que o Conhecimento de Brahman que tudo apaga. Muitas vezes orava: “Mãe, não me tornes inconsciente através do Conhecimento de Brahman. Não me dês Brahmajnana, Mãe. Não sou Teu filho e naturalmente, tímido? Necessito de minha Mãe. Um milhão de saudações ao Conhecimento de Brahman. Dá esse Conhecimento àqueles que o desejem.” Orava também: “Ó Mãe, deixa-me ficar em contato com os homens! Não me tornes um asceta seco. Desejo gozar Teu jogo no mundo.” Ele era capaz de apreciar essa experiência divina muito rica e gozar o amor de Deus em companhia de Seus devotos porque sua mente, em conseqüência do acidente com o braço, foi obrigada a descer à consciência do corpo. Assim também zombava das pessoas que o proclamavam uma Encarnação Divina, apontando para o braço quebrado e dizendo: “Você já ouviu falar que Deus tivesse quebrado o braço?” A cura do braço levou mais ou menos cinco meses.

Começo da Doença

Em abril de 1885 a garganta do Mestre ficou inflamada. Conversas prolongadas ou absorção em samadhi, fazendo o sangue fluir para a garganta, agravava a dor. Contudo quando o festival anual vaishnava foi celebrado em Panihati, Sri Ramakrishna compareceu, apesar do conselho médico. Com um grupo de discípulos, desgastou-se na música, dança e êxtase. A doença piorou e foi diagnosticada como "dor de garganta do pregador". O paciente foi advertido contra conversa e êxtases. Embora seguisse as recomendações médicas, no que dizia respeito a remédios e dieta, não podia controlar os transes, nem se afastar dos que procuravam o consolo de seus conselhos. Às vezes, como uma criança zangada, queixava-se à Mãe sobre a multidão de pessoas que não lhe davam descanso dia e noite. Ouviam-no dizer a Ela: "Por que trazes aqui tanta gente sem valor, que é como leite diluído em cinco vezes a mesma medida de água? Meus olhos estão quase destruídos, tentando soprar o fogo para secar a água. Minha saúde acabou. Está além de minhas forças. Fazes Tu mesma se quiseres que isso seja feito. Este (apontando para seu próprio corpo) é somente um tambor furado e se Tu continuares a bater nele dia e noite, quanto tempo durará?"
Seu grande coração jamais mandou alguém embora. Dizia: "Que eu seja condenado a nascer muitas vezes, mesmo sob a forma de um cachorro se servir de ajuda a uma simples alma." Agüentava a dor, cantando alegremente. "Que o corpo se preocupe com a doença, mas Tu, Ó mente, mora para sempre na Felicidade de Deus!"
Uma noite teve uma hemorragia na garganta. O médico diagnosticou a doença, como câncer. Narendra foi o primeiro a levar aos discípulos essa notícia arrasadora. Em três dias o Mestre foi removido para Calcutá a fim de ter melhor atendimento. Ficou na casa de Balaram uma semana até que foi encontrado um lugar mais adequado em Syampukur, na parte norte de Calcutá. Durante essa semana dedicou-se praticamente sem descanso, à instrução daqueles discípulos queridos que não podiam visitá-lo com mais freqüência em Dakshineswar. Palestras fluíam de sua boca e muitas vezes entrava em samadhi. Dr. Mahendra Sarkar, o famoso médico homeopata de Calcutá, foi convidado a assumir o tratamento.

Syampukur

No começo de 1885, Sri Ramakrishna foi removido para Syampukur. Ali Narendra organizou os jovens discípulos para que o Mestre fosse atendido dia e noite. No início esconderam a doença do Mestre e de suas famílas, mas quando ela se agravou, permaneceram com ele, praticamente o tempo todo, pondo de lado as objeções de seus parentes e dedicando-se de todo o coração, a tratar de seu querido guru. Esses jovens, sob os olhares atentos do Mestre e sob a direção de Narendra, tornaram-se antaranga bhaktas, devotos do círculo íntimo de Sri Ramakrishna. Tiveram o privilégio de testemunhar muitas manifestações dos poderes divinos do Mestre. Narendra recebeu instruções concernentes à propagação de sua mensagem após sua morte.
A Santa Mãe - assim ficou Sarada Devi afetuosamente conhecida pelos devotos de Sri Ramakrishna – foi trazida de Dakshineswar, a fim de cuidar da cozinha e preparar a dieta especial do paciente. Sendo o lugar de dimensões extremamente limitadas, teve de se adaptar ao exíguo espaço disponível. Às três horas da manhã terminava o banho no Ganges e ia para um lugar pequeno, coberto, no terraço, onde passava o dia inteiro, cozinhando e orando. Depois das onze da noite, quando os visitantes iam embora, descia para um pequeno quarto no primeiro andar, a fim de desfrutar algumas poucas horas de sono. Assim ela passou três meses, trabalhando duro, dormindo pouco e orando incessantemente pela recuperação do Mestre.
Em Syampukur os devotos levavam uma vida intensa. O atendimento ao Mestre era em si mesmo, uma forma de disciplina espiritual. Sua mente elevava-se constantemente a um plano exaltado de consciência. De vez em quando eles eram contagiados pelo seu fervor espiritual. Procuravam adivinhar o significado dessa doença do Mestre, a quem a maioria deles havia aceito como uma Encarnação Divina. Um grupo, encabeçado por Girish, com seu profundo otimismo e grande poder de imaginação, acreditava que a doença era um mero pretexto para servir a um propósito mais profundo. O Mestre havia desejado a doença a fim de manter os devotos unidos e promover solidariedade entre eles. Logo que esse propósito fosse alcançado, ele se livraria da doença. Um segundo grupo pensava que a Mãe Divina em cujas mãos o Mestre era um instrumento, havia ocasionado essa doença para servir Seus misteriosos propósitos. Os jovens racionalistas, liderados por Narendra, porém, recusavam-se a atribuir uma causa sobrenatural a um fenômeno natural. Acreditavam que o corpo do Mestre, uma coisa material, estava sujeito, como todas as outras coisas materiais, às leis físicas. Crescimento, desenvolvimento, decadência e morte eram leis da natureza às quais o corpo do Mestre só poderia estar sujeito. Embora possuindo pontos de vista diferentes, todos acreditavam que somente a ele deveriam recorrer para atingir a meta espiritual.

Apesar dos esforços do médico e das orações e cuidados dos devotos, a doença rapidamente progrediu. A dor às vezes parecia insuportável. O Mestre vivia apenas de alimentação líquida e seu frágil corpo estava se tornando um simples esqueleto. O rosto, contudo, estava sempre irradiando alegria e continuava dando as boas vindas aos visitantes que acudiam em multidão, para receberem suas bênçãos. Quando alguns devotos zelosos quiseram manter os visitantes afastados, foram advertidos por Girish: "Vocês não podem conseguir isso; ele nasceu com essa finalidade – sacrificar-se para a redenção dos outros."

Quanto mais o corpo era consumido pela doença, mais ele se tornava a morada do Espírito Divino. Através de sua transparência os deuses e deusas começaram a brilhar com uma luminosidade crescente. No dia do Kali Puja, os devotos viram claramente nele, a manifestação da Mãe Divina.

Por esta época, notou-se que alguns devotos faziam uma descontrolada exibição de suas emoções. Um certo número deles, particularmente entre os chefes de família, começaram a cultivar, embora a princípio inconscientemente a arte de derramar lágrimas, sacudir o corpo, contorcer o rosto, entrar em transe, tentando dessa maneira, imitar o Mestre. Abertamente começaram a declarar Sri Ramakrishna, uma Encarnação Divina e a se olharem como seus escolhidos, que poderiam negligenciar suas disciplinas espirituais impunemente. Os olhos penetrantes de Narendra compreenderam a situação. Descobriu que algumas dessas manifestações exteriores haviam sido cuidadosamente ensaiadas em casa, enquanto que outras, eram expressões de má nutrição, fraqueza mental ou debilidade nervosa. Desmascarou duramente os devotos que fingiam ter visões e pediu a todos para desenvolver um espírito religioso saudável. Narendra entoava canções inspiradoras para os devotos jovens, lia com eles a Imitação de Cristo e o Gita e colocou à sua frente, os ideais positivos de espiritualidade.

Últimos dias em Cossipore

Quando a doença de Sri Ramakrishna mostrou sinais de agravamento, os devotos, seguindo o conselho do Dr. Sarkar, alugaram uma espaçosa chácara em Cossipore, subúrbio ao norte de Calcutá. O Mestre foi removido para esse lugar, no dia 11 de dezembro de 1885.

Foi em Cossipore que a cortina caiu nas variadas atividades da vida do Mestre no plano físico. Sua alma ainda ia demorar oito meses no corpo. Foi o período de uma grande Paixão, uma crucificação constante do corpo e a revelação triunfante da Alma. Aqui se pode ver o lado humano e divino do Mestre, passando e tornando a passar pela fina linha divisória. Cada minuto desses oito meses foram tomados por uma suavidade do coração e uma maravilhosa elevação do espírito. Cada palavra que pronunciava estava cheia de simpatia e sublimidade.

O grupo levou apenas alguns dias para se ajustar ao novo ambiente. A Santa Mãe, ajudada pela sobrinha de Sri Ramakrishna, Lakshmi Devi e algumas devotas, encarregaram-se da comida do Mestre e de seus atendentes. Espontaneamente, Surendra cobria a maior parte das despesas e os outros chefes de família contribuíam de acordo com seus meios. Doze discípulos eram atendentes constantes do Mestre: Narendra, Rakhal, Baburam, Niranjan, Jogin, Latu, Tarak, Gopal mais velho, Kali, Sashi, Sarat e o jovem Gopal, Sarada, Harish, Hari, Gangadhar e Tulasi visitavam o Mestre de vez em quando e praticavam sadhana em suas casas. Narendra, preparando-se para os exames de Direito, trouxe seus livros para a chácara a fim de continuar a estudar nos poucos momentos livres. Encorajou seus discípulos irmãos a intensificar a meditação, estudo das escrituras e outras disciplinas espirituais. Todos esqueceram-se de seus parentes e obrigações mundanas.

Entre os atendentes, Sashi era a personificação do serviço. Não praticava meditação, japa ou qualquer outra disciplina seguida pelos seus devotos irmãos. Estava convencido de que o serviço ao guru era sua única religião. Esquecia-se de comer, descansar e estava sempre à cabeceira do Mestre.

O pundit Shashadhar um dia sugeriu ao Mestre que deveria curar sua doença, concentrando a mente na garganta, uma vez que as escrituras declaravam que os yogis tinham o poder de se curarem dessa maneira. O Mestre repreendeu o pundit: "Como um erudito como você, faz uma tal proposta!" disse, "Como posso retirar minha mente dos Pés de Lótus de Deus e colocá-la nessa gaiola sem valor de carne e sangue?" "Pelo menos pelo nosso bem", imploraram Narendra e outros discípulos. "Mas", respondeu Sri Ramakrishna. "Pensam vocês que estou gostando desse sofrimento? Desejo recuperar-me, mas isso depende da Mãe."

Narendra: "Então por favor, ore a Ela. Ela deverá escutá-lo."

Mestre: "Mas não posso rezar pelo corpo."

Narendra: "Mas o senhor tem que fazer isso, pelo menos para nós."

Mestre: "Muito bem, vou tentar."

Algumas horas mais tarde, o Mestre disse a Narendra: “Falei com Ela: ‘Mãe, não posso engolir por causa da dor. Faz com que eu coma um pouco.’ Ela apontou para todos vocês e disse:: ‘O que? Tu estás comendo suficiente através de todas essas bocas. Não é assim?’ Fiquei envergonhado e não pude pronunciar uma palavra.” Isso pôs por terra todas as esperanças dos devotos da recuperação do Mestre.
“Tornarei tudo público antes de ir embora”, o Mestre dissera algum tempo antes. No dia 1□ de janeiro de 1886 sentiu-se melhor e desceu ao jardim para um pequeno passeio. Eram aproximadamente três horas da tarde. Uns trinta discípulos leigos estavam no hall ou sentados sob as árvores. Sri Ramakrishna disse a Girish: “Bem, Girish o que você vê em mim, que o faz proclamar-me diante de todo o mundo uma Encarnação de Deus?” Girish não era homem para ser tomado de surpresa. Ajoelhou-se ante o Mestre e disse de mãos postas: “O que pode uma pessoa insignificante como eu falar a respeito do Uno cujas glórias sábios como Vyasa e Valmiki não puderam medir?” O Mestre ficou profundamente comovido. Disse: “O que mais posso dizer? Abençôo a todos vocês. Sejam iluminados!” Entrou em estado espiritual. Ouvindo essas palavras, os devotos, um a um, foram tomados pela emoção. Precipitaram-se para ele e caíram a seus pés. Ele os tocou, cada um recebeu a bênção que necessitava. Ao toque do Mestre, cada um, experimentou uma felicidade inefável. Alguns riam, outros choravam, outros sentavam-se para meditar, outros oravam. Uns viram luz, alguns tiveram a visão de seus Ideais Escolhidos e alguns sentiram dentro de seus corpos, a precipitação da força espiritual.
Narendra, consumido por uma febre terrível de realização, queixou-se ao Mestre que todos os outros haviam conseguido paz e que somente ele, não havia ficado satisfeito. O Mestre perguntou-lhe o que queria. Narendra pediu-lhe samadhi, para que pudesse esquecer o mundo por três ou quatro dias. “Você é um tolo”, o Mestre retrucou. “Há um estado ainda mais alto do que esse. Não é você quem canta, ‘Tudo o que existe és Tu?’ Primeiramente acerte o seu relógio familiar e depois, venha para mim. Você experimentará um estado ainda mais elevado do que o samadhi.”
O Mestre não escondia o fato de que desejava fazer de Narendra o seu herdeiro espiritual. Narendra deveria continuar a obra depois da morte de Sri Ramakrishna. Sri Ramakrishna disse-lhe: “Deixo esses jovens a seu cargo. Veja que desenvolvam a espiritualidade e não voltem para casa.” Um dia pediu aos rapazes, que estavam se preparando para a vida monástica, para mendigar comida de porta em porta, sem pensamento de casta. Obedeceram à ordem do Mestre e saíram com as tigelas de pedinte. Poucos dias mais tarde deu a roupa ocre de sannyasin a cada um deles, incluindo Girish, que se tornara incomparável em seu espírito de renúncia. Assim o próprio Mestre lançou as fundações da Ordem Ramakrishna de Monges.
Sri Ramakrishna piorava dia a dia. Sua dieta foi reduzida ao mínimo e achava quase impossível engolir. Murmurou para M.: “Estou agüentando tudo isso com alegria, porque do contrário, vocês todos estariam chorando. Se vocês todos dizem que é melhor que o corpo se vá a sofrer essa tortura, estou pronto.” Na manhã seguinte disse a seus discípulos deprimidos, sentados ao lado da cama. “Vocês sabem o que vejo? Vejo que só Deus tornou-Se tudo. Os homens e animais são somente estruturas cobertas de pele e é Ele quem está movendo-se através de suas cabeças e membros. Vejo que foi o Próprio Deus quem Se tornou o cadafalso, o carrasco e a vítima para o sacrifício.” Desmaiou de emoção. Retornando à consciência parcial disse: “Agora não tenho dor. Estou muito bem.” Olhando para Latu disse: “Aí está Latu descansando a cabeça na palma de sua mão. Para mim é o Senhor quem está sentado nessa postura.”
As palavras foram doces e tocantes. Como se fosse uma mãe, gentilmente acariciava Narendra e Rakhal. Disse num sussurro a M.: “Tivesse esse corpo tido permissão para durar um pouco mais, muitas almas teriam sido iluminadas. Parou por um momento e então, disse: “Mas a Mãe ordenou outra coisa. Ela vai me levar senão, achando-me ingênuo e tolo, as pessoas tirariam vantagem de mim e me persuadiriam a lhes doar os raros dons da espiritualidade.” Poucos minutos depois, tocando o peito disse: “Aqui há dois seres. Um deles é Ela e o outro, Seu devoto. Foi esse último que quebrou o braço e é ele quem, de novo, está agora doente. Vocês me compreendem?” Depois de uma pausa, acrescentou: “Ó! A quem vou contar tudo isso? Quem vai me compreender?” “A dor”, consolou-os de novo, “é inevitável enquanto houver corpo. O Senhor toma um corpo, para o bem de Seus devotos.”

Não se sabe, contudo, se a alma do Mestre realmente estava torturada por essa doença cruciante. Pelo menos nos seus momentos de exaltação espiritual – que tornaram quase constantes nos últimos dias de sua vida na terra – perdeu completamente a consciência do corpo, da doença e do sofrimento. Um dos seus atendentes disse mais tarde: "Enquanto Sri Ramakrishna esteve doente, nunca realmente sofreu dor. Muitas vezes disse: "Ó mente! Esqueça o corpo, esqueça a doença e permaneça mergulhada em Bem-aventurança.' Não, ele na verdade não sofreu realmente. Houve momentos em que esteve num estado em que o enlevo da alegria se manifestava claramente em seu corpo. Mesmo quando não podia falar, de qualquer maneira fazia-nos saber que não havia sofrimento e este fato era claramente evidente para todos nós que o observávamos. As pessoas que não o compreendiam pensavam que seu sofrimento era muito grande. Que alegria espiritual nos transmitiu naquela época! Poderia tal coisa ser possível se ele estivesse sofrendo fisicamente? Foi nesse período que nos ensinou novamente estas verdades: 'Brahman está sempre desapegado. Os três gunas estão n'Ele, mas Ele não é afetado por eles, assim como o vento carrega o cheiro, mas permanece sem cheiro.' Brahman é o Ser Infinito, Sabedoria Infinita, Bem-aventurança Infinita. N'Ele não existe desilusão, miséria, doença, nem morte, nem crescimento, nem decadência.' 'O Ser Transcendental e o ser inferior são um e o mesmo. Há uma Existência Absoluta.'"

A Santa Mãe secretamente foi ao templo de Shiva do outro lado do Ganges, para interceder ante a Divindade, pela recuperação do Mestre. Numa revelação foi-lhe dito que se preparasse para o final inevitável.

Um dia, quando Narendra estava no andar térreo, meditando, o Mestre estava deitado, acordado, em sua cama, no andar de cima. Nas profundezas de sua meditação, Narendra sentiu como se um lam-pião estivesse queimando na parte de trás de sua cabeça. Subitamente perdeu a consciência. Era a ex-periência tão ansiada do Nirvikalpa Samadhi que tudo apaga, quando a alma encarnada realiza sua unidade com o Absoluto. Depois de muito tempo recobrou a consciência parcial, mas ficou incapaz de encontrar o corpo, só podia ver a cabeça. "Onde está meu corpo?" gritou. Gopal mais velho entrou no quarto e disse, "Ora, está aqui, Naren!" Mas Narendra não podia encontrá-la. Gopal, assustado, correu para cima, até o Mestre. Sri Ramakrishna apenas disse: "Deixe-o ficar desse jeito durante um certo tempo. Ele já me importunou bastante."

Depois de outro longo período, Narendra recobrou totalmente a consciência. Banhado em paz, foi ao Mestre que disse: "Agora a Mãe mostrou-lhe tudo, mas esta revelação ficará trancada e guardarei a chave comigo. Quando você tiver feito o trabalho da Mãe, encontrará o tesouro novamente."

Alguns dias mais tarde, estando Narendra sozinho com o Mestre, Sri Ramakrishna olhou para ele e entrou em samadhi. Narendra sentiu a penetração de uma força sutil e perdeu a consciência exterior. Retomando ao seu estado normal, encontrou o Mestre chorando.

Sri Ramakrishna disse-lhe: "Hoje dei-lhe tudo de mim e agora, sou apenas um pobre faquir, não possuindo nada mais. Com esse poder, você fará um bem imenso ao mundo e somente quando ele estiver pronto, você voltará." Dali em diante o Mestre viveu no discípulo.

A dúvida, contudo, custa a morrer. Depois de um ou dois dias, Narendra disse para si mesmo: "Se em meio de uma terrível dor física, ele declarar sua Divindade, só então, o aceitarei como uma Encarnação Divina." Estava sozinho ao lado da cama do Mestre. Foi um pensamento passageiro, mas o Mestre sorriu. Juntando a força que lhe sobrava, disse-lhe claramente: "Aquele que foi Rama e Krishna é agora, nesse corpo, Ramakrishna – mas não no seu sentido vedantista." Narendra foi tomado de vergonha.

Mahasamadhi

Domingo, 15 de agosto de 1886. O pulso do Mestre tornou-se irregular. Os devotos estavam de pé, junto à cama. Ao entardecer, Sri Ramakrishna teve dificuldade de respirar. Pouco tempo depois queixou-se de fome. Um pouco de comida líquida foi colocada em sua boca: uma parte foi engolida e o restante escorreu pelo queixo. Dois atendentes começaram a abaná-lo. Imediatamente entrou em samadhi de um tipo incomum. O corpo tornou-se rígido. Sashi começou a chorar, mas depois da meia-noite, o Mestre reviveu. Estava agora com muita fome e serviu-se de uma tigela de mingau. Disse que estava suficientemente forte de novo. Sentou-se em cima de cinco ou seis travesseiros, escorados pelo corpo de Sashi que o abanava. Narendra colocou os pés no seu colo e começou a massageá-los. Repetidamente, o Mestre disse-lhe, "Tome conta desses rapazes." Então pediu para se deitar. Por três vezes, num tom ritmado, chamou pelo nome de Kali, a Bem-amada de sua vida e voltou-se a se deitar. Dois minutos depois de uma hora, ouviu-se um som baixo, vindo da garganta e ele tombou para um lado. Um arrepio cobriu seu corpo. O cabelo ficou em pé, os olhos fixaram-se na ponta do nariz. O rosto iluminou-se com um sorriso. O êxtase final começou. Era o mahasamadhi, total absorção, do qual a mente jamais volta. Narendra, incapaz de suportar, desceu as escadas correndo.

Dr. Sarkar chegou ao meio-dia seguinte e declarou que a vida havia ido embora há mais de meia hora. Às cinco horas o corpo do Mestre foi trazido para baixo, colocado numa padiola, vestido com roupa ocre e enfeitado com pasta de sândalo e flores. Formou-se uma procissão. Os transeuntes choravam enquanto o corpo era levado para o crematório, no Ghat de Baranagore, no Ganges. Quando os devotos estavam voltando para a chácara, carregando a urna com as cinzas sagradas, uma resignação calma desceu sobre suas almas e eles gritaram: "Salve o Guru!"

A Santa Mãe estava chorando no quarto, não pelo marido, mas porque sentia que a Mãe Kali a havia abandonado. Quando estava a ponto de colocar os símbolos de um viúva indiana, num momento de revelação, ouviu as palavras de fé, "Apenas passei de um cômodo para o outro."

Capítulo I
Mestre e Discípulo

Março, 1882

Foi num domingo de primavera, alguns dias depois do aniversário de Sri Ramakrishna, que M. encontrou-o pela primeira vez. Sri Ramakrishna morava no Kalibari, templo de Mãe Kali, às margens do Ganges, em Dakshineswar.

M., estando de folga nos domingos, fora visitar com seu amigo Sidhu, diversos jardins em Baranagore. Quando estavam passeando no de Prasanna Bannerji, Sidhu disse-lhe: "Há um lugar encantador às margens do Ganges, onde vive um Paramahamsa. Você quer ir lá?" M. concordou e dirigiram-se imediatamente para o templo de Dakshineswar. Chegaram ao portão principal ao entardecer, foram diretamente para os aposentos de Sri Ramakrishna, onde o encontraram sentado num divã de madeira, olhando para o leste. Sorrindo, falava de Deus. O quarto estava cheio, todos sentados no chão, bebendo suas palavras, em silêncio profundo.

M. de pé, ficou mudo, observando. Era como ele estivesse no ponto de encontro de todos os lugares santos e como se o próprio Shukadeva estivesse falando de Deus, ou como se Sri Chaitanya estivesse cantando o nome e as glórias do Senhor em Puri, com Ramananda, Swarup e outros devotos.

Sri Ramakrishna disse: "Se ao ouvirem o nome de Hari ou Rama, seus olhos se encherem de lágrimas ou seu cabelo ficar de pé, podem estar certo de que não precisam mais praticar exercícios devocionais tais como o sandhya. Somente então podem renunciar aos rituais, ou melhor, os rituais cairão por si mesmos. Só será necessário repetir o nome de Rama ou Hari, ou simplesmente, Om. Continuando disse: "O sandhya funde-se no Gayatri e o Gayatri no Om."

M. olhou para os lados e maravilhado, disse para si mesmo: "Que lindo lugar! Que homem encantador! Como são lindas as suas palavras! Não pretendo sair daqui." Após alguns minutos pensou: "Deixe-me conhecer o lugar primeiro; depois volto e me sento."

Quando deixou o quarto com Sidhu, ouviu a suave música do gongo, do tambor e dos pratos que vinha do culto da tarde no templo. Ouviu também, a música que vinha do nahabat no fundo do jardim. Os sons cruzavam o Ganges, flutuando e perdendo-se à distância. Um vento suave de verão soprava, carregado com o perfume das flores; a lua acabava de aparecer. Era como se a natureza, juntamente com o homem estivessem se preparando para o culto da tarde. M. e Sidhu visitaram os doze templos de Shiva, o de Radhakanta e o de Bhavatarini. E à medida que M. assistia ao serviço diante das imagens, seu coração enchia-se de alegria.

Quando voltaram ao quarto de Sri Ramakrishna, os dois amigos conversaram. Sidhu explicou que o templo tinha sido construído por Rani Rasmani, que Deus era adorado ali, diariamente, na forma de Kali, Krishna e Shiva, e que no interior, era oferecida comida aos sadhus e mendigos. Quando chegaram de novo na porta do quarto de Sri Ramakrishna encontraram-na fechada e Brinde, a empregada, estava no lado de fora. M. que possuía boas maneiras inglesas, jamais entraria num quarto sem permissão, perguntou: "Está aí o santo?"

Brinde respondeu: "Sim, ele está."

M.: "Há quanto tempo ele vive aqui?"

Brinde: "Ó! Ele vive aqui há muito tempo."

M.: "Ele lê muitos livros?"

Brinde: "Livros? Ó não! Estão todos na ponta de sua língua."

M. havia terminado seus estudos na universidade. Admirou-se muito em saber que Sri Ramakrishna não lia livros.

M.: "Talvez seja a hora de sua adoração da tarde. Podemos entrar? Pode-lhe dizer que estamos ansiosos para vê-lo?"

Brinde: "Entrem, rapazes. Entrem e sentem-se!"

Entrando no aposento, encontraram Sri Ramakrishna sentado, sozinho, no divã de madeira. O incenso tinha acabado de queimar e todas as portas estavam fechadas. Ao entrar, M. de mãos postas, saudou o Mestre. Então a seu aceno, sentaram-se no chão. Sri Ramakrishna perguntou-lhes: "Onde vocês moram? Qual a sua profissão? Por que vieram a Baranagore?" M. respondeu às perguntas, mas reparou que de vez em quando, o Mestre parecia ausente. Mais tarde soube que aquele estado chamava-se bhava, êxtase. É como o pescador, sentado com seu caniço; o peixe vem e morde a isca; e a bóia começa a balançar; o pescador fica alerta e segura a vara e observa a bóia firme e atentamente; não fala com ninguém. Tal era o estado mental de Sri Ramakrishna. Mais tarde M. ouviu e ele mesmo observou, que Sri Ramakrishna ficava muitas vezes neste estado depois do entardecer, às vezes tornava-se totalmente inconsciente do mundo exterior.
M.: "Talvez o senhor deseje fazer sua adoração da tarde. Neste caso, podemos ir embora?"
Sri Ramakrishna (ainda em êxtase): "Não – Adoração da tarde? Não é exatamente isso."
Depois de algum tempo, M. saudou o Mestre e saiu: 'Volte'- disse Sri Ramakrishna.
Durante o trajeto de volta para casa, M. começou a conjeturar: "Quem é esse homem de olhar sereno, que me está atraindo para ele? É possível que um homem seja grande, sem ser erudito? Como isso é maravilhoso! Gostaria de tornar a vê-lo. Ele mesmo me disse: 'Volte!' Irei amanhã ou depois."
A segunda visita de M. a Sri Ramakrishna deu-se na varanda sudeste, às oito horas da manhã. O Mestre estava prestes a fazer a barba e o barbeiro acabara de chegar. Como a estação fria ainda permanecia, tinha posto um xale de lã com franja vermelha. Vendo M., o Mestre falou: "Então você veio. É bom. Sente-se aqui!" Sorria e gaguejava um pouco enquanto falava.
Sri Ramakrishna (a M.): "Onde você mora?
"M.: "Em Calcutá, senhor."
Sri Ramakrishna: "Onde você está hospedado aqui?
M.: "Estou em Baranagore, na casa de minha irmã mais velha, casa de Ishan Kaviraj."
Sri Ramakrishna: "Ó na casa de Ishan? Bem, como vai Keshab? Ele estava muito doente."
M.: "É verdade, também ouvi dizer isso, mas agora, acredito que esteja bem."
Sri Ramakrishna: "Fiz uma promessa de oferecer a Mãe coco verde com açúcar se ele ficasse curado. Às vezes, de madrugada, eu acordava e chorava diante d'Ela: 'Mãe, por favor, devolva a saúde a Keshab. Se ele morrer, com quem vou conversar, quando for a Calcutá?' E foi então que resolvi oferecer-Lhe coco verde com açúcar.
"Diga-me, você conhece um certo Sr. Cook, que chegou a Calcutá? É verdade que está dando conferências? Certa vez Keshab levou-me num passeio de barco e este Sr. Cook também estava lá."
M.: "Sim, ouvi algo sobre isso, mas nunca fui às suas palestras. Não sei muito a seu respeito."
Sri Ramakrishna: "O irmão de Pratap veio aqui. Ficou alguns dias, estava desempregado e queria morar aqui. Soube que havia deixado a esposa e os filhos com o sogro. Ele tem uma grande prole. Então o repreendi. Imagine! É pai de tantas crianças! Será que os vizinhos vão educá-las e dar-lhes de comer? Nem tem vergonha de deixar que outros os sustentem e também, de tê-los largado na casa do sogro. Repreendi-o duramente e mandei que procurasse um trabalho. Por isso está querendo ir embora.
"Você é casado?"
M.: "Sim, senhor, sou."
Sri Ramakrishna (estremecendo): "Ó Ramlal! Ele é casado!"
Como se fosse culpado de uma grande falta, M. ficou imóvel, olhando para o chão. Pensou, "Será uma coisa má ser casado?"
O Mestre continuou: "Você tem filhos?"
Desta vez M. pôde escutar as batidas do seu coração. Sussurrou com a voz trêmula: "Sim, senhor, tenho filhos."
Tristemente, Sri Ramakrishna disse: "Ai meu Deus! Ele tem até filhos!"
Com tal censura, M. ficou sem fala. Seu orgulho havia recebido um golpe. Depois de alguns minutos, Sri Ramakrishna olhou-o com bondade e disse afetuosamente, "Você tem bons sinais. Conheço-os, olhando a testa, os olhos etc. de uma pessoa. Diga-me, que tipo de pessoa é sua esposa? É espiritualizada ou está sob o poder de avidya?"
M.: "Ela é boa, mas creio que é ignorante."
Mestre (com visível desagrado): "E você é um homem de conhecimento!"

M. tinha ainda que aprender a diferença entre conhecimento e ignorância. Até aquele dia, seu conceito era que só se adquiria conhecimentos através dos livros e nos colégios. Mais tarde veio abandonar essa falsa concepção. Aprendeu que conhecer Deus é conhecimento e não O conhecer é ignorância. Quando Sri Ramakrishna exclamou: "E você é um homem de conhecimento!" o ego de M. ficou novamente terrivelmente chocado.
Mestre: "Bem, você acredita em Deus com forma ou sem forma?"
M. bastante surpreso, disse a si mesmo: "Como pode alguém acreditar em Deus sem forma quando acredita em Deus com forma? E se alguém acredita em Deus sem forma, pode acreditar que Deus tenha forma? Podem essas duas idéias contraditórias serem verdadeiras ao mesmo tempo? Pode um líquido branco como o leite, ser preto?"
M.: "Senhor, gosto de pensar em Deus sem forma".
Mestre: "Muito bem. É suficiente ter fé em qualquer um desses aspectos. Você acredita em Deus sem forma, está muito bem, mas jamais pense que só isso seja verdadeiro e tudo o mais falso. Lembre-se de que Deus com forma é tão verdadeiro como Deus sem forma, mas fique firme em sua convicção".
A afirmação de que ambos são verdadeiros surpreendeu M. Jamais havia aprendido esse conceito nos livros. Assim seu ego recebeu um terceiro golpe, mas desde que ele não havia sido esmagado, tornou a fazer novas perguntas ao Mestre.
M.: "Senhor, suponha que alguém acredite em Deus com forma. Certamente Ele não é uma ima-gem de barro."
Mestre (interrompendo): "Mas por que de barro? É uma imagem do Espírito."
M. mal podia compreender o significado da expressão "imagem do Espírito." "Mas senhor", disse ao Mestre, "deve-se explicar àqueles que adoram a imagem de barro, que ela não é Deus e que, adorando-a, devem ter Deus em mente e não, a imagem de argila. Não se deve adorar a argila."
Mestre (bruscamente): "Trata-se de uma mania de vocês, pessoas de Calcutá, dar palestras para trazer luz aos outros – Ninguém jamais pensa como conseguir luz para si mesmo. Quem são vocês para ensinar os outros? "Aquele que é o Senhor do universo ensinará cada um. Somente Ele que criou esse universo nos ensina: Aquele que fez o sol e a lua, homens, animais e todos os outros seres; Aquele que provê meios para seu sustento: que deu pais aos filhos e dotou-os de amor para poder educá-los. O Senhor fez tantas coisas – Ele não mostrará às pessoas a maneira de adorá-Lo? Se precisarem de ensinamentos, Ele será o Mestre. Ele é o nosso Guia Interno.
"Suponhamos que haja um erro na maneira de adorar a imagem de barro. Por acaso não sabe Deus que é através dessa imagem somente que Ele está sendo invocado? Ele aceitará tal adoração. Por que ter dor de cabeça por causa desse fato? É melhor você procurar adquirir conhecimento e devoção."
A essa altura dos acontecimentos, M. sentiu que seu ego estava completamente esmagado. Disse para si mesmo: "Sim, ele falou a verdade. Que necessidade tenho de ensinar os outros? Já conheço Deus? Será que realmente O amo? 'A minha cama é estreita para mim e estou convidando um amigo para compartilhá-la comigo!' Não sei nada a respeito de Deus e estou tentando ensinar os outros. Que vergonha! Que tolo sou! Isto não é matemática ou história ou literatura, que alguém possa ensinar aos outros. Não, isto é o profundo mistério de Deus. O que ele me diz, toca-me."
Esta foi a primeira argumentação com o Mestre e felizmente, a última.
Mestre: "Você estava falando de adorar a imagem de barro. Mesmo que ela seja de barro, há necessidade de adoração. O Próprio Deus estabeleceu diversos tipos de adoração. Aquele que é o Senhor do universo, planejou todas essas formas para atender às pessoas nos diversos estágios de desenvolvimento.
"A mãe faz diferentes pratos a fim de atender ao estômago de seus diferentes filhos. Suponha-mos que ela tenha cinco filhos. Se há peixe, prepara vários cardápios como pilau, escabeche, peixe frito e assim por diante, para satisfazer aos diferentes gostos de seus filhos e condições de digestão.
"Você me compreende?"
M.(humildemente): "Sim, senhor. Como podemos fixar nossas mentes em Deus?"

Mestre: “Repita o nome de Deus e cante Suas glórias e mantenha a companhia dos santos; de vez em quando, visite os devotos de Deus e homens santos. A mente não pode ficar estabelecida em Deus se estiver mergulhada dia e noite no mundanismo, nos deveres e responsabilidades do mundo; é necessário ficar de vez em quando em solidão e pensar em Deus. Fixar a mente em Deus é muito difícil no começo, a menos que se pratique a meditação em solidão. Quando uma árvore ainda é pequena, é necessário protegê-la com uma cerca. Caso contrário, pode ser destruída pelo gado.

“Para meditar, deve-se interiorizar a mente ou retirar-se para um lugar isolado ou uma floresta. Deve sempre discriminar entre o Real e o irreal. Só Deus é Real, a Substância Eterna, tudo o mais, irreal, quer dizer, transitório. Assim discriminando, a pessoa tira os objetos transitórios da mente.”

M. (humildemente): “Como devemos viver no mundo?”

Mestre: “Cumpra seus deveres mas mantenha a mente em Deus. Viva com todos – esposa, filhos, pai e mãe - e sirva-os. Trate-os como se fossem muito queridos, mas saiba no fundo do seu coração, que eles não lhe pertencem.

“Uma empregada da casa de um homem rico faz todos os serviços da casa, mas seus pensamentos estão voltados para sua casa na terra natal. Cria os filhos do patrão como se fossem os seus próprios. Chega mesmo a referir-se a eles como ‘meu Rama’ ou ‘meu Hari’, mas em sua mente sabe que eles não lhe pertencem.

“A tartaruga movimenta-se na água, mas onde estão seus pensamentos? Nas margens, onde estão enterrados os seus ovos. Faça seus deveres do mundo, mas mantenha o pensamento em Deus.

“Se você entrar no mundo, sem antes ter cultivado o amor de Deus, se enredará cada vez mais. Será subjugado pelos perigos, tristezas e tribulações. Quanto mais pensar nas coisas do mundo, mais se apegará a elas.

“Primeiro esfregue as mãos com óleo e em seguida, quebre a jaca para abri-la, do contrário, ficarão sujas com o leite pegajoso. Primeiro obtenha o óleo do amor divino e depois, mãos à obra com os deveres do mudo.

“Mas uma pessoa deve se retirar para a solidão a fim de conseguir esse amor divino. Para se fazer manteiga do leite, é necessário que ele seja guardado em separado para que forme o coalho. Caso contrário o leite não se transformará em coalho. Depois deve deixar todas as outras obrigações, sentar-se num lugar sossegado e bater a manteiga. Só assim terá a manteiga.

“Além do mais, meditando em Deus na solidão, a mente adquire conhecimento, desapego e devoção. Mas a mesma mente desce se ficar presa às coisas do mundo. No mundo só há um pensamento: ‘mulher e ouro”.

“O mundo é a água e a mente, o leite. Se derramar leite na água, eles se transformam num só; não poderá encontrar o leite nunca mais. Mas transforme esse leite em coalho e o bata até virar manteiga. Então quando a manteiga é colocada na água, flutua. Pratique disciplina espiritual na solidão e obtenha a manteiga do conhecimento e amor. Mesmo que ponha a manteiga na água do mundo, as duas não se misturarão. A manteiga flutuará.

“A par disso, praticar discriminação sobre ‘mulher e ouro’, considerando-se que são transitórios, Deus é a única Substância Eterna. O que o homem obtém com dinheiro? Comida, roupa e casa – nada mais. Você não pode realizar Deus com sua ajuda. Por conseguinte, o dinheiro jamais poderá ser a meta da vida. Esse é o processo da discriminação. Compreende?”

M.: “Sim, senhor. Recentemente li uma peça em sânscrito chamada Prabodha Chandrodaya, que trata da discriminação.”

Mestre.: “Sim, da discriminação a respeito dos objetos. Pense – o que há no dinheiro ou num corpo bonito? Discrimine e verá que o mesmo corpo de uma linda mulher é formada de ossos, carne, gordura e outras coisas desagradáveis. Por que um homem deveria abandonar Deus e dirigir a atenção para essas coisas? Por que um homem deveria esquecer Deus por causa delas?”

M.: “É possível ver Deus?”

Mestre: “Sim, certamente. Ficando em solidão de vez em quando, repetindo seu nome, cantando Suas glórias e discriminando entre o Real e o irreal – esses são os meios para vê-Lo.”

M.: “Sob que condições uma pessoa vê Deus?

Mestre: “Chore por Deus com o coração cheio de intensa ânsia e certamente irá vê-Lo. As pessoas derramam um jarro de lágrimas por esposa e filhos. Nadam em lágrimas por dinheiro. Mas quem chora por Deus? Chore por Ele do fundo do seu coração.”

O Mestre cantou:

Implore à sua Mãe Shyama, com súplica verdadeira, Ó mente!

Como pode Ela manter-Se afastada de você?
Como pode Shyama ficar afastada?
Como pode sua mãe Kali ficar longe?
Ó mente, se você for sincera, traga-Lhe uma oferenda
De folhas de bel e flores de hibisco
Coloque a Seus pés sua oferenda
E misture nela a pasta perfumada de sândalo do Amor.

Continuando disse: 'A ânsia é a aurora rosada. Depois dela, nasce o sol. O intenso anelo é seguido pela visão de Deus.

"Deus revela-Se ao devoto que se sente chamado para Ele pela força combinada de três atrações: a atração pelos bens materiais que o homem possui do mundo, a que uma criança sente por sua mãe e a que um marido sente por sua esposa. Se alguém se sentir atraído para Deus pela força combinada dessas três atrações então, através dela, pode alcançá-Lo.

"A questão é amar a Deus da mesma maneira que a mãe ama seu filho, a esposa, seu marido e o homem do mundo, o dinheiro. Junte essas três forças de amor, esses três poderes de atração e os dê a Deus. Então certamente O verá.

"É necessário orar a Ele com o coração ansioso. O gatinho só sabe chamar a mãe chorando: "Miau, miau!" Fica feliz onde ela o coloca. E a gata o põe, ora na cozinha, ora no chão e às vezes, na cama. Quando o filhote sente um desconforto, apenas chora "Miau, miau!". É tudo o que sabe dizer, mas ao ouvir seu choro, a mãe onde quer que esteja, vem correndo em sua direção."

Foi num domingo à tarde que M. fez a terceira visita ao Mestre. Estava tremendamente impressionado com as duas primeiras visitas que fizera àquele homem maravilhoso. Vivia pensando constantemente no Mestre e na maneira simples de exprimir as verdades profundas da vida espiritual. Jamais havia encontrado antes alguém parecido.

Sri Ramakrishna estava sentado no divã pequeno. O aposento estava cheio de devotos que haviam se aproveitado do fato de ser feriado para ir vê-lo. M. ainda não estava familiarizado com os demais devotos, de modo que se sentou no canto. O Mestre sorria enquanto falava com eles.

Dirigia-se de forma especial para um jovem de dezenove anos chamado Narendranath que ainda era estudante e freqüentava o Sadharan Brahmo Samaj. Seus olhos eram brilhantes, suas palavras cheias de força e tinha o olhar de um amante de Deus.

M. percebeu que a conversa era sobre os homens do mundo que desprezavam aqueles que aspiram às coisas espirituais. O Mestre falava sobre o grande número de pessoas desse tipo que há no mundo e da maneira como lidar com elas.

Mestre (a Narendra): "Como você se sente a esse respeito? As pessoas do mundo dizem tudo a respeito das pessoas espiritualizadas. Mas olhe aqui! Quando um elefante anda na rua, muitos cachorros e outros animais pequenos podem latir e gritar para ele, mas o elefante nem olha para trás para vê-los. Se alguém fala mal de você, o que pensa dela?"

Narendra : "Penso que são cachorros latindo para mim."

Mestre (sorrindo): "Ó não! Não deve ir tão longe, meu filho! (Risada geral). Deus mora em todos, mas você só deve se tornar íntimo das pessoas boas; deve manter-se afastado daquelas de mente perversa. Deus está até mesmo num tigre, mas ninguém vai abraçar o tigre por causa disso. (Risada). Pode-se contestar: 'Por que fugir do tigre, que é também, uma manifestação de Deus?' A resposta é o seguinte: 'Aqueles que mandam fugir são, também, manifestações de Deus – por que não dar ouvidos a eles?'

“Deixe-me contar uma história. Numa floresta vivia um homem santo que tinha muitos discípulos. Um dia ensinou-lhes a ver Deus em todas as criaturas e, sabendo disso, curvarem-se diante de todas elas. Um discípulo foi à floresta pegar lenha para o fogo do sacrifício. De repente ouviu um grito: ‘Saiam do caminho! Um elefante louco está se aproximando!’ Todos, menos o discípulo, correram. Ele imaginou que o elefante era também Deus, mas sob outra forma. Por que haveria de fugir dele? Ficou quieto, curvou-se ante o animal e começou a cantar em seu louvor. O mahut do elefante gritava: ‘Fuja! Fuja!’, mas o discípulo não se mexia. O animal pegou-o com sua tromba, jogou-o para um lado e seguiu seu caminho. Ferido e contundido, ficou inconsciente no chão. Sabendo o ocorrido, o Mestre e seus discípulos vieram e levaram-no para a cabana. Com a ajuda de alguns medicamentos, logo recuperou a consciência. Alguém perguntou-lhe: ‘Você sabia que o elefante estava vindo. Por que não saiu do lugar?’ ‘Mas’, disse ele, ‘o nosso Mestre disse-nos que o Próprio Deus toma todas essas formas, tanto de animais como de homens. Por isso, pensando que se tratava apenas do Deus elefante que estava vindo, não corri.’ A isso retrucou o Mestre: ‘Sim, meu filho, é verdade que era Deus que estava chegando; mas o Deus mahut proibiu você de ficar ali. Já que todos são manifestações de Deus, por que não acreditou nas palavras do mahut? Você deveria ter atendido às palavras do Deus mahut.’ (Risada geral).

“Está escrito nas escrituras que a água é uma forma de Deus, porém há água própria para o culto, para lavar o rosto e outra para lavar pratos ou roupa suja. Este último tipo não pode ser empregado para beber ou com propósito religioso. Assim também Deus inegavelmente mora no coração de todos – santos ou pecadores, corretos ou ímpios, mas o homem não deve se relacionar com os pecadores, maus e impuros. Não deve ter intimidade com eles. Com algumas pessoas, pode trocar algumas palavras, mas com outras, não deve nem fazer isso. Deve-se manter afastado delas”.

Um devoto: “Senhor, se um homem estiver a ponto de fazer mal a alguém ou realmente o faz, devemos ficar quietos?”

Mestre: “Uma pessoa que vive em sociedade deveria criar a impressão de muita força, a fim de se proteger contra aqueles de mente perversa, mas não deve ferir ninguém antecipando um mal que eles poderiam lhe fazer.

“Ouçam uma história. Alguns jovens pastores tinham o hábito de levar suas vacas para um campo onde vivia uma serpente terrivelmente venenosa. Todas as pessoas viviam alertas com medo dela. Um dia, um brahmachari estava passando pelo campo. Os rapazes correram para ele e disseram-lhe: ‘Santo homem, por favor não vá por esse caminho. Uma cobra venenosa vive ali.’ ‘O que tem isso demais, meus filhos?’ disse o brahmachari. ‘Não tenho medo de cobra. Conheço alguns mantras.’ Assim falando, continuou seu caminho em direção ao campo, mas os pastores com medo, não o acompanharam. Nesse ínterim a serpente dirigiu-se para ele rapidamente, com o capuz erguido. Assim que ela chegou, recitou um mantra e a cobra deitou-se a seus pés como se fosse uma minhoca. O brahmachari disse: ‘Olhe aqui. Por que você vive fazendo mal aos outros? Venha, vou lhe dar uma palavra sagrada. Repetindo-a aprenderá a amar a Deus. Por fim O realizará e dessa maneira se libertará de sua natureza violenta.’ Assim falando, ensinou-lhe uma palavra sagrada e iniciou-a na vida espiritual. A serpente curvou-se ante seu mestre e disse: ‘Reverenciado senhor, como vou fazer a prática espiritual?’ ‘Repita a palavra sagrada’, disse o mestre, ‘e não faça mal a ninguém’. Como já estava de saída, o brahmachari disse: ‘Eu a verei de novo.’

“Passaram-se alguns dias e os pastores notaram que a serpente não mordia mais. Jogaram muitas pedras nela, mas mesmo assim ela não demonstrou raiva; comportava-se como se fosse uma minhoca. Um dia um dos rapazes aproximou-se, segurou-a pela cauda, rodopiou-a no ar, lançou-a contra o chão várias vezes e jogou-a longe. A serpente vomitou sangue e ficou inconsciente. Estava zonza. Não podia se mover. Então julgando-a morta, os rapazes foram embora.

“Tarde da noite a serpente recobrou os sentidos. Lentamente e com muita dificuldade, conseguiu arrastar-se até a sua toca; seus ossos estavam quebrados e mal podia se mexer. Passaram-se muitos dias. A serpente transformou-se num esqueleto coberto de pele. De vez em quando, à noite, saía para procurar alimento. Com medo dos rapazes não saía do buraco durante o dia. Desde que recebera a palavra sagrada do mestre tinha deixado de fazer mal aos outros. Mantinha-se viva graças a detritos, folhas e frutos que caíam das árvores.

“Mais ou menos um ano depois, o brahmachari voltou e perguntou pela cobra. Os pastores disseram que estava morta. Não pôde acreditar neles. Sabia que ela não morreria antes de ter colhido o fruto da palavra sagrada com a qual havia sido iniciada. Saiu procurando-a aqui e acolá, chamando-a pelo nome que lhe havia dado. Ouvindo a voz do mestre, a serpente saiu da toca e curvou-se com muita reverência diante dele. ‘Como vai você?’ perguntou-lhe o brahmachari. ‘Estou bem, senhor’ respondeu a serpente. ‘Mas’, perguntou o mestre, ‘por que você está tão magra?’ A cobra respondeu: ‘Reverenciado mestre, o senhor mandou que eu não fizesse mal a ninguém. Por isso tenho vivido somente de folhas e frutos. Talvez seja por esta razão que eu tenha ficado mais magra.’

“A cobra havia desenvolvido a qualidade de sattva; não podia ficar com raiva de ninguém. Esquecera-se completamente de que os pastores quase a haviam matado.

“O brahmachari disse: ‘Não pode ter sido uma simples falta de comida que a reduziu a este es-tado. Deve haver uma outra razão. Pense um pouco.’ Então a serpente lembrou-se de que os rapazes a haviam atirado ao chão. Disse: ‘Sim, reverenciado mestre, agora me lembro. Os rapazes um dia me jogaram vio-lentamente contra o chão. Afinal de contas, são ignorantes. Não compreenderam a grande mudança que se operou em minha mente. Como poderiam saber que eu não ia mais morder nem fazer mal a ninguém?’ O brahmachari exclamou: ‘Que vergonha! Você é uma boba! Não sabe proteger-se. Eu lhe mandei que não mordesse, mas não, que silvasse. Por que não os atemorizou com seu silvo?’

“Você deve, portanto, silvar para as pessoas más. Deve assustá-las, senão elas lhe farão mal. Jamais injete veneno nelas. Ninguém deve fazer mal aos outros.’

“Na criação de Deus há uma variedade de coisas: homens, animais, árvores, plantas. Entre os ani-mais, há alguns bons, outros maus. Há animais ferozes como o tigre. Algumas árvores dão frutos doces como o néctar, outros dão frutos venenosos. Da mesma maneira, entre os seres humanos, há bons e maus, santos e pecadores. Há alguns que são devotados a Deus e outros apegados ao mundo.

“Os homens podem ser divididos em quatro categorias; aqueles presos pelos grilhões do mundo, os que buscam a liberação, os liberados e os sempre livres.

“Entre os sempre livres encontramos sábios como Narada. Vivem no mundo para o bem dos outros, a fim de ensinar a verdade espiritual.

“Aqueles que estão apegados estão mergulhados no mundanismo e esquecem-se de Deus. Nem por engano pensam nele.

“Os que buscam a liberação querem livrar-se do apego ao mundo. Alguns conseguem, outros não.

“As almas liberadas como sadhus e mahatmas, não são tragadas pelo mundo, por ‘mulher e ouro’. Suas mentes estão livres de mundanismo. Além disso vivem em constante meditação aos Pés de Lótus do Senhor.

“Suponhamos que uma rede seja lançada ao lago para apanhar peixes. Alguns são tão espertos que jamais são apanhados. São como os sempre livres, mas a maioria é apanhada. Alguns tentam sair e neste caso, são como os que buscam a liberação. Mas nem todos os peixes que lutam, conseguem. Poucos pulam fora da rede. e fazem um grande barulho quando caem na água. Então o pescador grita: ‘Olhe! Lá vai um grande!’ Mas a maioria dos que caem na rede não pode escapar, nem faz qualquer esforço para tal. Ao contrário, escondem-se na lama, com a malha da rede em suas bocas e ali ficam quietos, pensando: ‘Não temos nada a temer agora, estamos seguros aqui’. Os pobres peixes não sabem que o pescador os vai tirar da rede. São como os homens ligados ao mundo.

“As almas apegadas estão presas pelos grilhões de ‘mulher e ouro’. Estão com os pés e as mãos atadas. Pensando que ‘mulher e ouro’ os tornarão felizes e lhes proporcionarão segurança, não compreendem que isso os levará à ruína. Quando um homem assim apegado ao mundo está para morrer, sua esposa lhe pergunta: ‘Você se vai. O que você fez por mim?’ Assim também, seu apego às coisas do mundo é tal que, quando vê a lamparina queimando fortemente, diz: ‘Diminua a luz. Está gastando muito óleo.’ E ele está em seu leito de morte!

“As almas apegadas jamais pensam em Deus. Quando têm um tempo livre, gastam-no com tagarelices e conversas tolas, ou então, em algum trabalho sem proveito. Se perguntarmos a uma delas a razão, responde: ‘Ó não posso ficar parado, estou fazendo uma cerca.’ Quando não têm nada para fazer, talvez comecem a jogar cartas”.

Havia um profundo silêncio no aposento.

Um devoto: “Senhor, não há salvação para essa pessoa do mundo?”

Mestre: "Certamente que há. De tempos em tempos, deve viver na companhia dos homens santos e retirar-se para a solidão, a fim de meditar em Deus. Além do mais, deve praticar discriminação e orar: 'Dá-me fé e devoção.' Quando conseguiu ter fé, já alcançou tudo. Não há nada maior do que a fé.
(A Kedar): "Você já deve ter ouvido falar a respeito do poder tremendo da fé. Está escrito nos Puranas que Rama, que era o Próprio Deus – a Encarnação do Brahman Absoluto – teve que construir uma ponte para atravessar o mar até o Ceilão. Mas Hanuman, tendo fé no nome de Rama, abriu o mar e atravessou-o num pulo e alcançou o outro lado. Não teve necessidade de ponte. (Todos riem).
"Uma vez um homem estava prestes a atravessar o mar. Bibhishana escreveu o nome de Rama numa folha, amarrou-a na ponta da roupa do homem e disse-lhe: 'Não tenha medo. Tenha fé e ande sobre a água. Mas olhe aqui – no momento em que perder a fé, se afogará'. O homem começou a andar com facilidade sobre a superfície da água. De repente teve um imenso desejo de ver o que estava amarrado em sua roupa. Abriu o papel e apenas viu uma folha com o nome de Rama escrito. 'O que é isto?' pensou – 'Apenas o nome de Rama!' Assim que a dúvida entrou em sua mente, afundou.
"Se um homem tem fé em Deus, mesmo que tenha cometido o mais hediondo crime – tal como matar uma vaca, um brahmin ou uma mulher – certamente se salvará pela força de sua fé. Basta ape-nas que diga a Deus: 'Ó Senhor! Não cometerei mais essa ação', e não necessitará ter medo."
Quando acabou de dizer isso, o Mestre começou a cantar:

Se apenas pudesse morrer repetindo o nome de Durga,
Como podes Tu, Ó Abençoado,
Impedir minha liberação.
Por mais pecador que eu tenha sido?
Posso ter roubado uma taça de vinho ou morto uma criança antes de nascer.
Ou ter matado uma mulher ou uma vaca.
Ou mesmo, causado a morte de um brahmin.
Mas apesar de tudo isso ser verdadeiro,
Nada disso pode me fazer sentir a menor preocupação;
Pois pelo poder de Teu doce nome
Minha alma pecadora ainda pode aspirar
Possuir até o estado de Brahman.

Apontando para Narendra, o Mestre disse: "Vocês todos estão vendo esse rapaz. Aqui ele se comporta dessa maneira. Um menino travesso parece muito educado quando se encontra na presença do pai, mas torna-se outra pessoa quando brinca no chandni. Narendra e pessoas de seu tipo pertencem à classe dos sempre livres. Jamais se deixam enredar pelo mundo. Quando crescem um pouco sentem o despertar da consciência interior e dirigem-se diretamente para Deus. Vêm ao mundo somente para ensinar os outros. Jamais se importam com coisa alguma do mundo. Nunca ficam apegados a 'mulher e ouro'.
"Os Vedas falam do homa. Essa ave mora bem alto, no céu e lá coloca os ovos. Logo que o ovo é posto, começa a cair, mas como está muito alto, o ovo continua sua queda por vários dias. À medida que cai, o ovo é chocado até que o filhote nasce. Quando a avezinha sai da casca, os olhos se abrem e as asas crescem. Compreende então, que está caindo e que ficará reduzida a pedaços se tocar o solo. Dá um arranque para cima em direção à sua mãe no céu."
Nesse ponto da conversa, Narendra saiu do quarto. Kedar, Prankrishna, M. e outros permaneceram.
Mestre: "Veja, Narendra é superior a todos quando canta, toca instrumentos, estuda e tudo o mais. Outro dia teve uma discussão com Kedar e arrasou seus argumentos." (Risada geral).
(A M.): "Há algum livro sobre a razão, em inglês?"
M.: "Sim. Chama-se Lógica."
Mestre: "Diga-me do que se trata."

M. estava um pouco envergonhado. Disse: “Uma parte do livro trata de dedução, partindo-se do geral para o particular. Exemplo: Todos os homens são mortais. Os intelectuais são homens. Logo todo intelectual é mortal. Uma outra trata com o método de raciocinar, partindo-se do particular para o geral. Exemplo: Esse corvo é preto. Aquele corvo é preto. Os corvos que vemos em todos os lugares são pretos. Logo, todos os corvos são pretos. Mas pode ocorrer um erro na conclusão feita dessa maneira, porque poderá existir um corvo branco em alguma parte do mundo. Uma outra ilustração: Se há chuva, há ou já houve nuvens. Em conseqüência, a chuva vem das nuvens. Ainda um outro exemplo: Esse homem tem trinta e dois dentes. Aquele homem tem trinta e dois dentes. Todos os homens que vemos têm trinta e dois dentes. Portanto, todos os homens têm trinta e dois dentes. A lógica inglesa trabalha com tais deduções e induções.”

Sri Ramakrishna mal ouvia essas palavras. Enquanto escutava, sua mente tornou-se ausente. Por conseguinte, a conversa não foi além.

Quando a reunião acabou, os devotos foram passear no jardim do templo. M. dirigiu-se ao Panchavati. Eram mais ou menos cinco horas da tarde. Depois de algum tempo voltou para o aposento do Mestre. Ali, na pequena varanda norte, presenciou uma cena maravilhosa.

Sri Ramakrishna estava em pé cercado por alguns devotos e Narendra cantava. M. jamais vira uma pessoa cantar de forma tão suave, a não ser o Mestre. Quando olhou para Sri Ramakrishna, ficou deslumbrado, porque o Mestre estava imóvel, com os olhos fixos. Parecia que nem respirava. Um devoto disse a M. que o Mestre estava em samadhi. M. jamais vira nem ouvira falar de tal coisa. Tomado de encantamento pensava: “Será possível para um homem estar tão alheio ao mundo exterior e com a consciência em Deus? Quão profunda deve ser sua fé e sua devoção para fazê-lo atingir esse estado!”

Narendra cantava:

Medite, Ó mente, no Senhor Hari,
O Imaculado, Puro Espírito, por todos os tempo
Como é inigualável a Luz que brilha n’Ele!
Como enfeitiça a alma a Sua forma maravilhosa!
Como Ele é amado por todos os seus devotos!
Cada vez mais maravilhado no seu amor recém-florido,
Que envergonha o esplendor de milhões de luas.
Como relâmpago brilha a glória de Sua forma.
Eriçando os cabelos de pura alegria.

O Mestre estremeceu quando esse último verso foi cantado. O cabelo ficou de pé e lágrimas de felicidade escorriam de suas faces. De vez em quando os lábios entreabriam um sorriso. Estaria vendo a inigualável beleza de Deus “que envergonha o esplendor de milhões de luas?” Seria isso a visão de Deus, a Essência do Espírito? Quantas austeridades e disciplinas, quanta fé e devoção são necessárias para se ter essa visão!

A canção continuou:

Adore Seus pés no lótus de seu coração:
Com a mente serena e os olhos radiantes,
Com amor celestial, contemple essa visão incomparável.

De novo aquele sorriso encantador. O corpo imóvel como antes, os olhos semicerrados, como que contemplando uma estranha visão interior.

A canção terminou. Narendra cantou as últimas linhas:

Apanhada na magia do êxtase do Seu amor.
Mergulhe para sempre, Ó mente,
N’Ele que é Puro Conhecimento e Pura Bem-aventurança.

O samadhi e a divina bem-aventurança que havia presenciado deixaram uma impressão indelével na mente de M. Voltou para casa profundamente tocado. De vez em quando podia ouvir dentro de si, o eco daqueles versos que inebriavam a alma.

Mergulhe para sempre, Ó mente
N’Ele que é Puro Conhecimento e Pura Bem-aventurança.

O dia seguinte foi de novo, dia de folga para M. Chegou a Dakshineswar às três horas da tarde. Sri Ramakrishna estava em seu quarto: Narendra, Bhavamath e alguns devotos estavam sentados numa esteira. Eram todos jovens de dezenove e vinte anos. Sentado no divã pequeno, Sri Ramakrishna conversava com eles, sorrindo.

Assim que entrou no aposento, o Mestre riu e disse para os rapazes: "Aí está! Ele veio de novo." Todos riram. M. inclinou-se profundamente e sentou-se. Antes saudava o Mestre com as mãos postas, como uma pessoa de educação inglesa, mas naquele dia, aprendeu a se prosternar a seus pés à moda hindu ortodoxa.

Logo em seguida o Mestre explicou a causa daquela risada para os devotos. Disse: "Certa vez um homem deu ao pavão uma pílula de ópio às quatro horas da tarde. No dia seguinte, exatamente na mesma hora, o pavão voltou. Sentira a intoxicação da droga e voltava na hora certa para tomar uma outra dose." (Todos riem).

M. achou essa ilustração muito adequada. Mesmo em casa não podia tirar Sri Ramakrishna de seu pensamento, nem por um momento. Sua mente estava permanentemente em Dakshineswar e contava os minutos para lá voltar.

Nesse meio tempo, o Mestre divertia-se com os rapazes, tratando-os como se fossem seus amigos íntimos. Risadas hilariantes enchiam o quarto como se fosse um mercado de felicidade. Essa cena foi uma revelação para M. Pensou: "Ontem não o vi inebriado por Deus? Não estava ele nadando no Oceano de Amor Divino? – uma cena que nunca vi antes? E hoje, essa mesma pessoa comporta-se como se fosse um homem comum! Não foi ele quem me censurou no primeiro dia de minha chegada aqui? Não foi ele quem me advertiu, 'Não é você um homem de conhecimento?' Não foi ele quem me disse que Deus com forma é tão verdadeiro como Deus sem forma? Não foi ele quem me disse que só Deus é real e que tudo o mais é ilusório? Não foi ele quem me aconselhou a viver no mundo de forma desapegada, como uma empregada na casa de um homem rico?"

Sri Ramakrishna estava se divertindo muito com os jovens devotos: de vez em quando olhava de relance para M. Havia reparado que M. permanecia em silêncio. O Mestre disse a Ramlal: "Veja, ele já é um pouco avançado em idade e por conseguinte, um tanto sério. Senta-se quieto enquanto os demais jovens ficam alegres." M. estava com aproximadamente vinte e oito anos de idade.

O assunto desviou-se para Hanuman, cuja fotografia encontrava-se na parede do quarto do Mestre.

Sri Ramakrishna disse: "Imaginem só o estado mental de Hanuman. Não se importava com dinheiro, honra, comodidades ou qualquer outra coisa. Ansiava somente por Deus. Enquanto corria com a arma celestial que tinha sido escondida no pilar de cristal, Mandodari começou a tentá-lo com várias frutas para que ele descesse e deixasse cair a arma Mas ele não podia ser enganado assim tão facilmente. Em resposta às persuasões de Mandodari, entoou a seguinte canção:

Tenho necessidade de fruta?
Já tenho a Fruta que torna esta vida
Realmente proveitosa. Dentro do meu coração
A Árvore de Rama cresce.
Dando a salvação como fruto.
Debaixo da Árvore que satisfaz todos os Desejos,
De Rama, sento-me à vontade
Colhendo qualquer fruto que deseje,
Mas se você falar de fruta –
Pedinte não sou de frutas comuns.
Veja, vou
Deixar uma fruta amarga para você."

Enquanto cantava, Sri Ramakrishna entrou em samadhi. De novo os olhos semicerrados e o corpo imóvel, tal qual vemos em sua fotografia. Apenas há um minuto atrás, os devotos alegravam-se em sua companhia. Agora, todos os olhares voltavam-se para ele. Assim, pela segunda vez, M. via o Mestre em samadhi.

Depois de muito tempo, o Mestre voltou à consciência normal. O rosto brilhava com um sorriso e o corpo estava relaxado; os sentidos começaram a funcionar normalmente. Derramava lágrimas de felicidade enquanto repetia o santo nome de Rama. M. duvidava se esse verdadeiro santo era a mesma pessoa que há minutos antes, havia se comportado como um menino de circo.

O Mestre disse a Narendra e a M.: “Gostaria de ouvir vocês perguntarem e responderem em inglês.” Ambos riram mas continuaram a falar em sua língua mãe. Era impossível para M. falar mais alguma coisa diante do Mestre. Embora Sri Ramakrishna insistisse, não falaram inglês.
Às cinco horas da tarde todos os devotos, exceto Narendra e M., despediram-se do Mestre. M. passeava no jardim do templo. Inesperadamente encontrou o Mestre conversando com Narendra na borda do lago de gansos. Sri Ramakrishna dizia a Narendra: “Olhe. Venha aqui mais vezes. Você é um recém-chegado. No início as pessoas se visitam mais vezes como no caso de um homem enamorado e sua amada (Narendra e M. riram). Venha por favor, sim?”
Narendra, membro do Brahmo Samaj, era muito cioso do cumprimento de suas promessas. Disse, com um sorriso: “Sim, senhor, vou fazer o possível.”
Quando regressavam para o quarto, disse Sri Ramakrishna a M.: “Quando os camponeses vão ao mercado a fim de comprar gado para seus arados, sabem distinguir os bons dos maus pelo simples toque em suas caudas. Quando são tocados, uns simplesmente deitam-se humildemente no chão. Os camponeses consideram-nos sem força e os rejeitam. Escolhem somente os que dão um salto e reagem quando suas caudas são tocadas. Narendra é um boi desse último tipo. Está cheio de força interior.”
O Mestre sorria enquanto dizia essas palavras e continuou: “Há algumas pessoas que não têm determinação de espécie alguma. São como arroz tostado mergulhado no leite – mole e empapado, sem qual-quer força interior!”
Era o entardecer. O Mestre meditava em Deus. Disse a M.: “Vá falar com Narendra. Depois diga-me o que você pensa dele.”
O culto vespertino havia terminado nos templos. M. encontrou Narendra nas margens do Ganges e começaram a conversar. Narendra falou a respeito de seus estudos na universidade, do fato de ser membro do Brahmo Samaj etc.
Já era tarde e hora de M. voltar para casa, mas como não estava com vontade, foi procurar Sri Ramakrishna. Estava fascinado pelo canto do Mestre e desejava ouvir mais uma vez. Por fim encontrou o Mestre andando de um lado para o outro no natmandir, defronte ao templo de Kali. Uma lamparina queimava em ambos os lados da imagem da Mãe Divina. Essa única lamparina, no natmandir tão grande, misturava a luz e a escuridão numa espécie de crepúsculo místico, no qual a figura do Mestre podia ser vista de uma forma velada.
M. havia ficado encantado com a música suave do Mestre. Com voz hesitante, perguntou-lhe se ainda cantaria naquela noite. “Não, essa noite não”, disse Sri Ramakrishna, depois de pensar um pouco. Então como se lembrando de alguma coisa, acrescentou: “Logo irei à casa de Balaram Bose em Calcutá. Vá lá e você me ouvirá cantar.” M. concordou em ir.
Mestre: “Você conhece Balaram Bose?”
M.: “Não, senhor.”
Mestre: “Ele mora em Bosepara.”
M.: “Sim, senhor, vou encontrá-lo.”
Sri Ramakrishna andava de um lado para o outro com M. no vestíbulo e disse-lhe: “Deixe-me perguntar-lhe: o que você pensa de min?”
M. permaneceu em silêncio. Novamente Sri Ramakrishna perguntou: “O que você pensa de mim? Quantas annas de conhecimento de Deus eu tenho?”
M.: “Não compreendo o que quer dizer com ‘annas’, mas de uma coisa estou certo: jamais vi tanto conhecimento, amor extático, fé em Deus, renúncia e universalidade em qualquer outro lugar.”
O Mestre riu.
M. curvou-se profundamente ante ele e despediu-se. Já estava no portão principal do templo, quando subitamente, lembrou-se de algo e voltou para falar com Sri Ramakrishna, que ainda se encontrava no natmandir. Sob a luz fraca o Mestre, sozinho, andava de um lado para outro, regozijando-se no Ser - como o leão que vive e perambula sozinho pela floresta.
Num encantamento silencioso, M. examinava atentamente aquela grande alma.
Mestre (a M.): “O que o fez voltar?”
M.: “Talvez a casa que o senhor me pediu para ir, pertença a um importante homem rico. Pode ser que não me deixem entrar. Penso que é melhor não ir. Prefiro encontrá-lo aqui.”

Mestre: “Ó não! Por que você pensaria assim? Apenas mencione o meu nome. Diga que você quer me ver e alguém o conduzirá a mim.”
M. acenou com a cabeça e depois de saudar o Mestre, foi embora.

Capítulo II
Na Companhia dos Devotos

11 de março de 1882

MAIS OU MENOS ÀS OITO HORAS da manhã, Sri Ramakrishna, como havia sido planejado, foi para a casa de Balaram Bose em Calcutá. Era o dia da Dolayatra. Ram, Ma-nomohan, Rakhal , Nityagopal e outros foram com ele. M., convidado pelo Mestre, também foi.

Os devotos e o Mestre cantaram e dançaram em estado de fervor divino. Vários deles entraram em êxtase. O peito de Nityagopal encheu-se de emoção e Rakhal caiu no chão em êxtase, completamente inconsciente do mundo. O Mestre pôs a mão no peito de Rakhal e disse: "Paz. Fique tranqüilo." Essa foi a primeira experiência de êxtase de Rakhal. Vivia com o pai em Calcutá e de vez em quando visitava o Mestre em Dakshineswar. Por esta época havia estudado durante certo tempo na escola de Vidyasagar, em Syampukur.

Quando a música terminou, os devotos sentaram-se para comer. Balaram ficou de pé humildemente como se fosse um empregado. Ninguém o tomaria como o dono da casa. M. ainda era um estranho para os devotos, tendo conhecido somente Narendra em Dakshineswar.

Alguns dias depois M. visitou o Mestre em Dakshineswar. Eram entre quatro e cinco horas da tarde. O Mestre e ele estavam sentados nos degraus que levavam aos templos de Shiva. Olhando para o templo de Radhakanta do outro lado do pátio, o Mestre entrou em êxtase.

Desde a demissão de seu sobrinho Hriday do templo, Sri Ramakrishna estava sem atendente. Devido aos seus constantes estados espirituais, mal podia tomar conta de si. A falta de uma pessoa para ajudá-lo, causava-lhe grande inconveniência.

Sri Ramakrishna conversava com Kali, a Mãe Divina do universo. Disse: "Mãe, todo mundo diz: 'Só meu relógio está certo'. Os cristãos, os brahmins, os hinduístas, os maometantos, todos dizem: 'Só a minha religião é a verdadeira'. Mas Mãe, o fato é que o relógio de ninguém está certo. Quem pode realmente entender-Te? Mas se um homem ora a Ti com o coração ansioso, pode alcançar-Te, por Tua graça, por qualquer caminho. Mãe, um dia mostra-me como os cristãos oram a Ti em suas igrejas. Mas Mãe, o que dirão as pessoas se eu entrar em suas igrejas? Tu achas que criarão caso? Ou que não me permitirão mais entrar no templo de Kali? Mostra-me, então, como é o culto dos católicos, visto da porta da igreja."

Outro dia, o Mestre estava sentado no divã pequeno, no seu quarto, com o costumeiro semblante radiante. M. chegou com seu amigo Kalikrishna, que não sabia para onde o seu amigo o estava conduzindo. M. dissera-lhe: "Se você quer ver um local onde se vendem bebidas alcoólicas, venha comigo. Lá verá um grande jarro com vinho". M. contou isso para Sri Ramakrishna que riu muito. O Mestre disse: "A felicidade do culto e a comunhão com Deus é o verdadeiro vinho, o vinho do amor extasiante. A meta da vida humana é amar Deus. Bhakti é a única coisa essencial. Conhecer Deus através da jnana e raciocínio é extremamente difícil".

O Mestre cantou:

> Quem existe que pode compreender o que a Mãe Kali é?
> Mesmo os seis darsanas não têm poder para revelá-La. ...

O Mestre disse de novo: "A única meta da vida é cultivar o amor a Deus, o mesmo amor que as ordenhadoras, as leiteiras e os pastores de Vrindavan sentiam por Krishna. Quando Krishna foi embora para Mathura, os pastores perambulavam chorando amargamente sua separação d'Ele.

Dizendo isso, o Mestre cantou com os olhos voltados para cima:

> Há pouco vi um jovem pastor
> Com um bezerrinho nos braços.
> Ali ficou de pé, segurando em uma das mãos
> O galho de uma árvore nova.
> "Onde estás Tu, Irmão Kanai?" gritou:
> Mas mal podia pronunciar "Kanai":
> "Ka" era o máximo que podia dizer.
> Lamentou: "Onde estás Tu, Irmão?"
> E os olhos encheram-se de lágrimas.

Ao ouvir esta canção do Mestre, cheia de amor, os olhos de M. encheram-se de lágrimas.

2 de abril de 1882

Sri Ramakrishna estava sentado na sala de estar da casa de Keshab Chandra Sen em Calcutá; eram cinco horas da tarde. Quando Keshab foi informado da chegada do Mestre, veio para a sala de visitas, pronto para sair, pois ia visitar um amigo doente. Agora havia cancelado seus planos. O Mestre disse-lhe: "Você tem tantas coisas para atender. Além disso ainda tem que editar um jornal. Não tem tempo para vir a Dakshineswar, por isso, vim vê-lo. Ao saber de sua doença, prometi coco verde e açúcar à Mãe Divina para seu restabelecimento. Disse-Lhe: 'Mãe, se alguma coisa acontecer a Keshab, com quem vou conversar em Calcutá?' "
Sri Ramakrishna falou com Pratap e outros devotos Brahmos. M. sentou-se perto deles. Apontando para ele, o Mestre disse a Keshab: "Pergunte-lhe, por favor, porque não veio mais a Dakshineswar. Várias vezes me tem dito que não é apegado à esposa e aos filhos." M. havia visitado o Mestre durante um mês e sua ausência durante um certo tempo havia induzido a essa observação. Sri Ramakrishna havia pedido para lhe escrever, caso demorasse a visitá-lo.
O Pundit Samadhyayi estava presente. Os devotos Brahmos apresentaram-no a Sri Ramakrishna, como sendo um erudito bem versado nos Vedas e outras escrituras. O Mestre disse: "Sim, posso ver o seu interior através dos seus olhos, da mesma maneira como uma pessoa pode ver os objetos dentro de um aposento, através da porta de vidro."
Trailokya cantou. Subitamente o Mestre pôs-se de pé e entrou em samadhi, repetindo o nome da Mãe. Descendo um pouco até o plano da consciência dos sentidos, dançou e cantou:

Não bebo vinho comum, mas o Vinho da Bem-aventurança Eterna.
Quando digo o nome de minha Mãe Kali:
Ele intoxica de tal modo a minha mente, que as pessoas me tomam por bêbado!
Primeiro meu Guru me dá melado para fazer o Vinho;
Meu anseio é o fermento para transformá-lo.
O Conhecimento, que faz o Vinho, prepara-o para mim, então:
E quando está pronto, minha mente absorve-o da garrafa do mantra.
Tomando o nome da Mãe para torná-lo puro.
Beba este Vinho, diz Ramprasad , e os quatro frutos da vida serão seus.

O Mestre olhou para Keshab com doçura, como se Keshab lhe fosse muito íntimo. Temia que Keshab pudesse vir a ser de outrem, quer dizer, se tornasse um homem do mundo. Olhando-o o Mestre continuou a cantar:

Temos medo de falar, no entanto, tememos ficar quietos;
Nossas mentes, Ó Radha, mal acreditam que estamos a ponto de te perder.
Vamos contar-te o segredo que conhecemos
O segredo pelo qual nós e os outros, com nossa ajuda.
Passamos por muitos momentos de perigo.
Agora tudo depende de ti.

Citando a última parte da canção, disse a Keshab: "Isto é, renuncie a tudo e invoque Deus. SóEle é Real, tudo o mais ilusório. Sem a realização de Deus, tudo é fútil. Este é o grande segredo."
O Mestre sentou-se novamente e começou a conversar com os devotos. Por um certo tempo, es-cutou um recital de piano, apreciando-o como se fosse uma criança. Foi, então, para os aposentos in-ternos, onde lhe serviram refrescos e as senhoras o saudaram.
No momento em que o Mestre deixou a casa de Keshab, os devotos Brahmos acompanharam-no respeitosamente até a carruagem.

Domingo, 9 de abril de 1882

Sri Ramakrishna estava sentado com os devotos na sala de visitas de Prankrishna Mukherji em Calcutá; era entre uma e duas horas da tarde. Como o Coronel Viswanath morava nas proximidades, o Mestre pretendia visitá-lo antes de ir ver Keshab no Lily Cottage. Vários vizinhos e outros amigos de Prankrishna tinham sido convidados para conhecer Sri Ramakrishna. Estavam todos ansiosos para ouvir suas palavras.
Mestre: "Deus e Sua glória. Este universo é Sua glória. As pessoas vêem Sua glória e esque-cem-se de tudo. Não procuram Deus, cuja glória é este mundo. Todos procuram desfrutar de 'mulher e ouro'. Mas há muita miséria e dor nisso. Este mundo é como o redemoinho de Visalakshi . Uma vez que um bote caia ali, não há mais esperança de ser resgatado. Assim também o mundo é como um arbusto espinhoso; mal você se liberta de um espinho e já se vê às voltas com um outro. Uma vez que se entre num labirinto, é muito difícil sair. Vivendo no mundo, fica-se, por assim dizer, machucado."

Um devoto: “Então qual é o caminho, senhor?”
Mestre: “Oração e a companhia dos homens santos. Não se pode ficar bom de uma doença sem a ajuda de um médico. Não é suficiente ficar na companhia de pessoas religiosas somente por um dia. Deve-se procurá-las constantemente, porque a doença tornou-se crônica. Também não se pode inter-pretar o pulso corretamente se não viver com um médico. Estando com ele constantemente, uma pes-soa aprende a diferenciar a pulsação da fleuma, da pulsação da bile.”
Devoto: “Qual a vantagem da companhia santa?”
Mestre: “Ela leva à ânsia de Deus, ao amor de Deus. Nada se consegue na vida espiritual sem ânsia. Vivendo-se constantemente na companhia de homens santos, a alma torna-se inquieta por Deus. Essa ânsia é como aquela sensação experimentada pela mente de um homem que tem um doente na família. Sua mente está em desassossego constante, pensando como a pessoa vai ser curada. Ou então, uma pessoa deveria sentir uma ânsia por Deus, como aquela do homem que perdeu seu emprego e peregrina de escritório em escritório à procura de trabalho. Se é recusado num lugar por falta de vaga, volta de novo, no dia seguinte e pergunta: ‘Há vaga hoje?’
“Há uma outra maneira: orar sinceramente a Deus. Deus é nosso muito íntimo. Deveríamos dizer a Ele: ‘Ó Deus, qual é a Tua natureza? Revela-Te a mim. Tu deves revelar-Te a mim; para que outra coisa me criaste?’ Alguns devotos sikhs, uma vez me disseram: ‘Deus é pleno de misericórdia.’ Disse-lhes: ‘Mas por que chamá-Lo de misericordioso? Ele é o nosso Criador. Por que devemos ficar maravilhados se Ele é bondoso? Os pais criam os filhos. Chamamos a isso um ato de bondade? Eles têm obrigação de agirem assim.’ Por conseguinte, temos que forçar nossos pedidos a Deus. Ele é o nosso Pai e Mãe, não é? Se um filho pede sua parte na herança e deixa de comer e beber a fim de reforçar seu pedido, os pais entregam-lhe sua parte três anos antes do tempo legal. Ou então, quando uma criança pede uns trocados à sua mãe e diz repetidamente: ‘Mãe, dê-me um dinheiro. Peço-lhe de joelho!’- a mãe, sentindo a sinceridade e incapaz de resistir por mais tempo, dá-lhe o dinheiro que ela está lhe pedindo.
“Há uma outra vantagem que advém da companhia dos santos. Ajuda a cultivar a discriminação entre o Real e o irreal. Só Deus é o Real, quer dizer, a Substância Eterna, e o mundo é irreal, isto é, transitório. Assim que uma pessoa sentir que a mente está se dirigindo para o irreal, deverá aplicar a discriminação. Tão logo o elefante estica a trompa para pegar um galho de tanchagem do jardim do vizinho, recebe um golpe de chuço de ferro do condutor.”
Um vizinho: “Por que uma pessoa possui tendências para o pecado?”
Mestre: “Na criação de Deus há todo o tipo de coisas. Ele criou homens bons e maus. É Ele quem nos dá boas e más tendências.”
Vizinho: “Neste caso, não somos responsáveis pelas nossas ações pecaminosas, somos?”
Mestre: “Todo pecado tem seu próprio resultado. É a lei de Deus. Você queimará a língua se mastigar pimenta, não é? Na juventude Mathur levou uma vida de dissipação: Daí sofrer tantas doenças antes de morrer.
“Pode-se não compreender isso na juventude. Examinei a fornalha da cozinha do templo de Kali quando a lenha estava queimando. No começo a madeira molhada queima bem. Não parece conter tanta umidade, mas quando está suficientemente queimada, toda umidade corre para um lugar só. Finalmente a água sai do combustível e apaga o fogo.
“Deve-se, portanto, tomar cuidado com a raiva, paixão e ganância. Lembre-se, por exemplo, do caso de Hanuman. Num acesso de raiva pôs fogo em todo Ceilão. Depois lembrou-se de que Sita es-ta-va morando numa floresta de asokas. Começou então, a tremer com medo que o fogo a atingisse.”
Vizinho: “Por que Deus criou pessoas más?”
Mestre: “É a Sua vontade, Seu jogo. Em sua maya há avidya, bem como vidya. A escuridão é necessária. Ela também exalta a glória da luz. Não há dúvida que a raiva, luxúria e ganância são más. Por que então Deus as criou? A fim de criar santos. Um homem torna-se santo ao dominar seus sentidos. Há alguma coisa impossível para um homem que dominou as paixões? Pode até realizar Deus, por Sua graça. Além disso veja como todo Seu jogo de criação perpetua-se através da luxúria.
“Pessoas más também são necessárias. Uma vez os arrendatários de uma propriedade tornaram-se insubordinados. O dono teve de enviar Golak Choudhury, um bandido. Foi um administrador tão duro que os arrendatários tremiam à simples menção do nome.

“Há necessidade de tudo. Um dia Sita disse para seu marido: ‘Rama, seria grandioso se todas as casas de Ayodhya fossem uma mansão! Encontro tantas casas velhas e dilapidadas’. ‘Mas, minha que-rida’, disse Rama, ‘se todas as casas fossem bonitas, o que fariam os pedreiros?’ (Risada). Deus criou todos os tipos de coisas. Criou árvores boas, plantas venenosas, bem como ervas daninhas. Entre os animais há bons, maus, de todos os tipos – tigres, leões, cobras e assim por diante.”
Vizinho: “Senhor, é possível se realizar Deus quando se leva a vida de um chefe de família?”
Mestre: “Certamente, mas como acabei de falar, deve-se viver na companhia santa e orar incessantemente. Deve-se chorar por Deus. Quando as impurezas da mente são lavadas assim, Deus é realizado. A mente é como uma agulha coberta de lama e Deus é como um ímã. A agulha não pode ficar presa no magneto, a não ser que esteja limpa da lama. As lágrimas lavam a lama, que nada mais é do que a luxúria, raiva, ganância e outras tendências más, bem como a inclinação para os prazeres do mundo. Logo que a lama for lavada, o ímã atrai a agulha, quer dizer, a pessoa realiza Deus. Somente os puros de coração vêem Deus. Um paciente com febre tem excesso de líquido em seu organismo. A não ser que seja removido, o que o quinino pode fazer por ele?
“Por que uma pessoa não pode realizar Deus enquanto viver no mundo? Mas, como já disse, deve-se viver em companhia santa, orar a Deus, chorar por Sua graça e de vez em quando, ficar só. A não ser que as plantas sejam no início protegidas com uma cerca , serão destruídas pelo gado.”
Vizinho: “Então os chefes de família, também, terão a visão de Deus, não é?”
Mestre: “Certamente todas as pessoas serão liberadas, mas a pessoa deverá seguir as instruções do guru: se desviar-se do caminho, sofrerá por voltar a andar nas passadas já dadas. Leva muito tempo para se conseguir a liberação. Um homem pode não conseguir numa vida, talvez tenha que realizar depois de muitos nascimentos. Sábios como Janaka cumpriram as obrigações do mundo. Executava--as, tendo Deus na mente, como as dançarinas que equilibram jarros ou bandejas nas cabeças, enquanto dançam. Já viram como as mulheres do noroeste da Índia andam, conversam e riem enquanto carre-gam os jarros de água na cabeça?”
Vizinho: “O senhor acabou de referir-se às instruções do guru. Como o encontrarei?”
Mestre: “Nem todos podem ter um guru. Uma tora larga de madeira flutua na água e pode carregar animais, mas um pedaço de pau afunda, se uma pessoa senta-se nele e então, afoga-se. Por isso e Deus sempre Se encarna como o Guru para ensinar a humanidade. Só Satchidananda é o Guru.
“O que é o Conhecimento? E qual é a natureza do ego? ‘Só Deus é Aquele que faz e ninguém mais’ – isso é conhecimento. Não sou eu quem faz: sou um simples instrumento em Suas mãos. Por conseguinte, digo: ‘Ó Mãe, Tu és o Condutor, eu sou a carruagem. Eu me movo da maneira como Tu me fazes mover. Faço o que me mandas fazer. Falo aquilo que me fazes falar. Não eu, não eu, mas Tu, mas Tu’.”
Da casa de Prankrishna, o Mestre foi para a do Coronel Viswanath e dali, para o Lily Cottage.

Capítulo III
Visita a Vidyasagar

5 de agosto de 1882

O PUNDIT ISWAR CHANDRA VIDYASAGAR nasceu no vilarejo de Beersingh, não longe de Kamarpukur, cidade natal de Sri Ramakrishna. Era conhecido por ser um grande erudito, educador, escritor e filantropo. Um dos criadores do bengali moderno, era também, bem versado na gramática e poesia sânscritas. Sua generosidade fez com que seu nome se tornasse familiar entre seus compatriotas, sendo a maior parte de sua renda distribuída entre viúvas, órfãos estudantes pobres e outras pessoas necessitadas. Sua compaixão não se limitava apenas aos seres humanos: deixou de beber leite durante anos para que os bezerrinhos não ficassem sem ele e também, não guiava carruagem com medo de machucar os cavalos. Era homem de espírito indomável, o que foi comprovado quando abandonou a posição lucrativa de reitor da Faculdade de Sânscrito de Calcutá, por causa de desavenças com as autoridades. Seu afeto pela mãe era especialmente profundo. Um dia, na falta de barco, atravessou um rio impetuoso – com risco da própria vida, para atender ao desejo de sua mãe, dele estar presente no casamento do irmão. Toda sua vida foi de uma grande simplicidade. O título Vidyasagar, que significava "Oceano de Cultura" foi-lhe dado em reconhecimento à sua vasta erudição.

Sri Ramakrishna há muito tempo, desejava visitar Iswar Chandra Vidyasagar. Sabendo que M. era professor na escola de Vidyasagar, o Mestre perguntou-lhe, "Você pode levar-me até Vidyasagar? Gostaria muito de conhecê-lo." M. falou com Ishar Chandra a respeito do desejo de Sri Ramakrishna e o pundit concordou que M. levasse o Mestre num sábado, às quatro horas da tarde. Apenas perguntou a M. que tipo de paramahamsa o Mestre era: "Ele usa roupa ocre?" M. responde: "Não, senhor. É uma pessoa fora do comum. Usa roupa com franja vermelha e chinelos polidos. Mora num quarto no templo da Rani Rasmani. Em seu quarto há um divã com colchão e mosquiteiro. Não apresenta qualquer sinal exterior de santidade, mas a única coisa que conhece é Deus. Pensa n'Ele dia e noite."

Na tarde de 5 de agosto, o Mestre deixou Dakshineswar numa carruagem de aluguel, acompanhado de Bhavanath, M. e Hazra. Vidyasagar vivia em Badurbagan, no centro de Calcutá, mais ou menos a seis kilômetros de Dakshineswar. Durante a viagem conversou com seus companheiros, mas quando a carruagem aproximou-se da casa de Vidyasagar, seu estado subitamente mudou e foi tomado pelo êxtase divino. Não tendo percebido isso, M. mostrou a chácara onde Raja Rammohan Roy vivera. O Mestre mostrou-se aborrecido e disse: "Não estou preocupado com essas coisas agora." Estava en-trando em êxtase.

A carruagem parou defronte da casa de Vidyasagar. O Mestre desceu, sustentado por M. e entraram. No pátio havia muitas plantas com flores. Ao entrar o Mestre disse a M., como uma criança, mostrando o botão da camisa: "Minha camisa está desabotoada. Será que isso vai ofender Vidyasagar?" "Ó não!" disse M. "Não se preocupe com isso. Nada que venha do senhor será ofensivo. O senhor não tem que abotoar a camisa". Aceitou o que M. lhe disse, como se fosse uma criança.

Vidyasagar tinha mais ou menos sessenta e dois anos, dezesseis ou dezessete a mais do que o Mestre. Vivia numa casa de dois andares, em estilo inglês, com um lindo gramado e cercado de um muro alto. Depois de subir as escadas para o segundo andar, Sri Ramakrishna e os devotos entraram numa sala onde Vidyasagar estava sentado num canto ao fundo, em frente de uma mesa, olhando para eles. No lado direito da mesa havia um banco. Alguns amigos ocupavam cadeiras nos outros dois lados.

Vidyasagar levantou-se para receber o Mestre. Sri Ramakrishna ficou em pé diante do banco, com uma das mãos na mesa. Fitava Vidyasagar como se já se conhecessem anteriormente e sorria em estado extático. Assim permaneceu de pé por alguns minutos. De vez em quando, a fim de trazer a mente ao estado de consciência normal, dizia: "Vou beber um pouco de água."

Nesse meio tempo, os jovens da família e alguns amigos e parentes de Vidyasagar haviam se reunido em volta deles. Sri Ramakrishna, ainda em êxtase, sentou-se no banco. Um jovem de dezessete ou dezoito anos, que tinha ido pedir a Vidyasagar ajuda financeira para sua educação, estava sentado aí. O Mestre sentou-se à pouca distância do rapaz, dizendo em estado abstrato: "Mãe, esse jovem está muito apegado ao mundo. Pertence ao Teu campo de ignorância."

Vidyasagar pediu a alguém para trazer água e perguntou a M. se o Mestre também não desejava comer alguns doces. Uma vez que M. não havia se oposto, o próprio Vidyasagar foi para o interior da casa e trouxe os doces, que foram colocados em frente do Mestre. Bhavanath e Hazra também se serviram. Quando foram oferecidos a M., Vidyasagar disse: "Ó! Ele é como um membro da família. Não temos que nos preocupar com ele." Com referência a um jovem devoto, o Mestre disse a Vidyasagar: "É um jovem muito bom e muito firme internamente. É como o rio Phalgu. A superfície está coberta de areia, mas se cavar, encontrará água embaixo."

Depois de comer alguns doces, o Mestre com um sorriso, começou a conversar com Vidyasagar. Nesse ínterim, o aposento ficou cheio de gente, alguns de pé, outros sentados.

Mestre: "Ah! Hoje, afinal, vim ao oceano. Até agora havia visto canais, pântanos ou no máximo, um rio. Mas hoje, estou face a face com o sagar, o oceano." (Todos riem).

Vidyasagar: (sorrindo): "Então leve um pouco de água salgada." (Risada).

Mestre: "Ó não! Por que água salgada? O senhor não é um oceano de ignorância, mas vidya, conhecimento. O senhor é um oceano de leite condensado."(Todos riem).

Vidyasagar: "Bem, o senhor pode colocar isso dessa maneira."

O pundit ficou em silêncio. Sri Ramakrishna disse: "Suas ações são inspiradas por sattva. Embora rajásicas, sofrem influência de sattva. A compaixão nasce de sattva. Apesar do trabalho para o bem dos outros pertença a rajas, contudo, tal rajas tem como base, sattva e não é prejudicial. Shuka e outros sábios cultivaram a compaixão a fim de dar instrução religiosa às pessoas e ensiná-las a respeito de Deus. O senhor distribui comida e conhecimento. Isto é muito bom. Se tais atividades são feitas desinteressadamente, levam a Deus, mas a maior parte dos homens trabalham por prestígio ou mérito. Suas atividades são egoístas. Além disso, o senhor já é um siddha."

Vidyasagar: "Como é isso, senhor?"

Mestre (rindo): "Quando as batatas e outros vegetais estão bem cozidos, ficam mais macios e tenros. O senhor tem uma natureza tão tenra! É tão misericordioso!" (Risada).

Vidyasagar (rindo): "Mas quando a pasta de sementes de kala ferve torna-se bem dura."

Mestre: "Mas o senhor não pertence a essa classe. Meros pundits são como uma fruta doente que se torna dura e não amadurece. Tal fruta não possui o frescor de uma verde, nem o sabor de uma madura. Os urubus voam muito alto no céu, mas os olhos estão na carniça aqui embaixo. Os intelectuais são considerados sábios, mas encontram-se apegados a 'mulher e ouro'. Como os urubus, estão à procura de carniça. São apegados ao mundo da ignorância. Compaixão, amor a Deus e renúncia são as glórias do verdadeiro conhecimento."

Vidyasagar ouviu essas palavras em silêncio. Os outros também olhavam para o Mestre, atentos a cada palavra que ele pronunciava.

Vidyasagar era muito reticente em dar instrução religiosa aos outros. Havia estudado filosofia hindu. Certa vez quando M. lhe perguntou sua opinião a respeito, disse: "Creio que os filósofos esque-ceram-se de explicar o que ia em suas mentes." Mas no seu quotidiano fazia todos os rituais da reli-gião hindu e usava o sagrado cordão de brahmin. Sobre Deus uma vez declarou: "É realmente impos-sível conhecê-Lo. Qual deve ser então, o nosso dever? Parece-me que devemos viver de tal maneira que, se os outros seguirem o nosso exemplo, essa terra seria um paraíso. Todo o mundo deveria esfor-çar-se para fazer bem ao mundo."

A conversa de Sri Ramakrishna versou sobre o Conhecimento de Brahman.

Mestre: "Brahman está além de vidya e avidya, conhecimento e ignorância. Está além de maya, a ilusão da dualidade.

"O mundo consiste da dualidade de conhecimento e ignorância. Contém conhecimento e devoção, mas também, apego a 'mulher e ouro'; honradez e iniqüidade; bem e mal porém, Brahman não está apegado a nada. O bem e o mal afetam somente o Jiva, a alma individual, assim como ocorre com a retidão e a iniqüidade, mas Brahman não é afetado por elas.

"Um homem pode ler o Bhagavata à luz de um lampião e outro pode cometer uma falsificação sob essa mesma luz, mas o lampião não é afetado. O sol derrama sua luz para os bons e para os maus.

"Vocês podem perguntar, 'Como então, se explica a miséria, o pecado e a infelicidade?' A resposta é que esses aplicam-se apenas ao Jiva. Brahman mantém-se intocado por eles. Há veneno na cobra; emboras as pessoas possam morrer ao serem mordidas por ela, ela mesma não é afetada pelo veneno.

"O que Brahman é, não pode ser descrito. Todas as coisas do mundo – os Vedas, os Puranas, os Tantras, os seis sistemas filosóficos – foram todos maculados, como a comida que foi tocada pela língua, porque foram lidos e pronunciados pela língua. Somente uma coisa não foi maculada dessa maneira e esta é Brahman. Nunca ninguém foi capaz de dizer o que Brahman é."
Vidyasagar (aos amigos): "Ó! Trata-se de uma afirmação importante. Hoje aprendi algo novo."
Mestre: "Um homem tinha dois filhos. O pai mandou-os para um preceptor a fim de aprenderem o Conhecimento de Brahman. Depois de alguns anos voltaram da casa do preceptor e curvaram-se ante o pai. Querendo medir a profundidade do conhecimento deles a respeito de Brahman, perguntou em primeiro lugar, ao mais velho, 'Meu filho', disse, 'Você estudou todas as escrituras. Diga-me agora, qual é a natureza de Brahman?" O rapaz começou a explicar Brahman, recitando diversos versos dos Vedas. O pai não disse nada. Então fez ao menor, a mesma pergunta, mas o rapaz ficou em silêncio e manteve os olhos baixos. Nenhuma palavra saiu de seus lábios. O pai ficou satisfeito e disse-lhe: "Meu filho, você entendeu um pouco de Brahman. O que Ele é não pode ser expresso por palavras."
"Os homens freqüentemente pensam que entenderam Brahman em toda a plenitude. Uma vez, uma formiga foi até um monte de açúcar. Um grão foi o suficiente para encher seu estômago. Pegando mais um grão com a boca, foi para casa. A caminho pensou: 'Na próxima vez trarei o monte todo.' É desse modo que as mentes pouco profundas pensam. Desconhecem que Brahman está além das palavras e pensamentos. Por maior que um homem seja, quanto poderá conhecer de Brahman? Shukadeva e outros sábios como ele, podem ter sido grandes formigas, mas mesmo eles não poderiam ter carregado mais do que oito ou dez grãos de açúcar!
"Pelo que foi dito nos Vedas e Puranas, sabe como isso é? Suponhamos que um homem tenha visto o oceano e alguém lhe pergunte: 'Bem, como é o oceano?' O primeiro homem abre a boca o mais que pode e responde: 'Que vista! Que tremendas ondas e barulho!' A descrição de Brahman nos livros sagrados é assim. Está descrito nos Vedas que Brahman é da natureza de Bem-aventurança – Ele é Satchidananda.
"Shuka e outros sábios chegaram até a praia do Oceano de Brahman, viram e tocaram a água. Mas segundo uma escola de pensamento, jamais mergulharam. Aqueles que o fazem não retornam ao mundo.
"Em samadhi uma pessoa atinge o Conhecimento de Brahman - realiza-O. Nesse estado o raciocínio pára completamente e a pessoa torna-se muda. Não tem o poder de descrever a natureza de Brahman.
"Uma vez uma boneca de sal quis conhecer a profundidade do oceano. (Todos riem). Queria contar para os outros quão profunda era a água, mas tal jamais pôde ser feito pois, assim que entrou n'água, derreteu-se. Agora, quem estava lá para dizer qual a profundidade do oceano?"
Um devoto: "Suponhamos que uma pessoa alcance o Conhecimento de Brahman em samadhi. Ele não vai falar mais?"
Mestre: "Shankaracharya reteve o 'ego do conhecimento' para ensinar os outros. Depois da vi-são de Brahman, a pessoa torna-se silenciosa. Raciocina sobre Ele, somente enquanto não O realiza. Se você aquecer manteiga na frigideira no fogão, ela faz um chiado enquanto a água que contém não se evaporar. Quando não houver mais qualquer água a manteiga clarificada pára de chiar. Se puser esta mesma manteiga num bolo cru, chiará novamente, mas assim que o bolo ficar cozido, todos os sons desaparecem. Assim também, um homem estabelecido em samadhi desce ao plano relativo de consciência a fim de ensinar e então, fala de Deus.
"Uma abelha zumbe enquanto não estiver pousada numa flor. Torna-se silenciosa no momento que começa a sugar o mel, mas, às vezes, intoxicada pelo mel, zumbe de novo.
"Um jarro vazio faz um barulho borbulhante quando é mergulhado na água. Ao se encher torna-se silencioso. (Todos riemi), mas se a água for despejada num outro jarro, pode-se ouvir o barulho de novo. (Risada).
Os rishis da antigüidade atingiram o Conhecimento de Brahman. Ninguém pode alcançar esse estado enquanto houver o menor traço de mundanismo. Como os rishis trabalharam duro! Bem cedo saíam e passavam o dia inteiro sozinhos, meditando em Brahman. À noite voltavam e alimentavam-se de um pouco de frutas e raízes. Mantinham as mentes longe dos objetos da vista, audição e tato e das outras coisas do mundo material. Assim conseguiram realizar Brahman como sua própria consciência interna.
"Mas no Kaliyuga, o homem sendo totalmente dependente do alimento para viver, não pode afastar totalmente a idéia de que é corpo. Nesse estado mental, não é próprio que diga 'Eu sou Ele'. Quando uma pessoa faz todo o tipo de trabalho mundano, não deve dizer 'Eu sou Brahman'. Os que não podem desapegar-se das coisas do mundo, que não podem tirar a idéia do 'eu', deveriam dizer: "Sou o servo de Deus; sou Seu devoto'. Pode-se, também, realizar Deus pelo caminho da devoção.

"O jnani abandona a identificação com as coisas do mundo, discriminando 'Isto não, isto não'. Só então, pode realizar Brahman. É como subir até o terraço de uma casa, deixando atrás de si os degraus, um após o outro, mas o vijnani, que está mais próximo de Brahman, realiza algo mais. Realiza que os degraus são do mesmo material que o terraço: tijolos, cal, pó de tijolo. Que o que é realizado intuitivamente como Brahman, pelo processo de eliminação "Isto não, isto não", parece, ter-se tornado o universo com todos os seres vivos. O vijnani vê que a Realidade que é nirguna, sem atributos, é também, saguna com atributos.
"Um homem não pode viver muito tempo no terraço. Desce de novo. Aqueles que realizam Brahman em samadhi também descem e percebem que é Brahman que havia se tornado o universo e os seres vivos. Na escala musical há as notas as, re, ga, ma, pa, dha e ni , mas ninguém pode manter a voz no ni por muito tempo. O ego não desaparece completamente. O homem descendo do samadhi percebe que é Brahman que Se tornou o ego, o universo e todos os seres vivos. Isto é vijnana.
"O caminho do Conhecimento conduz à Verdade, como o caminho que combina conhecimento e amor. O caminho do amor também conduz a essa meta. O caminho do amor é tão verdadeiro quanto o do conhecimento. Todos os caminhos no final, conduzem à mesma Verdade, mas enquanto Deus mantiver o sentimento de ego em nós, é mais fácil seguir o caminho do amor.
"O vijnani vê que Brahman é imutável e sem ação, como o Monte Sumeru. Esse universo é formado dos três gunas – sattva, rajas e tamas. Estão em Brahman, mas Brahman é desapegado.
"O vijnani posteriormente vê que o que é Brahman é o Bhagavan, o Deus Pessoal. Quem está além dos três gunas é o Bhagavan, com Seus seis poderes sobrenaturais. Os seres vivos, o universo, a mente, inteligência, amor, renúncia, conhecimento – todos são manifestações do Seu poder. (Com uma risada). Se um aristocrata não tem casa nem propriedade, ou se for forçado a vendê-las, as pessoas não o chamam mais de aristocrata. (Todos riemi). Deus possui os seis poderes sobrenaturais. Se Ele não fosse, quem Lhe obedeceria? (Todos riem).
"Veja como é pitoresco esse mundo! Quantas coisas há! O sol, a lua e as estrelas, e que variedade de seres vivos! – grandes e pequenos, bons e maus, fortes e fracos – alguns dotados de muito poder, outros de menos."
Vidyasagar: "Ele dotou uns de mais poder do que outros?"
Mestre: "Como Espírito que Tudo penetra, Ele existe em todos os seres, mesmo numa formiga, mas as manifestações de Seu Poder são diferentes em diferentes seres, do contrário, como poderia uma só pessoa pôr para correr dez, enquanto que uma outra não pode enfrentar nem mesmo uma? Por que todas as pessoas respeitam o senhor? Por acaso o senhor desenvolveu um par de chifres? (Risada). O senhor tem mais compaixão e cultura. Por conseguinte, as pessoas vêm lhe prestar respeito e honra. Não concorda comigo?"
Vidyasagar sorriu.
O Mestre continuou: "Não há nada na mera erudição. O objetivo do estudo é encontrar meios de conhecer Deus e realizá-Lo. Um santo possuía um livro. Ao lhe perguntarem o que continha, abriu-o e mostrou que em todas as páginas estavam escritas somente as palavras 'Om Rama' e nada mais.
"Qual o significado do Gita? É o que você encontra repetindo a palavra dez vezes. Torna-se 'tagi,' o que significa uma pessoa que renunciou tudo por Deus. E a lição que o Gita nos dá é a seguinte: 'Ó homem, renuncie a tudo e procure somente Deus.' Quer uma pessoa seja um monge ou um chefe de família, deve tirar todo apego de sua mente.
"Chaitanyadeva foi em peregrinação pelo sul da Índia. Um dia viu um homem lendo o Gita. Um outro sentado, a pouca distância, ouvia e chorava. Os olhos estavam cheios d'água. Chaitanyadeva perguntou-lhe: 'Você compreende tudo isso?' O homem disse: 'Não, santo homem. Não compreendo uma só palavra do texto.' 'Então, por que está chorando?' perguntou-lhe Chaitanya. O devoto disse: 'Vejo o carro de Arjuna diante de mim. Vejo Krishna e Arjuna sentados diante dele, conversando. Vejo e choro!'
"Por que um vijnani tem atitude de amor em relação a Deus? A resposta é que a 'consciência do eu' permanece. Desaparece sem dúvida, em estado de samadhi, mas volta. No caso de pessoas comuns, o 'eu' jamais desaparece. Pode-se cortar a árvore 'aswattha', mas no dia seguinte, ela brota novamente. (Todos riem).

“Mesmo depois de se ter atingido o Conhecimento, essa ‘consciência do eu’ volta, não se sabe de onde. Você sonha com um tigre. Então, acorda, mas o coração continua palpitando forte! Todo sofrimento é devido ao ‘eu’. A vaca grita ‘Hamba!’ que significa ‘eu’. É por isso que ela sofre tanto. Está presa ao arado e é obrigada a trabalhar sob sol e chuva. Então pode ser morta pelo açougueiro. Do couro são feitos sapatos e também, tambores, que são batidos sem piedade. (Risada). Mesmo assim continua não escapando do sofrimento. Finalmente são feitas cordas de suas vísceras para os arcos usados na cardagem do algodão. Já não mais diz ‘Hamba! Hamba!’, ‘eu! eu!’ mas ‘Tuhu! Tuhu!’ ‘Tu! Tu’. Então os sofrimentos terminam. ‘Senhor, sou Teu servo. Tu és o Amo; sou o filho. Tu és a Mãe’.
“Certa vez Rama perguntou a Hanuman: ‘Como é que você me vê?’ Hanuman responde: ‘Rama, enquanto tenho o sentimento de “eu”, vejo que Tu és o todo e eu, a parte; Tu és o Amo e eu, o servo, mas quando, Ó Rama, tenho o conhecimento da Verdade, realizo que Tu és eu e eu, sou Tu’.
“O relacionamento entre amo e servo é o correto. Já que esse ‘eu’ deve permanecer, deixe que o patife seja o servo do Senhor.
“ ‘Eu’ e ‘meu’- esses constituem ignorância. ‘Minha casa’, ‘minha riqueza’, ‘minha cultura’, ‘minhas posses’- a atitude que faz uma pessoa dizer tais coisas vem da ignorância. Ao contrário, a atitude que nasce do Conhecimento é: ‘Ó Deus, Tu és o Amo e todas essas coisas Te pertencem: casa, família, filhos, empregados, amigos, são Teus.’
“Deve-se constantemente lembrar-se da morte. Nada sobreviverá à morte. Nascemos para cumprir certas obrigações, como as pessoas que vêm a Calcutá a negócios. Se um visitante vai ao jardim de um homem rico, o administrador diz-lhe, ‘Esse é o nosso jardim. Esse é o nosso lago etc.’ Se o mesmo, porém, for demitido por alguma falta, não leva consigo nem um cesto feito de madeira de mangueira. Ele o apanha secretamente com o porteiro. (Risada).
“Deus ri em duas ocasiões. Primeiro quando um médico diz à mãe de um paciente, ‘Não fique preocupada, mãe: certamente vou curar seu filho.’ Deus ri, dizendo para Si mesmo, ‘Vou tirar-lhe a vida e este homem diz que o salvará!’ O médico pensa que é o mestre, esquecendo-se que Deus é o Mestre. Deus ri de novo, quando dois irmãos dividem a propriedade com uma corda, um dizendo para o outro, ‘Esse lado é meu e aquele é seu.’ Ri e diz para Si mesmo: “O universo todo me pertence, mas eles dizem que o possuem este ou aquele pedaço.’
“Pode alguém conhecer Deus pelo raciocínio? Seja Seu servo, entregue-se a Ele e ore.”
(A Vidyasagar com um sorriso): “Bem, qual é a sua atitude?”
Vidyasagar (sorrindo): “Algum dia lhe confidenciarei”. (Todos riem).
Mestre (rindo): “Deus não pode ser realizado pelo mero raciocínio intelectual.”
Intoxicado pelo amor divino, o Mestre cantou:

Quem existe que pode entender o que seja a Mãe Kali?
Até mesmo os seis darsanas são incapazes de revelá-La.
É Ela, dizem as escrituras, que é o Ser Interno
Do Yogi, que descobre no Ser toda sua alegria;
Ela que, por Sua própria doce vontade, habita em cada ser vivo.
O macrocosmo e o microcosmo descansam no ventre da Mãe;
Agora vocês vêem quão vasto tudo isso é? No Muladhara
O yogi medita n’Ela e no Sahasrara;
Quem a não ser Shiva mostra como Ela é realmente?
No agreste do lótus Ela, brinca com Seu Par, o Cisne.
Quando alguém aspira entendê-La, Ramprasad deve sorrir:
Pretender conhecê-La, diz ele, é bem risível.
Como imaginar que alguém possa atravessar a nado o oceano infinito.
Enquanto minha mente compreendia, Ó, meu coração não:
Embora sendo um anão, ela todavia, esforça-se para se tornar um cativo da lua.

Continuando o Mestre disse: “Vocês repararam?”

O macrocosmo e o microcosmo descansam no ventre da Mãe:
Agora vocês vêenm quão vasto tudo isso é?

De novo o poeta diz:

Até mesmo os seis darsanas são incapazes de revelá-Las.

Ela não pode ser realizada pela simples erudição.

"Deve-se ter fé e amor. Deixe-me dizer como a fé é poderosa. Um homem ia atravessar o mar do Ceilão à Índia. Bibhishana disse-lhe: 'Pregue isso na dobra da roupa e atravessará o mar com segurança. Você será capaz de andar sobre as águas, mas não o examine, senão afundará.' O homem estava andando facilmente sobre a água – tal a força de sua fé – quando, no meio do caminho, pensou: 'Que coisa maravilhosa foi essa que Bibhishana me deu, que posso andar mesmo sobre as águas?' Desamarrou o embrulho e viu somente, uma folha de papel com o nome de Rama escrito. 'Ó! Apenas isso!' pensou e imediatamente afundou.

"Uma lenda diz que Hanuman atravessou o mar num pulo, pela força de sua fé no nome de Rama, mas o Próprio Rama teve que construir uma ponte.

"Se um homem tem fé em Deus, não precisa ter medo, mesmo que tenha cometido pecado – sim, o mais hediondo pecado."

Então Sri Ramakrishna cantou, glorificando o poder da fé:

Se eu apenas pudesse morrer repetindo o nome de Durga
Como podes Tu, Ó Abençoado,
Impedir minha Liberação
Por mais pecador que eu tenha sido?

O Mestre continuou: "Fé e devoção. Pode-se realizar Deus com facilidade, através da devoção. Ele é realizado através do êxtase do amor."

Com essas palavras, o Mestre cantou de novo:

Como está você tentando, Ó mente minha, conhecer a natureza de Deus?
Você está tateando como um louco, preso num quarto escuro.
Ele é realizado através do amor extasiante, como pode você pensar n'Ele sem isso?
Somente pela afirmação, jamais pela negação, você pode conhecê-Lo.
Nem através dos Vedas, nem dos Tantras, nem dos seis darsanas.
É somente no elixir do amor que Ele Se delicia, Ó mente!:
Mora nas profundezas do corpo, na Alegria Duradoura.
E, para alcançar esse amor, os poderosos yogis praticam yoga através dos tempos;
Quando o amor acorda, o Senhor, como um ímã, atrai a alma para Si.
É d'Ele, diz Ramprasad, que me aproximo como Mãe:
Mas devo revelar o segredo, aqui no mercado?
Do que eu disse, Ó mente, advinha o que é esse Ser!.

Enquanto cantava, o Mestre entrou em samadhi. Estava sentado no banco, olhando para o oeste, as palmas das mãos juntas, o corpo ereto e imóvel. Todos olhavam para ele com muita expectativa. Vidyasagar, também, estava sem fala e não podia tirar os olhos do Mestre.

Depois de transcorrido algum tempo, Sri Ramakrishna começou a mostrar sinais de retornar ao seu estado normal. Respirou profundamente e disse com um sorriso: "Os meios de realizar Deus são o êxtase do amor e da devoção – quer dizer, devemos amar Deus, Aquele que é Brahman é, também, a Mãe.

É d'Ele, diz Ramprasad, que me aproximo como Mãe:
Mas devo revelar o segredo aqui, no mercado?
Do que eu disse, Ó mente, advinhe o que é esse Ser!

"Ramprasad pede à mente somente que descubra qual a natureza de Deus. Deseja que seja entendido que é o que é chamado Brahman nos Vedas, é chamado por ele, Mãe. Aquele que não tem atributos, também os tem Aquele Brahman é também, Shakti. Quando é considerado Inativo Ele é chamado Brahman e quando é considerado como Criador, Preservador e Destruidor, Ele é chamado de Energia Primordial ou Kali.

"Brahman e Shakti são idênticos como o fogo e seu poder de queimar. Quando falamos de fogo, automaticamente significamos também, seu poder de queimar e por sua vez, o poder do fogo de queimar implica no próprio fogo. Se aceitamos um, temos que aceitar o outro.

"Somente Brahman é chamado Mãe. Isto porque a mãe é objeto de grande amor. Uma pessoa pode realizar Deus, apenas pelo amor. O êxtase de sentimento, a devoção, o amor e fé – são os meios. Ouçam essa canção:

Como é a meditação de um homem, assim é seu sentimento de amor;
Como é o sentimento de amor, assim é o que ele ganha
Se no Lago de Néctar dos pés da Mãe Kali

Minha mente fica imersa.

De pouca valia são o culto, as oblações ou o sacrifício.

"O que é necessário é a absorção em Deus – amando-O intensamente. O 'Lago de Néctar' é o Lago da Imortalidade. Um homem submergindo nele, não morre mas torna-se imortal. Algumas pessoas acham que se alguém pensar muito em Deus, a mente se desequilibra, mas isso não é verdade. Deus é o Lago de Néctar, o Oceano da Imortalidade. É chamado de 'Imortal' nos Vedas. Mergulhando n'Ele, uma pessoa não morre, mas na verdade, transcende a morte.

De pouca valia são o culto, as oblações ou o sacrifício.

"Se uma pessoa chega a amar a Deus, não tem que se preocupar muito com essas coisas. Necessita-se de um leque apenas enquanto não houver brisa. Esse leque pode ser deixado de lado, assim que a brisa do sul soprar. Portanto, qual a necessidade de um leque?

(A Vidyasagar): "As atividades em que o senhor está empenhado, são muito boas. É muito bom que o senhor possa fazê-las de forma desinteressada, renunciando ao egoísmo, deixando de lado a idéia de que é aquele que faz. Através dessa ação, uma pessoa desenvolve amor e devoção a Deus e por fim, O realiza.

"Quanto mais você amar a Deus, menos estará inclinado à ação. Quando a nora está esperando um bebê, sua sogra lhe dá menos trabalho. À medida que o tempo passa, ela lhe dá cada vez menos trabalho. Quando está próxima a época do parto, não lhe é permitido fazer nada, porque tal coisa poderia causar algum mal à criança ou dificuldades na hora do nascimento.

"Através dessas atividades filantrópicas o senhor, na realidade, está fazendo bem a si próprio. Se puder fazer de forma desinteressada, sua mente se tornará pura e desenvolverá amor por Deus. Assim que tiver esse amor, O realizará.

"O homem na verdade não pode ajudar o mundo. Só Deus pode fazê-lo – Aquele que criou o sol e a lua, que pôs amor no coração de seus pais, dotou as almas nobres de compaixão e os santos e devotos com amor divino. O homem que fizer algum trabalho para os outros sem interesse pessoal, estará realmente fazendo bem a si mesmo.

"Há ouro enterrado em seu coração, mas o senhor não está consciente desse fato. Está coberto por uma fina camada de argila. Assim que estiver consciente desse fato, todas as outras atividades diminuirão. Depois do nascimento da criança, a nora só se ocupa dela. Tudo o que ela faz, é apenas para a criança. Sua sogra não lhe deixa fazer qualquer serviço doméstico.

"Vá em frente. Um lenhador entrou numa floresta para cortar lenha. Um brahmachari disse-lhe: 'Vá em frente'. Obedeceu à prescrição e descobriu algumas árvores de sândalo. Depois de alguns dias refletiu: 'O santo mandou-me ir em frente. Não me disse para parar aqui.' Então continuou seu caminho e descobriu uma mina de prata, mais longe ainda e descobriu uma mina de ouro e em seguida, minas de diamantes e de pedras preciosas. Com isso tornou-se um homem imensamente rico

"Pelo serviço desinteressado o amor de Deus cresce no coração. Então por Sua graça, uma pessoa realiza-O ao longo do tempo. Deus pode ser visto. Podemos conversar com Ele da mesma maneira que estou conversando com vocês."

Numa admiração silenciosa todos ouviam as palavras do Mestre. Parecia-lhes que a Própria Deusa da Sabedoria, sentada na língua de Sri Ramakrishna, pronunciava essas palavras não somente para Vidyasagar, mas para toda a humanidade, para seu próprio bem.

Eram nove horas da noite. O Mestre estava de saída.

Mestre (a Vidyasagar com um sorriso): "As palavras que disse são realmente supérfluas. O senhor sabe de tudo isso, simplesmente não está consciente. Há inúmeras pedras no cofre de Varuna, mas ele mesmo não está consciente disso."

Vidyasagar (com um sorriso): "O senhor pode dizer o que quiser."

Mestre (sorrindo): "Ó sim. Há muitas pessoas ricas que não conhecem o nome de todos os seus servos, nem conhecem todas as coisas preciosas que estão em suas próprias casas."(Todos riem).

Todos estavam maravilhados com a conversa do Mestre. De novo dirigindo-se a Vidyasagar, disse sorrindo: "Por favor vá ao templo - quero dizer, ao jardim da Rasmani. É um lugar encantador."

Vidyasagar: "Ó sim, certamente que irei. O senhor foi tão gentil em vir me visitar, por que não retribuirei essa visita?"

Mestre: "Visitar-me? Jamais pense em tal coisa!"

Vidyasagar: “Por que, senhor? Por que diz isso? Posso pedir-lhe que me explique?”
Mestre (sorrindo): “O senhor vê, somos como pequenos barcos de pesca. (Todos sorriram). Podemos navegar em pequenos canais e águas rasas e também, em grandes rios, mas o senhor é um navio. Poderá encalhar no caminho!”(Todos riem).
Vidyasagar ficou em silêncio. Sri Ramakrishna disse com uma risada: “Mas mesmo um navio pode ir lá nesta estação.”
Vidyasagar (sorrindo): “Sim, é a estação das monções.” (Todos riem).
M. disse para si mesmo: “É realmente a estação das monções do despertar do amor. Em tais ocasiões não se liga para prestígio e formalidades.”
Sri Ramakrishna despediu-se de Vidyasagar que, juntamente com seus amigos, acompanharam-no até o portão principal, iluminando o caminho com uma vela acesa na mão. Antes de sair do aposento, o Mestre orou pelo bem-estar da família, entrando em êxtase à medida que orava.
Assim o Mestre e seus devotos chegaram ao portão e viram algo inesperado que os deixou imóveis. Um senhor barbudo de pele clara, aparentando mais ou menos trinta e seis anos, estava defronte deles. Usava roupas à moda bengali, mas tinha um turbante branco dos Sikhs. Logo que viu o Mestre, prosternou-se a seus pés com turbante e tudo.
Quando se levantou, o Mestre disse: “Quem é? Balaram? Por que chegou tão tarde?”
Balaram: “Estou esperando aqui há muito tempo, senhor.”
Mestre: “Por que o senhor não entrou?”
Balaram: “Todos estavam atentos. Não quis perturbar.”
O Mestre entrou na carruagem com seus companheiros.
Vidyasagar (a M. baixinho): “Devo pagar a carruagem?”
M.: “Ó não, não se preocupe. Já está tudo pago.”
Vidyasagar e seus amigos curvaram-se ante Sri Ramakrishna e a carruagem partiu para Dakshineswar, mas o pequeno grupo com o venerável Vidyasagar à frente, segurando a vela, permaneceu no portão, olhando para o Mestre até que a carruagem perdeu-se de vista.

Capítulo IV
Conselho aos Chefes de Família

13 de agosto de 1882

O MESTRE ESTAVA CONVERSANDO com Kedar e outros devotos em seu aposento. Kedar era um funcionário do Governo e havia passado muitos anos em Dacca, Bengala oriental, onde tornou-se amigo de Vijay Goswami. Os dois passavam grande parte do tempo juntos, falando sobre Sri Ramakrishna e suas experiências espirituais. Kedar já fora membro do Brahmo Samaj. Seguia o caminho de Bhakti. Conversar sobre assuntos espirituais sempre lhe trazia lágrimas aos olhos.

Eram cinco horas da tarde, Kedar estava muito feliz naquele dia, tendo organizado um festival religioso para Sri Ramakrishna. Um cantor foi contratado por Ram e o dia inteiro foi passado com muita alegria.

O Mestre explicou aos devotos o segredo da comunhão com Deus.

Mestre: "Com a realização de Satchidananda entra-se em samadhi. Então os deveres caem. Suponhamos que eu esteja falando sobre o ostad e ele apareça. Qual a necessidade de se continuar a falar dele? Por quanto tempo a abelha zumbe? Até que pose numa flor. Não é para um sadhaka, renunciar aos deveres. Deve cumprir seus deveres tais como adoração, japa, meditação, oração e peregrinação.

"Quando virem uma pessoa ainda empenhada em raciocinar, mesmo depois de realizar Deus, podem compará-la a uma abelha que zumbe um pouco, após ter sugado o mel de uma flor."

O Mestre estava gostando muito da música do ostad. Disse-lhe: "Há uma manifestação especial do poder de Deus, num homem que possui certos dotes especiais, como habilidade em música."

Músico: "Qual o caminho para se realizar Deus?"

Mestre: "Bhakti é essencial. Certamente Deus existe em todas as criaturas. Quem então é um devoto? Aquele cuja mente mora em Deus. Isso, entretanto, não é possível enquanto houver egoísmo e vaidade. A água da graça de Deus não pode permanecer no alto do morro do egoísmo. Sou uma simples máquina.

(A Kedar e outros devotos): "Deus pode ser realizado por todos os caminhos. Todas as religiões são verdadeiras. A coisa mais importante é atingir o terraço. Pode-se chegar lá por degraus de pedra ou de madeira, de bambu ou mesmo, por uma corda. Pode-se, também, subir por uma vara de bambu.

"Pode-se dizer que há muitos erros e superstições em outras religiões. Eu responderia: Suponhamos que haja. Todas as religiões têm seus erros. Cada um pensa que só o seu relógio dá a hora certa. É suficiente ter anseio por Deus. Basta amá-Lo e sentir-se atraído por Ele. Não sabem que Deus é o Guia Interno? Ele vê o anelo de nosso coração e a ânsia de nossa alma. Suponhamos que um homem tenha vários filhos. Os mais velhos podem chamá-lo "Baba" ou "Papa", mas os muito pequenos podem, no máximo, chamá-lo 'Ba' ou 'Pa'. Agora, o pai vai ficar zangado com aqueles que não podem chamá-lo de forma correta? O pai sabe que eles também o estão chamando, somente não têm a capacidade de pronunciar seu nome direito. Todos os filhos são iguais para o pai. Assim também, os devotos chamam somente Deus, embora por diferentes nomes. Chamam somente uma Pessoa. Deus é Uno, mas Seus nomes são vários."

Quinta-feira, 24 de agosto de 1882

Sri Ramakrishna conversava com Hazra na longa varanda noroeste de seu quarto, quando M. chegou e saudou-o com reverência.

Mestre: "Gostaria de visitar Iswar Chandra Vidyasagar mais algumas vezes. O pintor primeiro desenha os contornos e somente depois, coloca os detalhes e cores à sua vontade. O escultor primeiro faz a imagem de barro, em seguida o molde, dá uma mão de cal e por fim, uma pintura com pincel. Todos esses passos têm que ser dados sucessivamente. Vidyasagar está completamente pronto, mas seu interior está coberto por uma fina camada. Agora ocupa-se em fazer boas ações, mas ignora o que tem em seu interior. O ouro está escondido dentro dele. Deus mora dentro de nós. Se alguém sabe disso, sente o desejo de abandonar todas as atividades e apenas orar a Deus com alma anelante."

O Mestre falava com M., ora em pé, ora passeando de um lado para o outro, na grande varanda.

Mestre: "Necessitamos de um pouco de disciplina espiritual para conhecermos o que há dentro de nós."

M.: "É necessário praticar-se disciplinas a vida inteira?"

Mestre: “Não, mas é imprescindível fazê-lo no começo. Depois disso não é mais necessário trabalhar-se muito. O timoneiro de pé segura o leme com firmeza, quando o barco passa através de grandes ondas, tempestades, ventos fortes ou pelas curvas de um rio. Quando um barco passa pelas curvas e o timoneiro sente um vento favorável, senta-se confortavelmente e apenas toca no timão. Em seguida abre as velas e prepara-se para fumar. Assim também, o aspirante goza de paz e calma depois de ter passado pelas ondas e tempestades de ‘mulher e ouro’.

“Alguns nascem com as características de um yogi, mas eles também têm que ter cuidado. É somente ‘mulher e ouro’ o grande obstáculo; fazem-nos desviar do caminho da yoga e joga-nos no mundanismo. Talvez tenham algum desejo de prazer. Depois de satisfazerem seu desejo, direcionam novamente suas mentes para Deus e assim, recuperam seu estado mental anterior, pronto para a prática da yoga.

“Já viu uma armadilha para peixe chamada ‘satka-kal’?”

M.: “Não senhor, nunca vi.”

Mestre: “É usada em nossa parte do país. Uma das extremidades da vara de bambu é presa no chão e a outra é curvada, onde se coloca um gancho. Deste final de vara, uma linha com um anzol fica dependurada sobre a água, a isca presa no anzol. Quando o peixe abocanha a isca, subitamente o bambu dá um salto e retoma sua posição ereta.

“Assim também, tome por exemplo os pratos de uma balança. Se um peso é colocado num dos lados, a agulha mais baixa se desloca da mais alta. A agulha mais baixa é a mente e a mais alta, Deus. O encontro das duas é Yoga.

“A não ser que a mente se torne estável, não pode haver yoga. É o vento do mundanismo que sempre perturba a mente, semelhante à chama de uma vela. Quando a chama está imóvel, diz-se que uma pessoa atingiu yoga,

“Somente ‘mulher e ouro’ são obstáculos à yoga. Analise sempre o que você vê. O que há no corpo de uma mulher? Apenas sangue, carne, entranhas e coisas semelhantes. Por que deveria uma pessoa de amar tal corpo?

“Às vezes eu tinha o hábito de assumir um estado rajásico a fim de praticar renúncia. Um dia tive o desejo de vestir uma roupa bordada em ouro, um anel no dedo e fumar um longo cachimbo. Mathur Babu providenciou todas essas coisas para mim. Usei a roupa bordada em ouro e disse para mim mesmo, depois de um certo tempo. ‘Mente! É isso que é chamada uma roupa bordada em ouro’. Então me desfiz dela. Não podia suportá-la mais. Novamente disse a mim mesmo: ‘Mente! Isto chama-se xale, isto é anel e isto, fumar um longo cachimbo.’ Desfiz-me dessas coisas de uma vez por todas e nunca mais o desejo de desfrutá-las surgiu em minha mente.”

Era o entardecer. O Mestre e M. permaneceram de pé, conversando sozinhos perto da porta, na varanda sudeste.

Mestre (a M.): “A mente do yogi está sempre absorta no Ser. Pode-se reconhecer tal homem, simplesmente olhando para ele. Seus olhos estão muito abertos, sem alvo certo, tal qual o olhar de uma mãe passarinho chocando os ovos. A mente inteira está dirigida para os ovos e há um olhar vago nos olhos. Pode mostrar-me um quadro como esse?”

M.: “Vou tentar obter.”

Como a noite estava chegando, os templos foram iluminados. Sri Ramakrishna estava sentado em seu divã pequeno, meditando na Mãe Divina. Passou a cantar os nomes de Deus. Queimou-se incenso no aposento onde um lampião a óleo fora aceso. Os sons das conchas e gongos flutuavam no ar, quando o culto começou no templo de Kali. O luar inundava. O Mestre novamente dirigiu-se a M.

Mestre: “Cumpra todas as suas obrigações de forma desinteressada. O trabalho que Vidyasagar realiza é muito bom. Procure sempre cumprir seus deveres, sem desejar qualquer resultado.”

M.: “Sim, senhor. Posso saber se uma pessoa pode realizar Deus enquanto leva a cabo seus deveres? Podem ‘Rama’ e ‘desejo’ coexistirem? Outro dia li num verso hindi: ‘Onde está Rama, não pode haver qualquer desejo; onde está o desejo, Rama não pode estar’.”

Mestre: “Todos, sem exceção, fazem um trabalho. Mesmo cantar o nome e as glórias do Senhor é trabalho; também, é a meditação não-dualista ‘Eu sou Ele’. Respirar é uma atividade. Não há como renunciar completamente à ação e portanto, faça seu trabalho, mas entregue os frutos a Deus.”

M.: “Senhor, posso me esforçar para ganhar mais dinheiro?”

Mestre: “É permitida tal coisa a fim de manter uma família religiosa. Pode-se aumentar a renda familiar, mas de forma honesta. A meta da vida não é ganhar dinheiro, mas servir a Deus. O dinheiro não é prejudicial se for dedicado ao serviço de Deus.”
M.: “Por quanto tempo um homem tem obrigações com esposa e filhos?”
Mestre: “Enquanto tiverem necessidade de comida e roupa, mas uma pessoa não tem responsabilidade em relação a um filho, quando este estiver em condições de se manter. Quando a avezinha já tiver condições de encontrar seu próprio alimento, a mãe a bica se ela lhe pedir comida.”
M.: “Por quanto tempo deve uma pessoa cumprir seus deveres?”
Mestre: “As flores caem quando a fruta aparece. Não se tem que cumprir qualquer dever, depois de ter alcançado Deus, nem sentir-se inclinado a fazê-lo.
“Se um bêbado bebe muito, não pode controlar sua consciência. Se tomar apenas dois ou três copos, pode continuar seu trabalho. À medida que se aproxima cada vez mais de Deus, Ele irá reduzindo pouco a pouco suas atividades. Não tenha medo.
“Termine os poucos deveres que tem em mãos e terá paz. Quando a dona de casa vai tomar banho, depois de ter acabado de cozinhar e fazer os outros serviços domésticos, por mais que alguém grite por ela, não voltará ao trabalho.”
M.: “Senhor, o que significa realizar Deus? O que quer dizer visão de Deus? Como alcançá-la?”
Mestre: “De acordo com os vaishnavas, os aspirantes e os videntes de Deus estão divididos em diferentes grupos. Esses são o pravartaka, o sadhaka, o siddha e o siddha do siddha. Aquele que apenas pôs o pé no caminho é chamado pravartaka. É chamado de sadhaka quando já há algum tempo vem praticando disciplinas espirituais como adoração, japa e meditação e cantando o nome e as glórias de Deus. Chama-se siddha aquele que sabe, por experiência interna, que Deus existe. A Vedanta faz uma analogia para explicar tal fato. O dono de uma casa está dormindo num quarto escuro e uma pessoa tateia para encontrá-lo. Toca no divã e diz: ‘Não, não é ele’. Toca na janela e diz, ‘Não, não é ele’. Toca na porta e diz, ‘Não, não é ele’. Tal processo é chamado na Vedanta ‘Neti, neti’, ‘Isto não, isto não’. Por fim toca o corpo do dono da casa e exclama, ‘Aqui está!’. Em outras palavras, está consciente da ‘existência’ do senhor. Encontrou-o, mas ainda não o conhece intimamente.
“Há um outro tipo, conhecido como siddha do siddha, o ‘supremamente perfeito’. É bem diferente quando uma pessoa fala ao dono da casa intimamente, quando conhece Deus com muita intimidade através do amor e da devoção. Um siddha atingiu Deus sem qualquer dúvida, mas o ‘supremamente perfeito’ conhece Deus intimamente.
“Para se realizar Deus, deve-se adotar uma dessas atitudes: santa, dasya, sakhya, vatsalya ou madhur.
“Santa é a atitude serena. Os rishis de outrora tiveram essa atitude em relação a Deus. Não almejavam qualquer gozo material. É como a devoção exclusiva da esposa para seu marido. Ela sabe que seu marido é a personificação do amor e beleza, um verdadeiro Madan.
“Dasya é a atitude do servo para com seu senhor. Hanuman tinha essa atitude com relação a Rama. Sentia a força de um leão quando trabalhava para Rama. Uma esposa também tem essa atitude. Serve seu marido com todo o coração e alma. Uma mãe também tem um pouco dessa atitude, como Yashoda teve com Krishna.
“Sakhya, atitude de amizade. Os amigos dizem uns para os outros: ‘Venham aqui e sentem-se perto de mim’, Sridama e outros amigos às vezes alimentavam Krishna com fruta que já haviam provado e às vezes, pulavam em Seus ombros.
“Vatsalya, a atitude de uma mãe em relação a seu filho. Tal era a atitude de Yasoda para com Krishna. A esposa, também, tem um pouco desse sentimento. Alimenta seu marido com seu próprio sangue de vida, por assim dizer; a mãe só fica satisfeita quando a criança comeu a quantidade que seu coração pede. Yashoda perambulava com manteiga na mão, para alimentar Krishna.
“Madhur, a atitude da mulher para seu amante. Radha tinha essa atitude em relação a Krishna. A esposa sente-se assim, por seu marido. Essa atitude inclui todas as outras quatro.”
M.: “Quando uma pessoa vê Deus, ela O vê com esses olhos?”
Mestre: “Deus não pode ser visto com esses olhos físicos. Ao longo da disciplina espiritual adquire-se o ‘corpo do amor’, dotado de ‘olhos do amor’, ‘ouvidos do amor’, etc. Vê-se Deus com esses ‘olhos do amor’. Ouve Deus com ‘ouvidos do amor’. Tem-se mesmo um órgão sexual feito do amor.”

Ao ouvir essas palavras, M. caiu na gargalhada. O Mestre, porém, sem se aborrecer continuou: "Com esse 'corpo do amor' a alma comunga com Deus."
M. tornou-se novamente sério.
Mestre: "Mas isso só é possível com um amor intenso por Deus. Uma pessoa vê somente Deus em todos os lugares, quando O ama intensamente. É o mesmo que uma pessoa com icterícia, que vê tudo amarelo. Sente então; "Sou realmente Ele."
"Um bêbado, profundamente embriagado, diz, 'Sou realmente Kali!' As gopis intoxicadas de amor, exclamam, 'Realmente sou Krishna!'
"Quem pensa em Deus dia e noite, O vê em todos os lugares, é como um homem que fica vendo chamas em todos os lados, depois de ter olhado fixamente para uma, durante algum tempo."
"Mas aquela não é uma chama real, um pensamento passou rápido pela mente de M.
Sri Ramakrishna, que podia ler os pensamentos mais recônditos de uma pessoa, disse: "Não se perde a consciência se pensar n'Ele que é todo Espírito, toda Consciência. Shivanath certa vez comentou que pensar muito em Deus perturba o cérebro. Eu, porém, disse-lhe: 'Como pode uma pessoa tornar-se inconsciente quando pensa na Consciência?' "
M.: "Sim, senhor, compreendo. Não é como pensar num objeto irreal. Como pode um homem perder sua inteligência se fixa sempre a mente n'Ele cuja natureza verdadeira é inteligência eterna?"
Mestre (com alegria): "É pela graça de Deus que se compreende isso. As dúvidas da mente não desaparecerão sem Sua graça. As dúvidas não desaparecem sem a Auto-realização.
"Mas uma pessoa nada tem a temer, se recebeu a graça de Deus. É fácil uma criança tropeçar quando segura a mão de seu pai, mas não há esse perigo se é o pai quem segura sua mão. Um homem nada mais tem a sofrer, se Deus remove todas as dúvidas, por Sua graça e revela-Se a ele. Tal graça, porém, só desce sobre ele depois de ter orado com intenso anseio do coração e praticado disciplinas espirituais. A mãe sente pena de seu filho quando o vê correndo de um lado para o outro, já sem fôle-go. Ela vinha se escondendo, mas agora, aparece diante da criança."
"Mas por que Deus nos faz correr de um lado para o outro?" pensou M.
Imediatamente Sri Ramakrishna disse: "É Sua vontade que corramos um pouco. É um grande divertimento. Deus criou o mundo como se fosse um grande espetáculo. Isto é chamado Mahamaya, a Grande Ilusão. Por conseguinte, devemos refugiar-nos na Mãe Divina, o Próprio Poder Cósmico. É Ela quem nos prendeu nos grilhões da ilusão. A realização de Deus só é possível depois que essas cadeias forem cortadas."
O Mestre continuou: "Uma pessoa deve propiciar a Mãe Divina, a Energia Primordial, para obter a graça de Deus. O Próprio Deus é Mahamaya que engana o mundo com Sua ilusão e confere a magia da criação, preservação e destruição. Ela estendeu esse véu de ignorância diante de nossos olhos. Só podemos penetrar na câmara interior, se Ela nos deixar passar pela porta. Vivendo no exterior, apenas vemos os objetos exteriores e não, o Ser Eterno, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos. É por isso que se diz nos Puranas, que as divindades como Brahman pediam à Mahamaya, a destruição dos demônios como Madhu e Kaitabha.
"Somente Shakti é a raiz do universo. Essa Energia primordial tem dois aspectos: vidya e avidya. Avidya ilude. Avidya proclama 'mulher e ouro' que encanta a todos. Vidya promove devoção, gentileza, sabedoria e amor que levam a Deus. Essa Avidya deve ser propiciada e esse é o propósito dos ritos do culto de Shakti .
"O devoto toma diversas atitudes perante Shakti, a fim de propiciá-La; a atitude de uma empregada, de 'herói' ou de filho. A atitude de 'herói' é para agradá-La do mesmo modo que um homem agrada a mulher durante o ato sexual.
"A adoração à Shakti é extremamente difícil. Não é brincadeira. Passei dois anos como serva e companheira da Mãe Divina, mas a minha atitude foi sempre a de um menino em relação à sua mãe. Olho os seios de qualquer mulher como os de minha própria mãe.
"Todas as mulheres são a verdadeira imagem de Shakti. No noroeste da Índia, a noiva segura uma faca por ocasião da cerimônia de casamento: em Bengala, um quebra-nozes. O significado disso é que, o noivo com a ajuda da noiva, que é a personificação do Poder Divino, cortará os laços da ilusão. Essa é a atitude de 'herói'. Jamais adorei a Mãe Divina dessa maneira. Minha atitude foi sempre a de um filho para com sua Mãe.
"A noiva é realmente a própria personificação de Shakti. Você já notou que durante a cerimônia de casamento, o noivo senta-se atrás como um idiota? Mas a noiva – ela fica em tanta evidência!

“Depois de alcançar Deus, esquecese de Seu esplendor externo, as glórias de Sua criação. Não se pensa mais nas glórias de Deus, depois de tê-Lo visto. Um devoto depois de submerso na Bem-aventurança Divina, não mais cogita das coisas externas. Quando vejo Narendra não preciso perguntar-lhe: “Qual é o seu nome? Onde você mora?’ Há razão para tais perguntas? Um homem, uma vez, perguntou a Hanuman em que dia da quinzena estavam. ‘Irmão’, disse Hanuman, ‘Não sei nada a respeito dos dias da semana, ou da quinzena ou da posição das estrelas. Só penso em Rama!”

16 de outubro de 1882

Era uma segunda-feira, poucos dias antes do Durga Puja, festival da Mãe Divina. Sri Ramakrishna estava muito feliz, porque Narendra estava com ele. Narendra havia trazido ao templo, dois ou três jovens membros do Brahmo Samaj. Além deles, Rakhal, Hazra e M. estavam com o Mestre.

Narendra tomou sua refeição do meio-dia com Sri Ramakrishna. Em seguida, uma cama improvisada foi arrumada no chão do quarto do Mestre, para os discípulos descansarem um pouco. Uma esteira foi estendida, sobre a qual colocaram um acolchoado coberto por um lençol branco. Algumas almofadas e travesseiros completavam essa cama simples. Como uma criança, o Mestre sentou-se perto de Narendranath na cama. Conversava com os devotos com muita alegria. Um sorriso radiante iluminava seu rosto e com os olhos fixos em Narendra, dava-lhes vários ensinamentos espirituais, entremeando-os com incidentes de sua própria vida.

Mestre: “Depois de ter experimentado samadhi, minha mente ansiou intensamente para ouvir falar somente de Deus. Eu sempre procurava lugares onde estavam lendo ou explicando os livros sagrados, tais como o Bhagavata, o Mahabharata e o Adhyatma Ramayana.

“Que fé tremenda tinha Krishnakishore! Uma vez, enquanto estava em Vrindavan, sentiu sede e foi até um poço. Perto, viu um homem. Ao lhe pedir que pegasse um pouco de água, o homem disse-lhe: ‘Pertenço a uma casta inferior. O senhor é um brahmin. Como posso apanhar água para o senhor?’ Krishnakishore respondeu-lhe: ‘Toma o nome de Shiva, repetindo o Seu santo nome, você se tornará puro’. O homem de casta inferior fez o que ele lhe mandara e Krishnakishore, um brahmin ortodoxo, bebeu a água. Que tremenda fé!

“Um dia um santo chegou às margens do Ganges e passou a viver perto do ghat de banho de Ariadaha, não longe de Dakshineswar. Pensamos fazer-lhe uma visita. Disse a Haladhari: ‘Krishnakishore e eu vamos ver um santo. Você quer vir conosco?’ Haladhari respondeu: ‘Qual a vantagem de se ver um simples corpo humano, que não é superior a uma ‘jaula de argila’? Haladhari era um estudante do Gita e da filosofia Vedanta e por conseguinte, considerava o santo como uma simples ‘jaula de argila’. Repeti o comentário a Krishnakishore que, com muita raiva, disse: ‘Como Haladhari foi imprudente em fazer tal comentário! Como pode ele ridicularizar como uma ‘jaula de argila’ o corpo de um homem que pensa constantemente em Deus, que medita em Rama e que a tudo renunciou por amor ao Senhor? Ele não sabe que um homem assim é a personificação do Espírito? Ficou tão chocado com o comentário de Haladhari que passou a lhe virar o rosto sempre que o encontrava no templo e deixou de lhe dirigir a palavra.

“Uma vez Krishnakishore perguntou-me: ‘Por que o senhor deixou de lado o cordão sagrado?’ Naqueles dias da visão de Deus, sentia-me como se estivesse no meio da grande tempestade de Ashwin e que tudo havia desaparecido de mim. Não sobrou qualquer traço de minha antiga personalidade. Perdi toda consciência do mundo, mal podia ficar vestido, para não falar do cordão sagrado! Disse a Krishnakishore: ‘Ah! Você me compreenderá se um dia ficar intoxicado por Deus, como eu estava’.

“E de fato isto chegou a acontecer. Ele também passou por um estado de intoxicação de Deus, quando apenas repetia a palavra Om e trancava-se em seu quarto. Seus parentes pensaram que estivesse ficando realmente louco e chamaram um médico. Ram Kaviraj de Natagore veio vê-lo. Krishnakishore disse-lhe: ‘Cure minha doença se isso lhe agrada, mas não o meu Om.’ (Todos riem).

“Um dia fui visitá-lo e encontrei-o muito pensativo. Quando lhe perguntei o motivo, respondeu: ‘O coletor de impostos esteve aqui. Ameaçou-me carregar meus copos, jarras e outros utensílios de latão, se eu não pagar o imposto. Por isso estou muito preocupado’. Disse-lhe: ‘Mas por que haveria você de se preocupar? Deixe-o levar os potes e as panelas, deixe-o mesmo prender seu corpo. O que isso lhe poderá afetar? Sua natureza é a de Kha!’ (Narendra e os outros riem). Costumava dizer-me que era o Espírito que Tudo penetra, como o céu. Tinha tirado essa idéia do Adhyatma Ramayana. Eu costumava implicar com ele, de vez em quando, chamando-o de ‘Kha’. Portanto, disse-lhe aquele dia, com um sorriso: ‘Você é Kha. Os impostos não podem afetá-lo!’

"Naquele estado de intoxicação divina, eu costumava dizer a todos, o que pensava. Não respeitava ninguém. Mesmo a homens de posição social importante, não tinha medo de falar a verdade.
"Um dia Jatindra foi à chácara de Jadu Mallick. Eu também estava lá e perguntei-lhe: 'Qual é o dever de um homem? Não é nosso dever pensar em Deus?' Jatindra respondeu: 'Somos homens do mundo. Como nos é possível atingir a liberação? Mesmo o rei Yudhisthira teve que passar pela experiência da visão do inferno.' Isto me deixou muito zangado. Disse-lhe: 'Que tipo de homem é o senhor? De todos os acidentes da vida de Yudhisthira, o senhor só se recorda do incidente do inferno. Não se lembra de sua veracidade, sua tolerância, sua paciência, sua discriminação, seu desapego e sua devoção a Deus'. Já estava a ponto de dizer muitas coisas quando Hriday fez-me calar. Logo em seguida Jatindra saiu, alegando que tinha um outro compromisso para atender.
"Muitos dias depois fui com o Capitão ver Raja Sourindra Tagore. Assim que o vi, disse-lhe: 'Não posso dirigir-me ao senhor como "Raja" ou qualquer outro título, porque estaria mentindo.' Conversamos alguns minutos, mas nossa conversa foi constantemente interrompida pelas visitas de europeus e outros. Homem de temperamento rajásico, Sourindra ocupava-se naturalmente com muitas coisas. Jatindra, seu irmão mais velho, foi informado de minha chegada, mas ele mandou dizer que estava com dor de garganta e não poderia ver-me.
"Um dia, naquele estado de intoxicação divina, fui ao ghat de banho no Ganges, em Baranagore. Lá vi Jaya Mukherji repetindo o nome de Deus, mas sua mente estava distante. Subi e dei-lhe duas bofetadas nas faces.
"Outra vez Rani Rasmani estava passando uns tempos no templo. Veio até o altar da Mãe Divina, como fazia freqüentemente, enquanto eu celebrava o culto de Kali e pediu-me para entoar uma ou duas canções. Enquanto cantava, percebi que ela estava arrumando as flores para o culto com a mente distraída. Imediatamente esbofeteei-a. Ela ficou bastante embaraçada e sentou-se com as mãos postas.
"Alarmado com meu estado mental, disse a meu primo Haladhari. 'Veja minha natureza! Como posso livrar-me dela?' Após orar, com fervor, à Mãe Divina, consegui acabar com esse hábito.
"Quando alguém se encontra em tal estado mental só sente prazer em conversas a respeito de Deus. Costumava chorar quando ouvia as pessoas falarem de coisas mundanas. Quando acompanhei Mathur Babu numa peregrinação, passamos alguns dias em Benares, na casa de Raja Babu. Um dia eu estava sentado na sala com Mathur Babu, Raja Babu e outros. Ouvindo-os falar sobre diversos assuntos mundanos, tais como perdas financeiras etc., chorei amargamente e disse à Mãe Divina: 'Mãe, onde Tu me trouxeste? Estava muito melhor no templo de Dakshineswar. Aqui estou num lugar em que tenho ouvir a respeito de "mulher e ouro", mas em Dakshineswar poderia evitar isso'."
O Mestre pediu aos devotos, sobretudo a Narendra, Latu , M., Hazra e Priya, amigo Brahmo de Narendra, estavam presentes. O canto foi acompanhado pelo tambor.

Medite, Ó mente minha, no Senhor Hari,
O Imaculado, Puro Espírito por todos os tempos.
Como é inigualável a Luz que brilha n'Ele
Como enfeitiça a alma, Sua forma maravilhosa!
Como Ele é amado por todos os seus devotos! ...

Depois dessa canção, Narendra cantou:

Ó quando despertará para mim aquele dia de bênção
Quando Ele que é todo o Bem, toda a Beleza e toda a Verdade
Iluminará o altar mais interior do meu coração?
Quando mergulharei, afinal, sempre contemplando-O?
No Oceano de Alegria?
Senhor, como Sabedoria Infinita, Tu entrarás em minha alma
E minha mente inquieta, tornada sem fala por Tua visão.
Encontrará um refugio em Teus pés.
No firmamento do meu coração, Tu surgirás
Como Imortalidade Bem-aventurada.
E como, quando o chakora contempla a lua que surge.
Brinca de um lado para o outro, por simples alegria.
Assim, também, ficarei cheio de felicidade celestial
Quando Tu apareceres para mim.

Tu, Uno sem segundo, todo Paz, Rei dos Reis!
Em Teus amados pés renunciarei minha vida
E assim finalmente, atingirei a meta da vida:
Gozarei a felicidade do céu ainda aqui na terra!
Onde mais é concedido um favor tão raro?
Então verei Tua glória, pura e imaculada
Como a escuridão foge da luz, assim, meus piores pecados
Abandonam-me com a aproximação de Tua aurora
Acende em mim, Ó Senhor, o fogo ardente da fé
A fim de ser a minha estrela guia
Ó Socorro dos fracos, concede meu único desejo!
Então banharei tanto o dia como a noite
Na felicidade ilimitada do Teu amor, me esquecerei totalmente
Ó Senhor, ao alcançar-Te.

Narendra cantou novamente:

Com a face brilhante canta o doce nome de Deus
Até que no Teu coração o néctar transborda
Bebe-o incessantemente e divida-o com todos!
Se algum dia Teu coração secar queimado pelas chamas
Do desejo humano, canta o doce nome de Deus.
E o amor celestial umidecerá tua alma árida.
Fique certa, Ó mente, de que jamais te esquecerás de cantar
O Teu santo nome quando olhar o teu rosto,
Chama-O, teu Pai Misericordioso:
Com o trovão de Seu nome, quebra as cadeias do pecado!
Venha, vamos satisfazer os desejos de nossos corações
Bebendo inteiramente da Alegria Duradoura,
Tornada una com Ele no puro êxtase do amor.

Agora Narendra e os devotos começaram a cantar o kirtan acompanhados pelo tambor e pelos pratos. Andavam em volta do Mestre cantando:

Mergulhe para sempre, Ó mente
N'Ele que é Puro Conhecimento e Pura Bem-aventurança.

Em seguida cantaram:

Ó quando despertará para mim aquele dia de bênção
Quando Ele que é todo o Bem, toda a Beleza e toda a Verdade
Iluminará o altar mais íntimo do meu coração? ...

Por fim o próprio Narendra estava tocando os tambores e cantou com o Mestre, cheio de alegria:

Com a face brilhante canta o doce nome de Deus...

Quando a música acabou, Sri Ramakrishna abraçou Narendra por um longo tempo e disse: "Você nos fez muito felizes hoje." A comporta do coração do Mestre estava tão aberta aquela noite, que mal podia se conter de alegria. Eram oito horas da noite. Intoxicado pelo amor divino, caminhava de um lado para o outro, ao longo da varanda norte de seu aposento. De vez em quando podia-se ouvi-lo, conversando com a Mãe Divina. Subitamente disse com a voz exaltada: "O que Tu podes me fazer?" Estava ele dando a entender que maya não tinha poder sobre ele, uma vez que possuía a Mãe Divina como seu suporte?

Narendra, M. e Priya iam passar a noite no templo. Isto alegrou muito o Mestre, sobretudo porque Narendra cantaria com ele. A Santa Mãe , que estava morando no nahabat, havia preparado a ceia. Surendra pagava a maior parte das despesas do Mestre. A refeição estava pronta e os pratos tinham sido colocados na varanda sudeste do aposento do Mestre.

Perto da porta leste de seu quarto, Narendra e outros devotos conversavam.

Narendra: "O que você pensa dos jovens de hoje?"

M.: "Não são ruins mas não recebem qualquer instrução religiosa."

Narendra: “Mas segundo minha experiência, creio que vão por um mal caminho. Fumam, mantém conversas frívolas, são afetados, preguiçosos e outras coisas parecidas. São até vistos freqüentando lugares questionáveis.”
M.: “Não notei essas coisas nos nossos dias de estudante.”
Narendra: “Talvez você não tenha se misturado com os estudantes intimamente. Vios conversando com pessoas de caráter imoral. Talvez sejam íntimos deles.”
M.: “É muito estranho.”
Narendra: “Soube, também, que muitos adquirem maus hábitos. Gostaria que os responsáveis e as autoridades ficassem atentas a essas coisas.”
“Estavam assim conversando, quando Sri Ramakrishna, aproximando-se, perguntou-lhes com um sorriso: “Bem, de que estão falando?”
Narendra: “Estava perguntando a M. a respeito dos jovens nas escolas. A conduta deles hoje em dia não é o que deveria ser.”
O Mestre fez uma expressão grave e disse a M. um tanto seriamente: “Esse tipo de conversa não é boa. Não é bom que se fale de outra coisa que não seja Deus. Você é o mais velho e inteligente. Não deveria tê-los encorajado a falar desses assuntos.”
Narendra tinha mais ou menos dezenove anos e M., vinte e oito. Assim repreendido, M. sentiu-se constrangido e os outros permaneceram em silêncio.
Enquanto os devotos comiam, Sri Ramakrishna em pé, observava-os com grande alegria. Naquela noite a felicidade do Mestre era muito grande.
Depois de comerem, os devotos foram descansar na esteira estendida no chão do quarto do Mestre. Começaram a conversar com ele. Parecia mesmo um mercado de felicidade. O Mestre pediu a Narendra para cantar a canção que começasse com o verso: “No firmamento da Sabedoria, a lua do Amor está surgindo cheia.”
Narendra cantou e os outros devotos tocaram tambores e pratos:

No firmamento da Sabedoria a lua do Amor está surgindo cheia.
E a maré do Amor, em ondas agitadas, está fluindo em todos os lugares.
Ó Senhor, como cheio de Bem-aventurança Tu és! Salve!
De todos os lados brilham os devotos, como estrelas em volta da lua;
Seu Amigo, o Senhor misericordioso, alegremente brinca com eles.
Olhem! As portas do paraíso estão de par em par abertas.
O suave vento da primavera do Novo Dia levanta ondas refrescantes de alegria.
Gentilmente carrega para a terra a fragrância do Amor de Deus.
Até que todos os yogis embriagados de felicidade, estejam mergulhados em êxtase.
No mar do mundo desabrocha o lótus do Novo Dia
E aí a Mãe sentia-se entronada em majestade venturosa.
Vejam como as abelhas estão loucas de alegria, sorvendo pouco a pouco o néctar ali!
Contemplem a face radiante da Mãe, que tanto encanta o coração
E cativa o universo! Em Seus Pés de Lótus
Bandos de homens santos extasiados dançam alegremente.
Que encanto incomparável é o d’Ela! Que felicidade infinita!
Invade o coração quando Ela aparece! Ó irmãos, diz Premdas:
Humildemente lhes imploro a cada um, cantem a canção da Mãe!

Sri Ramakrishna cantou e dançou com os devotos que dançaram à sua volta.
Quando a canção acabou o Mestre começou a andar de lá para cá, na varanda nordeste onde Hazra estava sentado com M. O Mestre sentou-se e perguntou a um devoto: “Você sonha sempre?”
Devoto: “Sim, senhor. Outro dia tive um sonho estranho. Vi o mundo inteiro envolvido em água. Havia água por todos os lados. Somente alguns barcos podiam ser vistos, mas de repente, imensas ondas apareceram e afundaram-nos. Estava a ponto de embarcar com algumas pessoas, quando vi um brahmin andando sobre as águas. Perguntei-lhe: ‘Como pode o senhor caminhar sobre as águas?’ O brahmin respondeu-me com um sorriso: ‘Ó, não há qualquer dificuldade. Há uma ponte debaixo d’água.’ Disse-lhe: ‘Onde o senhor vai?’ ‘A Bhawanipur, a cidade da Mãe Divina’, respondeu. ‘Espere um pouco’, gritei, ‘Vou lhe acompanhar.’ ”

Mestre: “Ó, estou muito impressionado, ouvindo essa história.”
Devoto: “O brahmin disse: ‘Estou com pressa. Você ainda terá um certo tempo para sair do barco. Adeus. Lembre-se desse caminho e siga-me num outro barco.’ ”
Mestre: “Ó! Meu cabelo está de pé! Por favor seja iniciado por um guru o mais breve possível.”
Um pouco depois da meia-noite, Narendra e outros devotos foram se deitar no quarto do Mestre.
Ao amanhecer alguns devotos levantaram-se e viram o Mestre nu como uma criança, andando de um lado para o outro no quarto, repetindo os nomes de vários deuses e deusas. Sua voz era doce como néctar. Ora olhava para o Ganges, ora parava em frente dos quadros e curvava-se diante deles, cantando o tempo todo, os seus santos nomes, com voz suave. Cantou: “Veda, Puranas, Tantras, Gita, Gayatri, Bhagavata, Bhakta, Bhagavan.” Referindo-se ao Gita, repetiu inúmeras vezes: “Tagi, tagi, tagi ” e de vez em quando dizia: “Ó Mãe, Tu és realmente Brahman e Tu és realmente Shakti. Tu és Purusha e Tu és Prakriti. Tu és Virat. Tu és o Absoluto e Tu Te manifestas como o Relativo. Tu és realmente os vinte e quatro princípios cósmicos.”
Nesse meio tempo, o serviço já tinha começado nos templos de Kali e Radhakanta. Sons das conchas acústicas e pratos pairavam no ar. Os devotos saíram do quarto e viram os sacerdotes e empregados apanhando flores no jardim para o culto nos templos. Do nahabat flutuava a suave melodia dos instrumentos musicais, apropriados para aquela hora da manhã.
Narendra e outros devotos terminaram suas obrigações da manhã e vieram até o Mestre. Com um doce sorriso nos lábios, Sri Ramakrishna estava de pé na varanda nordeste, perto de seu quarto.
Narendra: “Vimos vários sannyasis pertencentes à seita de Nanak no Panchavati.”
Mestre: “Sim, chegaram ontem. (A Narendra): Gostaria que todos se sentassem, na esteira.”
Quando assim o fizeram, o Mestre olhou-os com alegria. Começou, então, a conversar. Narendra perguntou a respeito de disciplina espiritual..
Mestre: “Bhakti, o amor de Deus, é a essência de toda a disciplina. Pelo amor, uma pessoa adquire renúncia e discriminação de forma natural.”
Narendra: “Não é verdade que os Tantras prescrevem disciplina espiritual na companhia de mulher?”
Mestre: “Isso não é desejável. É um caminho muito difícil e muitas vezes ocasiona a queda do aspirante. Há três tipos de disciplinas. Podemos considerar a mulher como sua amante. Ou considerar-se sua serva ou seu filho. Olho a mulher como minha mãe. Ver-se como serva é bom também; mas é extremamente difícil praticar disciplina espiritual olhando a mulher como amante. Considerar-se seu filho é uma atitude muito pura.”
Os sannyasis pertencentes à seita de Nanak entraram no aposento e saudaram o Mestre, dizendo: “Namo Narayanaya ”. Sri Ramakrishna pediu que se sentassem.
Mestre: “Nada é impossível para Deus. Ninguém pode descrever Sua natureza por meio de palavras. Tudo é possível para Ele. Num certo lugar viviam dois yogis que praticavam disciplinas espirituais. Um dia o sábio Narada passou por ali. Percebendo quem ele era, um dos yogis disse-lhe: ‘O senhor acabou de estar com o Próprio Deus. O que Ele está fazendo agora?’ Narada responde: ‘Ora, eu O vi passar e tornar a passar camelos e elefantes pelo buraco de uma agulha.’ A isso o yogi disse: ‘O que há de extraordinário nisso? Tudo é possível para Deus.’ Mas o outro yogi disse: ‘O que? Fazer elefantes passar pelo buraco de uma agulha? Será isso possível acontecer alguma vez? O senhor jamais esteve na casa de Deus.’ ”
Às nove horas da manhã, quando o Mestre ainda estava em seu quarto, Manomohan chegou de Konnagar com alguns membros de sua família. Às perguntas gentis de Sri Ramakrishna, Manomohan explicou que os estava levando para Calcutá. O Mestre disse: “Hoje é o primeiro dia do mês bengali, auspicioso para se fazer uma viagem. Espero que tudo venha a correr bem com vocês.” Com um sorriso, começou a falar de outros assuntos.
Quando Narendra e seus amigos voltaram do seu banho no Ganges, o Mestre falou-lhes francamente: “Vão meditar no Panchavati, debaixo do baniano. Querem algo para se sentarem?”
Mais ou menos às dez e meia Narendra e seus amigos Brahmos estavam meditando no Panchavati. Depois de algum tempo, Sri Ramakrishna chegou, M. também estava presente.
O Mestre disse aos devotos Brahmos: “Na meditação a pessoa deve permanecer absorvida em Deus. Se ficar flutuando na superfície da água, pode alguém alcançar as pedras preciosas que jazem no fundo do mar?”
Em seguida cantou:

Tomando o nome de Kali, mergulhe profundamente, Ó mente,
Nas profundezas insondáveis do coração,

Onde muitas pedras preciosas jazem escondidas.
Mas jamais acreditem que o fundo do oceano está sem pedras
Se nas primeiras vezes que mergulharem, fracassarem
Com firme resolução e autocontrole
Mergulhe fundo e abre teu caminho em direção ao reino da Mãe Kali.
Nas profundezas do oceano da Sabedoria celestial estão
As maravilhosas pérolas da Paz, Ó mente;
E você mesma pode juntá-las.
Se apenas tiver amor puro e seguir as prescrições das escrituras.
Dentro dessas profundezas do oceano também
Seis crocodilos espreitam – luxúria, raiva e os outros –
Nadando de um lado para o outro em busca de presa.
Envolva-os com o açafrão da discriminação.
Seu cheiro a protegerá de suas armadilhas
No oceano jazem
Inúmeras pérolas e pedras preciosas;
Mergulhe, diz Ramprasad, e apanhe montões delas ali!

Narendra e seus amigos desceram da plataforma elevada do Panchavati e ficaram em pé junto do Mestre, que voltou para seu quarto com eles. O Mestre continuou: "Quando vocês mergulham no oceano, podem ser atacados pelos crocodilos. Não os tocarão se estiverem com o corpo untado com açafrão. Sem dúvida há seis jacarés – luxúria, raiva, avareza etc. – dentro de vocês, nas 'profundezas insondáveis do coração', mas protejam-se com o açafrão da discriminação e renúncia e eles não o tocarão.

"O que vocês podem alcançar com simples conferências e erudição, sem discriminação e desapego? Só Deus é real e tudo o mais irreal. Só Deus é substância e tudo o mais é não-entidade. Isto é discriminação.

"Em primeiro lugar entronize Deus no santuário de seu coração e em seguida, façam conferências, se assim o desejarem. Como a simples repetição de 'Brahma' lhes trará proveito se não forem dotados de discriminação e desapego? É o mesmo que o som vazio de uma concha.

"Vivia numa vila, um jovem chamado Padmalochan. Era chamado de 'Podo', para abreviar. Neste vilarejo havia um templo bastante dilapidado. Não tinha em seu interior qualquer imagem de Deus; ashwattha e outras plantas cresciam pelas ruínas das paredes. Morcegos viviam em seu interior e o chão estava coberto de poeira e fezes. Os aldeões haviam deixado de visitar o templo. Um dia, depois do entardecer, ouviram o som de uma concha, vindo daquela direção. Pensaram que provavelmente alguém houvesse instalado uma imagem no altar e estivesse fazendo o culto vespertino. Uma das pessoas abriu devagarinho a porta e viu Padmalochan em pé, num dos cantos, soprando a concha. Não havia qualquer imagem no altar; o templo não tinha sido varrido nem lavado. Havia lixo e sujeira por todos os lados. Gritou, então, para Podo:

Você não instalou qualquer imagem aqui.
No santuário, Ó tolo!
Soprando a concha, você simplesmente provoca
Confusão ainda maior.
Dia e noite onze morcegos
Gritam ali incessantemente. ...

"Não adianta simplesmente fazer barulho, se desejar entronizar a Divindade no altar do coração, se desejar realizar Deus. Em primeiro lugar purifique a mente. Deus toma assento no coração puro. Ninguém pode colocar uma imagem sagrada num templo onde há sujeira de morcegos por toda a parte. Os onze morcegos são nossos onze órgãos: cinco da ação, cinco da percepção e a mente.

"Em primeiro lugar invoque a Divindade, em seguida faça conferências se o seu coração assim o pedir. Antes de tudo mergulhe fundo. Mergulhe até o fundo e apanhe as pedras preciosas. Poderá, então, fazer outras coisas. Ninguém, porém, deseja mergulhar. As pessoas são sem disciplina espiritual e oração, sem renúncia e desapego. Aprendem algumas palavras e já querem dar conferências. É difícil ensinar os outros. Só quem tem autorização de Deus, depois de realizá-Lo, está habilitada a fazê-lo."

Assim conversando, o Mestre chegou até o canto da varanda. M. estava de pé, junto dele. Sri Ramakrishna havia repetido várias vezes que Deus não pode ser realizado sem discriminação e renúncia. Isso fez M. ficar extremamente preocupado. Era um jovem de vinte e oito anos, casado, educado numa universidade à moda ocidental. Tendo senso de dever, perguntou a si mesmo: "Discriminação e desapego significam abandonar 'mulher e ouro'?" Estava mesmo desorientado, sem saber o que fazer.

M. (ao Mestre): "O que deve uma pessoa fazer se a esposa um dia lhe diz: 'Você está me negligenciando. Vou me matar?' "

Mestre (em tom sério): "Abandone essa esposa se ela constituir obstáculo à sua evolução espiritual. Deixe-a cometer suicídio ou qualquer outra coisa que queira. A esposa é um entrave na vida espiritual do marido, se não for espiritualizada."

Mergulhando em profunda reflexão, M. permaneceu encostado contra a parede. Narendra e outros devotos ficaram em silêncio por alguns minutos. O Mestre trocou muitas palavras com eles e subitamente, chegando perto de M., sussurrou-lhe no ouvido: "Mas se o homem tem amor sincero por Deus, então, tudo ficará sob seu controle – o rei, as pessoas más e a esposa. O amor sincero por Deus da parte do marido por fim, levará a esposa à vida espiritual. Se o marido é bom, então, pela graça de Deus, a esposa também, poderá seguir seu exemplo."

Isto teve efeito tranqüilizante na mente perturbada de M. Todo o tempo havia pensado: "Que ela se suicide. O que posso fazer?"

M. (ao Mestre): "Esse mundo é certamente um lugar terrível."

Mestre (aos devotos): "É por isso que Chaitanya disse a seu companheiro Nityananda: 'Ouça, irmão, não há esperança de salvação para os que têm mente mundana.' "

Numa outra ocasião o Mestre havia dito a M. particularmente: "Sim, não há esperança para um homem do mundo se ele não é sinceramente devotado a Deus, mas não tem nada a temer se ficar no mundo depois de realizar Deus. Também não há necessidade de temer o que quer que seja do mundo, se alcançar devoção sincera praticando disciplina espiritual de vez em quando na solidão. Chaitanya teve diversos devotos chefes de família, porém, o eram apenas no nome, uma vez que viviam desapegados do mundo."

Era meio-dia. O culto havia terminado e a oferenda de comida já havia sido preparada no templo. As portas do templo foram fechadas. Sri Ramakrishna sentou-se para almoçar e Narendra e outros devotos compartilharam das oferendas no templo.

Domingo, 22 de outubro de 1882

Era o dia de Vijaya, o último dia da celebração da adoração de Durga, quando a imagem de argila é imersa nas águas de um lago ou rio.

Mais ou menos às nove horas da manhã, M. estava sentado no chão do quarto do Mestre em Dakshineswar, perto de Sri Ramakrishna, que estava reclinado no divã pequeno. Rakhal estava, morando com o Mestre e Narendra e Bhavanath visitavam-no freqüentemente. Baburam o havia visto apenas uma ou duas vezes.

Mestre: "Você teve dia de folga durante o Durga Puja?"

M.: "Sim, senhor. Fui à casa de Keshab diariamente durante os primeiros três dias de adoração."

Mestre: "Foi mesmo?"

M.: "Lá ouvi uma interpretação muito interessante do Durga Puja."

Mestre: "Conte-me tudo a esse respeito, por favor."

M.: "Keshab Sen fazia orações diárias de manhã em sua casa, que terminavam às dez ou onze horas. Durante essas orações, explicava o significado intrínseco do Durga Puja. Disse que se alguém pudesse realizar a Mãe Divina, isto é, pudesse instalar a Mãe Durga no santuário de seu coração, então, Lakshmi, Saraswati, Kartika e Ganesha chegariam por si mesmos. Lakshmi significa riqueza, Saraswati, conhecimento, Kartika, força e Ganesha, sucesso. Realizando a Mãe Divina no coração, obtém-se tudo isso sem esforço algum."

Sri Ramakrishna ouviu a descrição, perguntando a M. de vez em quando, a respeito das orações dirigidas por Keshab. Por fim disse-lhe: "Não vá lá e aqui. Venha somente aqui. Aqueles que pertencem ao círculo íntimo de meus devotos vêm somente aqui. Rapazes como Narendra, Bhavanath e Rakhal são meus discípulos muito íntimos. Não devem ser considerados com pouco caso. Alimente-os um dia desses. O que pensa de Narendra?"

M.: "Tenho-o em grande consideração, senhor."

Mestre: "Você já observou suas muitas virtudes? Não é apenas bem versado em música, canto e instrumento, mas também, muito letrado. Além disso, controlou suas paixões e diz que vai levar vida de celibato. É devotado a Deus desde tenra idade.
"Como está você com sua meditação no momento? Qual o aspeto de Deus que atrai sua mente – com forma ou sem forma?"
M.: "Senhor, agora não posso fixar minha mente em Deus com forma. Por outro lado, não posso me concentrar firmemente em Deus sem forma."
Mestre: "Agora você vê que a mente não pode se fixar, de súbito, no aspecto sem forma de Deus. É mais conveniente pensar em Deus com forma nos primeiros estágios."
M.: "O senhor quer dizer que se deve meditar sobre as imagens de argila?"
Mestre: "Por que de argila? Essas imagens são a personificação da Consciência."
M.: "Mesmo assim há de se pensar nas mãos, pés e outras partes do corpo. Também compreendo que a mente só pode estar concentrada se meditar, no começo, em Deus com forma. O senhor mesmo me disse isso. Deus pode facilmente assumir formas diferentes. Pode-se meditar na forma de sua própria mãe?"
Mestre: "Sim, a mãe deveria ser adorada. Ela é realmente, a personificação de Brahman."
M. sentou-se em silêncio. Depois de alguns minutos, perguntou ao Mestre: "O que uma pessoa sente quando pensa em Deus sem forma? Não é possível descrever isso?" Depois de pensar por algum tempo, o Mestre disse: "Você quer saber como é?" Ficou em silêncio por um momento e disse algumas palavras a M. a respeito de suas experiências por ocasião de sua visão de Deus com e sem forma.
Mestre: "Veja, deve-se praticar disciplinas espirituais para compreender isso corretamente. Suponhamos que haja tesouros num aposento. Se desejar vê-los e apanhá-los, deve se dar ao trabalho de buscar a chave e abrir a porta. Em seguida, apanhar o tesouro, mas suponhamos que o aposento esteja fechado e, do lado de fora, você diga a si mesmo: 'Abri a porta. Quebrei a fechadura. Agora peguei o tesouro.' Pensando dessa maneira em frente à porta, não conseguirá nada."
"Você tem que praticar disciplina.
"Os jnanis pensam em Deus sem forma. Não aceitam a Encarnação Divina. Em louvor a Sri Krishna, Arjuna disse: 'Tu és Brahman Absoluto.' Sri Krishna respondeu, 'Siga-me e verá se Eu sou ou não, Brahman Absoluto.' Assim falando, Sri Krishna levou Arjuna a um lugar e perguntou o que ele estava vendo. 'Vejo uma grande árvore,' disse Arjuna, 'e nela vejo frutos pendurados como cachos de amoras.' Então Krishna disse a Arjuna: 'Chegue mais perto e verá que não são cachos de amoras, mas cachos de inúmeros Krishnas como Eu, pendendo da árvore.' Em outras palavras, um sem número de Encarnações Divinas aparecem e desaparecem na árvore do Brahman Absoluto.
"Karvidas tinha uma forte inclinação para Deus sem forma. À simples menção do nome de Krishna, dizia: 'Por que devo adorá-Lo? As gopis batiam palmas enquanto Ele dançava como um macaco. (Com um sorriso). Mas aceito Deus com forma quando estou na companhia de pessoas que acreditam nesse ideal e também, concordo com aqueles que crêem em Deus sem forma.'
M. (sorrindo): "O senhor é tão infinito quanto Aquele de quem estamos falando. Na verdade ninguém pode sondar sua profundidade."
Mestre (sorrindo): "Ah! Vejo que você descobriu isto. Vou dizer-lhe uma coisa. Deve-se seguir diversos caminhos. Deve-se praticar cada credo durante um certo tempo. No jogo de sattrancha uma peça não pode atingir o quadrado do centro enquanto não tiver completado o círculo, mas uma vez no quadrado, não pode ser tomada por qualquer outra peça."
M.: "É verdade, senhor."
Mestre: "Há duas classes de yogis: os vahudakas e kutichakas. Os vahudakas peregrinam visitando diversos lugares santificados e ainda não encontraram paz de espírito. Os kutichakas, porém, tendo já visitado todos os lugares sagrados, acalmaram suas mentes. Sentindo-se serenos e em paz, instalam-se num lugar e não mais se mudam dali. Nesse lugar são felizes: não sentem necessidade de ir a qualquer outro lugar, são felizes. Se um deles alguma vez visitar um lugar de peregrinação, será somente com o propósito de obter nova inspiração.
"Tive de praticar cada religião, durante certo tempo: hinduísmo, islamismo, cristianismo. Além disso segui o caminho dos shaktas, vaishnavas e vedantistas. Realizei que há apenas um Deus, em direção ao qual todos estão se dirigindo: mas os caminhos são diferentes.

"Ao visitar os lugares santificados, às vezes eu sofria muita agonia. Uma vez fui com Mathur à casa de Raja Babu em Benares. Lá só se falava de assuntos mundanos – dinheiro, propriedade e coisas assim. Comecei a chorar, dizendo à Mãe Divina: 'Mãe! Aonde Tu me trouxeste? Eu estava muito melhor em Dakshineswar.' Em Allahabad vi as mesmas coisas que já tinha visto em outros lugares os mesmos lagos, a mesma grama, as mesmas árvores, as mesmas folhas de tamarindo.

"Mas sem dúvida nenhuma, uma pessoa encontra inspiração em lugares sagrados. Acompanhei Mathur Babu em Vrindavan. Hriday e as senhoras da família de Mathur faziam parte de nosso grupo. Mal vi o Ghat de Kaliyadaman, fui tomado por uma emoção divina. Fiquei completamente deslumbrado. Hriday costumava me banhar ali, como se eu fosse uma criancinha.

"Ao entardecer eu caminhava às margens do Jamuna, quando o rebanho de vacas voltava do pasto ao longo das margens arenosas. À simples visão daquelas vacas, o pensamento de Krishna passou de relance pela minha mente. Corria, gritando como um louco: "Ó, onde está Krishna? Onde está o meu Krishna?"

"Fui para Syamakunda e Radhakunda num palanquim e saí para visitar o sagrado Monte Govardhan. À vista dele, fui tomado por uma emoção divina e corri até o cume. Perdi completamente a consciência do mundo em minha volta. Os habitantes do lugar ajudaram-me a descer. A caminho dos lagos sagrados de Syamakunda e Radhakunda, vi os campos, as árvores, os arbustos, os pássaros e os veados, e então, entrei em êxtase, com as roupas molhadas pelas lágrimas. Disse: 'Ó Krishna! Tudo aqui está como era nos tempos antigos. Só Tu estás ausente.' Sentado no interior do palanquim, perdi a fala. Hriday seguia o palanquim. Havia pedido aos condutores que tivessem cuidado comigo.

"Gangamayi tornou-se muito amiga minha em Vrindavan. Era uma velha senhora que vivia sozinha numa cabana perto de Nidhuvan. Referindo-se à minha condição espiritual e êxtase, disse: 'Ele é realmente, a Encarnação de Radha.' Chamava-me 'Dulali'. Quando estava com ela, costumava esquecer-se de comer, beber, tomar banho e nem tinha qualquer pensamento de voltar para casa. Alguns dias Hriday costumava-me trazer comida de casa e alimentar-me. Gangamayi também me servia comida feita por suas próprias mãos.

"Gangamayi costumava ter transes. Nessas ocasiões uma grande multidão costumava vir vê-la. Um dia, em êxtase, pulou nos ombros de Hriday.

"Eu não queria deixá-la e voltar para Calcutá. Tudo foi arranjado para que eu ficasse. Eu comeria arroz cozido duas vezes e nossas camas ficariam em cada canto da cabana. Quando tudo já estava pronto, Hriday disse: 'O senhor tem um estômago muito fraco. Quem cuidará do senhor?' 'Ora', disse Gangamayi. 'Eu cuidarei dele. Serei sua atendente.' Como Hriday me puxasse de um lado e ela do outro, lembrei-me de minha mãe que estava vivendo sozinha no nahabat do templo. Achei que era impossível para mim, ficar longe dela e disse para Gangamayi: 'Não, tenho que ir. Gostei muito da atmosfera de Vrindavan.'

Mais ou menos às onze horas da manhã, o Mestre tomou sua refeição do que havia sido oferecido no templo de Kali. Depois da sesta, continuou a conversar com os devotos. De vez em quando repetia a palavra sagrada "Om" ou os sagrados nomes das divindades.

Depois do pôr do sol foi feito o culto da tarde, nos templos. Uma vez que se tratava do dia de Vijaya, os devotos saudaram primeiro a Mãe Divina e depois, tomaram a poeira dos pés do Mestre.

Terça-feira, 24 de outubro de 1882

Eram três ou quatro horas da tarde. O Mestre estava de pé perto da estante onde guardava a comida, quando Balaram e M. chegaram de Calcutá e saudaram-no. Sri Ramakrishna disse-lhes, com um sorriso: "Ia pegar uns doces da prateleira, mas assim que pus minha mão neles, uma lagartixa caiu em cima de mim. Imediatamente tirei a mão.(Todos riem).

"Ó sim! Devemos prestar atenção a todas essas coisas. Vejam, Rakhal está doente, meus membros doem também. Sabem qual é a causa? Hoje de manhã quando me levantei da cama, vi uma pessoa por quem tomei por Rakhal. (Todos riem). Ó sim! A aparência física deve ser analisada. Outro dia Narendra trouxe um dos seus amigos, um homem com apenas um olho sadio, embora o outro não estivesse totalmente cego. Disse a mi mesmo: 'O que é esse problema que Narendra trouxe com ele?'

"Uma pessoa vem aqui, mas não posso comer o que ela traz. Trabalha num escritório, ganhando um salário de vinte rupias e outras vinte, fazendo falsificações. Não posso pronunciar uma só palavra em sua presença, porque diz mentiras. Às vezes fica aqui durante dois ou três dias sem ir trabalhar. Sabe qual é a razão? É para que eu o recomende a alguém para que consiga emprego em algum lugar.

“Balaram é de uma família de devotos vaishnavas. Seu pai, agora já velho, é um devoto piedoso. Tem um tufo de cabelos na cabeça, um rosário de contas de tulsi no pescoço e uma corrente de contas na mão. Passa o tempo repetindo o nome de Deus. Tem propriedades em Orissa e construiu templos para RadhaKrishna em Kothar, Vrindavan e outros lugares, e também, casas de hóspedes.
(A Balaram): “Outro dia veio aqui um homem que, entendi, é escravo daquela megera que é sua esposa. Por que uma pessoa não vê Deus? Por causa da barreira de ‘mulher e ouro’. Como foi leviano ao dizer, no outro dia: ‘Um paramahamsa veio ver meu pai que lhe deu galinha ao curry para comer!’
“No meu atual estado mental, só posso tomar um pouco de sopa de peixe se tiver sido previamente oferecida à Mãe Divina. Não posso comer carne de espécie alguma, mesmo que tenha sido oferecida à Mãe Divina, mas a provo com a ponta do meu dedo, com medo d’Ela ficar zangada. (Risada).
“Bem, podem explicar esse meu estado mental? Certa vez eu estava ido de Burdwan para Kamarpukur, num carro de boi, quando desabou uma violenta tempestade. Algumas pessoas juntaram-se perto do carro. Meus companheiros disseram que se tratava de assaltantes. Comecei a repetir os nomes de Deus, às vezes o de Kali, outras, o de Rama ou Hanuman. O que acha disso?”
Estava o Mestre querendo dizer que Deus é um só, mas é chamado de maneira diferente pelas diversas seitas?
Mestre (a Balaram): “Maya é apenas ‘mulher e ouro’. Um homem que vive nesse meio, aos poucos perde a consciência espiritual. Pensa que tudo está bem com ele. Um catador de lixo leva uma vasilha na cabeça e ao longo do tempo, perde a repulsa. Uma pessoa gradualmente adquire amor a Deus pela prática de cantar Seu santo nome e Suas glórias. (A M.): Não se deve ter vergonha de cantar o santo nome de Deus. Como diz o ditado: ‘Uma pessoa não será bem sucedida enquanto tiver uma dessas três coisas: vergonha, ódio e medo.’
“Em Kamarpukur cantam o kirtan muito bem, com acompanhamento de tambores.
(A Balaram). “Já instalaram alguma imagem em Vrindavan?”
Balaram: “Sim, senhor. Temos um bosque onde Krishna é adorado.”
Mestre: “Estive em Vrindavan. O bosque de Nidhu é realmente muito lindo.”

Capítulo V
O Mestre e Keshab

27 de outubro de 1882

ERA UMA SEXTAFEIRA, dia do Lashmi Puja. Keshab Chandra Sen havia organizado uma viagem de barco pelo Ganges, para Sri Ramakrishna.

Mais ou menos às quatro horas da tarde, o barco com Keshab e seus seguidores Brahmos, ancorou junto à margem do templo de Kali em Dakshineswar. Os passageiros viram à sua frente, o ghat de banho e o chandni. À sua esquerda, no conjunto de templos, erguiam-se seis templos de Shiva e à sua direita, outros seis templos de Shiva. A torre branca do templo de Kali, o topo das árvores do Panchavati e a silhueta dos pinheiros sobressaíam contra o céu azul de outono. Os jardins entre os dois nahabats estavam cheios de flores perfumadas e ao longo das margens do Ganges, havia fileiras de plantas floridas. O céu azul refletia-se nas águas marrons do Ganges sagrado, associado com as mais antigas tradições da civilização ariana. O mundo exterior parecia suave e sereno e os corações dos devotos Brahmos estavam cheios de paz.

Sri Ramakrishna, em seu quarto, conversava com Vijay e Haralal. Entraram alguns discípulos de Keshab. Inclinando-se diante do Mestre, disseram-lhe: "Senhor, o barco chegou. Keshab Babu pediu-nos para que o levássemos até lá." Um pequeno bote já estava pronto para conduzi-lo até o barco. Mal entrou na embarcação, perdeu a consciência exterior em samadhi. Vijay estava com ele.

Entre os passageiros estava M. Assim que o bote aproximou-se, todos correram para a grade de ferro a fim de ver Sri Ramakrishna. Keshab estava ansioso para levá-lo a bordo em segurança. Com muita dificuldade o Mestre voltou à consciência do mundo e foi levado para uma cabine. Ainda em estado abstrato, andou mecanicamente, apoiado num devoto. Keshab e outros inclinaram-se, mas ele não estava consciente da presença deles. Dentro da cabine havia algumas cadeiras e uma mesa. Fizeram-no sentar numa delas e Keshab e Vijay em outras duas. Alguns devotos estavam sentados, a maioria no chão, enquanto os outros permaneciam em pé, do lado de fora, olhando pelas janelas e portas. Sri Ramakrishna novamente entrou em samadhi profundo, completamente inconsciente do mundo exterior.

Como a cabine estivesse muito abafada, devido à presença de muita gente, Keshab abriu as janelas. Estava constrangido com a presença de Vijay, uma vez que havia discordado sobre certos princípios do Brahmo Samaj e Vijay havia se separado da organização de Keshab, juntando-se a uma outra sociedade.

Os devotos Brahmos olhavam atentamente para o Mestre. Gradualmente voltou à consciência dos sentidos, mas a intoxicação divina ainda persistia. Dizia a si mesmo, num sussurro: "Mãe, por que Tu me trouxeste aqui? Eles estão cercados e presos. Posso libertá-los?" Será que o Mestre achava que as pessoas ali reunidas estavam fechadas dentro das paredes da prisão do mundo? Será que sua desesperança fez o Mestre dizer essas palavras à Mãe Divina?"

Sri Ramakrishna foi gradualmente voltando à consciência do mundo exterior. Nilmadhav de Ghazipur e um devoto Brahmo conversavam sobre Pavhari Baba. Outro devoto Brahmo disse ao Mestre: "Senhor, esses senhores visitaram Pavhari Baba que vive em Ghazipur. É um santo como o senhor." O Mestre mal podia falar, apenas sorria. O devoto continuou: "Senhor, Pavhari Baba mantém uma fotografia do senhor no quarto dele." Apontando para o corpo, o Mestre disse com um sorriso: "Apenas uma fronha."

O Mestre continuou: "Mas não se deve esquecer que o coração do devoto é a morada de Deus. Ele habita, sem dúvida, em todos os seres, mas Se manifesta de forma especial no coração do devoto. Um senhor de grandes terras pode, de vez em quando, visitar todos os lugares de sua imensa propriedade, mas dizem que geralmente só é encontrado numa determinada sala de sua casa. O coração do devoto é a sala de Deus.

"Aquele que é chamado de Braman pelos jnanis, é conhecido como Atman pelos yogis e Bhagavan pelos bhaktas. O mesmo Brahmin é chamado de sacerdote quando faz o culto no templo e de cozinheiro, quando prepara suas refeições. O jnani, trilhando o caminho do Conhecimento, sempre discrimina sobre a Realidade, dizendo: 'Isto não, isto não.' Brahman não é nem 'isso' , nem 'aquilo'. Ele não é nem o universo, nem os seres humanos. Discriminando dessa maneira a mente torna-se estável. Logo ela desaparece e o aspirante entra em samadhi. Esse é o Conhecimento de Brahman. É a certeza firme do jnani de que, somente Brahman é real e o mundo ilusório. Todos esses nomes e for-mas são ilusórios como um sonho. O que Brahman é, não pode ser descrito. Não se pode nem mesmo dizer que Brahman é uma Pessoa. É essa a opinião dos jnanis, seguidores da filosofia Vedanta.

“Mas os bhaktas aceitam todos os estados de consciência. Consideram o estado de vigília como real, também. Não consideram o mundo ilusório, como um sonho. Dizem que o mundo é uma manifestação do poder e da glória de Deus. Deus criou tudo – céu, estrelas, lua, sol, montanhas, oceanos, homens e animais. Tudo isso constitui Sua glória. Está dentro de nós, em nossos corações. Também, Ele está no exterior. Os devotos mais adiantados dizem que Ele Próprio tornou-se tudo isso – os vinte e quatro princípios cósmicos, o universo e todos os seres vivos. O devoto de Deus quer comer açúcar e não, tornar-se açúcar. (Todos riem).
“Sabem como o amante de Deus se sente? Sua atitude é: ‘Ó Deus, Tu és o Amo, eu sou Teu servo. Tu és as Mãe, eu sou Teu filho.’ Ou então: ‘Tu és Pai e Mãe. Tu és o Todo, eu sou a parte.’ Ele não gosta de dizer: ‘Eu sou Brahman.’
“O yogi quer realizar o Paramatman, a Alma Suprema. Seu ideal é a união da alma individual com a Alma Suprema. Retira a mente dos objetos dos sentidos e procura concentrar-se no Paramatman. Por conseguinte, no primeiro estágio de sua disciplina espiritual, retira-se para um lugar isolado com atenção concentrada, pratica meditação numa postura estável.
“Mas a Realidade é una e a mesma. A diferença está apenas no nome. Aquele que é Brahman é, na verdade, Atman, e também, Bhagavan. É Brahman para os seguidores do caminho do Conhecimento, Paramatman para os yogis e Bhagavan, para os amantes de Deus.”
O barco navegava para Calcutá, mas os passageiros com os olhos fixos no Mestre e com os ouvidos nas suas palavras impregnadas de néctar divino, estavam inconscientes de todo movimento. Dakshineswar com seus templos e jardins, havia ficado para trás. Os remos batiam nas águas do Ganges, criando um som murmurante, mas os devotos estavam indiferentes a tudo isso. Encantados, olhavam para o grande yogi, a face iluminada por um sorriso divino, o semblante irradiando amor, os olhos brilhando de alegria – um homem que a tudo renunciara por Deus e que não conhecia nada a não ser Deus. Incessantes palavras de sabedoria fluíam de seus lábios.
Mestre: “Os jnanis, que seguem a filosofia não-dualista da Vedanta, dizem que os atos de criação, preservação e destruição, o próprio universo e todos os seres vivos, são manifestações de Shakti, o Poder Divino. Se discriminarmos, veremos que tudo isso é ilusório como um sonho. Só Brahman é a Realidade, tudo o mais é irreal. Mesmo a Própria Shakti não tem substância, como um sonho.
“Mas embora vocês discriminem toda a vida, a não ser que estejam estabelecidos em samadhi, não poderão ir além da jurisdição de Shakti, mesmo que digam: ‘Estou meditando’ ou ‘Estou contemplando’, ainda assim, estariam no domínio de Shakti, dentro de Seu Poder.
“Assim Brahman e Shakti são idênticos. Se aceitarem um, têm que aceitar o outro. É como o fogo e seu poder de queimar. Se virem o fogo, têm que reconhecer também, seu poder de queimar. Não podem pensar em fogo, sem seu poder de queimar, nem podem pensar no poder de queimar, sem o fogo. Não se pode conceber os raios de sol sem o sol, nem se pode conceber o sol sem os raios.
“Como é o leite? Ó, vocês dizem que é algo branco. Não podem pensar em leite sem sua brancura e também, pensar na brancura sem pensar no leite.
“Assim, não se pode pensar em Brahman sem Shakti, ou em Shakti sem Brahman. Não se pode pensar no Absoluto sem o Relativo, ou no Relativo sem o Absoluto.
“O Poder Primordial está sempre em ação . Está sempre criando, preservando e destruindo, como um jogo. Este Poder é chamado Kali. Kali é na verdade, Brahman e Brahman é de fato, Kali. É uma e mesma Realidade. Quando pensamos n’Ela como inativa, quer dizer, não engajada na criação, preservação e destruição, A chamamos Brahman, mas quando Ela está ocupada nessas atividades, A chamamos Kali ou Shakti. A Realidade é uma e a mesma: a diferença está em nome e forma.
“É como a água, chamada em diferentes línguas por nomes diferentes, como ‘jali’, ‘pani' e assim por diante. Há três ou quatro ghats no lago. Os hindus bebem água num lugar, chamam-na ‘jal’. Os muçulmanos num outro lugar, chamam-na ‘pani’. E os ingleses num terceiro lugar, ‘water’. Os três nomes denotam uma e mesma coisa, a diferença está somente no nome. De algum modo, alguns dirigem-se à Realidade como ‘Alá’, alguns como ‘Deus’, alguns como ‘Brahman’ ou ‘Kali’, e outros por nomes como ‘Rama’, ‘Jesus’, ‘Durga’, ‘Hari’.
Keshab (sorrindo): “Descreve-nos, senhor, de quantas maneiras Kali, a Mãe Divina, brinca neste mundo.”

Mestre (com um sorriso): "Ó, Ela brinca de diferentes modos. É somente Ela que é conhecida como Maha-Kali, Nitya-Kali, Shmasana-Kali, Raksha Kali e Shyama-Kali. Maha-Kali e Nitya-Kali estão mencionadas na filosofia tântrica. Quando não existia nem criação, nem o sol, a lua, os planetas e a terra e quando a escuridão estava envolta na escuridão, então a Mãe, a Sem Forma, Maha-Kali, o Grande Poder, era una com Maha-Kali, a Absoluta.

"Shyama-Kali tem um aspecto um tanto terno e é adorada pelos chefes de família hindus. É doadora de Graças e Dissipadora do medo. O povo adora Raksha-Kali, a Protetora, quando ocorrem epidemias, fome, terremotos, seca e enchente. Shmasana-Kali é a Encarnação do poder de destruição. Habita nos crematórios, cercada de cadáveres, chacais e terríveis espíritos femininos. Da boca sai um fluxo de sangue, em Seu pescoço está dependurado um colar de cabeças humanas e em Sua cintura, um cinto feito de mãos humanas.

"Depois da destruição do universo, no final de um grande ciclo, a Mãe Divina armazena as sementes para a próxima criação. Ela é como a senhora mais velha de uma casa, que tem um pote onde guarda os diferentes utensílios para o uso doméstico. (Todos riem.)

"Ó sim! As donas de casa têm jarros como esses, onde guardam 'espuma do mar' , pílulas azuis, sementes de pepino, de moranga e de cabaça etc. Elas as tiram quando têm necessidade. Assim também, depois da destruição do universo, minha Mãe Divina, a Encarnação de Brahman, guarda as sementes para a próxima criação. Depois da criação, o Poder Primordial mora no próprio universo. Traz à existência esse mundo fenomenal e o penetra. Nos Vedas a criação está ligada à aranha e sua teia. A aranha produz a teia de si mesma e permanece nela. Deus é quem contém o universo e ao mesmo tempo, O que está contido nele.

"É Kali, minha Mãe Divina, negra? Ela parece negra porque está sendo vista à distância, mas quando intimamente conhecida, Ela não o é mais. O céu parece ser azul ao longe, mas se for visto de perto, vemos que não tem cor. A água do oceano é azul à distância, mas quando chegamos perto e a pegamos, vemos que é incolor."

O Mestre, intoxicado pelo amor divino, cantou:

É Kali, minha Mãe Divina, realmente negra?
Desnuda da cor mais negra,
Ilumina o Lótus do Coração. ...

O Mestre continuou: "Escravidão e Liberação são ambas de Sua construção. Por Sua maya, as pessoas mundanas ficam enredadas em 'mulher e ouro', mas por Sua graça atingem a liberação. Ela é chamada a Salvadora, Aquela que remove a escravidão que prende uma pessoa ao mundo."

Em seguida, o Mestre cantou a seguinte canção , com sua voz melodiosa.

No movimentado mercado do mundo, Ó Shyama, Tu és as pipas flutuantes.
Alto, voam ao sabor do vento da esperança, presas pela linha de Maya.
Suas estruturas são esqueletos humanos, sus velas são feitas dos três gunas.
Mas todo seu trabalho curioso é meramente para ornamento.
Mas no barbante das pipas. Tu passaste pasta de manja do mundanismo.
A fim de tornar cada fio mais cortante e forte.
Em cem mil papagaios, um ou dois no máximo ficam livres;
E Tu ris e bates palmas, Ó Mãe, observando-os!
Sob ventos favoráveis, diz Ramprasad, os papagaios afrouxados serão rapidamente
Levados para o infinito, atravessando o mar do mundo.

O Mestre disse: "A Mãe Divina é sempre brincalhona e esportiva. Este universo é o Seu jogo. Tem vontade própria e deve ter sempre Sua própria diretriz. Está plena de felicidade. Dá liberação a um em cem mil."

Um devoto Brahmo: "Mas senhor, se Ela quisesse, poderia dar liberação a todos. Por que então, Ela nos mantém ligados ao mundo?"

Mestre: "É Sua vontade. Quer continuar brincando com os seres criados. No jogo de esconde-esconde aquele que está correndo pára, quando os jogadores tocam a 'vovó'. Se todos a tocarem como poderá o jogo continuar? Isso a desagrada. Seu prazer é o de continuar o jogo. Daí o poeta dizer:

Entre cem mil papagaios, somente um ou dois no máximo, ficam livres;
Então Tu ris e bates palmas, Ó Mãe, observando-os!

"É como se a Mãe Divina dissesse à mente humana, confidencialmente, com um piscar de olhos: 'Vá e goze o mundo.' Como pode alguém censurar a mente? A mente só pode se desapegar do mundanismo se, por Sua Graça, Ela a faz voltar para Si mesmo. Só então, ela se torna um devoto aos pés de Lótus da Mãe Divina.' "
Então Sri Ramakrishna, tomando sobre si, por assim dizer, as agonias de todos os chefes de família, cantou queixando-se à Mãe Divina.

Mãe, essa é a tristeza que amargamente aflige o meu coração:
Que embora Tu sejas a Mãe e eu esteja alerta,
Haja assalto em minha casa.
Muitas e muitas vezes prometo chamar-Te.
Mas quando a hora da oração chega, eu me esqueço;
Agora vejo que tudo é Tua mágica.
Como Tu nada deste, assim Tu recebeste, nada.
Devo eu ser censurado por isso, Ó Mãe? Se Tu tivesses dado
Com certeza Tu terias recebido
Das Tuas próprias dádivas, eu teria dado a Ti.
Glória e vergonha, amargura e doçura são apenas Tuas:
Esse mundo nada mais é do que Teu jogo.
Por que então, Ó Abençoada, Tu provocas tanta comoção nele?
Ramprasad diz: Tu me deste essa mente.
E com olhar sabedor,
Tu mandas, ao mesmo tempo, ir gozar o mundo.
E assim vagueio abandonado por Tua criação,
Afugentado pelo olhar mau de alguém
Tomando o amargo pelo doce.
O irreal pelo Real.

O Mestre continuou: "Os homens estão iludidos por Sua maya e apegaram-se ao mundo."

Diz Ramprasad: "Tu me deste essa mente.
E com um olhar sabedor.
Tu mandas ao mesmo tempo, ir gozar o mundo.

Devoto Brahmo: "Senhor, não podemos realizar Deus sem renúncia completa?"

Mestre (com uma risada): "Claro que podem! Por que deveriam renunciar a tudo? Estão bem como estão, seguindo o caminho do meio – como o melado, parte sólido, parte líquido. Conhecem o jogo de cartas 'nax' ? Tendo obtido o número máximo, fico fora do jogo. Não posso mais me divertir. Vocês, contudo, são muito espertos. Alguns conseguiram dez pontos, outros seis e uns, cinco. Vocês conseguiram o número correto: portanto, não estão fora como eu. O jogo continua. Ora, essa é boa! (Todos riem).
"Conto-lhes a verdade: não há nada de errado com vocês, pelo fato de estarem no mundo, mas devem dirigir a mente para Deus, senão, não serão bem sucedidos. Façam seu dever com uma mão e com a outra, segurem Deus. Quando o trabalho estiver terminado, segurem Deus com ambas as mãos.
"Tudo é questão de mente. Escravidão e liberação estão somente na mente. A mente tomará a cor com a qual a tingirem. É como as roupas brancas que acabaram de chegar da lavanderia. Se as mergulharem em tintura vermelha, ficarão vermelhas. Se mergulharem em tinta azul ou verde, ficarão azuis ou verdes. Tomarão somente a cor da tintura na qual as mergulharem, qualquer que seja. Já repararam que se lerem um pouco em inglês, logo começarão a dizer palavras inglesas: 'Foot fut it mit?' Então calçam botas e assobiam uma melodia e assim por diante. Tudo vai junto ou, se um erudito estuda sânscrito, imediatamente vai começar a recitar versos sânscritos. Se se relacionarem com más companhias, começarão a falar e pensar como seus amigos. Por outro lado, quando estiverem em companhia dos devotos, apenas falarão e pensarão em Deus.
"A mente é tudo. O homem de um lado, tem a esposa e de outro, a filha. Mostra afeição por ambas, de modo diferente, mas a mente é uma e a mesma.

"Escravidão está na mente e liberação, também. Um homem é livre, se pensar livremente: 'Sou uma alma livre. Como posso ficar ligado, quer more na floresta ou no mundo? Sou filho de Deus, Rei dos Reis. Quem pode me prender?' Se for mordido por uma cobra um homem pode libertar-se do seu veneno dizendo enfaticamente: 'Não há veneno em mim'. Do mesmo modo, repetindo com resolução e determinação, 'Não sou ligado, sou livre', uma pessoa torna-se realmente livre.

"Uma vez uma pessoa deu-me um livro dos cristãos e pedi-lhe que o lesse para mim. Só falava de pecado. (A Keshab). Pecado é também a única coisa que se ouve falar no seu Brahmo Samaj. O pecador que diz constantemente, 'Estou ligado, estou ligado', só consegue mesmo é estar ligado. Aquele que diz, dia e noite, 'Sou um pecador, sou um pecador', realmente torna-se um pecador.

"Uma pessoa deve ter uma fé tão ardente em Deus, que possa dizer: 'O que? Tenho repetido o nome de Deus e o pecado ainda pode permanecer em mim? Como posso ser ainda um pecador? Como posso estar apegado?'

"Se um homem repete o nome de Deus, seu corpo, mente e tudo o mais tornam-se puros. Por que razão uma pessoa deveria falar só de pecado e de inferno e de coisas assim? Diga pelo menos uma vez: 'Ó Senhor, sem dúvida fiz coisas erradas, mas não as repetirei'. Tenha fé em Seu nome.

"Sri Ramakrishna tornou-se intoxicado pelo amor divino e cantou:

Se apenas pudesse morrer repetindo o nome de Durga.
Como podes Tu, Ó Abençoado,
Impedir minha liberação,
Por mais pecador que eu tenha sido...

Então disse: "À minha Mãe Divina orava apenas por puro amor. Ofereci flores aos Seus Pés de Lótus e orei a Ela: 'Mãe, aqui está Tua virtude, aqui está Teu vício. Toma-os ambos e concede-me somente puro amor por Ti. Aqui está Teu Conhecimento, aqui está Tua ignorância. Toma-os ambos e dá-me somente puro amor por Ti. Aqui está Tua pureza, aqui está Tua impureza. Toma-as ambas, Mãe, e concede-me somente puro amor por Ti. Aqui está Teu dharma, aqui está Teu adharma. Toma-os ambos, Mãe, e concede-me somente puro amor por Ti.'

(Aos devotos Brahmos): "Ouçam agora uma canção de Ramprasad:

"Venha, vamos dar uma volta, Ó mente, até Kali, a Árvore que concede todos os desejos.
E ali embaixo Ela colhe os quatros frutos da vida.
De suas duas esposas, Desapego e Mundanismo.
Traz apenas o Desapego no seu caminho para a Árvore,
E pergunte a seu filho Discriminação a respeito da Verdade.
Quando você vai aprender a permanecer, Ó mente na morada da Bem-aventurança
Com Pureza e Corrupção de cada lado?
Só quando você tiver encontrado a maneira de
Manter essas esposas em harmonia sob o mesmo teto,
Você verá a incomparável forma da Mãe Shyama.
Afugente instantaneamente de sua vida, seus pais, o Ego e a Ignorância.
Se a ilusão puxá-lo para sua toca.
Corajosamente agarre-se à pilastra da Paciência.
Amarre ao poste da Despreocupação, as cabras do vício e virtude,
Matando-as com a espada do Conhecimento, se elas se rebelarem.
Mantenha à distância os filhos da Mundanismo, sua primeira esposa.
E, se não atenderem, afogue-os no mar da Sabedoria.
Diz Ramprasad: Se você fizer o que digo
Pode apresentar com bom resultado, Ó mente, ao Rei da Morte.
Ficarei bem satisfeito com você e a chamarei de minha querida.

"Por que não se é capaz de realizar Deus nesse mundo? O Rei Janaka teve tal realização. Ram-prasad descreveu o mundo como uma simples 'estrutura de ilusão', mas amando os pés sagrados de Deus, então –

Este mundo é mesmo uma mansão de alegria.
Aqui posso comer, beber e ficar feliz.
O poder de Janaka era incomparável
O que lhe faltou do mundo ou do Espírito?

Gozando tanto um, quanto o outro.
Que bebeu leite de uma xícara cheia até a borda!

(Todos riem)

"Mas não se pode ser um Rei Janaka de uma hora para outra. Janaka, no início, praticou na solidão muitas austeridades.

"Mesmo que se viva no mudo, deve-se ficar na solidão de vez em quando. Será de grande ajuda a um homem, afastar-se da família, morar sozinho e chorar por Deus, mesmo por três dias. Se pensar em Deus um dia somente, em solidão, quando tiver tempo livre, isso também lhe fará bem. As pessoas derramam um jarro de lágrimas por sua esposa e filhos. Mas quem chora por Deus? De vez em quando deve-se retirar para a solidão e praticar disciplina espiritual a fim de realizar Deus. Vivendo no mundo e sufocado pelos seus inúmeros deveres, o aspirante, no primeiro estágio de sua vida espiritual, encontra muitos obstáculos no caminho da concentração. Quando as árvores da calçada são ainda novas, têm que ser cercadas, do contrário, serão destruídas pelo gado. A cerca é necessária enquanto a árvore for pequena, mas pode ser retirada, quando o tronco estiver grosso e forte. Então a árvore não será danificada, mesmo que um elefante seja amarrado a ela. A doença do mundanismo é semelhante à febre tifóide. No quarto desse tipo de paciente, há um grande jarro d'água e outro, de gostosos pickles. Se desejar curá-lo deve removê-lo desse aposento. O homem do mundo é como esse paciente de febre tifóide. Os diversos objetos de prazer são o grande jarro d'água e o desejo de gozá-los é a sua sede. O simples pensamento dos pickles dá água na boca; você não tem que trazê-los para perto. Ele já está cercado por eles. A companhia de mulher é o pickles. Daí ser necessário o tratamento na solidão.

"Pode-se voltar ao mundo depois de se ter atingido discriminação e desapego. No oceano do mundo há seis crocodilos: luxúria, raiva etc. Não há nada a temer se passar açafrão no corpo antes de entrar na água. Discriminação e desapego são o açafrão. Discriminação é o conhecimento do que é real e o que é irreal. É a realização de que só Deus é a real e eterna Substância e que tudo o mais é irreal, transitório, impermanente. Deve-se cultivar intenso fervor por Deus. Deve-se sentir amor por Ele e ser atraído para Ele. As gopis de Vrindavan sentiram a atração de Krishna. Deixe-me cantar uma canção para vocês:

Escuta! A flauta ressoou lá no bosque.
Devo voar para lá porque Krishna espera na estrada.
Digam amigas, vocês vêm ou não?
Para vocês, o meu Krishna é somente um nome vazio
Para mim. Ele é a angústia do meu coração.
Vocês ouvem as notas de Sua flauta, somente com seus ouvidos,
Mas Ó, eu as ouço no fundo de minha alma.
Escuto Sua flauta chamando: 'Radha, venha!
Sem você o bosque está despojado de encanto."

O Mestre cantou com lágrimas nos olhos e disse a Keshab e outros devotos Brahmos: "Não importa se aceitem ou não, Radha e Krishna, mas por favor, aceitem a atração que um sentia pelo outro. Tentem criar em seu coração o mesmo desejo ardente por Deus. Anelo é tudo o que vocês necessitam para realizá-Lo."

Gradualmente a maré baixa começou. O barco aumentou a velocidade até Calcutá. Passaram sob a Ponte Howrath e avistaram o Jardim Botânico. Pediram ao capitão para ir um pouco mais rio abaixo. Os passageiros estavam encantados com as palavras do Mestre e a maioria tinha perdido a noção do tempo e de quanto haviam navegado.

Keshab começou a servir arroz empapado e coco raspado. Os convidados puseram a comida nas dobras da roupa e logo começaram a comer. Todos estavam muito felizes. O Mestre observou, entretanto, que Keshab e Vijay estavam constrangidos e ficou ansioso para reconciliá-los.

Mestre (a Keshab): “Olhe. Ali está Vijay. Sua briga parece-se com a de Shiva e Rama. Shiva foi o guru de Rama. Apesar de brigarem, logo fizeram as pazes, mas as caretas dos fantasmas, seguidores de Shiva e os sons incompreensíveis dos macacos, seguidores de Rama, não terminaram (Gargalhada). Essas brigas têm lugar, mesmo entre os próprios parentes e amigos íntimos. Rama não lutou contra seus próprios filhos, Lava e Kusa? Assim também, vocês devem ter notado como a mãe e sua filha, morando juntas e tendo o mesmo objetivo espiritual, observam jejum em separado nas terças-feiras, cada uma com sua própria crença, como se o bem-estar de uma, nada tivesse a ver com o da outra. Mas o que beneficia uma, beneficia a outra. Assim também, vocês têm uma sociedade religiosa e Vijay pensa que deve ter a sua, também. (Risada). Penso que tudo isso é necessário. Enquanto Sri Krishna, Ele mesmo um Deus Encarnado, brincava com as gopis em Vrindavan, pessoas criadoras de problemas como Jatila e Kutila apareciam em cena. Podem perguntar o porquê disso. A resposta é que um jogo não pode se desenvolver sem pessoas criadoras de problemas. (Todos riem). Não há graça sem Jatila e Kutila. (Gargalhada).

“Ramanuja postulou a doutrina do Não-dualismo Qualificado. Mas seu Guru era um puro não-dualista. Estavam em desacordo um com o outro e refutavam mutuamente seus argumentos. É o que sempre acontece. Para o mestre, porém, o discípulo é muito íntimo.”

Todos desfrutavam a companhia e as palavras do Mestre.

Mestre (a Keshab): “Você não estuda a natureza das pessoas antes de torná-las seus discípulos e por isso, elas se afastam de você.

“Todas as pessoas são semelhantes, mas suas naturezas são diferentes. Algumas têm sattva em excesso, outras muito rajas e ainda outras, um excesso de tamas. Já reparou que os bolos conhecidos como puli têm a mesma aparência, mas são feitos de ingredientes muito diferentes. Uns têm leite condensado, outros coco e outros, somente sementes de kalai fervidas. (Todos riem).

“Sabem qual é a minha atitude? Da minha parte como, bebo e vivo feliz. O resto a Mãe Divina conhece. Na verdade há três palavras que me incomodam: ‘guru’, ‘mestre’ e ‘pai’.

“Há somente um Guru, que é Satchidananda. Só ele é o Instrutor. Minha atitude em relação a Deus é a de um filho para com a mãe. Podemos conseguir milhões de gurus humanos. Todos querem ser instrutores, mas quem quer ser discípulo?

“Ë extremamente difícil ensinar os outros. Um homem só pode ensinar se Deus Se revela a Ele e lhe dá a ordem. Narada, Shukadeva e sábios como eles receberam tal autorização de Deus e Shankara também a teve. A não ser que Deus ordene, quem ouvirá suas palavras?

“Sabe como as pessoas de Calcutá ficam agitadas com tanta facilidade? O leite sobe e ferve enquanto existir fogo debaixo dele. Apague o fogo e tudo ficará parado. As pessoas de Calcutá gostam de sensações. Podemos vê-las cavando um poço num certo lugar. Dizem que querem água, mas se encontram uma pedra desistem; recomeçam a cavar em outro lugar. Aí talvez encontrem areia; desistem de novo. Recomeçam então, num terceiro lugar e assim vai. Isso, porém, não aconteceria se um homem apenas imaginar que tem o mandato de Deus.

“Deus revela-Se a uma pessoa e fala. Só então ela pode receber Seu comando. Quão poderosas são as palavras de tal mestre! Podem remover montanhas. Mas, simples conferências? O povo as ouvirá por alguns dias e as esquecerá logo. Nunca agirá somente por simples palavras.

“Em Kamarpukur há um pequeno lago chamado Haldarpukur. Certas pessoas costumavam sujar as margens todos os dias. Outras iam de manhã para se banharem, xingavam essas pessoas em voz alta, e na manhã seguinte, encontravam a mesma situação. O aborrecimento não tinha fim. (Todos riem). Os aldeões do local, por fim, informaram as autoridades. Um policial foi avisado e colocou um aviso, na margem, dizendo: ‘Proibido causar aborrecimentos’. Isto bastou para que os transgressores parassem imediatamente. (Todos riem).

“Para ensinar alguém, deve-se ter autorização, senão, ensinar torna-se um engodo. Um homem que, por sua vez, é um ignorante, começa a ensinar os outros – como um cego guiando um outro cego! Em vez de fazer o bem, esse ensinamento é prejudicial. Depois da realização de Deus, obtém-se a visão interior. Só então, poderá diagnosticar uma doença espiritual e dar instrução.

"Sem a delegação de Deus, um homem torna-se iludido. Diz para si mesmo: 'Estou ensinando às pessoas.' Essa vaidade advém da ignorância, pois somente uma pessoa ignorante pensa que é ela quem faz. Um homem realmente libera-se em vida, se sentir: 'Deus é O que faz. Só Ele está fazendo tudo. Eu não faço nada.' Os sofrimentos e preocupações do homem surgem unicamente do pensamento persistente de que é ele quem faz.
"Vocês falam de fazer bem para o mundo. É o mundo uma coisa pequena? E, quem são vocês, digam-me, para fazerem bem ao mundo? Primeiro realizem Deus, vejam-n'O por meio de disciplina espiritual. Se Ele lhes conferir poder, então podem fazer bem aos outros, do contrário, não."
Um devoto Brahmo: "Devemos, senhor, abandonar nossas atividades até que realizemos Deus?"
Mestre: "Não. Por que deveriam? Devem-se empenhar em tais atividades como contemplação, cantar Suas glórias e outras devoções diárias."
Brahmo: "E nossos deveres mundanos – deveres ligados a ganhar dinheiro e assim por diante?
Mestre: "Sim, pode fazê-las, também, desde que necessitem delas para viver. Ao mesmo tempo devem orar a Deus na solidão, com lágrimas nos olhos a fim de que possam executar aquelas obrigações de uma forma desinteressada. Devem dizer-Lhe: 'Ó Deus, diminui minhas obrigações do mundo cada vez mais, senão, Ó Senhor, acho que Te esquecerei, envolvido em tantas atividades. Posso pensar que estou fazendo um trabalho desinteressado, mas no final, acaba sendo egoísta.' Pessoas que dão muitas esmolas ou distribuem comida para os pobres, caem vítimas do desejo de nome e fama.
"Sambhu Mallick uma vez falou em construir hospitais, dispensários e escolas, estradas, reservatórios públicos etc. Eu lhe disse: 'Não se desvie de seu caminho para cuidar desses trabalhos. Execute apenas aqueles que se apresentam e que são de muita necessidade – execute-os com desapego.' Não é bom ficar envolvido em muitas atividades. Isso pode fazer com que se esqueça de Deus. Vindo ao templo de Kalighat alguns talvez gastem todo o seu tempo dando esmolas aos pobres. Não têm tempo para ver a Mãe no santuário interior. (Risada). Em primeiro lugar, faça tudo para conseguir ver a Mãe Divina, mesmo que tenha que abrir caminho entre a multidão. Então, pode ou não dar esmolas, como quiser. Você pode dar aos pobres o quanto satisfaça o seu coração, se assim sentir vontade. O trabalho é somente um meio de realização de Deus. Por conseguinte, disse a Sambhu: 'Suponha que Deus apareça diante de você; então Lhe pediria para construir hospitais e ambulatórios para você?' (Risada). Um amante de Deus jamais diz isso, mas sim: 'Ó Senhor, dá-me um lugar nos Teus Pés de Lótus. Mantenha-me sempre em Tua companhia. Dá-me sincero e puro amor por Ti.'
"Karmayoga é na verdade, muito dura. No Kaliyuga é extremamente difícil fazer os rituais prescritos nas escrituras. A vida de um homem está hoje em dia, centrada somente na comida. Ele não pode executar muitos ritos, conforme as escrituras. Suponhamos que uma pessoa esteja com febre. Se for tentada uma cura demorada, com remédios antiquados, demorará muito e sua vida pode acabar-se. Não agüenta a espera. Hoje em dia a mistura drástica 'D.Gupta' é a indicada. No Kaliyuga o melhor remédio é a Bhakti Yoga, o caminho da devoção – cantar as glórias do Senhor e a oração. Só o caminho da devoção é a religião para esta época."(Aos devotos Brahmos). "O seu, também, é o caminho da devoção. São realmente abençoados porque cantam o nome de Hari e as glórias da Mãe Divina. Gostei de sua atitude. Não dizem que o mundo é um sonho como os não-dualistas. Vocês não são Brahmajnanis como eles: são bhaktas, amantes de Deus. Que vocês O considerem uma Pessoa, também é bom. Vocês são devotos. Certamente O realizarão se O chamarem com sinceridade e dedicação."
O barco ancorou em Kayalaghat e os passageiros prepararam-se para desembarcar. Quando saíram, viram que a lua cheia já havia surgido. As árvores, os edifícios e os barcos do Ganges estavam banhados pelo suave luar. Chamaram uma carruagem para o Mestre e M. e alguns devotos entraram. O Mestre perguntou por Keshab que chegou perguntando sobre as medidas tomadas para o regresso do Mestre a Dakshineswar. Em seguida inclinou-se profundamente e despediu-se de Sri Ramakrishna.
A carruagem atravessou o bairro europeu da cidade. O Mestre apreciou as belas mansões em ambos os lados da rua, muito bem iluminadas. Subitamente disse: "Estou com sede. O que se pode fazer?" Nandalal, sobrinho de Keshab, parou a carruagem defronte ao India Club e subiu para pedir água. Conseguiu e o Mestre perguntou se o copo havia sido bem lavado. Assegurando-se que isso havia sido feito, bebeu a água.
Enquanto a carruagem andava, o Mestre pôs a cabeça para fora, olhando com uma alegria infantil, as pessoas, os veículos, os cavalos e as ruas, tudo inundado pelo luar. De vez em quando ouvia as senhoras européias cantando ao piano. O Mestre estava muito feliz.

A carruagem chegou à casa de Surendra Mitra, um grande devoto do Mestre, a quem ele afetuosamente, chamava Surendra. Não estava em casa.
As pessoas da casa abriram uma das salas no andar térreo para o Mestre e sua comitiva. A carruagem tinha que ser paga. Se Surendra estivesse lá, certamente o faria. O Mestre disse a um dos devotos: "Por que não pede às senhoras da casa para pagar? Elas certamente sabem que Surendra nos visita em Dakshineswar. Não sou um estranho para elas." (Todos riem).
Foram buscar Narendra que vivia nessa parte da cidade. Nesse meio tempo Sri Ramakrishna e os devotos foram convidados para ir à sala de visitas no andar de cima. O chão estava coberto por um tapete e um lençol branco. Algumas almofadas estavam espalhadas. Na parede havia um quadro a óleo especialmente pintado para Surendra, em que Sri Ramakrishna mostrava a Keshab a harmonia entre o cristianismo, islamismo, budismo, hinduísmo e outras religiões. Vendo o quadro Keshab havia dito, certa ocasião: "Abençoado seja a pessoa que teve a idéia de pintá-lo."
Sri Ramakrishna conversava alegremente com os devotos, quando Narendra chegou. Isto fez o Mestre ficar duplamente feliz. Disse ao jovem discípulo: "Hoje fizemos uma viagem de barco com Keshab. Vijay e outros devotos Brahmos estavam presentes. (Mostrando M.). Pergunte a ele o que eu disse a Keshab e Vijay sobre a mãe e a filha fazendo jejum na terça-feira, cada uma por sua conta, embora o bem-estar de uma fosse o bem-estar de outra. Disse, também, a Keshab que, encrenqueiros como Jatila e Kutila eram necessários para dar sabor ao jogo. (A M.). Não é verdade?"
"M.: "Sim, senhor, foi assim."
Era tarde. Surendra ainda não havia retornado. O Mestre tinha que voltar ao templo e chegou uma carruagem para levá-lo. M. e Narendra saudaram-no e despediram-se. A carruagem de Sri Ramakrishna partiu para Dakshineswar, percorrendo as ruas iluminadas pelo luar.

Cronologia da Vida de Sri Ramakrishna

1775 Nascimento de Khudiram.
1791 Nascimento de Chandra Devi.
1805 Nascimento de Ramkumar.
1814 Khudiram estabelece-se em Kamarpukur.
1826 Nascimento de Rameswar.
1835 Peregrinação de Khudiram a Gaya.
1836 Nascimento de Sri Ramakrishna, 18 de fevereiro, mais ou menos às 5:15 da manhã.
1843 Morte de Khudiram.
1845 Cerimônia do cordão sagrado de Sri Ramakrishna.
1850 Ramkumar abre sua escola em Calcutá.
1852 Sri Ramakrishna vem para Calcutá.
1853 Nascimento da Santa Mãe, 22 de dezembro.
1855 Fundado o templo de Kali em Dakshineswar. Hriday em Dakshineswar. Sri Ramakrishna é nomeado sacerdote do templo de Vishnu e em seguida, do templo de Kali.
1856 Morte de Ramkumar. Realização de Deus e o primeiro estado de intoxicação divina de Sri Ramakrishna.
1857 Tratamento de Sri Ramakrishna sob a orientação de Gangaprasad.
1858 Haladhari torna-se sacerdote em Dakshineswar. Sri Ramakrishna vai para Kamarpukur.
1859 Casamento de Sri Ramakrishna.
1860 Volta a Dakshineswar. Visão de Mathur.
1861 Morte da Rani Rasmani. Encontro com Brahmani. Prática tântrica sob a orientação da Brahmani. Loucura divina pela segunda vez.
1863 Fim da prática tântrica. Encontro com o Pundit Padmalochan. Chandra Devi vem viver em Dakshineswar.
1864 Prática de Sri Ramakrishna do vatsalya bhava sob a orientação de Jatadhari. Prática do madhur bhava. Iniciação em sannyas por Tota Puri.
1865 Akshay substitui Haladhari. Totapuri deixa Dakshineswar.
1866 Sri Ramakrishna no plano advaita durante seis meses. Doença. Prática do islamismo.
1867 Sri Ramakrishna em Kamarpukur. A partida da Brahmani.
1868 Peregrinação. Encontro com Gangama.
1870 Peregrinação com Mathur. Sri Ramakrishna no Colootola Harisabha. Visita a Kalna e Navad-vip.
1871 Morte de Mathur.
1872 Primeira visita da Santa Mãe a Dakshineswar. O Shodasi Puja.
1873 Morte de Rameswar.
1874 A Santa Mãe de novo em Dakshineswar.
1875 A primeira visita de Sri Ramakrishna a Keshab Chandra Sen.
1876 Morte de Chandra Devi.
1877-78 Relacionamento com Keshab. Terceira visita da Santa Mãe a Dakshineswar.
1879 Começa a chegada dos discípulos.
1880 Última visita a Kamarpukur. Encontro com Rakhal e Narendranath.
1881 Demissão de Hriday. Encontro com Rakhal e Narendranath.
1882 Visita ao Pundit Vidyasagar. A Santa Mãe novamente em Dakshineswar.
1884 Morte de Keshab. Encontro com Pundit Shashadhar. Gopal Ma. A Santa mãe vem viver definitivamente em Dakshineswar.
1885 Última visita a Panihati. Doença e mudança para Syampukur. Ligação com Dr. Sarkar. Mudança para Cossipore.
1886 Tratamento em Cossipore. Organização dos discípulos. Mahasamadhi. 16 de agosto, dois minutos depois de uma hora da manhã.